

09/04/2019

Grande Imprensa

FOLHA DE S. PAULO - SP

[Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças](#)

CORREIO BRAZILIENSE - DF

[Ideologia, mas com articulação](#)

[Olavista de carteirinha](#)

[Deu ciumeira I](#)

FOLHA DE S. PAULO - SP

[A retirada de Bolsonaro](#)

[Tua fama te precede](#)

[As promessas de Bolsonaro](#)

[A farsa e a tragédia da educação](#)

[Escalção](#)

[Bolsonaro anuncia Abraham Weintraub para lugar de Vélez na Educação](#)

[Militares perdem embate e temem continuidade da crise no MEC](#)

[Abraham Weintraub precisa acabar com o diversionismo no MEC](#)

[Novo ministro da Educação, Weintraub defende expurgo do marxismo cultural](#)

[Governo enviará ao Congresso MP de ensino domiciliar](#)

[Inexperiência de ministro com discussões de Educação preocupa especialistas](#)

O ESTADO DE S. PAULO - SP

[A lição dos 100 dias](#)

[Bolsonaro demite Vélez e põe economista no MEC](#)

[Economista é escolhido por Bolsonaro para o MEC](#)

[‘É triste’ demitir, afirma presidente](#)

[Almas Penadas](#)

[Escolha para o MEC fortalece Onyx](#)

[Guinada não é líquida e certa](#)

[Mito](#)

O GLOBO - RJ

[Bolsonaro demite Vélez do MEC e escala economista](#)

[Sem espaço para errar de novo](#)

[A frente do MEC, um economista novato em gestão educacional](#)

[Bolsonaro diz que não poderia deixar pasta sangrando](#)

[Educadores criticam inexperiência de Weintraub](#)

VALOR ECONÔMICO - SP

[MEC troca comando, mas opta mais uma vez por nome sem perfil técnico](#)

[Novo ministro é crítico do marxismo cultural](#)

[Bolsonaro fala pela primeira vez em reeleição](#)

Agências de notícias e sites

AGÊNCIA BRASIL

[Vélez não conseguiu organizar as coisas, diz Mourão](#)

AGÊNCIA FOLHA

[Abraham Weintraub precisa acabar com o diversionismo no MEC](#)

[Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças](#)

AGÊNCIA GLOBO

[Colégio eleitoral indica nesta terça novo reitor da UniRio](#)

[Dever de casa: os desafios urgentes do novo titular no Ministério da Educação](#)

BLOG DO JOSIAS DE SOUSA

[Universidade nordestina não deve ensinar filosofia, diz novo titular do MEC](#)

CONGRESSO EM FOCO

[Comissão de Educação tem pressa em ouvir novo ministro da pasta, Abraham Weintraub](#)

CORREIO WEB

[Novo ministro da Educação, Weintraub tem ideias semelhantes às de Bolsonaro](#)

G1

[Novo ministro vai transformar a educação brasileira, diz Onyx Lorenzoni em Porto Alegre](#)

METRÓPOLES

[Vélez agradece a Bolsonaro e deseja sorte ao sucessor no MEC](#)
[“Estamos correndo contra o relógio”, diz novo ministro sobre Enem](#)

PORTAL EXAME

[Não poderia deixar MEC sangrando, diz Bolsonaro sobre demissão de Vélez](#)

PORTAL ISTOÉ

[Para Bolsonaro, faltou gestão e expertise a Vélez no MEC](#)

PORTAL VEJA

[MEC não poderia continuar ‘sangrando’ com Vélez, diz Bolsonaro](#)

TERRA

[Escolha para o MEC fortalece Onyx](#)

[Para Bolsonaro, faltou gestão e expertise a Vélez no MEC](#)

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS

[Para Bolsonaro, faltou gestão e expertise a Vélez no MEC](#)

[Vélez não conseguiu organizar as coisas, diz Mourão](#)

[Confio na decisão do presidente, diz Vélez após ser demitido do MEC](#)

[Pelo Twitter, Vélez agradece a Bolsonaro e deseja sorte ao sucessor no MEC](#)

[Após embate com Vélez, Tábata Amaral avalia novo nome no MEC: Tristeza](#)

Agências de notícias e sites

BLOG DO CLAUDIO TOGNOLLI

[Quem dá mais](#)

HNEWS - PR

[A crise que derrubou o ministro Vélez em 9 tuítes](#)

HUMANIDADES DIGITAIS

[A utilização de discursos bíblicos na construção de uma cultura de submissão](#)

R7

[A crise que derrubou o ministro Vélez em 9 tuítes](#)

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

[Cortes de gastos na área científica brasileira preocupam pesquisadores](#)

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS

[A crise que derrubou o ministro Vélez em 9 tuítes](#)

AGÊNCIA BRASIL

[Ciência no Rádio aborda gravidade modificada e cosmologia](#)

AGÊNCIA FOLHA

[Militares perdem embate e temem continuidade da crise no MEC](#)

[Olavo de Carvalho chancelou indicação de novo ministro e cobrou realocação de seus alunos no MEC](#)

[Novo ministro da Educação, Weintraub defende expurgo do marxismo cultural](#)

AGÊNCIA GLOBO

[Universidades travam guerra de preços com descontos de até 70% no ensino a distância](#)

CLIPPING



[Todos pela Educação - Novo ministro tem características de Véléz que tornaram MEC inoperante](#)

[É a crônica de uma morte anunciada, diz Mourão sobre demissão de ministro da Educação](#)

[Nome de novo ministro da Educação é motivo de apreensão nas universidades federais](#)
[Onyx Lorenzoni pediu audiência pública na Câmara para analisar perseguição na Unifesp a novo ministro da Educação](#)

[Minha prioridade é assumir, diz novo ministro da Educação sobre primeiros atos à frente da pasta](#)

G1

[Véléz teve a terceira gestão mais curta no MEC desde 1985; veja lista com todos os ministros](#)

[Especialista receia falta de plano para o MEC; colegas apontam correção do novo ministro](#)

[Pesquisa da Ufopa revela potencial de castanheiras para reflorestamento de áreas degradadas](#)

METRÓPOLES

[Novo ministro da Educação foi investigado pela Unifesp](#)

[Olavo a novo ministro - Se aparecer Croquetti, se esconda no banheiro](#)

PORTAL ÉPOCA

[CURRÍCULO DO NOVO MINISTRO DA EDUCAÇÃO NÃO INCLUI DOUTORADO, COMO DISSE BOLSONARO](#)

PORTAL ISTOÉ

[Novo ministro da Educação, Abraham Weintraub apoiou Marina Silva em 2014](#)

PORTAL VEJA

[Demissões e projetos emperrados - o caos na gestão do MEC sob Véléz](#)

[No Vale do Silício - executivos \(e milionários\) aplaudem saída de Véléz](#)

R7

[MEC - sai a ideologia, entra a gestão](#)

[Quem é Abraham Weintraub, o novo ministro da Educação do governo Bolsonaro](#)

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS

[Novo ministro do MEC quer Olavo adaptado para vencer marxismo cultural](#)

[Novo ministro da Educação, Abraham Weintraub apoiou Marina Silva em 2014](#)

[Quem é Abraham Weintraub, o novo ministro da Educação do governo Bolsonaro](#)

[No Twitter, governistas elogiam Weintraub no MEC; oposição critica Véléz](#)

Imprensa Estadual

O LIBERAL - PA

[Bolsonaro define hoje se Véléz fica no MEC](#)

O POPULAR - GO

[Bolsonaro define hoje se Véléz vai ficar](#)

Agências de notícias e sites

AMAZONAS+

[Pesquisa que analisou modelo de fábricas chinesas instaladas em Manaus recebe menção honrosa em Prêmio Capes](#)

JORNAL DO COMÉRCIO - RS

[Bolsonaro define nesta segunda-feira se Véléz vai ficar no MEC](#)

PORTAL DO HOLANDA

[Pesquisa que analisou modelo de fábricas chinesas instaladas em Manaus recebe menção honrosa em Prêmio Capes](#)

TERRA

[Por que o ministro da Educação está na berlinda?](#)

[A crise que derrubou o ministro Vélez em 9 tuítes](#)

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS

[A crise que derrubou o ministro Vélez em 9 tuítes](#)

AGÊNCIA ESTADO

[Por que o ministro da Educação está na berlinda?](#)

AGÊNCIA GLOBO

[Fora da agenda, Bolsonaro recebe ministro da Educação em meio a suspense sobre demissão](#)

CONGRESSO EM FOCO

[Vélez vive dia D com Bolsonaro após ser chamado de “traíçoeiro” pelo “padrinho”](#)

[Olavo de Carvalho](#)

CORREIO WEB

[Bolsonaro anuncia a saída de Ricardo Vélez do Ministério da Educação](#)

G1

[Governo gostaria que Vélez se antecipasse e pedisse demissão](#)

[Faculdade Ipanema passa a oferecer cursos de graduação EAD em Sorocaba](#)

[Presidência diz que Vélez se reuniu com Bolsonaro nesta segunda, mas não informa se ele continua ministro](#)

[Bolsonaro anuncia demissão de Vélez e diz que Abraham Weintraub será o novo ministro da Educação](#)

[Ministro da Educação é demitido após gestão marcada por controvérsias e recuos](#)

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

[Pesquisa que analisou modelo de fábricas chinesas instaladas em Manaus recebe menção honrosa em Prêmio Capes](#)

PORTAL CARTA CAPITAL

[Governo Bolsonaro acelera a falência da ciência no Brasil](#)

PORTAL EXAME

[Empreendedorismo e investigação científica farão parte do ensino médio](#)

[Crises, revezes e demissões: a linha do tempo da passagem de Vélez no MEC](#)

PORTAL VEJA

[Vélez Rodriguez é demitido e Bolsonaro anuncia novo ministro da Educação](#)

[Abraham Weintraub elogiou Olavo de Carvalho em encontro conservador](#)

R7

[Sou chamada de delinquente e débil mental no Congresso, diz deputada que confrontou ministro da Educação](#)

[As polêmicas de Ricardo Vélez Rodríguez à frente do MEC](#)

TERRA

[Brasileiro abre série de palestras do ano Humboldt em Berlim](#)

[Bolsonaro demite ministro da Educação](#)

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS

[Alvo de críticas, Vélez se reúne com Bolsonaro e muda agenda](#)

[Bolsonaro anuncia demissão de Vélez do ministério da Educação](#)

VEJA - SP

[O novo ministro da Educação](#)

FOLHA DE S. PAULO - SP - COTIDIANO

Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças
Artigos de Weintraub são de periódicos com reduzido índice de avaliação
São Paulo

Novo ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro, Abraham Weintraub coleciona desavenças com alunos e colegas em seus cinco anos como professor pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e tem no currículo acadêmico apenas quatro artigos em periódicos científicos — todos em revistas de baixo prestígio.

Os dois periódicos acadêmicos foram enquadrados na categoria B4 para a área de administração e ciências contábeis na mais recente avaliação da **Capes** (Coordenadoria de Administração de Pessoal), órgão de pós-graduação ligado ao MEC. O indicador é o sexto mais baixo da escala, que começa no A1.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/04/na-academia-novo-ministro-do-mec-soma-baixa-producao-e-desavencas.shtml>

topo ↕

CORREIO BRAZILIENSE - DF - POLÍTICA

Ideologia, mas com articulação

Novo ministro da Educação segue a cartilha do anterior e do presidente, com discurso contra o marxismo cultural, mas experiência na Casa Civil, dizem parlamentares e especialista, pode ajudar muito no trato com o Congresso, algo que faltou a Vélz Rodriguez

O presidente Jair Bolsonaro colocou a “aliança” na gaveta e encerrou a participação de Ricardo Vélz Rodríguez no Ministério da Educação. A analogia do casamento — utilizada pelo próprio chefe do Executivo na última sexta-feira — era o tom do anúncio esperado para ontem, quando postou no Twitter a saída do educador e a escolha do novo ministro da pasta, Abraham Weintraub. É a segunda substituição feita no governo, depois que o advogado Gustavo Bebianno saiu da Secretaria-Geral da Presidência, e o general Floriano Peixoto entrou.

A saída de Vélz era tratada como certa no governo e no Congresso. Motivos não faltaram. Considerada uma das pastas mais importantes de todo o governo, o Ministério da Educação esteve mergulhado em brigas internas e decisões polêmicas adotadas pelo agora ex-ministro. As mais recentes foram as que culminaram na demissão, quando o educador decidiu vetar uma prova que avaliaria a alfabetização de crianças e disse que promoveria alterações no conteúdo de livros didáticos para mudar a forma como o golpe militar de 1964 é ensinado (veja quadro).

Tantas polêmicas em tão pouco tempo tornaram a situação insustentável. Do plano de 100 dias de governo, o Ministério de Educação ficou encarregado de lançar um programa nacional de definição de soluções didáticas e pedagógicas para a alfabetização, com a proposição de método para redução do analfabetismo. Na Esplanada, a crítica é de que nada disso avançou. Pelo contrário. Se tecnicamente Vélz deixou a desejar, politicamente foi ainda pior.

O trato do educador com os parlamentares era alvo de muitas críticas. É normal que deputados e senadores tentem agendar reuniões com ministros de Estado para apresentar demandas, sejam sugestões ou reclamações. A avaliação feita no Parlamento é de que o

ex-ministro escolhia a dedo os congressistas com ideologia política semelhante, e negligenciava o atendimento a quem tinha menos afinidade. Deu errado. Nas últimas semanas, o governo foi bombardeado com reclamações feitas por parlamentares sobre a conduta dele.

A comunicação era o principal alvo de reclamação. “Pelo menos o novo ministro fala português e entende o Parlamento”, resumiu o líder do Podemos na Câmara, José Nelto (GO). Colombiano, Vélez tinha dificuldade no idioma brasileiro e não se articulava bem com as demandas parlamentares para a educação, pondera. A pouca acessibilidade com o Congresso também é criticada pelo líder do PSC na Câmara, André Ferreira (PE). “É ruim quando tem um ministro que não é acessível. Tudo o que um líder quer é ser recebido com sua bancada para expor problemas e sugerir mudanças nos estados”, destacou.

O problema da falta de atendimento parece, por ora, resolvido. Até ontem, Weintraub era secretário executivo da Casa Civil, pasta responsável por lidar com a articulação política entre o governo e o Parlamento. Pessoas que trabalharam com ele na pasta avaliam que, com três meses à frente da função, ele adquiriu bagagem suficiente para se portar no trato com parlamentares. A análise é compartilhada por Nelto e Ferreira.

Na Casa Civil, a leitura é de que o Ministério da Educação também ganha em aspectos técnicos. Weintraub é alguém com bagagem na vida acadêmica e que representa uma linha de capacitação e qualificação técnica para propor as diretrizes de uma gestão que permita reitores e educadores terem as ferramentas da área docente. O perfil dele, dizem, segue o caminho da pacificação, mas com discurso ideológico colado com o do presidente. O novo ministro é um combatente do “marxismo cultural” (veja perfil), porém, adota uma postura discreta. “Não é o jeito do Abraham. A polêmica não ajuda muito na construção do debate com diálogo”, ponderou um interlocutor.

Criticamente

Embora seja uma escolha elogiada, a opção por Weintraub é avaliada criticamente por alguns parlamentares. A leitura é de que Bolsonaro perdeu a chance de ter indicado um congressista. Ainda que a opção fosse técnica, entendem que o presidente da República poderia ter optado por alguém ligado ao Legislativo, mediante consulta aos presidentes da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP), e a lideranças partidárias. “Poderia ser uma estratégia para segurar votos e começar a construir a base governista”, justificou um líder.

A cerimônia de posse de Weintraub está prevista para ocorrer às 14h de hoje, no Palácio do Planalto. No Twitter, Vélez evitou criar polêmica e agradeceu a oportunidade a Bolsonaro. “Confio em sua decisão e me despeço desejando ao professor Abraham Weintraub sucesso no cumprimento de sua missão”, declarou. Na mesma rede social, Bolsonaro enalteceu o novo ministro e agradeceu ao anterior. “Abraham possui ampla experiência em gestão e o conhecimento necessário para a pasta. Aproveito para agradecer ao professor Vélez pelos serviços prestados”, disse.

Docentes e analistas políticos avaliam como acertada a troca na pasta. Para o professor Ricardo Gomes, do Departamento de Políticas Públicas da Universidade de Brasília (UnB), a mudança pode trazer impacto positivo. “Vai melhorar se o ministro se preocupar em sentar com a equipe e articular um plano governamental. Quanto mais

depressa ele fizer isso e se preocupar em nomear os cargos que faltam, resolver a questão da educação básica, do ensino técnico e as questões de acessibilidade e inclusão, melhor”, analisou.

* Estagiária sob a supervisão de Leonardo Meireles

Analise da notícia

A vitória dos olavetes

» LEONARDO CAVALCANTI

Há duas conclusões possíveis para a demissão de Ricardo Vélez e a ida de Abrahan Weintraub para o Ministério da Educação. A primeira é de que o presidente Jair Bolsonaro perdeu o discurso de que escolheu o melhor time para a Esplanada. É, esse não dá mais para usar. O filósofo colombiano foi defenestrado do cargo por incompetência. Pelo menos é o que se pode avaliar das palavras do próprio capitão reformado, ditas na última sexta-feira a jornalistas. “Está bastante claro que não está dando certo. Ele (Vélez) é bacana e honesto, mas está faltando gestão, que é uma coisa importantíssima.” Incompetência pode até combinar com alguém bacana, mas nunca com ausência da capacidade de gestão.

A segunda conclusão é a de que o escritor Olavo de Carvalho continua mostrando força na Esplanada, mesmo depois de xingar militares, como o vice-presidente Hamilton Mourão. Mais um dos olavetes, Abraham pode significar a continuidade de um palanque que deveria ser esquecido pelo Planalto; afinal, a eleição acabou há mais de cinco meses. A insistência de expurgar o “marxismo cultural” nas universidades ou defender “xingamentos” para ganhar debates com “comunistas” dá uma ideia que o blá-blá-blá pode continuar na Educação, faltando a tal gestão — “coisa importantíssima” para Bolsonaro.

Perfil

Especialista
em economia

O novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, está com Bolsonaro desde a transição. O bom relacionamento com o ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, e o conhecimento em Previdência, o alçou como fiador econômico da reforma na pasta e ao posto de secretário-executivo. Economista, trabalhou 18 anos no Banco Votorantim, onde foi de office boy a economista-chefe e diretor.

Tem carreira na vida acadêmica desde 1994, na área de ciências sociais aplicadas. Chamado primeiramente de doutor pelo presidente Jair Bolsonaro no Twitter, ele, na verdade, é graduado em Ciências Econômicas pela Universidade de São Paulo (USP) e tem mestrado em administração pela Fundação Getúlio Vargas. Desde 2014, atua como professor na Unifesp, onde já fez parte do Comitê de Contábeis. Ele tem quatro artigos publicados sobre processo inflacionário e fundo de pensão. Também é fundador do Centro de Estudos em Seguridade (CES), um instituto que tem o objetivo de desenvolver pesquisas na área de Seguridade.

As críticas à esquerda e o alinhamento com as bases ideológicas de Bolsonaro também se fazem presentes na carreira de Abraham Weintraub. No ano passado, em palestra para a Cúpula Conservadora das Américas (com apoio do CES), ele abriu o discurso afirmando que contaria sua experiência em aplicar as teorias de Olavo de Carvalho e ressaltou uma necessidade de acabar com o “marxismo cultural” nas universidades. O relacionamento dele no governo foi construído no diálogo com Lorenzoni, quando se conheceram em seminário internacional sobre Previdência, realizado no Congresso, em março de 2017. Então deputado, o ministro entusiasmou-se com as ideias dele e do irmão, Arthur. (MT*)

Controvérsias

Sob a gestão do agora ex-ministro Ricardo Vélez, o Ministério da Educação acumulou mais polêmicas do que resultados. Veja:

» Portas fechadas: Em janeiro, o ministro afirmou que a universidade não é para todos.

» Disputa: o clima no MEC era de acirramento entre alunos e seguidores próximos ao escritor Olavo de Carvalho e membros do quadro técnico ou ligado a militares.

» Demissões: Vélez demitiu o então primeiro secretário executivo da pasta, Luiz Antonio Tozi, em decorrência dos conflitos internos. O substituto seria Rubens Barreto da Silva, que sequer tomou posse. Veio, então, Iolene Lima, que também deixou o ministério se queixando de um “quadro bastante confuso na pasta”. O ministro demitiu também o presidente do Inep.

» Expurgo: A guerra interna acabou minando o poder de “olavistas” na pasta. O antigo assessor especial Silvio Grimaldo denunciou um “expurgo” de alunos de Olavo de Carvalho. O próprio escritor chegou a sugerir que alunos que ocupassem cargos no governo a abandoná-los o mais cedo possível.

» Hino: O MEC mandou carta pedindo que as escolas filmassem alunos cantando o Hino Nacional e enviassem o vídeo ao ministério. Voltou atrás na decisão.

» Canibal: Vélez disse, em entrevista, que o brasileiro parece “canibal” quando viaja ao exterior. Posteriormente, fez um pedido de desculpas e declarou amor ao Brasil pela “infeliz” declaração.

» Idas e vindas: A pasta, que tinha como meta lançar um programa nacional de alfabetização, publicou em março portaria vetando uma prova que avaliaria a alfabetização de crianças, parte do Saeb. O exame seria aplicado somente em 2021. Criada a polêmica, o ministério recuou e revogou a portaria.

» Repaginada: O ministro disse que faria alterações ao conteúdo didático de livros para revisar a forma como a ditadura militar e o golpe de 1964 são ensinados.

topo ↕

CORREIO BRAZILIENSE - DF - NAS ENTRELINHAS
Olavista de carteirinha

"A nomeação de Abraham Weintraub foi uma solução doméstica para uma disputa entre olavistas, militares e técnicos pelo controle do Ministério da Educação"

A nomeação do economista Abraham de Bragança Vasconcelos Weintraub para o comando do Ministério da Educação, pelo presidente Jair Bolsonaro, no lugar do atrapalhado colombiano Ricardo Vélez Rodrigues, reforça a orientação ideológica que o antecessor tentou implementar na pasta, ao contrário do que muitos que criticavam o ministro defenestrado esperavam. Weintraub é discípulo do escritor Olavo de Carvalho, ideólogo do clã Bolsonaro, e militante de primeira hora da campanha eleitoral do atual presidente da República. A diferença é a experiência como gestor, no mercado financeiro, além de pertencer à cozinha do Palácio do Planalto, pois participou da equipe de transição do governo e é muito ligado ao ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, de quem era o braço direito até agora.

Um vídeo na internet intitulado “Marxismo cultural x Economia”, no qual faz uma palestra ao lado de seu irmão Arthur, revela as ideias básicas do novo ministro, que estão em linha com as de Bolsonaro e do seu ministro de Relações Exteriores, Ernesto Araujo. Na visão dos Weintraub, é preciso fazer uma cruzada contra o “marxismo cultural”, que domina as universidades do Brasil e do mundo, entre as quais, a de Havard. Numa leitura enviesada de Max Weber, sociólogo alemão, os dois irmãos fazem uma defesa enfática do protestantismo como eixo de resistência às ideias de esquerda e católicas, que seriam responsáveis pelo atraso da Europa ibérica e da América Latina. Citando Alemanha, Japão e China, também fazem apologia da política de terra arrasada como via de crescimento.

A nomeação de Weintraub foi uma solução doméstica para uma disputa entre olavistas, militares e técnicos do próprio ministério. Em tese, Weintraub tem mais capacidade de articulação política e trânsito no Palácio do Planalto, mas nada garante que o ministro terá autonomia para formar a própria equipe. Provavelmente, terá que arbitrar os conflitos existentes e, ao mesmo tempo, enfrentar os que surgirão quando começar a implantar a nova política educacional de Bolsonaro. A Educação não é a especialidade do novo ministro, que sempre esteve mais focado na reforma da Previdência.

Lista tríplice

Embora a prioridade do governo seja o combate ao analfabetismo e a implantação de novos currículos escolares, o ministro Vélez notabilizou-se por declarações e propostas polêmicas, além de uma sucessão de nomeações e demissões na pasta. Entre as trapalhadas, um e-mail do ministro pedindo aos gestores de escolas que enviassem ao MEC vídeos mostrando as crianças cantando o Hino Nacional e lendo o slogan da campanha eleitoral de Bolsonaro.

Vélez anunciou dois novos secretários executivos que não foram aceitos pelo governo. A educadora evangélica Iolene Lima foi demitida antes de ter assumido; a secretária da Educação Básica, Tânia Leme de Almeida, em seguida, pediu demissão após descobrir que o nível de alfabetização das crianças não seria mais avaliado. A mudança fora pedida pelo seu secretário de Alfabetização ao presidente do Instituto Nacional de Pesquisas e Estudos Educacionais (Inep), Marcus Vinícios Rodrigues, que foi demitido. Vélez manteve a avaliação. O ministro também criou, no Inep, uma comissão para vigiar o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e identificar “questões com teor ofensivo a tradições”. A última proposta polêmica foi a de mudar os livros didáticos

para negar o golpe de 1964 e a implantação de uma ditadura militar no país.

A grande interrogação sobre a nova política é a gestão das universidades, cujas listas tríplices para nomeação de reitores são mera formalidade, pois há eleições diretas e o mais votado costuma ser o escolhido reitor. A eleição mais recente foi a da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a maior subordinada à pasta, na qual foi eleita a médica Denise Pires (Chapa 10), professora do Instituto de Biofísica (IBCCF). Das 76.957 pessoas aptas a votar (4.270 professores, 9.189 técnicos e administrativos e 63.498 estudantes), apenas 20.887 votaram (3.189 professores — 74,6%; 4.591 técnicos — 49,9%; e 13.107 estudantes — 20,6%).

A chapa 10 obteve 9.427 votos. A chapa 40, liderada pelo professor Oscar Rosa Mattos, da Escola Politécnica e da Coppe/UFRJ, obteve 8.825 votos, e Chapa 20, encabeçada por Roberto dos Santos Bartholo Junior, da Coppe/UFRJ e da Faculdade de Letras, teve 2.281 votos. Não existe vinculação formal entre a eleição e a indicação da lista tríplice pelo Colégio Eleitoral pela UFRJ designado para fazer as indicações ao ministro, mas o resultado da consulta sempre é respeitado.

topo ↕

CORREIO BRAZILIENSE - DF - BRASÍLIA - DF

Deu ciumeira I

A escolha do economista Abraham Weintraub para ministro da Educação fez balançar novamente as relações no Democratas, partido do ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, e ainda por cima, irritou os tucanos que desejam uma aproximação maior com o Planalto. No DEM, os deputados reclamavam, entre eles, que Weintraub foi indicação do ministro da Casa Civil. Porém, quem pinçou o economista na equipe de Lorenzoni foi o próprio Bolsonaro.

Deu ciumeira II

Os parlamentares reclamam que Onyx “fez” vários ministros. Além de Weintraub, colocam nessa conta o ministro do Desenvolvimento Social, Cultura e Esporte, Osmar Terra, e, ainda, o ministro da Saúde, Luiz Mandetta, que, aliás, foi escolhido pela frente parlamentar da saúde.

Deu ciumeira III

Ao longo do fim de semana, os deputados ficaram com a pulga atrás da orelha quando viram o nome do deputado João Roma (PRB-BA) como indicado para a Educação. Ele é muito ligado a ACM Neto e, por isso, muitos passaram a espalhar que o presidente do DEM havia sugerido o nome no almoço com o presidente Jair Bolsonaro, na quinta-feira. ACM Neto foi o único que saiu dizendo que poderia fechar questão na reforma.

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - OPINIÃO

A retirada de Bolsonaro

Presidente perde capital político diariamente imerso em batalhas imaginárias

Nesta segunda-feira (8), os militares perderam uma batalha na disputa por espaço no Ministério da Educação (MEC). Incrivelmente associados à vanguarda iluminista do governo, os oficiais gerais perderam com a nomeação de Abraham Weintraub para o lugar de Ricardo Vélez.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizweber/2019/04/a-retirada-de-bolsonaro.shtml>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - PAINEL

Tua fama te precede

A indicação de Abraham Weintraub para o Ministério da Educação criou forte expectativa entre gestores da área e integrantes do governo a respeito da política que ele vai adotar para o ensino superior. O economista, que está com Jair Bolsonaro desde a campanha, critica desde os encontros do grupo que coordenou a transição o que vê como expressiva influência da esquerda no comando das universidades públicas. Já naquela época, pregava o expurgo de quadros ligados à oposição.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://painel.blogfolha.uol.com.br/2019/04/09/critico-da-esquerda-nas-universidades-novo-ministro-gera-apreensao-sobre-politica-para-ensino-superior/>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - PODER

As promessas de Bolsonaro

Veja 98 compromissos assumidos antes da posse

São Paulo

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) terá que cumprir uma promessa a cada duas semanas para entregar tudo o que prometeu. A Folha mapeou 98 propostas que ele anunciou antes de tomar posse, incluindo as registradas no plano de governo e outras assumidas em entrevistas e postagens nas redes sociais.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://arte.folha.uol.com.br/poder/2019/as-promessas-de-bolsonaro/#/>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - PODER

A farsa e a tragédia da educação

Pessoas sem nenhuma competência são loteadas em cargos importantes

Que a educação não seria um ponto forte do governo Bolsonaro era mais do que evidente desde a campanha. Poucos imaginavam, contudo, o tamanho do desastre, que é o resultado de duas causas: a incompetência técnica do ex-ministro e sua equipe; e a guerra que instaurou dentro do ministério.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/joel-pinheiro-da-fonseca/2019/04/a-farsa-e-a-tragedia-da-educacao.shtml>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - PAINEL S.A.

Escalação

O fracasso do presidente Jair Bolsonaro na escolha de Ricardo Vélez para ministro da Educação é um percalço compreensível, na opinião de um grande empresário do setor petroquímico. Na iniciativa privada, ele diz, também é difícil escalar bons diretores em uma tacada só.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painelsa/2019/04/petrobras-transfere-funcionarios-de-seis-cidades-para-o-rio.shtml>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - COTIDIANO

**Bolsonaro anuncia Abraham Weintraub para lugar de Vélez na Educação
Novo nome vem do mercado financeiro e estava na Casa Civil; ex-ministro
acumula críticas**

Brasília e São Paulo

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) anunciou nesta segunda-feira (8) um novo nome para o ministério da Educação. Abraham Weintraub entra no lugar de Ricardo Vélez Rodríguez.

Em edição extra do Diário Oficial da União desta segunda, Bolsonaro exonerou Vélez e nomeou Abraham Weintraub para o cargo, liberando-o da função que ocupava. A cerimônia de posse de Abraham já tem data. Ocorre nesta terça-feira (9), às 14h, no Palácio do Planalto.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/04/bolsonaro-anuncia-abraham-weintraub-para-lugar-de-velez-na-educacao.shtml>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - COTIDIANO

**Militares perdem embate e temem continuidade da crise no MEC
Ala dos generais queria ministro com mais respaldo e impor derrota a olavistas**
São Paulo

A ida de Abraham Weintraub para o lugar do desgastado Ricardo Vélez no Ministério da Educação foi vista com desconfiança por membros da cúpula militar do governo Jair Bolsonaro. Eles temem a continuidade da crise que paralisou a pasta.

A remoção de Vélez do MEC era, para os fardados, uma oportunidade de se afirmar ante o chamado grupo ideológico do governo, aderente das ideias propagadas pelo escritor Olavo de Carvalho.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/militares-perdem-embate-e-temem-continuidade-da-crise-no-mec.shtml>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - COTIDIANO

**Abraham Weintraub precisa acabar com o diversionismo no MEC
Em três meses, o que se viu do ex-ministro Ricardo Vélez Rodríguez foi a
ideologização de questões técnicas**

São Paulo

A mudança no Ministério da Educação (MEC) pode ser uma boa notícia se o novo ministro, Abraham Weintraub, dedicar seu tempo ao enfrentamento dos verdadeiros desafios da educação brasileira.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/04/abraham-weintraub-precisa-acabar-com-o-diversionismo-no-mec.shtml>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - COTIDIANO

Novo ministro da Educação, Weintraub defende expurgo do marxismo cultural
Em evento promovido por Eduardo Bolsonaro, ele propôs xingar comunistas
Rio de Janeiro

Jair Bolsonaro ainda não havia sido empossado quando Abraham Weintraub e seu irmão Arthur foram à Cúpula Conservadora, evento idealizado por Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) em dezembro, e lá defenderam um expurgo do "marxismo cultural" nas universidades. Quem viam como um aliado natural nessa batalha: Olavo de Carvalho.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/04/novo-ministro-da-educacao-weintraub-defende-expurgo-do-marxismo-cultural.shtml>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - MÔNICA BERGAMO

Governo enviará ao Congresso MP de ensino domiciliar
Ministério de Damares Alves avalia se isso não criaria algum problema com parlamentares

O governo deve enviar nesta semana ao Congresso a proposta que regula o ensino domiciliar, conhecido como homeschooling.

MÉTODO

O mais provável é que seja editada uma MP (Medida Provisória). Mas o ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, comandado por Damares Alves, ainda avaliava se isso não criaria algum tipo de problema com os parlamentares.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2019/04/governo-enviara-ao-congresso-mp-de-ensino-domiciliar.shtml>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - COTIDIANO

Inexperiência de ministro com discussões de Educação preocupa especialistas
Além de escolha de Abraham Weintraub para liderar MEC, há expectativa sobre equipe
Brasília

O anúncio do economista Abraham Weintraub como novo ministro da Educação representa a chegada de mais uma pessoa distante das discussões de políticas públicas na área, a exemplo do demitido Ricardo Vélez Rodríguez. Mesmo com a troca, ainda há o temor de que ações do setor continuem em ponto morto, além de continuidade nas disputas dentro da pasta.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/04/inexperiencia-de-ministro-com-discussoes-de-educacao-preocupa-especialistas.shtml>

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - NOTAS E INFORMAÇÕES

A lição dos 100 dias

A queda da popularidade do presidente mostra que a população não quer desculpas, mas resultados.

A pesquisa do Datafolha divulgada no domingo passado confirma o desprestígio de Jair Bolsonaro no exercício do cargo de presidente da República. Ele recebeu a pior avaliação após três meses de governo entre os presidentes eleitos para um primeiro mandato desde 1988. Cerca de um terço dos brasileiros (30%) considera o governo de Jair Bolsonaro ruim ou péssimo.

Também houve queda na expectativa da população com o novo governo. Antes da posse, 65% esperavam que Jair Bolsonaro realizasse um governo ótimo ou bom. Agora, são 59%. A queda indica um movimento de descontentamento diante do que foi feito até agora. Mas tempo ainda há para reagir. A maioria da população continua acreditando na possibilidade de um bom governo nos próximos quatro anos.

Os números aconselham cuidado ao presidente. Apenas um quarto dos entrevistados (27%) considera adequado o comportamento de Jair Bolsonaro no cargo. O restante vê erros na sua gestão. Ainda que entendam que ele acerta na maioria das vezes, 27% enxergam equívocos na sua atuação. Já 20% veem que o presidente erra na maioria das vezes e 23% dizem que ele nunca se comporta como o cargo exige.

A percepção da população indica que o presidente Jair Bolsonaro não pode continuar agindo como se sua inabilidade

política fosse desculpa para um mau governo. “Não nasci para ser presidente, nasci para ser militar”, disse Jair Bolsonaro na sexta-feira passada, pedindo compreensão por seus erros. A pesquisa revela que a população não quer desculpas. Ela espera resultados.

Mas o presidente parece indiferente à mensagem da população e inclinado a seguir com as mesmas atitudes que levaram à queda de sua popularidade. Em vez de reconhecer que seu governo não vai bem, Bolsonaro optou por fazer troça dos resultados da pesquisa em sua conta no Twitter. Vale lembrar que outros institutos de pesquisa já captaram semelhante frustração da população com o novo governo.

O momento não é propício a brincadeiras por parte do presidente. A recuperação da economia perdeu fôlego, com vários sinais de lentidão e até mesmo de estagnação. O desemprego aumentou no trimestre passado, atingindo a taxa de 12,4% no final de fevereiro, de acordo com o IBGE.

Não bastassem esses dados, que afetam diretamente a população, o governo de Jair Bolsonaro foi pródigo em criar, sem a ajuda da oposição, crises políticas nesses primeiros três meses. A falta de coordenação política produziu algumas derrotas no Congresso e reforçou as dúvidas sobre a capacidade do governo de conseguir aprovar a reforma da Previdência. Manifestações de Jair Bolsonaro e de sua equipe geraram constrangimentos internacionais, envolvendo a China, o maior parceiro comercial do País, e os países árabes, importantes compradores de proteína animal. Desde janeiro, o Ministério da Educação (MEC) foi palco de confusões e voluntarismos, com muitas idas e vindas. O ministro da Educação foi demitido, mas ainda não há sinal de que as causas dos imbróglis no MEC tenham sido sanadas.

O protagonismo dos filhos do presidente em assuntos do Palácio do Planalto foi também causa de instabilidade e preocupação no período. Vieram à tona informações sobre a proximidade da família Bolsonaro com o entorno das milícias no Rio de Janeiro. Recrudesceram suspeitas de práticas irregulares no gabinete de Flávio Bolsonaro na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, bem como de candidaturas de laranjas no PSL, partido do presidente.

Talvez Jair Bolsonaro queira ignorar o que as pesquisas dizem. Pode ser também que ele pretenda atribuir os resultados a uma suposta perseguição política, o que é também um modo de fechar os olhos à realidade. Logicamente, há tempo para Bolsonaro reagir. Não tem por que ele dar por certo que seu governo está fadado a ser o que foi nesses cem dias. Mas, para isso, é preciso querer enxergar erros e retificar rumos. A rigor, só depende dele querer aprender a lição dos primeiros cem dias. O País espera ansioso por esse esforço.

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - COLUNA DO ESTADÃO

Bolsonaro demite Vélez e põe economista no MEC

Abraham Weintraub diz que fará gestão técnica, mas não se descolará da 'ideologia clara' do presidente

O presidente Jair Bolsonaro anunciou ontem o número dois da Casa Civil, Abraham Weintraub, para ser o ministro da Educação em substituição a Ricardo Vélez Rodríguez, demitido depois de uma crise na pasta. Próximo ao ministro Onyx Lorenzoni, Weintraub é economista e trabalhou no mercado financeiro, mas não tem experiência em políticas educacionais. Em entrevista ao Estado, Weintraub disse que fará uma gestão técnica, mas não se descolará das convicções do presidente Bolsonaro que, para ele, tem uma “ideologia clara”. “Minha missão é cumprir o que foi escrito no programa de governo de forma serena, tranquila e eficiente, de forma a gerar bem-estar ao cidadão”, afirmou. Por Weintraub ser um admirador do escritor Olavo de Carvalho e defender o combate ao “marxismo cultural” nas universidades, os especialistas temem viés ideológico na pasta.

A escolha de Abraham Weintraub para a Educação reforça no Congresso a percepção de que Jair Bolsonaro ainda não pensa em mudar o modus operandi de sua relação com os parlamentares. A vaga aberta pela saída de Vélez Rodríguez era uma janela de oportunidade para o Planalto ampliar apoios. Porém, ao optar pelo economista, discípulo de Olavo de Carvalho e bolsonarista de quatro costados, o sinal do presidente é muito claro: continuará tendo como prioridade a guerra cultural, mesmo com o desgaste de sua imagem registrado pelas pesquisas.

» Abraço. Para um desses líderes, a estratégia de Bolsonaro é fragilizar o já fragilizado Congresso e impor sua agenda aos parlamentares. Ambos, porém, estão se enfraquecendo juntos.

» Era cilada. Nem todo mundo tinha interesse no convite para a Educação. Isso porque significaria compor de vez a base de apoio a Bolsonaro num momento em que o “noivo” ainda não convence ninguém de seu amor.

CLICK. O anúncio do novo ministro da Educação pelo presidente foi seguido de uma errata: apesar de ter dito que ele era doutor, na verdade, tem apenas mestrado. » 6 por

meia dúzia. Quem conhece o novo ministro da Educação diz que ele é um Vélez melhorado: ao menos tem experiência em gestão.

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - POLÍTICA

Economista é escolhido por Bolsonaro para o MEC

Executivo. Sem experiência anterior na área e com discurso atrelado ao de ‘guru’ de bolsonaristas, Abraham Weintraub ocupará lugar de Vélez; especialistas criticam escolha

BRASÍLIA

O presidente Jair Bolsonaro disse ontem que outros ministros podem ser demitidos em “caso de problemas”. A declaração foi feita após a demissão de Ricardo Vélez Rodríguez do Ministério da Educação, “por questão da gestão”.

Depois do anúncio de medidas polêmicas, recuos e duas dezenas de exonerações, o presidente Jair Bolsonaro demitiu o ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez. Ele escolheu para o seu lugar um nome com influência no governo, o então n.º 2 da Casa Civil, Abraham Weintraub. Economista com experiência em empresas privadas, foi alçado ao cargo como uma solução para os problemas de gestão da pasta. A indicação, no entanto, preocupa especialistas. Como Vélez, o novo ministro nunca trabalhou com políticas educacionais e mantém discurso ideológico atrelado ao escritor Olavo de Carvalho, com críticas ao chamado “marxismo cultural”.

Ao Estado, Weintraub disse que fará uma gestão técnica, o que não significa que trabalhará desconectado das convicções do governo Bolsonaro, que tem “uma ideologia clara”. “Minha missão é cumprir o que foi escrito no programa de governo de forma serena, tranquila e eficiente, de forma a gerar bem-estar ao cidadão.” Ele vai gerenciar uma pasta com orçamento de R\$ 130 bilhões e que foi praticamente paralisada pela crise atual.

A escolha frustrou a ala militar do governo que tentava emplacar um nome para compor com o atual secretário executivo do MEC, o brigadeiro Ricardo Machado Vieira. Ele foi colocado no cargo para tentar resolver as disputas internas entre os seguidores de Olavo, o grupo técnico ligado ao governo de São Paulo e os militares. Segundo o Estado apurou, Vieira não deve continuar no cargo.

Weintraub é professor licenciado do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), no câmpus de Osasco. Antes, havia trabalhado 18 de seus 47 anos no Banco Votorantim, onde foi de officeboy a diretor. Demitido, seguiu para a Quest Corretora. Ele e o irmão, Arthur, apoiaram Bolsonaro e ficaram próximos de Onyx Lorenzoni desde antes da campanha. Foram responsáveis por pensar a reforma da Previdência na equipe de transição. Depois, Abraham se tornou secretário executivo da Casa Civil e Arthur foi para o Ministério da Economia (mais informações na pág. A6).

O nome de Weintraub para o MEC foi apresentado a Bolsonaro durante a viagem a Israel. Segundo uma fonte próxima ao presidente, pesou na decisão a

disposição de Weintraub de “dobrar a aposta feita por Vélez e enfrentar os problemas morais e ideológicos na educação”. O presidente determinou a Weintraub que afaste quadros remanescentes da ala militar no ministério e restabeleça nomes ligados a Olavo,

relatou essa fonte. Bolsonaro espera, assim, que o novo ministro siga com a agenda já iniciada na pasta, que inclui a priorização do método fônico na alfabetização e o enfraquecimento da Base Nacional Comum Curricular e do Conselho Nacional de Educação.

Weintraub foi investigado pela Unifesp por uso do logotipo da instituição em trabalhos de consultoria. A sindicância foi arquivada em 2018. O novo ministro se diz perseguido, o que motivou até um pedido do então deputado Onyx para uma audiência na Câmara. Ele queria que a reitoria da Unifesp explicasse “denúncias de agressões, ameaças e perseguições de natureza política” a Abraham e Arthur, também professor da instituição. Os dois entraram em conflito com estudantes depois que passaram a participar da equipe de Bolsonaro. A audiência acabou não sendo realizada.

‘Adaptação’. O economista defende que é preciso vencer o chamado “marxismo cultural” das universidades a partir dos ensinamentos de Olavo, guru do bolsonarismo. Em reuniões com equipes do MEC, já na Casa Civil, dizia que as universidades mantêm a esquerda viva e alimentam a oposição a Bolsonaro.

Na Cúpula Conservadora das Américas, evento organizado pelo deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), ele disse que os militantes de direita deveriam adaptar as teorias de Olavo para vencer embates teóricos com a esquerda. “A gente adaptou a teoria do Olavo de como enfrentar eles no debate intelectual.”

Ontem, ao ser questionado sobre o escritor, o ex-aluno disse ter grande admiração pelo professor. “Ele tem ideias muito boas, mas não sigo ipsis litteris tudo o que ele fala. Não é porque gosto de música clássica que não escute rock and roll de vez em quando.” Olavo comemorou a indicação de Weintraub nas redes sociais.

Surpresa. Analistas ficaram surpresos com a indicação, mais uma vez, de um desconhecido do meio para o ministério. “Depois de quase 100 dias de um MEC inoperante, havia expectativa de que o governo tivesse aprendido e colocasse alguém com experiência em gestão pública e com clareza das políticas para melhorar a qualidade de ensino”, disse a presidente do Todos pela Educação, Priscila Cruz.

“Quero acreditar que ele sabe que o maior problema é o que as crianças aprendem nas escolas. E que o lado ideológico não ponha a perder o que é realmente importante”, afirmou a presidente do conselho do Instituto Península, Ana Maria Diniz. Para o presidente da Associação de Docentes da Unifesp, Daniel Feldman, que foi colega de Weintraub, a perseguição a professores tem uma “lógica inquisitória” e “pode levar à destruição da universidade”. “Nem uma aula minha nem do atual ministro jamais estarão isentas de pressupostos teóricos, reflexivos e intelectuais, que nunca podem ser ‘neutros’”, afirmou.

A crise no MEC se intensificou depois que o Estado revelou e-mail de Vélz em que pedia para as escolas do País lerem o slogan da campanha de Bolsonaro e filmarem as crianças cantando o Hino Nacional. Ele teve de recuar. Ontem, no Twitter, Vélz agradeceu a “oportunidade” e disse que confiava na decisão de Bolsonaro.

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - POLÍTICA
‘É triste’ demitir, afirma presidente

No mesmo dia em que anunciou a demissão de Ricardo Vélez do MEC, o presidente Jair Bolsonaro disse ontem que outros ministros também podem perder seus cargos, em caso “de problemas”. “Os outros ministérios, se apresentarem problemas, a gente toma a decisão. É triste, é difícil mandar alguém embora. A responsabilidade é minha”, disse ele, em entrevista à Rádio Jovem Pan. Segundo Bolsonaro, a saída de Vélez se deveu a uma “questão da gestão”. “Lamentavelmente, o ministro não tinha essa expertise com ele.” Foi a segunda baixa no primeiro escalão: antes, Gustavo Bebianno foi tirado da Secretaria-Geral da Presidência.

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - ELIANE CANTANHÊDE

Almas Penadas

E-MAIL: ELIANE.CANTANHEDE@ESTADAO.COM TWITTER:

@ECANTANHEDE ELIANE CANTANHÊDE ESCREVE ÀS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS E AOS DOMINGOS

Assim como Ricardo Vélez, há uma fila de embaixadores esperando o ‘bilhete azul’ que não vem.

A demissão de Ricardo Vélez Rodríguez do MEC foi decidida antes da viagem a Israel, em 30 de março, e anunciada pelo presidente Jair Bolsonaro três dias antes de ser formalizada e finalmente publicada ontem no Twitter e no Diário Oficial. Se parece esquisito, não é caso único e não será o último.

Bolsonaro também anunciou no dia 13 de março, antes da ida aos EUA, que iria trocar 15 embaixadores, inclusive Sérgio Amaral, de Washington. Deu um motivo para o “bilhete azul” num encontro com jornalistas: “Não está vendendo

uma boa imagem do Brasil no exterior”. E para ser só na volta: ficaria muito ruim às vésperas de chegar ao país.

O presidente foi para os EUA no dia 17, voltou, foi ao Chile, voltou, foi a Israel, voltou. Mas os embaixadores continuam exatamente onde estavam, como almas penadas. O que mudou, nesse meio tempo, foi o número dos que estavam com os dias contados.

Se Bolsonaro havia falado em 15, a lista que o chanceler Ernesto Araújo enviou para a Casa Civil continha três vezes mais nomes, em torno de 45 embaixadores que ocupam efetivamente embaixadas ou consulados e chefias de representações do Brasil em organismos internacionais nos diferentes continentes. Entre eles, seis estão se aposentando neste ano. Os demais entram na dança das cadeiras.

Até agora, porém, praticamente um mês depois do anúncio feito pelo próprio presidente da República, ninguém veio, ninguém foi para posto nenhum. O próprio embaixador Sérgio Amaral, nomeado no governo Michel Temer, não só continua em Washington como participou ativamente da viagem de Bolsonaro e, agora, participa da visita do vice Hamilton Mourão.

O tempo vai passando e Amaral vai ficando. Ele já estava fazendo as malas, arrumando as gavetas, cuidando das conveniências da família, quando o Itamaraty deu uma contraordem, mandou parar tudo e aguardar novas orientações. Que ainda não chegaram, provavelmente porque alguém deve ter feito as contas: quanto custa a

mudança de mais de 40 diplomatas?

Sérgio Amaral não é Vélez Rodríguez nem causou tanta confusão, tanto rebuliço, tantas demissões e tantos recuos, mas sofre nesses três meses o mesmo processo que atingiu o agora ex-ministro da Educação: fica no limbo, sabendo de seu destino pela mídia.

Assim como ele, embaixadores brasileiros pelo mundo afora, na Europa, na Ásia, na África, nas Américas. E, claro, seus assessores diretos, sejam diplomatas, sejam funcionários. Em consequência, suas famílias.

Se há insegurança entre os que saem, há também entre os que podem entrar. Para Washington, o vice Mourão queria o cientista político Murillo de Aragão, da consultoria Arko Advice, um frequentador assíduo da Vice-Presidência. Já a cúpula do Itamaraty preferia o embaixador de carreira Nestor Forster, do grupo de Ernesto Araújo. Os dois enfrentam resistências e obstáculos concretos para assumir o que é, nada mais, nada menos, a embaixada mais importante do Brasil. Aliás, de todos os países.

No MEC, sai Vélez, filósofo, e entra Abraham Weintraub, um homem das finanças, mas uma coisa é certa: a ideologia fica. Além de professores universitários, ambos são também arraigadamente de direita, conservadores nos costumes, simpaticistas das ideias do tal guru Olavo de Carvalho. Lembram-se daquela velha corrente que via comunistas em toda a parte, até debaixo das camas das famílias brasileiras?

Agora, é acompanhar a montagem da equipe e identificar os impostos por Olavo de Carvalho, os indicados pelos militares e os simplesmente técnicos, que querem ver o ministério andar. Sim, porque a Educação está paralisada. Mas a guerra no ministério continua.

Assim como Vélez, há uma fila de embaixadores esperando o ‘bilhete azul’ que não vem

topo 

O ESTADO DE S. PAULO - SP - POLÍTICA

Escolha para o MEC fortalece Onyx

Ministro da Casa Civil indicou Abraham Weintraub como ‘solução’ na pasta; nome é ligado a Olavo de Carvalho e tem trânsito no Planalto

BRASÍLIA

A indicação de Abraham Weintraub para substituir Ricardo Vélez Rodríguez no Ministério da Educação foi a “solução caseira” encontrada pela equipe do presidente Jair Bolsonaro para resolver uma disputa interna e fortalece o chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni. Secretário executivo da Casa Civil, Weintraub não havia sido lembrado até então para ocupar a cadeira com mais polêmicas no governo, mas foi a saída de última hora, na tentativa de evitar mais problemas.

Em dois encontros de auxiliares com Bolsonaro, no fim de semana, a meta era achar um perfil de ministro que também ajudasse na articulação da reforma da Previdência no Congresso. Conselheiros do presidente sugeriam um político para o cargo. Nesse arranjo, a secretaria executiva do MEC ficaria sob a responsabilidade de alguém com mais capacidade de gestão.

Uma das possibilidades aventadas era fazer uma dobradinha entre o senador Izalci

Lucas (PSDB-DF) e Ivan Camargo, ex-reitor da Universidade de Brasília (UnB). Outro nome mencionado era o do deputado João Roma (PRB-BA). Havia, porém, outros citados, como os generais Oswaldo Ferreira e Alessio Ribeiro Souto. Bolsonaro parecia mais inclinado por Camargo.

A surpresa veio mais tarde, quando ele anunciou a decisão de entregar a pasta, mais uma vez, para aliados do escritor Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo. Passaram a ser cotados para ministro, então, o secretário de Alfabetização, Carlos Nadalim, e o ex-secretário executivo adjunto Eduardo Melo.

Diante desse quadro, Onyx sugeriu Weintraub. Era, na definição do chefe da Casa Civil, a saída ideal: um técnico ligado a Olavo, mas que também tinha a confiança do Planalto. O Estado apurou que já é dada como certa a retirada dos militares do MEC.

Com dificuldades para demitir, Bolsonaro chegou a pedir desculpas a Vêlez, ontem, na última conversa. A interlocutores, definiu a situação como constrangedora, mas afirmou que o MEC não poderia continuar sangrando.

Economista, Weintraub foi levado para a campanha de Bolsonaro por Onyx, que o conheceu no Congresso em um seminário sobre Previdência, em 2017. Entusiasmado com suas propostas e com as de Arthur, seu inseparável irmão, o então deputado do DEM os convenceu a dar uma espécie de “consultoria” ao colega de Câmara.

“Eu me lembro do dia no qual nós desejávamos que ele (Bolsonaro) compreendesse o quanto era importante a independência do Banco Central para dar solidez à economia. Ele foi falar 20 minutos com um tal professor paulista da Unifesp (Weintraub). Ficou duas horas. Era contra e saiu a favor. A partir daí, fizemos o plano de governo”, contou Onyx, ontem.

Em 2018, os irmãos acompanharam o pré-candidato na viagem ao Japão e à Coreia do Sul. Questionado pelo Estado, no ano passado, sobre a decisão de apoiar Bolsonaro, Weintraub falou sobre patriotismo. “Diante de ameaças é necessário lutar pelo país em que se vive. Os venezuelanos descobriram isso muito tarde. Perderam o controle de sua Pátria e hoje são colônia dos ditadores que controlam Cuba. São escravos”, escreveu. Na entrevista, por e-mail, rechaçou a pecha de direitista. “Esquerda ou direita, acho que é uma rotulação pobre. Somos humanistas, democratas, liberais, lemos a Bíblia (Velho e Novo Testamento) e a temos como referência.”

‘Plano de governo’

“Ele (Bolsonaro) foi falar com um tal de professor da Unifesp (Abraham Weintraub). Era contra e saiu a favor (da independência do BC).” Onyx Lorenzoni

MINISTRO DA CASA CIVIL

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - POLÍTICA

Guinada não é líquida e certa

É CIENTISTA POLÍTICO DO NÚCLEO DE ESTUDOS E ANÁLISES
INTERNACIONAIS DA UNESP

Admissão de Vélz Rodríguez não pegou ninguém de surpresa. Dada como certa, abriu uma janela de oportunidade para o governo Bolsonaro. Antes de tudo, porque limpou um território minado. O governo se desgastava ao permanecer sancionando o despreparo de Vélz e deixando-se contaminar pelas disputas entre “olavetes” e militares – e agora pode começar a pensar a Educação como dimensão estratégica, dando a ela um mínimo de atenção.

A guinada, porém, não é líquida e certa. O novo ministro, Abraham Weintraub, um bolsonarista de primeira hora, também é jejuno em gestão educacional, ensino médio e educação básica. Não se trata de um técnico da área, um intelectual ou um articulador político, qualidades sempre preciosas no complicado mundo da Educação. Além disso, gosta de se apresentar como adversário do “marxismo cultural”, o que poderá levá-lo a alimentar a guerra ideológica de Olavo de Carvalho, de quem se diz um admirador e um “adaptador”.

A decisão presidencial puxa um freio de arrumação no MEC, mas não se sabe se esfriará a influência de Olavo. Se o novo ministro, à diferença de seu antecessor, apresentar um plano para gerir a Educação no País, ajudará a dar ao governo um eixo que até agora não foi encontrado. Se permanecer agarrado ao doutrinário, a janela de oportunidade não passará de uma fresta, que logo se fechará.

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - SONIA RACY

Mito

Reação de Renato Janine Ribeiro, ontem, à nomeação de Abraham Weintraub para o MEC: a ideia de que as universidades brasileiras são antros de esquerda é enganosa. O novo ministro defende vencer o que chama de “marxismo cultural” nas instituições.

Na opinião de Ribeiro, “faculdades de engenharia e medicina costumam ter maioria à direita e a área das humanas, à esquerda”. Ou seja, existe pluralidade.

Mito 2

Para o ex-ministro, discussões “com factoides” distraem o gestor de prioridades – como a alfabetização na idade certa.

topo ↕

O GLOBO - RJ - O PAÍS

Bolsonaro demite Vélz do MEC e escala economista

PERFIL

Abraham Weintraub / ministro da Educação

Indicado para aplacar crise na pasta, o ex-secretário-executivo da Casa Civil já teceu elogios a Olavo de Carvalho e defendeu o fim do marxismo cultural nas universidades

BRASÍLIA E SÃO PAULO

Indicado ontem para resolver a paralisia que se abateu sobre o Ministério da Educação (MEC) no governo Bolsonaro, o paulistano Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub, de 47anos, é um neófito na gestão educacional.

Economista com experiência no mercado financeiro, Weintraub caiu nas graças do ministro da Casa Civil e deputado federal licenciado, Onyx Lorenzoni (DEM-RS), e, depois de participar da formulação do plano de governo, passou os primeiros três meses do ano como seu secretário-executivo.

Em declaração divulgada ontem, Onyx elogiou o novo ministro, “um homem com sólida formação”, familiarizado com a iniciativa privada e professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp):

—Foi um dos que muito cedo acreditaram na candidatura Bolsonaro. Foi um dos formuladores do plano de governo e é uma pessoa importante nas tomadas de decisão.

Mestre em Administração na área de finanças pela Faculdade Getulio Vargas (FGV), Weintraub foi chamado de “doutor” por Bolsonaro no anúncio de sua nomeação, feito pelas redes sociais. Quase uma hora e meia depois, o presidente se corrigiu e disse que o indicado fez mestrado e um MBA Executivo Internacional em Finanças. Ele completou a graduação em Ciências Econômicas pela Universidade de São Paulo (USP) em 1994.

Para além da formação acadêmica, Weintraub relata em seu currículo ter sido executivo do mercado financeiro, “com mais de 20 anos de experiência”. Atuou, segundo ele, como sócio em uma gestora de investimentos, como diretor estatutário do Banco Votorantim e como CEO da Votorantim Corretora no Brasil e da Votorantim Securities, nos Estados Unidos e na Inglaterra, “além de ter sido economista-chefe por mais de dez anos”.

Como professor, destaca como uma de suas “maiores satisfações pessoais” o que classificou como “boa receptividade dos alunos” ao método e à abordagem de ensino que adota.

Em carta de 2014 direcionada ao departamento de Contabilidade, na qual respondia a acusações de nepotismo por trabalhar na mesma faculdade que seu irmão, Arthur — jurista e hoje assessor-chefe adjunto de Bolsonaro —, e sua mulher, Daniela, Weintraub afirmou ter se inscrito em dois concursos da Unifesp, tendo sido aprovado no de Contabilidade “apenas porque os outros quatro candidatos não apareceram no dia”. Sua mulher também teria sido aprovada por falta de interessados na vaga.

Na mesma mensagem, ele afirma que seu pai, médico e professor da USP durante a ditadura militar, foi perseguido por denunciar o desaparecimento de alunos.

Em 2015, Weintraub fundou o Centro de Estudos em Seguridade (CES), que se apresenta como uma associação civil sem fins lucrativos fundada por professores dos cursos de Atuária e Contabilidade da Unifesp. A Unifesp chegou a abrir uma sindicância em 2018 para investigar o uso indevido do logo da universidade pela CES. Procurada ontem, a universidade informou apenas que não há “procedimento aberto sobre o assunto”.

‘DERROTAR O COMUNISMO’

No ano passado, o CES foi a única instituição a apoiar a realização da Cúpula Conservadora das Américas, evento idealizado pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro, filho do presidente. Em Foz do Iguaçu, os Weintraub palestraram sobre economia, em dezembro passado. Apenas uma referência foi feita à educação, quando o agora ministro afirmou que “precisamos vencer o marxismo cultural nas universidades”.

— Eu e meu irmão vamos contar como foi a nossa experiência em aplicar a teoria de Olavo de Carvalho em, democraticamente, lidar com o marxismo cultural —disse, na ocasião.

Weintraub destacou por diversas vezes que será preciso derrotar o comunismo para que o país volte a crescer. E os comunistas, afirmou, “estão no topo do país, donos das organizações financeiras, dos jornais e dos monopólios”!

—Agora que Jair Bolsonaro ganhou, o PT está derrotado. Podemos estar tranquilos? Não podemos. Essa turma vai voltar para a casa, eles são inteligentes. O meu inimigo é igual ou tão mais forte do que eu, senão eu sou um trouxa.

Procurado pelo GLOBO, Weintraub não quis dar entrevista. Afirmou apenas que, “nos primeiros dias, minha prioridade é assumir (o cargo)”.

topo ↕

O GLOBO - RJ - OPINIÃO

Sem espaço para errar de novo

Após cem dias de inércia do MEC, cabe ao novo ministro adotar um projeto que abandone a cruzada ideológica em nome da melhoria da aprendizagem

Nenhum país com projeto sério de desenvolvimento social e econômico trata a Educação como cruzada ideológica. Ao contrário, dá prioridade, formula e segue um plano pragmático orientado pela busca de resultados, em especial a melhoria da aprendizagem dos alunos.

No Brasil, onde apenas 9% dos alunos que concluem o ensino médio têm aprendizagem mínima adequada em matemática, não deveria haver espaço para pautas diversionistas. Já há amplo consenso em torno das evidências e casos de sucesso no próprio país que precisam ganhar escala pela ação do Ministério da Educação.

No entanto, nesses primeiros cem dias, o MEC avançou quase nada. A falta de gestão e de clareza de projeto para a Educação enfraqueceu o ex-ministro Vélez, que acabou sendo substituído.

Dado o rumo que a pasta tomou nesses cem primeiros dias, havia a expectativa que o próximo ministro seria alguém com experiência em gestão pública, de preferência educacional, para reagir eficaz e rapidamente frente ao cenário de inoperância. Alguém com projeto pragmático na direção de melhorar os indicadores educacionais, que são indecentes e injustos.

O anúncio de ontem do presidente Bolsonaro não foi nessa direção. Mas esperamos que Abraham Weintraub entenda a gravidade da situação. A crise que precisa ser superada com vigor é a da aprendizagem. Que ele não se perca combatendo inimigos, verdadeiros ou fabricados.

Logo o novo ministro deverá sinalizar quais as diretrizes que nortearão seu trabalho no MEC, suas prioridades, seu projeto para a Educação brasileira. Importante também observar como será sua relação com os entes da federação, com o Conselho Nacional de Educação, com o Congresso Nacional, com a sociedade. E devemos dar muita atenção à nova equipe que será formada, uma vez que essa será a concretização mais visível nos próximos dias de seu direcionamento.

Em 2022, final desse governo, teremos resultados das avaliações de aprendizagem. Melhorá-los deve ser a meta.

Priscila Cruz é presidente-executiva do Todos pela Educação

topo ↕

O GLOBO - RJ - SOCIEDADE

A frente do MEC, um economista novato em gestão educacional

PERFIL

Abraham Weintraub / ministro da Educação

Indicado para aplacar crise na pasta, o ex-secretário-executivo da Casa Civil já teceu elogios a Olavo de Carvalho e defendeu o fim do marxismo cultural nas universidades

BRASÍLIA E SÃO PAULO

Indicado ontem para resolver a paralisia que se abateu sobre o Ministério da Educação (MEC) no governo Bolsonaro, o paulistano Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub, de 47 anos, é um neófito na gestão educacional.

Economista com experiência no mercado financeiro, Weintraub caiu nas graças do ministro da Casa Civil e deputado federal licenciado, Onyx Lorenzoni (DEM-RS), e, depois de participar da formulação do plano de governo, passou os primeiros três meses do ano como seu secretário-executivo.

Em declaração divulgada ontem, Onyx elogiou o novo ministro, “um homem com sólida formação”, familiarizado com a iniciativa privada e professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp):

—Foi um dos que muito cedo acreditaram na candidatura Bolsonaro. Foi um dos formuladores do plano de governo e é uma pessoa importante nas tomadas de decisão.

Mestre em Administração na área de finanças pela Faculdade Getúlio Vargas (FGV), Weintraub foi chamado de “doutor” por Bolsonaro no anúncio de sua nomeação, feito pelas redes sociais. Quase uma hora e meia depois, o presidente se corrigiu e disse que o indicado fez mestrado e um MBA Executivo Internacional em Finanças. Ele completou a graduação em Ciências Econômicas pela Universidade de São Paulo (USP) em 1994.

Para além da formação acadêmica, Weintraub relata em seu currículo ter sido executivo do mercado financeiro, “com mais de 20 anos de experiência”. Atuou, segundo ele, como sócio em uma gestora de investimentos, como diretor estatutário do Banco Votorantim e como CEO da Votorantim Corretora no Brasil e da Votorantim Securities, nos Estados Unidos e na Inglaterra, “além de ter sido economista-chefe por mais de dez anos”.

Como professor, destaca como uma de suas “maiores satisfações pessoais” o que classificou como “boa receptividade dos alunos” ao método e à abordagem de ensino que adota.

Em carta de 2014 direcionada ao departamento de Contabilidade, na qual respondia a acusações de nepotismo por trabalhar na mesma faculdade que seu irmão, Arthur — jurista e hoje assessor-chefe adjunto de Bolsonaro —, e sua mulher, Daniela, Weintraub

afirmou ter se inscrito em dois concursos da Unifesp, tendo sido aprovado no de Contabilidade “apenas porque os outros quatro candidatos não apareceram no dia”. Sua mulher também teria sido aprovada por falta de interessados na vaga.

Na mesma mensagem, ele afirma que seu pai, médico e professor da USP durante a ditadura militar, foi perseguido por denunciar o desaparecimento de alunos.

Em 2015, Weintraub fundou o Centro de Estudos em Seguridade (CES), que se apresenta como uma associação civil sem fins lucrativos fundada por professores dos cursos de Atuária e Contabilidade da Unifesp. A Unifesp chegou a abrir uma sindicância em 2018 para investigar o uso indevido do logo da universidade pela CES. Procurada ontem, a universidade informou apenas que não há “procedimento aberto sobre o assunto”.

‘DERROTAR O COMUNISMO’

No ano passado, o CES foi a única instituição a apoiar a realização da Cúpula Conservadora das Américas, evento idealizado pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro, filho do presidente. Em Foz do Iguaçu, os Weintraub palestraram sobre economia, em dezembro passado. Apenas uma referência foi feita à educação, quando o agora ministro afirmou que “precisamos vencer o marxismo cultural nas universidades”.

— Eu e meu irmão vamos contar como foi a nossa experiência em aplicar a teoria de Olavo de Carvalho em, democraticamente, lidar com o marxismo cultural —disse, na ocasião.

Weintraub destacou por diversas vezes que será preciso derrotar o comunismo para que o país volte a crescer. E os comunistas, afirmou, “estão no topo do país, donos das organizações financeiras, dos jornais e dos monopólios”!

—Agora que Jair Bolsonaro ganhou, o PT está derrotado. Podemos estar tranquilos? Não podemos. Essa turma vai voltar para a casa, eles são inteligentes. O meu inimigo é igual ou tão mais forte do que eu, senão eu sou um trouxa.

Procurado pelo GLOBO, Weintraub não quis dar entrevista. Afirmou apenas que, “nos primeiros dias, minha prioridade é assumir (o cargo)”.

topo ↕

O GLOBO - RJ - SOCIEDADE

Bolsonaro diz que não poderia deixar pasta sangrando

Para Mourão, queda de Vélez foi a crônica de uma morte anunciada; disputa entre ala ideológica e militares marcou gestão

Horas depois de demitir o ministro Ricardo Vélez Rodríguez, o presidente Jair Bolsonaro afirmou, em entrevista à Rádio Jovem Pan, que o MEC acumulava uma “série de problemas” e não poderia deixar o “ministério sangrando”! Por isso, preferiu entregar o cargo a uma “pessoa do ramo”, referindo-se ao economista e professor universitário Abraham Weintraub:

— O ministro (Vélez) não tinha essa expertise (de gestão), aí foi acumulando uma série de problemas e, lamentavelmente, chegamos à situação em que tivemos que substituir nosso querido Vélez. É uma pessoa simpática, amável e competente, mas a questão da

gestão deixou a desejar —disse Bolsonaro.

O vice-presidente Hamilton Mourão definiu a queda de Véléz como a “crônica de uma morte anunciada”.

— O presidente (Bolsonaro) deu tempo para ele (Véléz) tentar se ajustar, mas ele não conseguiu. Então teve que trocar o ministro.

No Twitter, o ideólogo de direita Olavo de Carvalho escreveu: “Desejo toda sorte do mundo ao ministro Weintraub, e só advirto: se aparecer algum Croquetti dando palpite, esconda-se no banheiro”. O termo “croquetti” seria uma referência a Ricardo Roquetti, que esteve na origem da crise no MEC e foi demitido quando tentava afastar da pasta seguidores de Olavo.

Também na rede social, Véléz agradeceu a Bolsonaro pela “oportunidade de estar à frente do MEC”: “Confio em sua decisão e me despeço desejando ao professor, Abraham Weintraub, sucesso no cumprimento de sua missão”.

Em pouco mais de três meses, a gestão de Véléz teve 15 demissões em sua cúpula, com a disputa por cargos estratégicos entre a ala ideológica e os militares. Enfraquecido, o ministro nem sequer conseguiu nomear o seu secretário-executivo, que é o número dois na hierarquia da pasta.

Olavo, que indicou Véléz para o MEC, rompeu com o ministro. Bolsonaro, que há menos de duas semanas disse que a demissão do titular era “fake news”, mudou de ideia e sinalizou na sexta-feira passada que o ministro estava com os dias contados.

topo ↕

O GLOBO - RJ - SOCIEDADE

Educadores criticam inexperiência de Weintraub

Para especialistas, falta de atuação na área preocupa, já que economista assume ministério tendo à frente missões espinhosas, como remodelar a distribuição de recursos e atingir as metas do Plano Nacional de Educação

Educadores e especialistas apontam a falta de experiência do novo titular do Ministério da Educação (MEC), Abraham Weintraub, como o principal receio à sua escolha para o comando da pasta.

José Celso Albuquerque, doutor em Pedagogia especializado em avaliações pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), afirma que, sobretudo no MEC, o conhecimento sobre o funcionamento do ministério é muito importante.

— Não é uma empresa ou uma repartição pública qualquer. É um orçamento público gigantesco, com um nível de operação difícil, e que requer uma habilidade de gestão e de articulação política. É o segundo nome do governo (como o ex-ministro, Ricardo Véléz Rodríguez) que não possui experiência com a área e vai ter que aprender na prática. E o que a pasta necessitava era de alguém que já tivesse uma experiência para atenuar esse período de estagnação —afirma Albuquerque.

O pedagogo defende, por outro lado, que a inexperiência pode ser compensada com a escolha de uma equipe técnica e com conhecimento prévio do setor:

— Essa deficiência pode ser corrigida com uma boa equipe. O problema é que suas declarações antigas apontam um caminho muito mais ideológico do que técnico. Se a equipe refletir isso, teremos atrasos muito grandes na área.

Para Daniel Cara, coordenador da Campanha Nacional Pelo Direito à Educação, o perfil de Weintraub é diferente de seu antecessor na pasta, o que pode indicar uma mudança nos rumos do MEC.

—Vélez tinha vínculo com os olavistas (seguidores do ideólogo de direita Olavo de Carvalho) e militares. Abraham é também próximo aos olavistas, mas é vinculado ao grupo do (ministro da Economia) Paulo Guedes — destaca. —Isso significa que ele vai se submeter às propostas econômicas e rejeitar pautas como a reformulação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica(Fundeb)e o Plano Nacional de Educação (PNE), que demandam investimentos na área.

Para o especialista, Weintraub deverá focar seus discursos e esforços na chamada “guerra cultural” contra a esquerda nas salas de aula para evitar entrar em pautas mais específicas do ministério.

— Sem o Fundeb, a educação básica pública vira um caos. Trata-se do fundo que repassa a verba para que as cidades consigam manter suas escolas, ter merenda e uniforme. Além disso, sem o PNE, não conseguiremos combater a desigualdade e estaremos mais distantes de ser um país justo e desenvolvido.

Profissionais de instituições federais de ensino apontam ainda um desgaste pré-existente entre Weintraub e o setor. Ele denunciou ser perseguido na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde dava aulas, por apoiar o então deputado Jair Bolsonaro, em 2017, que já se preparava para disputar as eleições. O ministro Onyx Lorenzoni, da Casa Civil, chegou a pedir uma audiência pública sobre o tema na Comissão de Educação da Câmara no ano passado, quando exercia o mandato de deputado federal.

SEIS DESAFIOS URGENTES DO NOVO MINISTRO

Aprovar reformulação do Fundeb

O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb) é o mecanismo que auxilia a maioria dos municípios a ter recursos para manter as condições básicas para os alunos. O modelo atual vence no ano que vem. Há dois projetos de reformulação tramitando na Câmara dos Deputados. O MEC precisa se articular no Congresso para a aprovação.

Nomear presidente do Inep

Responsável pelo Enem e pelo Censo Escolar, entre outras avaliações e pesquisas do setor, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) está sem presidente há duas semanas, desde que Marcus Vinicius Rodrigues foi exonerado do cargo.

Escolher gráfica para o Enem

A empresa que imprimia o exame desde 2009 decretou falência, e o MEC ainda não abriu nova licitação para contratar a gráfica que prestará o serviço neste ano.

Implantar a BNCC

Documentos que definem o conteúdo essencial a ser ensinado nas escolas, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do ensino fundamental e médio já foram homologadas, mas sua implementação cabe ao MEC.

Solucionar falhas do Fies

O Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), que permite que estudantes cursassem faculdades particulares com empréstimos da Caixa Econômica, enfrenta falhas técnicas desde o início do ano, e muitos estudantes ainda não conseguiram se matricular.

Resolver edital de livros didáticos

Em janeiro, o MEC propôs mudanças no edital do Programa Nacional do Livro Didático, que permitiriam, por exemplo, publicidade nos materiais. Logo em seguida, voltou atrás e revogou as mudanças, mas, desde então, o tema ficou estagnado na pasta.

topo ↕

VALOR ECONÔMICO - SP - BRASIL

MEC troca comando, mas opta mais uma vez por nome sem perfil técnico

Como prometido no final da semana passada, o presidente Jair Bolsonaro decidiu colocar "na gaveta" a aliança que tinha com o agora ex-ministro da Educação Ricardo Vélez Rodríguez e anunciou ontem a escolha no novo titular da pasta, Abraham Weintraub. Até então secretário-executivo da Casa Civil, Weintraub veio do mercado financeiro e não possui experiência conhecida em gestão pública nem em temas educacionais.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www.valor.com.br/brasil/6203391/mec-troca-comando-mas-opta-mais-uma-vez-por-nome-sem-perfil-tecnico>

topo ↕

VALOR ECONÔMICO - SP - BRASIL

Novo ministro é crítico do marxismo cultural

Número 2 de Onyx Lorenzoni na Casa Civil e discípulo de Olavo de Carvalho, o novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, veio do mercado financeiro, mas é bastante alinhado às ideias de seu antecessor, Ricardo Vélez Rodríguez. Em dezembro do ano passado, durante a Cúpula Conservadora das Américas, em Foz do Iguaçu, ele disse que é preciso vencer um suposto marxismo cultural nas universidades.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www.valor.com.br/brasil/6203393/novo-ministro-e-critico-do-marxismo-cultural>

topo ↕

VALOR ECONÔMICO - SP - POLÍTICA

Bolsonaro fala pela primeira vez em reeleição

Ao falar sobre a demissão do ex-ministro Ricardo Vélez do Ministério da Educação, Bolsonaro disse que "basicamente faltou gestão" na Pasta. "Lamentavelmente, o ministro não tinha expertise e acumulou problemas".

Na entrevista, Bolsonaro disse que as propostas mais importantes de seu governo estão sob comando do ministro da Economia, Paulo Guedes, e citou a reforma da Previdência.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www.valor.com.br/politica/6203423/bolsonaro-fala-pela-primeira-vez-em-reeleicao>

topo ↕

AGÊNCIA BRASIL - TEMPO REAL

Vélez não conseguiu organizar as coisas, diz Mourão

O economista Abraham Weintraub assumirá o comando do MEC

O vice-presidente da República, Hamilton Mourão, disse que a substituição de Ricardo Vélez foi necessária porque ele não conseguiu organizar o Ministério da Educação (MEC). O presidente Jair Bolsonaro dará posse ao economista Abraham Weintraub amanhã (9) à tarde, no comando do MEC.

“[Vélez] é uma pessoa bem-intencionada, com uma capacidade intelectual muito grande, mas acho que ele acabou não conseguindo organizar as coisas no ministério”, declarou o vice-presidente, em Washington, onde se reúne com o vice-presidente dos Estados Unidos, Mike Pence.
Estados Unidos

Sobre a reunião com Pence, Mourão disse que "primeiramente, vamos efetivamente nos apresentar. Porque, com isso, abrimos um canal de diálogo. A partir do momento em que você conhece uma pessoa é muito mais fácil conversar sobre o assunto que você deseja”.

Segundo ele, temas tratados por Bolsonaro e o presidente Donald Trump podem voltar à pauta, hoje.

“Talvez conversemos algo sobre espaço, já que estamos com este acordo de salvaguardas tecnológicas na Base de Alcântara, o que é uma janela de oportunidades muito boa para o Brasil”, disse Mourão.

O vice-presidente se referiu ao acordo para que os Estados Unidos utilizem o Centro de Lançamento de Alcântara, no Maranhão. O acordo ainda precisa ser aprovado pelo Congresso.

Sobre a proposta do governo norte-americano de construir um muro na fronteira entre os Estados Unidos e o México, Mourão lembrou que Bolsonaro já manifestou seu apoio à iniciativa. “Estou que nem um paraquedas com ele [Bolsonaro]. Estou com ele e não abro.”

Além do encontro com Pence, Mourão agendou reuniões com empresários, diplomatas e estudantes brasileiros que vivem nos Estados Unidos. Ontem (7), ele participou de uma conferência organizada por estudantes de Boston.

Passaram pelo mesmo evento, o presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Dias Toffoli, e o ministro Luís Roberto Barroso, a procuradora-geral da República, Raquel

Dodge, o ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso, o presidente do BNDES, Joaquim Levy, entre outras autoridades.

No intervalo da agenda, o vice-presidente foi a uma livraria, onde adquiriu quatro livros. Um sobre o que classificou como “radicalismo que pode estar ocorrendo nos Estados Unidos”. Outro sobre a posição da Rússia em relação à Europa. Outros dois sobre a Segunda Guerra Mundial e sobre a Guerra da Coreia.

Questionado sobre sua percepção do momento pelo qual passa o Brasil, Mourão voltou a mencionar a situação política na Venezuela. “O Brasil vive um momento muito feliz na América Latina. Estamos muito bem posicionados e vemos uma proximidade muito grande com todos os nossos vizinhos, com exceção da Venezuela – onde a solução tem que ser dada pelos próprios venezuelanos. O auxílio que a comunidade internacional está prestando é a pressão política e econômica sobre o regime do presidente Maduro”, concluiu.

topo ↕

AGÊNCIA FOLHA - TEMPO REAL

Abraham Weintraub precisa acabar com o diversionismo no MEC Em três meses, o que se viu do ex-ministro Ricardo Vélez Rodríguez foi a ideologização de questões técnicas

A mudança no Ministério da Educação (MEC) pode ser uma boa notícia se o novo ministro, Abraham Weintraub, dedicar seu tempo ao enfrentamento dos verdadeiros desafios da educação brasileira.

Nos últimos 100 dias, com Ricardo Vélez Rodríguez no cargo, infelizmente, o que se viu foi o oposto: a ideologização de questões técnicas como a alfabetização, a ameaça de tutela das avaliações educacionais e o desejo de reescrever a história, propondo que os livros didáticos deixassem de nomear como ditadura um regime que cassou direitos políticos, censurou a imprensa e as artes e perseguiu seus opositores, causando indignação até mesmo entre os militares.

Sobrou política e faltou gestão ao ex-ministro da Educação. Os principais programas do MEC estão paralisados, há incerteza nos estados e municípios quanto ao repasse de recursos de programas pactuados na gestão anterior e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) corre o risco de não ocorrer, o que prejudicaria milhões de alunos.

Os problemas da educação básica brasileira são graves e conhecidos. Metade dos alunos não está alfabetizada entre oito e nove anos de idade, 40% não termina o ensino médio antes dos 19 anos e daqueles que terminam apenas 7 em cada 100 sabem o esperado em matemática.

Nossas crianças ainda não estão nas creches e pré-escolas. E nossos professores não têm formação inicial e continuada adequadas para o salto que a educação brasileira precisa urgentemente dar.

Para enfrentar os problemas reais da educação o novo ministro deve inicialmente romper com o diversionismo ideológico e organizar uma equipe coesa e tecnicamente capaz, em oposição ao arquipélago que se transformou o MEC nesses 100 dias.

O Brasil felizmente conseguiu produzir um razoável consenso entre especialistas e

gestores educacionais de diversas matizes sobre o que deve ser feito na educação.

É fundamental que o MEC exerça seu papel e inicie já o diálogo com o conjunto de secretários estaduais e representantes dos dirigentes municipais de educação para desenhar uma agenda comum para os próximos anos.

Caberá também ao ministro e sua equipe dar solução rápida que garanta a realização do ENEM no prazo correto, destravar programas de transferências financeiras já pactuadas com os municípios e garantir apoio técnico aos estados e municípios para a implementação da nova Base Nacional Comum Curricular.

Paralelamente às urgências, o MEC precisa iniciar o desenho da nova proposta do Fundeb, o fundo que garante o financiamento da educação básica. O fundo vence em 2020 e sua renovação depende de uma emenda constitucional.

Criado em 1997 e ampliado em 2007, o fundo foi responsável pela elevação do número de alunos matriculados nas escolas e pela melhoria da remuneração dos professores, especialmente nas regiões mais vulneráveis do Brasil.

Espera-se que sua nova formatação possa contribuir para reduzir desigualdades regionais no financiamento educacional, garantindo um sistema mais equitativo.

Como se vê, a agenda é extensa e desafiadora, compreendendo ainda uma nova política para o ensino médio e a implementação de um sistema único de educação que organize as atribuições dos estados, municípios e da União.

Para dar conta desta agenda, todas as ações do novo ministro e sua equipe devem ser coerentes com um único objetivo: a garantia do direito de aprender de todas as crianças e jovens brasileiros.

Em uma democracia, o lugar da promoção de ideologias é a praça pública. De um Ministério da Educação espera-se tão somente que se dedique à nobre tarefa de garantir educação de qualidade para todas as nossas crianças e jovens.

[topo](#)

AGÊNCIA FOLHA - TEMPO REAL

Na academia, novo ministro do MEC soma baixa produção e desavenças

Artigos de Weintraub são de periódicos com reduzido índice de avaliação

Novo ministro da Educação do governo Jair Bolsonaro, Abraham Weintraub coleciona desavenças com alunos e colegas em seus cinco anos como professor pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e tem no currículo acadêmico apenas quatro artigos em periódicos científicos — todos em revistas de baixo prestígio.

Segundo seu currículo na plataforma Lattes, dois desses quatro textos foram publicados na Revista Brasileira de Previdência, que tem o irmão de Weintraub como editor-adjunto, e dois na Revista Chilena de Derecho del Trabajo y de la Seguridad Social.

Os dois periódicos acadêmicos foram enquadrados na categoria B4 para a área de administração e ciências contábeis na mais recente avaliação da **Capes** (Coordenadoria de Administração de Pessoal), órgão de pós-graduação ligado ao MEC. O indicador é o sexto mais baixo da escala, que começa no A1.

Segundo a **Capes**, a classificação é feita com a finalidade de “refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área”.

Dois dos artigos do novo ministro são sobre os sistemas de pensões e aposentadorias, e dois sobre inflação.

Um dos textos publicados na revista chilena tem o mesmo título de um na revista brasileira, mas em inglês (A Bela Adormecida: 20 anos depois, o processo inflacionário está em vias de ressurgir. Qual a dinâmica e as consequências desse movimento para a Previdência no Brasil).

Graduado em ciências econômicas pela USP em 1994, Weintraub fez mestrado na Fundação Getúlio Vargas. Ao anunciar seu nome, Bolsonaro afirmou em rede social que ele era doutor, título que ele não tem, mas depois o presidente corrigiu a informação.

Antes de se dedicar integralmente à vida acadêmica, com o ingresso na Unifesp em 2014, e, depois, ao governo, Weintraub atuou por mais de 20 anos no mercado financeiro. Foi sócio na Quest Investimentos, diretor do Banco Votorantim e CEO da Votorantim Corretora.

Ele não atualiza seu currículo Lattes desde março de 2017. A plataforma é mantida pelo CNPq (conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para agregar trabalhos e títulos de acadêmicos.

A falta de atualização diferencia o novo ministro de outros ocupantes do cargo com trajetória acadêmica. Seu antecessor Ricardo Vélez Rodríguez, por exemplo, atualizou o Lattes há 15 dias.

Já o currículo de Weintraub cita, além dos quatro artigos em periódicos acadêmicos, entrevistas e artigos em jornais e revistas, além de participação em conferências.

Em “outras informações relevantes”, o novo chefe do MEC diz: “uma de minhas maiores satisfações pessoais foi a boa receptividade dos alunos quanto ao método e a abordagem de ensino que adoto”.

Procurado na tarde desta segunda (8), Weintraub não comentou seu currículo até a publicação desta reportagem.

Apesar de citar no Lattes a relação com alunos, ele também tem em seu histórico divergências com alguns deles.

Em 2018, Abraham e seu irmão Arthur, que também é professor na Unifesp e trabalha no governo Bolsonaro, receberam críticas de parte dos alunos pelo apoio técnico à campanha do então candidato do PSL.

No Facebook, as críticas viraram ofensas que foram respondidas pelos dois docentes. As publicações diziam que os irmãos eram mau-caráter e que deveriam apanhar para deixarem de ser babacas. O irmão do novo ministro então decidiu processar pelo menos dois alunos.

Em um dos processos, Arthur pediu R\$ 5.000 por danos morais. Mas a Justiça entendeu que, apesar das palavras rudes, os professores passaram apenas por um dissabor. O caso foi arquivado, e Arthur teve de arcar com os custos processuais.

Em um caso anterior, de 2017, o novo ministro processou um aluno após uma discussão em um grupo de emails sobre mudanças no sistema administrativo do campus.

Segundo a decisão, após mensagens em tom jocoso, o estudante pediu que os emails de sua classe fossem excluídos da discussão e afirmou: “acredito que muitas outras [pessoas] não têm nenhum interesse em briguinhas de casal”.

Weintraub recorreu à Justiça afirmando que dizer “briguinhas de casal” tinha “conotação preconceituosa ao atribuir pejorativamente a ele condição de ser homossexual”.

Pediu indenização por danos morais, negada pela juíza Debora Romano Menezes, que entendeu a expressão como referência a uma discussão sem importância.

Fora da carreira acadêmica, em 2012 o novo ministro se envolveu em processo de apuração interna da BM&F-Bovespa, quando era diretor da Votorantim Corretora, ramo de investimentos em ações do Grupo Votorantim. A investigação tratou de transações financeiras de clientes da corretora que teriam se beneficiado de preços e condições artificiais de mercado.

A corretora foi acusada de faltar com atenção no cumprimento de regras de mercado e não perceber as irregularidades. Como diretor, Abraham foi citado no procedimento, mas fez um acordo para pagar R\$ 45 mil e ser retirado do processo, que foi arquivado.

Em 2017, ele processou o banco Credit Suisse por supostamente mencionar em treinamentos de profissionais do mercado financeiro uma decisão da CVM que o envolve dando “a entender que ele teria cometido crimes graves”.

Weintraub afirma tais irregularidades nunca foram praticadas de forma intencional e que decorreram de imperícia de sua equipe. A Justiça negou seu pedido de liminar.

topo ↕

AGÊNCIA GLOBO - TEMPO REAL

**Colégio eleitoral indica nesta terça novo reitor da UniRio
Pedagogo Leonardo Villela de Castro foi escolhido por comunidade acadêmica,
mas ainda concorre com outras chapas para liderar lista tríplice a ser enviada a
Bolsonaro**

RIO- A comunidade acadêmica da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) escolheu com 72% dos votos válidos o pedagogo Leonardo Villela de Castro para o cargo de reitor. A consulta feita à universidade teve votação paritária, ou seja, com mesmo peso para professores, alunos e funcionários. Agora, o professor precisa ser escolhido pelo colégio eleitoral da universidade, onde outras três chapas se inscreveram — apenas uma delas, liderada pela professora Cláudia Aiub, também participou da consulta eleitoral. Outras duas não se submeteram ao crivo da comunidade acadêmica.

Apoiado pela atual reitoria, o candidato Ricardo Silva Cardoso, hoje vice-reitor, compõe

a chapa "Experiência e inovação", que não participou da pesquisa, mas se inscreveu no colégio eleitoral. O médico e ex-membro da Marinha Helton Setta pertence à outra chapa que também não se submeteu à escolha popular, mas ofereceu o nome ao colégio eleitoral. Parte da comunidade acadêmica acusa esses dois grupos de passarem por cima do estatuto da universidade, que prevê a consulta, desrespeitando princípios democráticos.

Nesta segunda-feira, as quatro chapas fizeram uma apresentação de seus planos de gestão durante 20 minutos, em um auditório no campus da Urca. Não houve debate ou abertura para perguntas.

— Acho que a vitória foi importante, mas mais importante que a vitória foi o quórum da eleição. Isso mostrou que a comunidade está interessada no processo e quer a democracia. A quantidade de votos que tivemos foi quase a mesma da eleição passada, tendo sofrido boicote por parte de muitos professores que apoiam Ricardo ou Setta. A comunidade deu uma demonstração do que deseja, espero que o colégio eleitoral referende isso — afirmou Castro, eleito pela comunidade.

Segundo Castro, o argumento das chapas que não se apresentaram à comunidade é uma nota técnica do MEC, emitida no governo de Michel Temer, que definiu que a consulta informal à comunidade universitária deve ser feita com a proporção de mínimo de 70% de docentes, assim como acontece com o colégio eleitoral. Como a consulta foi paritária, ela estaria, no entendimento de alguns, desrespeitando essa orientação.

Nesta terça-feira, acontecerá a escolha do reitor pelo colégio eleitoral da instituição. Os estudantes convocaram um ato no evento para cobrar que a decisão das urnas seja respeitada. O colégio eleitoral é formado pelos conselhos superiores da universidade e é quem votará nominalmente e formará, com os três nomes mais votados, uma lista tríplice que será encaminhada ao presidente da República, a quem cabe nomear o reitor.

— O estatuto é claro sobre a necessidade de ter uma consulta à comunidade acadêmica prévia ao colégio eleitoral. Desde a redemocratização não há na História um reitor que não tenha passado pela consulta eleitoral. Nos anos 1990, houve um escândalo quando o governo nomeou o terceiro da lista tríplice (na UFRJ), mas passou pela consulta. A gente se pergunta o que significa ter um reitor que pode ser nomeado pelo presidente sem nem sequer passar pela pesquisa — criticou o diretor da Associação de Docentes da UniRio, Rodrigo Castelo.

O GLOBO questionou a UniRio sobre a legalidade de uma chapa apresentar sua candidatura ao colégio eleitoral sem passar pela consulta pública, mas não obteve resposta.

[topo](#)

AGÊNCIA GLOBO - TEMPO REAL

**Dever de casa: os desafios urgentes do novo titular no Ministério da Educação
Estagnação da pasta na gestão Vélez deixou sem rumo políticas públicas que atingem estados, municípios e milhões de alunos**

RIO - Indicado nesta segunda-feira pelo presidente Jair Bolsonaro, o novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, assume a pasta com uma série de problemas pendentes da gestão anterior, a cargo de Ricardo Vélez Rodríguez.

Levantamento do movimento Todos pela Educação mostrou que os cem primeiros dias do governo tiveram "muito pouco a celebrar" em termos da Educação. Políticas públicas que atingem estados, municípios e milhões de alunos e professores ficaram comprometidas com a estagnação da pasta.

Para reverter este quadro, especialistas elegeram os cinco tópicos que devem ser resolvidos prioritariamente, como se fossem um dever de casa do novo ministro:
Aprovar reformulação do Fundeb

O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb) é o mecanismo que auxilia a maioria dos municípios a terem dinheiro o suficiente para manter as condições básicas para os alunos.

Através de diferentes impostos, as cidades possuem uma reserva financeira destinada especialmente para educação. O valor é estipulado de acordo com o número de alunos e com o segmento em que eles estão.

Apesar de ter diminuído distorções regionais, o Fundeb deve passar por transformações para trazer mais equidade.

— O modelo atual do Fundeb vence no ano que vem e ele é responsável por cerca de 40% dos recursos destinados à área. Esta deve ser a preocupação número 1 do ministro, já que vai demandar dele uma participação ativa e uma boa articulação no Congresso — afirma Murtinha Gomes, pesquisadora de Educação e de políticas públicas da Universidade Federal de Pernambuco.

Atualmente, dois projetos de reformulação do Fundeb transitam na Câmara dos Deputados. Existem pressões para que o governo federal contribua com mais recursos para os municípios. Por outro lado, o atual governo já sinalizou que as cidades devem procurar soluções por elas mesmas.

— Já deveríamos estar discutindo isso e perdemos três meses. É uma política pública que afeta diretamente a realidade das escolas, não pode ficar tão solta — diz Murtinha. Nomear presidente do Inep

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) é responsável pela realização do Enem, Enade, Censo Escolar e outras avaliações e pesquisas educacionais.

O órgão está sem presidente há duas semanas, desde que Marcus Vinicius Carvalho Rodrigues foi exonerado do cargo. A demissão ocorreu após a suspensão da avaliação sobre alfabetização, que, posteriormente, foi retomada.

Após a saída de Rodrigues, o diretor de Avaliação da Educação Básica, Paulo César Teixeira — responsável pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) —, pediu demissão do cargo

— O Inep é uma autarquia central para se pensar políticas públicas educacionais. Não é só a realização do Enem que fica impactada com isso. O órgão é responsável por uma série de pesquisas que são fundamentais e possuem um ritmo contínuo de realização. A

escolha do novo presidente do Inep tem que ser certa e rápida — afirma Murtinha.

Escolher nova gráfica para o Enem

Enquanto está sem uma liderança, o Inep ganhou mais um problema para resolver. A gráfica que imprimia o Enem, a RR Donnelley, declarou falência e não vai poder realizar o serviço neste ano.

O exame é a principal porta de entrada para o ensino superior e o Inep trabalhava com esta empresa desde 2009, depois do vazamento dos cadernos de questões na gráfica que imprimia o Enem anteriormente.

A RR Donnelley tinha um sistema de segurança para evitar o máximo de contato humano com o exame, além de um parque gráfico extra para o caso de problemas com o principal.

— O Enem é quase uma vitrine do governo. Por ser um exame de realização complexa e que envolve muitas vidas, acaba ganhando uma notoriedade muito grande. O somatório de notícias ruins relacionadas à prova cria uma animosidade maior, que deve ser combatida pelo novo ministro — afirma José Celso Albuquerque, doutor em Pedagogia e especializado em avaliações.

A impressão da prova do Enem geralmente é feita em maio e junho. O Inep ainda não lançou um edital para escolher a gráfica que prestará o serviço. As provas, segundo o cronograma oficial, serão aplicadas nos dois primeiros domingos de novembro (3 e 10/11).

Implantar a BNCC

As Bases Nacional Comum Curricular (BNCC) do ensino fundamental e médio já foram homologadas, mas cabe ao Ministério da Educação a implantação das mesmas.

Especialistas apontam que este momento é fundamental para o sucesso da política educacional e que o tema ficou parado no MEC nestes três meses.

— Toda política pública é boa no papel. O problema é transformar em realidade. O MEC tem uma função fundamental em transformar a BNCC em uma realidade. Para isso, é necessário criar articulação política com os diferentes atores educacionais. Nos últimos três meses, isso foi ignorado — conta Albuquerque.

A BNCC do ensino médio ainda tem outra questão que é a própria reforma do segmento. O ministro tem como função articular com os secretários estaduais da área para que este período seja reformulado até 2021.

O novo ensino médio prevê uma flexibilização que muda toda a grade curricular do segmento e permite que o aluno possa escolher se especializar em uma área do conhecimento específica (Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas). Lidar com efeitos das falhas no Fies

O Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), que permite que estudantes curssem

faculdades particulares com empréstimos da Caixa Econômica, teve uma série de problemas no início deste ano.

Os estudantes aprovados não conseguiram se matricular nas universidades pois os dados necessários não tinham sido enviados pelo governo federal. O MEC confirmou o problema e estendeu o prazo por duas vezes.

A reclamação dos alunos não cessou, já que alguns alegam ter perdido o semestre de estudo, que não conseguirão recuperar.

O MEC afirma que a falha técnica foi resolvida e que os estudantes devem se regularizar até o dia 12, mas o novo ministro ainda deve enfrentar as consequências deste atraso.

topo ↕

BLOG DO JOSIAS DE SOUSA - TEMPO REAL

Universidade nordestina não deve ensinar filosofia, diz novo titular do MEC

O novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, avalia que universidades do Nordeste não deveriam oferecer cursos de disciplinas como sociologia e filosofia. Para ele, esses estabelecimentos deveriam priorizar o ensino de agronomia, "em parceria com Israel."

Substituto de Ricardo Vélez, demitido nesta segunda-feira, Weintraub defendeu seu ponto de vista numa transmissão ao vivo, pela internet, em setembro do ano passado. Nessa época, ele integrava a equipe que elaborou o programa de governo de Jair Bolsonaro. Discutia a peça com Luis Philippe Bragança, hoje deputado federal pelo PSL de São Paulo.

A certa altura, o agora ministro da Educação declarou: "Eu vi aqui alguns comentários do Nordeste. O plano de energia é Nordeste na veia. O plano de energia que a gente tá fazendo, fotovoltaico e eólico, é porrada no desemprego. Rápida geração de renda. E é Nordeste, por causa da questão solar."

Abraham Weintraub prosseguiu: "Em Israel, o Jair Bolsonaro tem um monte de parcerias para trazer tecnologia aqui para o Brasil. Em vez de as universidades do Nordeste ficarem aí fazendo sociologia, fazendo filosofia no agreste, [devem] fazer agronomia, em parceria com Israel. Acabar com esse ódio de Israel. Israel, nas faculdades federais, é loucura o que você escuta, né?"

Mal comparando, a ideia de privar estudantes nordestinos de determinados cursos é tão radioativa quanto outra tese que ajudou a compor o caldeirão de polêmicas que dissolveu a gestão do demitido Ricardo Vélez. O antecessor de Weintraub declarou que "universidade, do ponto de vista da capacidade, não é para todos. Somente algumas pessoas que têm desejo de estudos superiores e que se habilitam para isso entram na universidade."

topo ↕

CONGRESSO EM FOCO - TEMPO REAL

Comissão de Educação tem pressa em ouvir novo ministro da pasta, Abraham Weintraub

Horas após a indicação de Abraham Weintraub como novo titular do Ministério da Educação, a deputada Alice Portugal, vice-presidente da Comissão de Educação da

Câmara, já rascunhou um requerimento para convidá-lo a falar no colegiado. “Vou protocolar amanhã [terça, dia 9 de abril] bem cedo. Se ele puder vir já na quarta, ótimo.”, afirmou a parlamentar.

Para Alice, é necessário que Abraham deixe clara suas intenções frente à pasta, posição compartilhada com o presidente da comissão, deputado Pedro Cunha Lima (PSDB-PB). “Temos que ouvi-lo sobretudo sobre a preocupação com a visão de mundo de tudo que vai ser apresentado pelo MEC”.

Abraham assume a Educação após quatro meses conturbados na pasta, até então comandada por Ricardo Vélez Rodríguez, que se notabilizou por comentários polêmicos e por sua proximidade com o escritor Olavo de Carvalho, que o tutelou ao cargo.

O novo ministro também é fã de Olavo e já deu demonstrações públicas disso. “Quando ele (um comunista) chegar para você com o papo nhoim nhoim, xinga. Faz como o Olavo de Carvalho diz para fazer. E quando você for dialogar, não pode ter premissas racionais”, disse em um evento no fim do ano passado, conforme relato feito à época pelo jornal O Estado de S.Paulo.

“Esse ministro sai da manga da camisa do presidente, do núcleo duro do governo, com posições de extrema direita. Sofre de intolerância política, o que para a convivência educacional é péssimo. Nada mais plural que a ambiência educacional em todos os níveis”, avaliou Alice.

“Vivemos em uma democracia. Agora ele passa a ocupar uma função que exige responsabilidade e precisa mostrar tolerância e respeito”, complementou Cunha Lima sobre os comentários do novo ministro.

O presidente da Comissão de Educação da Câmara, porém, não critica a influência olavista do novo ministro. “O problema da educação não passa por Olavo de Carvalho. Se ele gosta de Olavo de Cavalho ou não, não me interessa. O que preocupa é ter um plano implementado, como vai ser a nova gestão”, afirmou e completou: “É preciso ter uma compreensão de que a baixíssima atratividade do salário dos professores, a falta de vagas em creches, a desvalorização dos profissionais, nada disso são questões ideológicas”.

Novos rumos

Abraham Weintraub se formou em ciências econômicas pela Universidade de São Paulo (USP) em 1994. É mestre em administração na área de finanças pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e professor de Ciências Contábeis na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Fez carreira no Banco Votorantim, onde atuou por 18 anos. Passou pela Quest Corretora, foi professor da Unifesp, e fundou o Centro de Estudos em Seguridade, que presta consultoria a empresas e publica uma revista sobre Previdência.

O caminho dele, todo alinhado ao mercado, também preocupa a vice-presidente a Comissão de Educação da Câmara. “Não sei exatamente a utilidade de um quadro do mercado na educação. Espero que o ministro saiba lidar com a conceituação de que a educação brasileira é laica e gratuita e não queira privatizar e quebrar esse condão da universalização”, disse a deputada Alice Portugal.

Cunha Lima, contudo, prefere esperar para avaliar. "Prefiro aguardar o início da gestão. Me preocupo mais com o resultado".

Abraham deixa a vaga de número dois da Casa Civil, onde era secretário-executivo, e tinha como principal atribuição negociações em torno da reforma da Previdência, assunto que, aliás, já acompanhava desde a pré-campanha eleitoral ao lado do irmão, Arthur Weintraub, assessor especial da Presidência da República.

topo ↕

CORREIO WEB - TEMPO REAL

**Novo ministro da Educação, Weintraub tem ideias semelhantes às de Bolsonaro
É a segunda substituição feita no governo, depois que o advogado Gustavo
Bebiano saiu da Secretaria-Geral da Presidência, e o general Floriano Peixoto
entrou**

O presidente Jair Bolsonaro colocou a “aliança” na gaveta e encerrou a participação de Ricardo Vélez Rodríguez no Ministério da Educação. A analogia do casamento — utilizada pelo próprio chefe do Executivo na última sexta-feira — era o tom do anúncio esperado para segunda-feira (8/4), quando postou no Twitter a saída do educador e a escolha do novo ministro da pasta, Abraham Weintraub. É a segunda substituição feita no governo, depois que o advogado Gustavo Bebianno saiu da Secretaria-Geral da Presidência, e o general Floriano Peixoto entrou.

A saída de Vélez era tratada como certa no governo e no Congresso. Motivos não faltaram. Considerada uma das pastas mais importantes de todo o governo, o Ministério da Educação esteve mergulhado em brigas internas e decisões polêmicas adotadas pelo agora ex-ministro. As mais recentes foram as que culminaram na demissão, quando o educador decidiu vetar uma prova que avaliaria a alfabetização de crianças e disse que promoveria alterações no conteúdo de livros didáticos para mudar a forma como o golpe militar de 1964 é ensinado (veja quadro).

Continua depois da publicidade

Tantas polêmicas em tão pouco tempo tornaram a situação insustentável. Do plano de 100 dias de governo, o Ministério de Educação ficou encarregado de lançar um programa nacional de definição de soluções didáticas e pedagógicas para a alfabetização, com a proposição de método para redução do analfabetismo. Na Esplanada, a crítica é de que nada disso avançou. Pelo contrário. Se tecnicamente Vélez deixou a desejar, politicamente foi ainda pior.

O trato do educador com os parlamentares era alvo de muitas críticas. É normal que deputados e senadores tentem agendar reuniões com ministros de Estado para apresentar demandas, sejam sugestões ou reclamações. A avaliação feita no Parlamento é de que o ex-ministro escolhia a dedo os congressistas com ideologia política semelhante, e negligenciava o atendimento a quem tinha menos afinidade. Deu errado. Nas últimas semanas, o governo foi bombardeado com reclamações feitas por parlamentares sobre a conduta dele.

A comunicação era o principal alvo de reclamação. “Pelo menos o novo ministro fala português e entende o Parlamento”, resumiu o líder do Podemos na Câmara, José Nelto (GO). Colombiano, Vélez tinha dificuldade no idioma brasileiro e não se articulava bem com as demandas parlamentares para a educação, pondera. A pouca acessibilidade com

o Congresso também é criticada pelo líder do PSC na Câmara, André Ferreira (PE). “É ruim quando tem um ministro que não é acessível. Tudo o que um líder quer é ser recebido com sua bancada para expor problemas e sugerir mudanças nos estados”, destacou.

O problema da falta de atendimento parece, por ora, resolvido. Até ontem, Weintraub era secretário executivo da Casa Civil, pasta responsável por lidar com a articulação política entre o governo e o Parlamento. Pessoas que trabalharam com ele na pasta avaliam que, com três meses à frente da função, ele adquiriu bagagem suficiente para se portar no trato com parlamentares. A análise é compartilhada por Nelto e Ferreira.

Na Casa Civil, a leitura é de que o Ministério da Educação também ganha em aspectos técnicos. Weintraub é alguém com bagagem na vida acadêmica e que representa uma linha de capacitação e qualificação técnica para propor as diretrizes de uma gestão que permita reitores e educadores terem as ferramentas da área docente. O perfil dele, dizem, segue o caminho da pacificação, mas com discurso ideológico colado com o do presidente. O novo ministro é um combatente do “marxismo cultural” (veja perfil), porém, adota uma postura discreta. “Não é o jeito do Abraham. A polêmica não ajuda muito na construção do debate com diálogo”, ponderou um interlocutor.

Criticamente

Embora seja uma escolha elogiada, a opção por Weintraub é avaliada criticamente por alguns parlamentares. A leitura é de que Bolsonaro perdeu a chance de ter indicado um congressista. Ainda que a opção fosse técnica, entendem que o presidente da República poderia ter optado por alguém ligado ao Legislativo, mediante consulta aos presidentes da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP), e a lideranças partidárias. “Poderia ser uma estratégia para segurar votos e começar a construir a base governista”, justificou um líder.

A cerimônia de posse de Weintraub está prevista para ocorrer às 14h de hoje, no Palácio do Planalto. No Twitter, Vélez evitou criar polêmica e agradeceu a oportunidade a Bolsonaro. “Confio em sua decisão e me despeço desejando ao professor Abraham Weintraub sucesso no cumprimento de sua missão”, declarou. Na mesma rede social, Bolsonaro enalteceu o novo ministro e agradeceu ao anterior. “Abraham possui ampla experiência em gestão e o conhecimento necessário para a pasta. Aproveito para agradecer ao professor Vélez pelos serviços prestados”, disse.

Docentes e analistas políticos avaliam como acertada a troca na pasta. Para o professor Ricardo Gomes, do Departamento de Políticas Públicas da Universidade de Brasília (UnB), a mudança pode trazer impacto positivo. “Vai melhorar se o ministro se preocupar em sentar com a equipe e articular um plano governamental. Quanto mais depressa ele fizer isso e se preocupar em nomear os cargos que faltam, resolver a questão da educação básica, do ensino técnico e as questões de acessibilidade e inclusão, melhor”, analisou.

* Estagiária sob a supervisão de Leonardo Meireles

topo ↕

G1 - TEMPO REAL

Novo ministro vai transformar a educação brasileira, diz Onyx Lorenzoni em Porto Alegre

Ministro-chefe da Casa Civil palestrou durante o Fórum da Liberdade, na capital gaúcha. Abraham Weintraub, indicado na manhã de segunda-feira (8) pelo presidente Jair Bolsonaro para o MEC, foi secretário-executivo da Casa Civil.

O ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, disse, nesta segunda-feira (8), que o novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, vai "transformar a educação brasileira". "O professor Abraham é concursado na Universidade Federal de São Paulo, é um economista com mestrado, sólida carreira acadêmica, grande experiência em gestão", mencionou Lorenzoni, durante participação no Fórum da Liberdade, em Porto Alegre.

Weintraub ocupava o cargo de secretário-executivo da Casa Civil, tido como cargo "número 2" do ministério, e foi indicado para o lugar de Ricardo Vélez, afastado na manhã de segunda. Conforme Lorenzoni, a escolha foi uma decisão do presidente. Durante a palestra, Lorenzoni mencionou que "aproximou" Weintraub de presidente Jair Bolsonaro.

"O homem que hoje foi indicado ministro, nós conhecemos porque ele criou um núcleo do pensamento conservador liberal, com o irmão [Arthur Weintraub]. Ele tinha a proposta da previdência fásica (feita em fases), que é uma ideia genial", disse o Onyx Lorenzoni. A proposta não é a mesma do projeto do governo federal que está em tramitação na Câmara.

Primeiros 100 dias e previdência

Durante sua palestra no evento, Lorenzoni disse que o governo irá completar os 100 primeiros dias "sem toma lá dá cá". Segundo ele, nenhum dos ministros teve alguma pré-condição para organizar suas equipes.

"Antes já se sabia quem ia estar no ministério A, B ou C. É um governo completamente novo, com autonomia, independência, construindo com o parlamento um novo caminho pro Brasil", disse. Ele também citou a redução de pastas e de cargos comissionados, em medidas tomadas no início de governo.

"Nesses primeiros dias, já oferecemos planos anticorrupção e anticrime. Começamos a recuperar a a confiança do Brasil. Por isso que a nova previdência é tão importante. Temos que consertar o barco furado da nossa previdência. O mundo mudou, vivemos mais, famílias diminuíram", completou.

Onyx comentou que o governo articula com as bases aliadas no Congresso para conseguir aprovar o projeto. "Bolsonaro já recebeu os presidentes dos seis maiores partidos na semana passada, essa semana vai receber mais seis. Nosso esforço é no sentido que parlamentares compreendam que a sociedade exige uma nova forma de relacionamento", disse. Conforme o ministro, a expectativa é que a reforma seja aprovada até início de julho.

topo ↕

METRÓPOLES - TEMPO REAL

Vélez agradece a Bolsonaro e deseja sorte ao sucessor no MEC

No seu Twitter, o ex-ministro disse confiar na decisão do presidente da República de colocar Abraham Weintraub no controle do Ministério

Pelo Twitter, o ex-ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, agradeceu ao presidente Jair Bolsonaro e desejou sorte ao seu sucessor, Abraham Weintraub.

Vélez foi comunicado da decisão em reunião com Bolsonaro, pela manhã, no Palácio do Planalto. A decisão foi formalizada em edição extra do Diário Oficial da União (DOU). A posse de Abraham ocorrerá nesta terça-feira (9/4) no Planalto, às 14h, antes da reunião do Conselho de Governo.

Expertise

Após a demissão, Jair Bolsonaro afirmou que faltou expertise e capacidade de gestão de Vélez à frente da pasta. A afirmação foi feita em entrevista exclusiva à rádio Jovem Pan nesta segunda-feira (8/4), que será veiculada na íntegra às 18h.

Bolsonaro disse que Vélez é uma pessoa “simpática, amável e competente”, mas admitiu que os problemas no Ministério da Educação (MEC) ficaram insustentáveis. “A gente não pode continuar sangrando um ministério que é importantíssimo”, declarou o presidente.

topo ↕

METRÓPOLES - TEMPO REAL

“Estamos correndo contra o relógio”, diz novo ministro sobre Enem
Abraham Weintraub afirmou que a realização do Exame Nacional do Ensino Médio é um dos principais desafios do MEC

O novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, afirmou, nesta segunda-feira (8/4), que o principal desafio do MEC é a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) dentro do cronograma pré-estabelecido pelo governo Jair Bolsonaro (PSL).

A prova nacional, que é a forma de ingresso em diversas universidades do país, está sob risco de não ser realizada em tempo após a gráfica que deveria imprimir os cadernos de exames decretar falência na semana passada. “Estamos correndo contra o relógio”, afirmou o novo ministro em entrevista à RecordTV.

As provas devem ser impressas até, no máximo, o mês de maio. É necessário um esquema de segurança, além de outras exigências, para que uma gráfica possa ser encarregada de imprimir o exame.

Carta branca

O novo chefe do MEC também disse que o presidente Bolsonaro deu a ele carta branca para montar seu ministério com pessoas de sua confiança.

Durante os três meses em que Vélez esteve no comando do ministério, mais de 90 pessoas foram demitidas. Weintraub, que foi anunciado por Bolsonaro pelo Twitter, tomará posse como ministro nesta terça, em cerimônia no Palácio do Planalto.

topo ↕

PORTAL EXAME - TEMPO REAL

Não poderia deixar MEC sangrando, diz Bolsonaro sobre demissão de Vélez
Segundo o presidente, ex-ministro não tinha "expertise" e foi acumulando "uma série de problemas" na gestão do Ministério da Educação

O presidente Jair Bolsonaro disse nesta segunda-feira, 8, que a demissão de Ricardo Vélez Rodríguez do Ministério da Educação foi motivada por problemas de “gestão”. Segundo ele, Vélez “não tinha essa expertise” e acabou “acumulando uma série de problemas”.

“Basicamente é a questão da gestão. Lamentavelmente o ministro não tinha essa expertise. Aí foi acumulando uma série de problemas. A gente não pode deixar sangrando um ministério que é importantíssimo”, afirmou o presidente durante entrevista à TV Jovem Pan.

No final da manhã de hoje, via Twitter, Bolsonaro anunciou o nome do novo ministro da Educação, Abraham Weintraub. Segundo ele, o novo titular terá liberdade para escolher seus assessores e montar sua equipe.

“Ele é do ramo. É professor universitário, sabe gerar e conversar. Está gabaritado. Todas as pessoas serão indicadas por ele. Mesmo nas minhas indicações, ele têm poder de veto”, afirmou o presidente, lembrando que há “um montão de coisas pela frente” a ser realizada.

Mais cedo, Bolsonaro anunciou que Weintraub substituiria Vézé no MEC. Professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Weintraub foi executivo do mercado financeiro, atuou no grupo Votorantim e foi membro do comitê de Trading da BM&FBovespa.

Em 2016, coordenou a apresentação de uma proposta alternativa de reforma da previdência social formulada pelos professores da Unifesp. Antes de se tornar ministro, o professor atuava como secretário executivo da Casa Civil, sob o comando de Onyx Lorenzoni.

Vézé

Pelo Twitter, o ex-ministro da Educação, Ricardo Vézé Rodríguez, agradeceu ao presidente Jair Bolsonaro e desejou sorte ao seu sucessor, Abraham Weintraub. “Agradeço ao presidente, Jair Bolsonaro, a oportunidade de estar à frente do Ministério da Educação. Confio em sua decisão e me despeço desejando ao professor, Abraham Weintraub, sucesso no cumprimento de sua missão”, escreveu.

Vézé foi comunicado da decisão em reunião com Bolsonaro, pela manhã, no Palácio do Planalto. A decisão foi formalizada em edição extra do Diário Oficial da União (DOU). A posse de Abraham ocorrerá nesta terça-feira, 9, no Planalto, às 14h, antes da reunião do Conselho de Governo.

[topo](#)

PORTAL ISTOÉ - TEMPO REAL

Para Bolsonaro, faltou gestão e expertise a Vézé no MEC

O presidente Jair Bolsonaro disse hoje (8) que a demissão de Ricardo Vézé Rodríguez do Ministério da Educação foi motivada por problemas de “gestão”. Segundo ele, Vézé “não tinha essa expertise” e acabou “acumulando uma série de problemas”.

“Basicamente é a questão da gestão. Lamentavelmente o ministro não tinha essa expertise. Aí foi acumulando uma série de problemas. A gente não pode deixar sangrando um ministério que é importantíssimo”, afirmou o presidente durante entrevista à TV Jovem Pan.

No final da manhã de hoje, via Twitter, Bolsonaro anunciou o nome do novo ministro da Educação, Abraham Weintraub. Segundo ele, o novo titular terá liberdade para escolher seus assessores e montar sua equipe.

“Ele é do ramo. É professor universitário, sabe gerar e conversar. Está gabaritado. Todas as pessoas serão indicadas por ele. Mesmo nas minhas indicações, ele têm poder de veto”, afirmou o presidente, lembrando que há “um montão de coisas pela frente” a ser realizada.

Mais cedo, Bolsonaro anunciou que Weintraub substituiria Vélez no MEC. Professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Weintraub foi executivo do mercado financeiro, atuou no grupo Votorantim e foi membro do comitê de Trading da BM&FBovespa.

Em 2016, coordenou a apresentação de uma proposta alternativa de reforma da previdência social formulada pelos professores da Unifesp. Antes de se tornar ministro, o professor atuava como secretário executivo da Casa Civil, sob o comando de Onyx Lorenzoni.

topo ↕

PORTAL VEJA - TEMPO REAL

MEC não poderia continuar ‘sangrando’ com Vélez, diz Bolsonaro

Em entrevista, presidente declarou que o agora ex-ministro não tinha expertise em gestão. Colombiano fi substituído pelo economista Abraham Weintraub

Depois de demitir o ex-ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, na manhã desta segunda-feira, 8, o presidente Jair Bolsonaro afirmou em entrevista à rádio Jovem Pan no início da noite que faltou “expertise” em gestão ao professor colombiano e que por isso o governo não poderia continuar “sangrando” a pasta. Vélez Rodríguez foi substituído pelo economista Abraham Weintraub no ministério.

“Basicamente, [foi] a questão da gestão. Lamentavelmente, o ministro não tinha essa expertise com ele e aí foi acumulando uma série de problemas, lamentavelmente chegou na situação de termos que substituir o nosso querido Vélez. É uma pessoa simpática, amável, é competente, mas a questão da gestão deixou a desejar e a gente não pode continuar sangrando com um ministério que é importantíssimo”, disse Bolsonaro. O presidente ainda citou o que entende por “aparelhamento” nas instituições ligadas ao MEC.

Sobre Weintraub, que era o secretário-executivo da Casa Civil, Jair Bolsonaro afirmou que “é uma pessoa que é do ramo, é professor universitário, sabe gerir as questões, sabe conversar. É mais uma pessoa da minha linha, é uma pessoa que está gabaritada junto com as pessoas do primeiro escalão”.

Segundo o presidente, o novo ministro terá autonomia para indicar sua equipe. A breve gestão de Vélez Rodríguez foi minada por uma série de medidas desastradas e a inabilidade do ministro em lidar com a briga por espaços de influência entre militares e “olavistas”, como são chamados os seguidores do filósofo Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo que o indicou ao cargo. Weintraub já deu declarações em que elogia o ideário de Olavo e nas quais ataca o “marxismo cultural”.

Graduado em economia pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em administração pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), Weintraub é professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Diferentemente do que foi dito por Bolsonaro no Twitter, o novo ministro da Educação não informa em seu currículo

oficial possuir doutorado. Posteriormente, o presidente corrigiu a informação.

Abraham e seu irmão, o advogado Arthur Weintraub, foram alguns dos primeiros acadêmicos a abraçar os planos presidenciais de Jair Bolsonaro. A aproximação ocorreu em 2017, quando Bolsonaro ainda não tinha sequer migrado do PSC para o PSL. Na época, foram os responsáveis por um texto em que o então pré-candidato defendia a independência do Banco Central.

Previdência

Criticado pela falta de articulação política de seu governo no momento em que a reforma da Previdência tramita no Congresso, Jair Bolsonaro declarou na entrevista que só não se empenha mais em negociar com os parlamentares porque isso poderia ser interpretado como uma “interferência” no Legislativo. Ele contou, no entanto, que tem recebido deputados e senadores para dialogar e ressaltou, como de praxe, que não discute nomeações a cargos no governo.

“Se eu me engajar mais vão dizer que estou interferindo no Legislativo, nós somos três poderes independentes. Esse é o recado que dou pro Legislativo. Fui parlamentar por 28 anos, sei o que acontece lá dentro e eles, com liberdade, tem que aproveitar essa liberdade e fazer a melhor proposta. Pegar essa nossa, fazer as devidas correções, dar um polimento e fazer a melhor reforma possível”, afirmou.

O presidente também comentou a audiência em que o ministro da Economia, Paulo Guedes, defendeu a reforma na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara. Durante a sessão no colegiado, o PSL, único partido que integra formalmente a base aliada do governo, não evitou que Guedes fosse questionado seguidamente por diversos deputados de oposição. A participação do ministro na CCJ da Câmara acabou após um bate-boca com o deputado Zeca Dirceu (PT-PR), que o chamou de “tchutchuca”.

“A bancada do PSL é bastante nova, 98% são novos ali. Faltou por parte do líder levar o pessoal pra lá, e falta a eles ainda, pela sua inexperiência política, argumentos para bem debater. Se bem que essa questão da Previdência está bem clara”, explicou Bolsonaro.

“Eu vejo como positivo o que aconteceu, apesar do massacre em cima do Paulo Guedes, mostrou a todos que esse pessoal de PT e PSOL não quer resolver nada, quer bagunçar o coreto, a ponto de você ofender o ministro, chamar ele de ‘tchutchuca’, a gente sabe o que representa isso aí. Virou rinha de galo no final, mas o ministro saiu-se muito bem”, completou.

topo ↕

TERRA - TEMPO REAL

Escolha para o MEC fortalece Onyx

Ministro da Casa Civil indicou Abraham Weintraub como solução na pasta; nome é ligado a Olavo de Carvalho e tem trânsito no Planalto

BRASÍLIA - A indicação de Abraham Weintraub para substituir Ricardo Vélez Rodríguez no Ministério da Educação foi a "solução caseira" encontrada pela equipe do presidente Jair Bolsonaro para resolver uma disputa interna e fortalece o chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni. Secretário executivo da Casa Civil, Weintraub não havia sido lembrado até então para ocupar a cadeira com mais polêmicas no governo, mas foi a saída de última hora, na tentativa de evitar mais problemas.

Em dois encontros de auxiliares com Bolsonaro, no fim de semana, a meta era achar um perfil de ministro que também ajudasse na articulação da reforma da Previdência no Congresso. Conselheiros do presidente sugeriam um político para o cargo. Nesse arranjo, a secretaria executiva do MEC ficaria sob a responsabilidade de alguém com mais capacidade de gestão.

Uma das possibilidades aventadas era fazer uma dobradinha entre o senador Izalci Lucas (PSDB-DF) e Ivan Camargo, ex-reitor da Universidade de Brasília (UnB). Outro nome mencionado era o do deputado João Roma (PRB-BA). Havia, porém, outros citados, como os generais Oswaldo Ferreira e Alessio Ribeiro Souto. Bolsonaro parecia mais inclinado por Camargo.

A surpresa veio mais tarde, quando ele anunciou a decisão de entregar a pasta, mais uma vez, para aliados do escritor Olavo de Carvalho, guru do bolsonarismo. Passaram a ser cotados para ministro, então, o secretário de Alfabetização, Carlos Nadalim, e o ex-secretário executivo adjunto Eduardo Melo.

Diante desse quadro, Onyx sugeriu Weintraub. Era, na definição do chefe da Casa Civil, a saída ideal: um técnico ligado a Olavo, mas que também tinha a confiança do Planalto. O Estado apurou que já é dada como certa a retirada dos militares do MEC.

Com dificuldades para demitir, Bolsonaro chegou a pedir desculpas a Vézé, nesta segunda-feira, 8, na última conversa. A interlocutores, definiu a situação como constrangedora, mas afirmou que o MEC não poderia continuar sangrando.

Economista, Weintraub foi levado para a campanha de Bolsonaro por Onyx, que o conheceu no Congresso em um seminário sobre Previdência, em 2017. Entusiasmado com suas propostas e com as de Arthur, seu inseparável irmão, o então deputado do DEM os convenceu a dar uma espécie de "consultoria" ao colega de Câmara.

"Eu me lembro do dia no qual nós desejávamos que ele (Bolsonaro) compreendesse o quanto era importante a independência do Banco Central para dar solidez à economia. Ele foi falar 20 minutos com um tal professor paulista da Unifesp (Weintraub). Ficou duas horas. Era contra e saiu a favor. A partir daí, fizemos o plano de governo", contou Onyx, nesta segunda.

Em 2018, os irmãos acompanharam o pré-candidato na viagem ao Japão e à Coreia do Sul. Questionado pelo Estado, no ano passado, sobre a decisão de apoiar Bolsonaro, Weintraub falou sobre patriotismo. "Diante de ameaças é necessário lutar pelo país em que se vive. Os venezuelanos descobriram isso muito tarde. Perderam o controle de sua Pátria e hoje são colônia dos ditadores que controlam Cuba. São escravos", escreveu. Na entrevista, por e-mail, rechaçou a pecha de direitista. "Esquerda ou direita, acho que é uma rotulação pobre. Somos humanistas, democratas, liberais, lemos a Bíblia (Velho e Novo Testamento) e a temos como referência." / COLABOROU BRENO PIRES

topo ↕

TERRA - TEMPO REAL

Para Bolsonaro, faltou gestão e expertise a Vézé no MEC

"Basicamente é a questão da gestão. Lamentavelmente o ministro não tinha essa expertise", disse o presidente.

O presidente Jair Bolsonaro disse nesta segunda-feira (8) que a demissão de Ricardo Vélez Rodríguez do Ministério da Educação foi motivada por problemas de "gestão". Segundo ele, Vélez "não tinha essa expertise" e acabou "acumulando uma série de problemas".

"Basicamente é a questão da gestão. Lamentavelmente o ministro não tinha essa expertise. Aí foi acumulando uma série de problemas. A gente não pode deixar sangrando um ministério que é importantíssimo", afirmou o presidente durante entrevista à TV Jovem Pan.

No final da manhã de hoje, via Twitter, Bolsonaro anunciou o nome do novo ministro da Educação, Abraham Weintraub. Segundo ele, o novo titular terá liberdade para escolher seus assessores e montar sua equipe.

"Ele é do ramo. É professor universitário, sabe gerar e conversar. Está gabaritado. Todas as pessoas serão indicadas por ele. Mesmo nas minhas indicações, ele têm poder de veto", afirmou o presidente, lembrando que há "um montão de coisas pela frente" a ser realizada.

Mais cedo, Bolsonaro anunciou que Weintraub substituiria Vélez no MEC. Professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Weintraub foi executivo do mercado financeiro, atuou no grupo Votorantim e foi membro do comitê de Trading da BM&FBovespa.

Em 2016, coordenou a apresentação de uma proposta alternativa de reforma da previdência social formulada pelos professores da Unifesp. Antes de se tornar ministro, o professor atuava como secretário executivo da Casa Civil, sob o comando de Onyx Lorenzoni.

topo 

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Para Bolsonaro, faltou gestão e expertise a Vélez no MEC

O presidente Jair Bolsonaro disse hoje (8) que a demissão de Ricardo Vélez Rodríguez do Ministério da Educação foi motivada por problemas de "gestão". Segundo ele, Vélez "não tinha essa expertise" e acabou "acumulando uma série de problemas".

"Basicamente é a questão da gestão. Lamentavelmente o ministro não tinha essa expertise. Aí foi acumulando uma série de problemas. A gente não pode deixar sangrando um ministério que é importantíssimo", afirmou o presidente durante entrevista à TV Jovem Pan.

No final da manhã de hoje, via Twitter, Bolsonaro anunciou o nome do novo ministro da Educação, Abraham Weintraub. Segundo ele, o novo titular terá liberdade para escolher seus assessores e montar sua equipe.

Abraham Weintraub, novo ministro da Educação de Bolsonaro - Rafael Carvalho/Divulgação Casa Civil

"Ele é do ramo. É professor universitário, sabe gerar e conversar. Está gabaritado. Todas as pessoas serão indicadas por ele. Mesmo nas minhas indicações, ele têm poder de veto", afirmou o presidente, lembrando que há "um montão de coisas pela frente" a ser realizada.

Mais cedo, Bolsonaro anunciou que Weintraub substituiria Vélez no MEC. Professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Weintraub foi executivo do mercado financeiro, atuou no grupo Votorantim e foi membro do comitê de Trading da BM&FBovespa.

Em 2016, coordenou a apresentação de uma proposta alternativa de reforma da previdência social formulada pelos professores da Unifesp. Antes de se tornar ministro, o professor atuava como secretário executivo da Casa Civil, sob o comando de Onyx Lorenzoni.

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Vélez não conseguiu organizar as coisas, diz Mourão

O vice-presidente da República, Hamilton Mourão, disse que a substituição de Ricardo Vélez foi necessária porque ele não conseguiu organizar o Ministério da Educação (MEC). O presidente Jair Bolsonaro dará posse ao economista Abraham Weintraub amanhã (9) à tarde, no comando do MEC.

"[Vélez] é uma pessoa bem-intencionada, com uma capacidade intelectual muito grande, mas acho que ele acabou não conseguindo organizar as coisas no ministério", declarou o vice-presidente, em Washington, onde se reúne com o vice-presidente dos Estados Unidos, Mike Pence.

Estados Unidos

Sobre a reunião com Pence, Mourão disse que "primeiramente, vamos efetivamente nos apresentar. Porque, com isso, abrimos um canal de diálogo. A partir do momento em que você conhece uma pessoa é muito mais fácil conversar sobre o assunto que você deseja".

Segundo ele, temas tratados por Bolsonaro e o presidente Donald Trump podem voltar à pauta, hoje.

"Talvez conversemos algo sobre espaço, já que estamos com este acordo de salvaguardas tecnológicas na Base de Alcântara, o que é uma janela de oportunidades muito boa para o Brasil", disse Mourão.

O vice-presidente se referiu ao acordo para que os Estados Unidos utilizem o Centro de Lançamento de Alcântara, no Maranhão. O acordo ainda precisa ser aprovado pelo Congresso.

Livros

Sobre a proposta do governo norte-americano de construir um muro na fronteira entre os Estados Unidos e o México, Mourão lembrou que Bolsonaro já manifestou seu apoio à iniciativa. "Estou que nem um paraquedas com ele [Bolsonaro]. Estou com ele e não abro."

Além do encontro com Pence, Mourão agendou reuniões com empresários, diplomatas e estudantes brasileiros que vivem nos Estados Unidos. Ontem (7), ele participou de uma conferência organizada por estudantes de Boston.

Passaram pelo mesmo evento, o presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Dias Toffoli, e o ministro Luís Roberto Barroso, a procuradora-geral da República, Raquel Dodge, o ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso, o presidente do BNDES, Joaquim Levy, entre outras autoridades.

No intervalo da agenda, o vice-presidente foi a uma livraria, onde adquiriu quatro livros. Um sobre o que classificou como "radicalismo que pode estar ocorrendo nos Estados Unidos". Outro sobre a posição da Rússia em relação à Europa. Outros dois sobre a Segunda Guerra Mundial e sobre a Guerra da Coreia.

Questionado sobre sua percepção do momento pelo qual passa o Brasil, Mourão voltou a mencionar a situação política na Venezuela. "O Brasil vive um momento muito feliz na América Latina. Estamos muito bem posicionados e vemos uma proximidade muito grande com todos os nossos vizinhos, com exceção da Venezuela - onde a solução tem que ser dada pelos próprios venezuelanos. O auxílio que a comunidade internacional está prestando é a pressão política e econômica sobre o regime do presidente Maduro", concluiu.

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Confio na decisão do presidente, diz Vélez após ser demitido do MEC

Após ter sido demitido por Jair Bolsonaro (PSL), o agora ex-ministro da Educação Ricardo Vélez Rodríguez disse que confia na decisão do presidente. Ele também agradeceu a oportunidade e desejou sorte ao seu sucessor.

"Agradeço ao presidente, Jair Bolsonaro, a oportunidade de estar à frente do Ministério da Educação. Confio em sua decisão e me despeço desejando ao professor, Abraham Weintraub, sucesso no cumprimento de sua missão", escreveu no Twitter nesta noite.

Vélez foi demitido antes de completar 100 dias à frente da pasta, em meio a uma série de polêmicas e uma onda de desonerações dentro do MEC.

Segundo o porta-voz da presidência, Otávio Rego Barros, a posse do novo ministro, Abraham Weintraub, será amanhã às 14h.

Sucessor não é ligado à Educação

O novo ministro, Abraham Weintraub, não é um nome ligado à educação.

Apesar de atuar como professor da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), Abraham fez sua carreira no mercado financeiro, com mais de 20 anos de atuação no setor bancário, passando pela Quest Investimentos, Banco Votorantim e outras instituições.

Tanto Abraham como seu irmão, Arthur Weintraub, já atuam no governo Bolsonaro.

Abraham ocupava o cargo de secretário-executivo da Casa Civil, pasta comandada por Onyx Lorenzoni (DEM). Ele também fez parte da equipe de transição após a eleição de Bolsonaro, sendo um dos responsáveis pela área da Previdência.

Abraham acompanhou o presidente na viagem internacional a Israel, no começo da

semana passada, e compareceu à reunião da CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) da Câmara sobre a reforma da Previdência, na quinta-feira (4).

O novo ministro da Educação já demonstrou simpatia pelas ideias do escritor Olavo de Carvalho, espécie de guru de Bolsonaro. Segundo a Folha de S. Paulo, Olavo foi consultado sobre a indicação do economista para a pasta.

Durante a Cúpula Conservadora das Américas, realizada em Foz de Iguaçu no ano passado, Abraham disse ser preciso combater o pensamento da esquerda, fazendo o que Olavo de Carvalho manda fazer. "Quando ele [um comunista] chegar para você com o papo nhoim nhoim, xinga. Faz como o Olavo de Carvalho diz para fazer. E quando você for dialogar, não pode ter premissas racionais", disse.

Na ocasião, ele também afirmou que é preciso vencer o marxismo cultural nas universidades e atuar para que o Brasil pare de "fazer bobagem".

Olavo de Carvalho usou seu Twitter para desejar sorte a Abraham Weintraub.

Abraham é formado em Ciências Econômicas pela USP (Universidade de São Paulo), e tem mestrado e MBA em fundos de investimento e finanças internacionais pela FGV (Fundação Getúlio Vargas).

Desde junho de 2014, atua como professor da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e atua como diretor Executivo do CES (Centro de Estudos em Seguridade). Ao contrário do que o presidente afirmou, o título de doutor não consta no currículo lattes do novo ministro.

Minutos depois de postar a indicação do economista no Twitter, Bolsonaro admitiu o erro na titulação do novo ministro.

Em nota divulgada pela Casa Civil, o ministro Onyx Lorenzoni afirmou que Abraham é um homem com uma "sólida formação", que conhece gestão e a iniciativa privada.

"Foi uma das pessoas que muito cedo acreditou na candidatura de Jair Bolsonaro. Foi junto com muitas outras pessoas, um dos formuladores do plano de governo de Bolsonaro e é uma pessoa muito importante nas tomadas de decisões de rumo do nosso governo", disse na nota.

Lorenzoni disse ainda que o Bolsonaro ganha "com um ministro capaz, um aliado leal, um administrador competente e honesto". "[Ele] sabe que a educação brasileira precisa ser transformada para verdadeiramente ser o caminho para que crianças e adolescentes possam construir uma vida melhor para si e para suas famílias", disse.

[topo](#)

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Pelo Twitter, Vélez agradece a Bolsonaro e deseja sorte ao sucessor no MEC

Brasília

Pelo Twitter, o ex-ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, agradeceu ao presidente Jair Bolsonaro e desejou sorte ao seu sucessor, Abraham Weintraub.

"Agradeço ao presidente, Jair Bolsonaro, a oportunidade de estar à frente do Ministério da Educação. Confio em sua decisão e me despeço desejando ao professor, Abraham

Weintraub, sucesso no cumprimento de sua missão", escreveu.

Vélez foi comunicado da decisão em reunião com Bolsonaro, pela manhã, no Palácio do Planalto. A decisão foi formalizada em edição extra do Diário Oficial da União (DOU). A posse de Abraham ocorrerá nesta terça-feira, 9, no Planalto, às 14h, antes da reunião do Conselho de Governo.

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Após embate com Vélez, Tábata Amaral avalia novo nome no MEC: Tristeza Tabata Amaral, 25, é cientista política, astrofísica, deputada federal por São Paulo e colunista do jornal Folha de S. Paulo
Imagem: Divulgação

Figura emblemática na derrocada de Ricardo Vélez, demitido hoje do Ministério da Educação, a deputada federal Tabata Amaral (PDT-SP) criticou a escolha do sucessor para a pasta, o economista Abraham Weintraub.

"Me causa mais tristeza do que surpresa que o ministério da educação continue sendo uma das poucas pastas para as quais admitimos ter um ministro com pouca ou nenhuma experiência na área", escreveu a parlamentar.

No mesmo post, ela pediu que Weintraub "saiba ir além das questões ideológicas e corra atrás dos prejuízos de mais de três meses de paralisia do MEC".

Além disso, Tabata afirmou que aguarda "uma apresentação da visão do ministro para os principais problemas da educação brasileira, assim como o planejamento estratégico da pasta".

A deputada ainda disse que continuará pressionando o ministério da educação para que ele "não seja um lugar de polêmicas, desmandos e demissões, mas sim de muito trabalho por uma educação pública de qualidade para todos".

O ministério passa por uma crise desde a mudança de gestão em janeiro, com uma disputa interna que já levou a decisões polêmicas, recuos e 15 exonerações por "motivos técnicos", segundo o ministro indicado pelo guru do presidente Jair Bolsonaro (PSL), o escritor e filósofo Olavo de Carvalho. Além disso, Vélez foi exonerado hoje do cargo.

Em 27 de março, Tabata criticou Vélez pela falta de projetos, de planejamento e de metas.

"Já se passaram três meses e em um trimestre não é possível que o senhor apresente um Power Point com dois, três desejos para cada área da educação. Onde estão os projetos, as metas, quem são os responsáveis? Isso não é um projeto estratégico. Isso é uma lista de desejos", afirmou a parlamentar, que não teve seus questionamentos respondidos.

Aos 25 anos, eleita a sexta deputada federal mais votada de São Paulo, ela espera que o episódio com o ministro "tenha mostrado para as pessoas que educação não é brincadeira". "Não podemos deixar que a educação simplesmente saia da agenda nacional ou quando apareça, apareça apenas por questões ideológicas", diz a deputada.

Criada na Vila Missionária, periferia de São Paulo, Tabata conseguiu uma bolsa na universidade de Harvard, nos Estados Unidos, onde se formou em ciência política e

astrofísica. Ela também é cofundadora do movimento Mapa Educação, que fiscaliza propostas políticas de ensino, e do movimento Acredito, que tem como proposta renovar a política brasileira.

BLOG DO CLAUDIO TOGNOLLI - TEMPO REAL

Quem dá mais

O presidente do **Capes**, **Anderson Correia**, voltou à bolsa de apostas como cotado para substituir Ricardo Vélez no comando do Ministério da Educação. Para políticos ligados à área, a disputa está entreele o senador Izalci Lucas (PSDB-DF).

topo ↕

HNEWS - PR - TEMPO REAL

A crise que derrubou o ministro Vélez em 9 tuítes

O ministro da Educação, Ricardo Vélez, foi demitido do posto na manhã desta segunda-feira, depois de uma série de polêmicas e desgastes que marcaram seus 97 dias na gestão do MEC.

A polêmica mais recente foi uma entrevista ao jornal Valor Econômico, no início de abril, em que Vélez afirmou que pretendia mudar a forma como o golpe de 1964 e a ditadura militar são retratados nos livros didáticos, "para dar uma visão mais ampla da história".

Na sexta-feira, em café da manhã com jornalistas em Brasília, o presidente Jair Bolsonaro afirmou que Vélez é "uma boa pessoa", mas que "está bastante claro que não está dando (sua gestão do MEC)" e indicou que o removeria do ministério hoje. Nesta segunda-feira, Bolsonaro confirmou por meio do Twitter que o colombiano naturalizado brasileiro não ocupa mais o cargo.

Como este desfecho, boa parte dos principais episódios que agora culminaram na demissão de Vélez passaram pelas redes sociais.

E alguns dos personagens mais importantes dessa trama também recorreram primeiro às redes para escancarar ou botar panos quentes nas crises que marcaram a gestão do colombiano.

A própria nomeação de Vélez foi anunciada por Bolsonaro no Twitter em novembro, ainda durante o período de transição.

Como pano de fundo da demissão, há no ministério uma disputa entre técnicos, um grupo relacionado aos quadros do Centro Paula Souza - autarquia do governo estadual de SP que administra escolas técnicas no Estado -, nomes ligados ao escritor Olavo de Carvalho e militares. Vale lembrar que, em especial, os dois últimos grupos são das bases mais importantes da gestão de Bolsonaro.

Relatos de que havia um quadro implosivo dentro do ministério irritaram Vélez, que no dia 15 escreveu no Twitter atacando a imprensa: "A mídia cumpriria seu papel com os cidadãos deste país se sua real preocupação fosse informar. Qual o interesse de vocês em fomentar uma atmosfera apocalíptica? Torcer pelo sucesso do Governo é uma opção, mas vocês querem manchetes escandalosas".

Com a concretização, na vida real, de uma crise que exibiu rugas nas redes, a BBC

News Brasil listou os tuítes que ajudam a entender os principais marcos desta crise.

Em 279 caracteres, Vélez incluiu em um tuíte uma declaração de amor e um pedido de desculpas.

"Amo o Brasil e o nosso povo, de forma incondicional, desde a minha chegada aqui, em 1979 e, especialmente, desde a minha naturalização como brasileiro, em 1997", escreveu.

Era um posicionamento em relação a uma polêmica fala sua publicada 17 dias antes, no primeiro dia de fevereiro, pela revista Veja. O ministro disse que "o brasileiro, viajando, é um canibal": "Rouba coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião; ele acha que sai de casa e pode carregar tudo. Esse é o tipo de coisa que tem de ser revertido na escola".

Publicada a entrevista, Vélez disse no Twitter que a Veja colocou palavras suas "fora de contexto" e pediu perdão "a quem tiver se sentido ofendido". A revista negou ter descontextualizado a fala de Vélez e publicou a gravação da entrevista.

Episódios como este, ao longo dos meses, criaram em parte do governo a percepção de que Vélez era uma pessoa de temperamento explosivo, segundo disse um interlocutor à BBC News Brasil.

26 de fevereiro: o hino e a carta

"Brasileiros! Vamos saudar o Brasil dos novos tempos e celebrar a educação responsável e de qualidade a ser desenvolvida na nossa escola pelos professores, em benefício de vocês, alunos, que constituem a nova geração. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!".

A mensagem escrita por Vélez Rodríguez, deveria, segundo carta por ele assinada e enviada a diretores de escolas em 25 de fevereiro, ser replicada em colégios de todo o país.

O ministro orientava que "no primeiro dia da volta às aulas, seja lida a carta que segue em anexo nesta mensagem" - com a presença de "professores, alunos e demais funcionários da escola, com todos perfilados diante da bandeira nacional (se houver)".

"Que seja executado o hino nacional" e "que um representante da escola filme trechos curtos" da leitura e da reprodução do hino, acrescentava o documento.

Já a parte final da mensagem é o bordão usado por Bolsonaro nas eleições de 2018 - por isso, ele foi acusado de levar uma mensagem eleitoral para dentro das escolas e de pedir filmagens de crianças sem que houvesse autorização dos pais para tal.

A reação foi ruim: no dia seguinte, o vice-presidente Hamilton Mourão criticou a inclusão do slogan de campanha na mensagem. "Foi o único problema que o ministro teve quando redigiu isso aí. É contra a legislação", disse.

Naquele dia 26, Vélez reconheceu o erro. No Twitter, o MEC anunciou o envio de uma nova carta do ministro, "atualizada", em que agora os diretores eram convidados a fazer

filmagens "voluntariamente": "A atividade faz parte da política de incentivo à valorização dos símbolos nacionais e a participação é voluntária".

No começo de março, o feriado de Carnaval ajudou a abaixar a temperatura das tensões no Ministério da Educação. Foi só na volta do recesso que o episódio da carta produziu seus primeiros efeitos na estrutura do ministério.

Parte do corpo do MEC, de origem técnica ou vinculada aos militares, responsabilizou os alunos e seguidores de Olavo de Carvalho - grupo conhecido como os "olavetes" - pela ideia da carta.

No Facebook, o então assessor especial da pasta Silvio Grimaldo anunciou ele próprio que deixaria o governo, como parte de um "expurgo de alunos do Olavo de Carvalho" - "a maior traição dentro do governo Bolsonaro que se viu até agora", escreveu.

Ainda na rede social, Grimaldo afirmou que ficou sabendo durante o Carnaval que perderia suas funções no gabinete e seria transferido para a **Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)** - em suas palavras, "apenas um prêmio de consolação pelos serviços prestados, uma política comum com os que se tornam indesejados no MEC". Insatisfeito com a oferta, o aluno de Olavo afirmou que havia pedido sua exoneração.

De fato, sua exoneração e a de mais cinco pessoas - incluindo Tiago Tondinelli, chefe de gabinete - seria consolidada nos dias seguintes.

Nessa leva saiu também o coronel Ricardo Roquetti, então assessor. Ele ganhou a antipatia dos "olavetes", que propagaram nas redes sociais a hashtag #ForaRoquetti.

No dia 8, o próprio Olavo também colocou a boca no trombone - do Twitter. Apesar de depois dizer que não havia rompido com o governo, o escritor disse que todos os seus alunos que ocupavam cargos vinculados ao Planalto deveriam "abandoná-los o mais cedo possível e voltar à sua vida de estudos": "O presente governo está repleto de inimigos do presidente e inimigos do povo".

"Jamais gostei da ideia de meus alunos ocuparem cargos no governo, mas, como eles se entusiasmaram com a ascensão do Bolsonaro e imaginaram que em determinados postos poderiam fazer algo de bom pelo país, achei cruel destruir essa ilusão num primeiro momento", escreveu.

Por sua vez rechaçado pelos "olavetes", Luiz Antonio Tozi, então secretário-executivo da pasta, teve sua demissão anunciada no Twitter por Vélez: "Dando sequência às mudanças necessárias, agradecemos a Luís Antônio Tozi pelo empenho de suas funções no MEC (...)".

O cargo é considerado o "número dois" do MEC. Tozi fazia parte de outro grupo influente na pasta, com origens no Centro Paula Souza.

No mesmo tuíte, Vélez anunciou que assumiria a vaga o então secretário adjunto, Rubens Barreto da Silva. Mas isso duraria pouco.

"Olavetes" não gostaram da indicação de Barreto, que acabou não concretizada.

Em 14 de março, Vélez anunciou no Twitter um novo nome: "De volta a Brasília, confirmo que Iolene Lima (@iolenemlima), da Secretaria de Educação Básica, assumirá a Secretaria Executiva do Ministério da Educação".

O bastão também ficaria nas mãos de sua nova dona, uma educadora ligada a uma igreja batista e que já ocupava outro cargo no MEC, por pouco tempo.
22 de março: um quadro bastante confuso

Mal havia criado uma conta no Twitter, Iolene teve de usar a rede para anunciar que também deixaria o ministério - ela teve dificuldades em ser aceita pelo governo Bolsonaro e seus principais apoiadores.

"Diante de um quadro bastante confuso na pasta, mesmo sem convite prévio, aceitei a nova função dentro do ministério. Novamente me coloquei à disposição para trabalhar em prol de melhorias para o setor. No entanto, hoje, após uma semana de espera, recebi a informação que não faço mais parte do grupo do MEC", escreveu, em uma mensagem que não está mais no ar.

No início da semana, uma portaria do MEC anunciou que uma prova que avaliaria a alfabetização de crianças, parte do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), não seria mais realizada em 2019 - apenas em 2021.

O episódio levou a mais atritos, demissões e recuos no ministério - que voltou atrás e, depois, revogou a portaria.

A crise foi vista como a gota d'água para a sobrevivência de Vélez à frente da pasta, e o canal GloboNews chegou a anunciar que Bolsonaro havia decidido demitir o ministro.

Poucas horas depois, no dia 27, Bolsonaro foi ao Twitter negar e acusar a imprensa: "Sofro fake news diárias como esse caso da demissão do Ministro Velez. A mídia cria narrativas".

Vélez retuitou a mensagem do presidente.

Após dar sinais claros em entrevistas de a posição de Vélez no ministério estava em risco, o presidente Bolsonaro confirmou nesta segunda-feira a demissão.

"Comunico a todos a indicação do Professor Abraham Weintraub ao cargo de Ministro da Educação. Abraham é doutor, professor universitário e possui ampla experiência em gestão e o conhecimento necessário para a pasta. Aproveito para agradecer ao Prof. Velez pelos serviços prestados", escreveu o presidente.

topo ↕

HUMANIDADES DIGITAIS - TEMPO REAL

A utilização de discursos bíblicos na construção de uma cultura de submissão

Nos últimos anos é perceptível a instrumentalização de discursos literalistas-fundamentalistas de textos bíblicos tanto nos espaços internos das Igrejas como nos espaços públicos da realidade sócio-política brasileira. Diante desta realidade esta pesquisa buscou analisar a partir de uma hermenêutica feminista a autoridade da Bíblia para a criação de uma cultura de submissão e dominação no Cristianismo das Origens e nos dias de hoje. A principal indagação gira em torno do caráter performativo retórico de textos bíblicos e como este mecanismo opera nos discursos e estratégias pedagógicas

no Ministério de Louvor Diante do Trono (MDP) da Igreja Batista de Lagoinha.

Apresentação final da pesquisa de pós-doutoramento de Isabel Felix realizada no contexto do Policredos.

Palavras-chaves: Fundamentalismo; Hermenêutica Feminista; Submissão

Nota biográfica

Isabel Felix – Pedagoga. Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo – Brasil. Professora na área de Educação no curso de Pedagogia da UNIESP, na Cidade de Caieiras no Estado de São Paulo – Brasil. Trabalha de modo especial com as disciplinas Gênero e Sexualidade na Educação, Educação e Diversidade Cultural. Como professora de Teologia trabalhou com as disciplinas dos Estudos Bíblicos e outros textos sagrados assim como Teologia e Ciência. Como professora visitante no Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo (Maio 2016) trabalhou com a disciplina Teologias Feministas: diálogos contextuais e pós-coloniais na teologia e na Ciências da Religião. Na Educação Popular coordenou um Projeto de Alfabetização de Adultos na Prefeitura de Franco da Rocha, São Paulo. Atualmente é investigadora de pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, onde integra o Núcleo de Estudo sobre Democracia Cidadania e Direito e desenvolve um projeto de pesquisa intitulado: “Sede submissos uns aos outros no temor de Cristo” – Uma análise retórico-crítica dos códigos domésticos de Colossenses e Efésios e de suas interpretações pentecostais contemporânea.” Com financiamento da **CAPES**. Interessada, especialmente em Metodologia e Hermenêutica, Religião e Direitos Humanos e na relação entre Estudos Culturais, Estudos Feministas e uma hermenêutica antropológica de textos sagrados e outros textos.

Fonte: A utilização de discursos bíblicos na construção de uma cultura de submissão

[topo](#)

R7 - TEMPO REAL

A crise que derrubou o ministro Vélez em 9 tuítes

À frente do Ministério da Educação, o colombiano Ricardo Vélez ficou sob fogo cruzado de polêmicas e disputas internas na pasta

O ministro da Educação, Ricardo Vélez, foi demitido do posto na manhã desta segunda-feira, depois de uma série de polêmicas e desgastes que marcaram seus 97 dias na gestão do MEC.

A polêmica mais recente foi uma entrevista ao jornal Valor Econômico, no início de abril, em que Vélez afirmou que pretendia mudar a forma como o golpe de 1964 e a ditadura militar são retratados nos livros didáticos, "para dar uma visão mais ampla da história".

Na sexta-feira, em café da manhã com jornalistas em Brasília, o presidente Jair Bolsonaro afirmou que Vélez é "uma boa pessoa", mas que "está bastante claro que não está dando (sua gestão do MEC)" e indicou que o removeria do ministério hoje. Nesta

segunda-feira, Bolsonaro confirmou por meio do Twitter que o colombiano naturalizado brasileiro não ocupa mais o cargo.

Como este desfecho, boa parte dos principais episódios que agora culminaram na demissão de Vélez passaram pelas redes sociais.

E alguns dos personagens mais importantes dessa trama também recorreram primeiro às redes para escancarar ou botar panos quentes nas crises que marcaram a gestão do colombiano.

A própria nomeação de Vélez foi anunciada por Bolsonaro no Twitter em novembro, ainda durante o período de transição.

BBC NEWS BRASIL

Como pano de fundo da demissão, há no ministério uma disputa entre técnicos, um grupo relacionado aos quadros do Centro Paula Souza - autarquia do governo estadual de SP que administra escolas técnicas no Estado -, nomes ligados ao escritor Olavo de Carvalho e militares. Vale lembrar que, em especial, os dois últimos grupos são das bases mais importantes da gestão de Bolsonaro.

Relatos de que havia um quadro implosivo dentro do ministério irritaram Vélez, que no dia 15 escreveu no Twitter atacando a imprensa: "A mídia cumpriria seu papel com os cidadãos deste país se sua real preocupação fosse informar. Qual o interesse de vocês em fomentar uma atmosfera apocalíptica? Torcer pelo sucesso do Governo é uma opção, mas vocês querem manchetes escandalosas".

Com a concretização, na vida real, de uma crise que exibia rugas nas redes, a BBC News Brasil listou os tuítes que ajudam a entender os principais marcos desta crise.

18 de fevereiro: Pedido de desculpas e declaração de amor

Em 279 caracteres, Vélez incluiu em um tuíte uma declaração de amor e um pedido de desculpas.

"Amo o Brasil e o nosso povo, de forma incondicional, desde a minha chegada aqui, em 1979 e, especialmente, desde a minha naturalização como brasileiro, em 1997", escreveu.

Era um posicionamento em relação a uma polêmica fala sua publicada 17 dias antes, no primeiro dia de fevereiro, pela revista Veja. O ministro disse que "o brasileiro, viajando, é um canibal": "Rouba coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião; ele acha que sai de casa e pode carregar tudo. Esse é o tipo de coisa que tem de ser revertido na escola".

Publicada a entrevista, Vélez disse no Twitter que a Veja colocou palavras suas "fora de contexto" e pediu perdão "a quem tiver se sentido ofendido". A revista negou ter descontextualizado a fala de Vélez e publicou a gravação da entrevista.

Episódios como este, ao longo dos meses, criaram em parte do governo a percepção de

que Vélez era uma pessoa de temperamento explosivo, segundo disse um interlocutor à BBC News Brasil.

26 de fevereiro: o hino e a carta

"Brasileiros! Vamos saudar o Brasil dos novos tempos e celebrar a educação responsável e de qualidade a ser desenvolvida na nossa escola pelos professores, em benefício de vocês, alunos, que constituem a nova geração. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!".

A mensagem escrita por Vélez Rodríguez, deveria, segundo carta por ele assinada e enviada a diretores de escolas em 25 de fevereiro, ser replicada em colégios de todo o país.

O ministro orientava que "no primeiro dia da volta às aulas, seja lida a carta que segue em anexo nesta mensagem" - com a presença de "professores, alunos e demais funcionários da escola, com todos perfilados diante da bandeira nacional (se houver)".

"Que seja executado o hino nacional" e "que um representante da escola filme trechos curtos" da leitura e da reprodução do hino, acrescentava o documento.

Já a parte final da mensagem é o bordão usado por Bolsonaro nas eleições de 2018 - por isso, ele foi acusado de levar uma mensagem eleitoral para dentro das escolas e de pedir filmagens de crianças sem que houvesse autorização dos pais para tal.

A reação foi ruim: no dia seguinte, o vice-presidente Hamilton Mourão criticou a inclusão do slogan de campanha na mensagem. "Foi o único problema que o ministro teve quando redigiu isso aí. É contra a legislação", disse.

Naquele dia 26, Vélez reconheceu o erro. No Twitter, o MEC anunciou o envio de uma nova carta do ministro, "atualizada", em que agora os diretores eram convidados a fazer filmagens "voluntariamente": "A atividade faz parte da política de incentivo à valorização dos símbolos nacionais e a participação é voluntária".

8 de março: a degola dos olavetes

No começo de março, o feriado de Carnaval ajudou a abaixar a temperatura das tensões no Ministério da Educação. Foi só na volta do recesso que o episódio da carta produziu seus primeiros efeitos na estrutura do ministério.

Parte do corpo do MEC, de origem técnica ou vinculada aos militares, responsabilizou os alunos e seguidores de Olavo de Carvalho - grupo conhecido como os "olavetes" - pela ideia da carta.

No Facebook, o então assessor especial da pasta Silvio Grimaldo anunciou ele próprio que deixaria o governo, como parte de um "expurgo de alunos do Olavo de Carvalho" - "a maior traição dentro do governo Bolsonaro que se viu até agora", escreveu.

Ainda na rede social, Grimaldo afirmou que ficou sabendo durante o Carnaval que perderia suas funções no gabinete e seria transferido para a **Capex (Coordenação de**

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) - em suas palavras, "apenas um prêmio de consolação pelos serviços prestados, uma política comum com os que se tornam indesejados no MEC". Insatisfeito com a oferta, o aluno de Olavo afirmou que havia pedido sua exoneração.

De fato, sua exoneração e a de mais cinco pessoas - incluindo Tiago Tondinelli, chefe de gabinete - seria consolidada nos dias seguintes.

Nessa leva saiu também o coronel Ricardo Roquetti, então assessor. Ele ganhou a antipatia dos "olavetes", que propagaram nas redes sociais a hashtag #ForaRoquetti.

No dia 8, o próprio Olavo também colocou a boca no trombone - do Twitter. Apesar de depois dizer que não havia rompido com o governo, o escritor disse que todos os seus alunos que ocupavam cargos vinculados ao Planalto deveriam "abandoná-los o mais cedo possível e voltar à sua vida de estudos": "O presente governo está repleto de inimigos do presidente e inimigos do povo".

"Jamais gostei da ideia de meus alunos ocuparem cargos no governo, mas, como eles se entusiasmaram com a ascensão do Bolsonaro e imaginaram que em determinados postos poderiam fazer algo de bom pelo país, achei cruel destruir essa ilusão num primeiro momento", escreveu.

12 de março: cai o primeiro número dois

Por sua vez rechaçado pelos "olavetes", Luiz Antonio Tozi, então secretário-executivo da pasta, teve sua demissão anunciada no Twitter por Véllez: "Dando sequência às mudanças necessárias, agradecemos a Luís Antônio Tozi pelo empenho de suas funções no MEC (...)".

O cargo é considerado o "número dois" do MEC. Tozi fazia parte de outro grupo influente na pasta, com origens no Centro Paula Souza.

No mesmo tuíte, Véllez anunciou que assumiria a vaga o então secretário adjunto, Rubens Barreto da Silva. Mas isso duraria pouco.

14 de março: a terceira número dois

"Olavetes" não gostaram da indicação de Barreto, que acabou não concretizada.

Em 14 de março, Véllez anunciou no Twitter um novo nome: "De volta a Brasília, confirmo que Iolene Lima (@iolenemlima), da Secretaria de Educação Básica, assumirá a Secretaria Executiva do Ministério da Educação".

O bastão também ficaria nas mãos de sua nova dona, uma educadora ligada a uma igreja batista e que já ocupava outro cargo no MEC, por pouco tempo.

22 de março: um quadro bastante confuso

Mal havia criado uma conta no Twitter, Iolene teve de usar a rede para anunciar que também deixaria o ministério - ela teve dificuldades em ser aceita pelo governo

Bolsonaro e seus principais apoiadores.

"Diante de um quadro bastante confuso na pasta, mesmo sem convite prévio, aceitei a nova função dentro do ministério. Novamente me coloquei à disposição para trabalhar em prol de melhorias para o setor. No entanto, hoje, após uma semana de espera, recebi a informação que não faço mais parte do grupo do MEC", escreveu, em uma mensagem que não está mais no ar.

27 de março: prenúncios da demissão

No início da semana, uma portaria do MEC anunciou que uma prova que avaliaria a alfabetização de crianças, parte do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), não seria mais realizada em 2019 - apenas em 2021.

O episódio levou a mais atritos, demissões e recuos no ministério - que voltou atrás e, depois, revogou a portaria.

A crise foi vista como a gota d'água para a sobrevivência de Vélz à frente da pasta, e o canal GloboNews chegou a anunciar que Bolsonaro havia decidido demitir o ministro.

Poucas horas depois, no dia 27, Bolsonaro foi ao Twitter negar e acusar a imprensa: "Sofro fake news diárias como esse caso da demissão do Ministro Velez. A mídia cria narrativas".

Vélz retuitou a mensagem do presidente.

8 de abril: confirmação da queda

Após dar sinais claros em entrevistas de a posição de Vélz no ministério estava em risco, o presidente Bolsonaro confirmou nesta segunda-feira a demissão.

"Comunico a todos a indicação do Professor Abraham Weintraub ao cargo de Ministro da Educação. Abraham é doutor, professor universitário e possui ampla experiência em gestão e o conhecimento necessário para a pasta. Aproveito para agradecer ao Prof. Velez pelos serviços prestados", escreveu o presidente.

topo ↕

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO - TEMPO REAL

Cortes de gastos na área científica brasileira preocupam pesquisadores

Anúncio feito pelo Governo Federal causa apreensão em comunidade técnica

O anúncio feito no final de 2018 sobre o corte de verbas na área da ciência trouxe preocupação à comunidade científica em âmbito federal, como na **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)** e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), órgãos que comandam a ciência e pesquisa no Brasil.

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

A crise que derrubou o ministro Vélz em 9 tuítes

O ministro da Educação, Ricardo Vélz, foi demitido do posto na manhã desta segunda-feira, depois de uma série de polêmicas e desgastes que marcaram seus 97 dias na gestão do MEC.

A polêmica mais recente foi uma entrevista ao jornal Valor Econômico, no início de abril, em que Véléz afirmou que pretendia mudar a forma como o golpe de 1964 e a ditadura militar são retratados nos livros didáticos, "para dar uma visão mais ampla da história".

Na sexta-feira, em café da manhã com jornalistas em Brasília, o presidente Jair Bolsonaro afirmou que Véléz é "uma boa pessoa", mas que "está bastante claro que não está dando (sua gestão do MEC)" e indicou que o removeria do ministério hoje. Nesta segunda-feira, Bolsonaro confirmou por meio do Twitter que o colombiano naturalizado brasileiro não ocupa mais o cargo.

Como este desfecho, boa parte dos principais episódios que agora culminaram na demissão de Véléz passaram pelas redes sociais.

E alguns dos personagens mais importantes dessa trama também recorreram primeiro às redes para escancarar ou botar panos quentes nas crises que marcaram a gestão do colombiano.

A própria nomeação de Véléz foi anunciada por Bolsonaro no Twitter em novembro, ainda durante o período de transição.

BBC NEWS BRASIL

Como pano de fundo da demissão, há no ministério uma disputa entre técnicos, um grupo relacionado aos quadros do Centro Paula Souza - autarquia do governo estadual de SP que administra escolas técnicas no Estado -, nomes ligados ao escritor Olavo de Carvalho e militares. Vale lembrar que, em especial, os dois últimos grupos são das bases mais importantes da gestão de Bolsonaro.

Relatos de que havia um quadro implosivo dentro do ministério irritaram Véléz, que no dia 15 escreveu no Twitter atacando a imprensa: "A mídia cumpriria seu papel com os cidadãos deste país se sua real preocupação fosse informar. Qual o interesse de vocês em fomentar uma atmosfera apocalíptica? Torcer pelo sucesso do Governo é uma opção, mas vocês querem manchetes escandalosas".

Com a concretização, na vida real, de uma crise que exibia rugas nas redes, a BBC News Brasil listou os tuítes que ajudam a entender os principais marcos desta crise.

18 de fevereiro: Pedido de desculpas e declaração de amor

Em 279 caracteres, Véléz incluiu em um tuíte uma declaração de amor e um pedido de desculpas.

"Amo o Brasil e o nosso povo, de forma incondicional, desde a minha chegada aqui, em 1979 e, especialmente, desde a minha naturalização como brasileiro, em 1997", escreveu.

Era um posicionamento em relação a uma polêmica fala sua publicada 17 dias antes, no primeiro dia de fevereiro, pela revista Veja. O ministro disse que "o brasileiro, viajando,

é um canibal": "Rouba coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião; ele acha que sai de casa e pode carregar tudo. Esse é o tipo de coisa que tem de ser revertido na escola".

Publicada a entrevista, Vélez disse no Twitter que a Veja colocou palavras suas "fora de contexto" e pediu perdão "a quem tiver se sentido ofendido". A revista negou ter descontextualizado a fala de Vélez e publicou a gravação da entrevista.

Episódios como este, ao longo dos meses, criaram em parte do governo a percepção de que Vélez era uma pessoa de temperamento explosivo, segundo disse um interlocutor à BBC News Brasil.

26 de fevereiro: o hino e a carta

"Brasileiros! Vamos saudar o Brasil dos novos tempos e celebrar a educação responsável e de qualidade a ser desenvolvida na nossa escola pelos professores, em benefício de vocês, alunos, que constituem a nova geração. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!".

A mensagem escrita por Vélez Rodríguez, deveria, segundo carta por ele assinada e enviada a diretores de escolas em 25 de fevereiro, ser replicada em colégios de todo o país.

O ministro orientava que "no primeiro dia da volta às aulas, seja lida a carta que segue em anexo nesta mensagem" - com a presença de "professores, alunos e demais funcionários da escola, com todos perfilados diante da bandeira nacional (se houver)".

"Que seja executado o hino nacional" e "que um representante da escola filme trechos curtos" da leitura e da reprodução do hino, acrescentava o documento.

Já a parte final da mensagem é o bordão usado por Bolsonaro nas eleições de 2018 - por isso, ele foi acusado de levar uma mensagem eleitoral para dentro das escolas e de pedir filmagens de crianças sem que houvesse autorização dos pais para tal.

A reação foi ruim: no dia seguinte, o vice-presidente Hamilton Mourão criticou a inclusão do slogan de campanha na mensagem. "Foi o único problema que o ministro teve quando redigiu isso aí. É contra a legislação", disse.

Naquele dia 26, Vélez reconheceu o erro. No Twitter, o MEC anunciou o envio de uma nova carta do ministro, "atualizada", em que agora os diretores eram convidados a fazer filmagens "voluntariamente": "A atividade faz parte da política de incentivo à valorização dos símbolos nacionais e a participação é voluntária".

8 de março: a degola dos olavetes

No começo de março, o feriado de Carnaval ajudou a abaixar a temperatura das tensões no Ministério da Educação. Foi só na volta do recesso que o episódio da carta produziu seus primeiros efeitos na estrutura do ministério.

Parte do corpo do MEC, de origem técnica ou vinculada aos militares, responsabilizou

os alunos e seguidores de Olavo de Carvalho - grupo conhecido como os "olavetes" - pela ideia da carta.

No Facebook, o então assessor especial da pasta Silvio Grimaldo anunciou ele próprio que deixaria o governo, como parte de um "expurgo de alunos do Olavo de Carvalho" - "a maior traição dentro do governo Bolsonaro que se viu até agora", escreveu.

Ainda na rede social, Grimaldo afirmou que ficou sabendo durante o Carnaval que perderia suas funções no gabinete e seria transferido para a **Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)** - em suas palavras, "apenas um prêmio de consolação pelos serviços prestados, uma política comum com os que se tornam indesejados no MEC". Insatisfeito com a oferta, o aluno de Olavo afirmou que havia pedido sua exoneração.

De fato, sua exoneração e a de mais cinco pessoas - incluindo Tiago Tondinelli, chefe de gabinete - seria consolidada nos dias seguintes.

Nessa leva saiu também o coronel Ricardo Roquetti, então assessor. Ele ganhou a antipatia dos "olavetes", que propagaram nas redes sociais a hashtag #ForaRoquetti.

No dia 8, o próprio Olavo também colocou a boca no trombone - do Twitter. Apesar de depois dizer que não havia rompido com o governo, o escritor disse que todos os seus alunos que ocupavam cargos vinculados ao Planalto deveriam "abandoná-los o mais cedo possível e voltar à sua vida de estudos": "O presente governo está repleto de inimigos do presidente e inimigos do povo".

"Jamais gostei da ideia de meus alunos ocuparem cargos no governo, mas, como eles se entusiasmaram com a ascensão do Bolsonaro e imaginaram que em determinados postos poderiam fazer algo de bom pelo país, achei cruel destruir essa ilusão num primeiro momento", escreveu.

12 de março: cai o primeiro número dois

Por sua vez rechaçado pelos "olavetes", Luiz Antonio Tozi, então secretário-executivo da pasta, teve sua demissão anunciada no Twitter por Vélez: "Dando sequência às mudanças necessárias, agradecemos a Luís Antônio Tozi pelo empenho de suas funções no MEC (...)".

O cargo é considerado o "número dois" do MEC. Tozi fazia parte de outro grupo influente na pasta, com origens no Centro Paula Souza.

No mesmo tuíte, Vélez anunciou que assumiria a vaga o então secretário adjunto, Rubens Barreto da Silva. Mas isso duraria pouco.

14 de março: a terceira número dois

"Olavetes" não gostaram da indicação de Barreto, que acabou não concretizada.

Em 14 de março, Vélez anunciou no Twitter um novo nome: "De volta a Brasília, confirmo que Iolene Lima (@iolenemlima), da Secretaria de Educação Básica, assumirá

a Secretaria Executiva do Ministério da Educação".

O bastão também ficaria nas mãos de sua nova dona, uma educadora ligada a uma igreja batista e que já ocupava outro cargo no MEC, por pouco tempo.

22 de março: um quadro bastante confuso

Mal havia criado uma conta no Twitter, Iolene teve de usar a rede para anunciar que também deixaria o ministério - ela teve dificuldades em ser aceita pelo governo Bolsonaro e seus principais apoiadores.

"Diante de um quadro bastante confuso na pasta, mesmo sem convite prévio, aceitei a nova função dentro do ministério. Novamente me coloquei à disposição para trabalhar em prol de melhorias para o setor. No entanto, hoje, após uma semana de espera, recebi a informação que não faço mais parte do grupo do MEC", escreveu, em uma mensagem que não está mais no ar.

27 de março: prenúncios da demissão

No início da semana, uma portaria do MEC anunciou que uma prova que avaliaria a alfabetização de crianças, parte do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), não seria mais realizada em 2019 - apenas em 2021.

O episódio levou a mais atritos, demissões e recuos no ministério - que voltou atrás e, depois, revogou a portaria.

A crise foi vista como a gota d'água para a sobrevivência de Vêlez à frente da pasta, e o canal GloboNews chegou a anunciar que Bolsonaro havia decidido demitir o ministro.

Poucas horas depois, no dia 27, Bolsonaro foi ao Twitter negar e acusar a imprensa: "Sofro fake news diárias como esse caso da demissão do Ministro Velez. A mídia cria narrativas".

Vélez retuitou a mensagem do presidente.

8 de abril: confirmação da queda

Após dar sinais claros em entrevistas de a posição de Vélez no ministério estava em risco, o presidente Bolsonaro confirmou nesta segunda-feira a demissão.

"Comunico a todos a indicação do Professor Abraham Weintraub ao cargo de Ministro da Educação. Abraham é doutor, professor universitário e possui ampla experiência em gestão e o conhecimento necessário para a pasta. Aproveito para agradecer ao Prof. Velez pelos serviços prestados", escreveu o presidente.

topo ↕

AGÊNCIA BRASIL - TEMPO REAL

Ciência no Rádio aborda gravidade modificada e cosmologia

Quadro do programa Todas as Vozes aproxima os conceitos científicos do seu dia a dia

Uma parceria da Rádio MEC com o Observatório Nacional, o quadro "Ciência no Rádio" aborda novidades e curiosidades do mundo da ciência dentro do programa Todas as Vozes.

Nesta postagem, o tema é a relação existente entre Gravidade Modificada e Cosmologia. O aumento na qualidade dos dados observacionais, decorrente do avanço tecnológico recente, levou a Cosmologia à era da precisão. Esse fato deu aos cientistas a possibilidade de testarem quantitativamente diversas hipóteses utilizadas na construção de modelos cosmológicos, assim como distinguir entre eles.

Quem explicou mais detalhes foi Simony Santos da Costa, doutora em Astronomia pelo Observatório Nacional (ON).

topo ↕

AGÊNCIA FOLHA - TEMPO REAL

Militares perdem embate e temem continuidade da crise no MEC

Ala dos generais queria ministro com mais respaldo e impor derrota a olavistas

A ida de Abraham Weintraub para o lugar do desgastado Ricardo Vélez no Ministério da Educação foi vista com desconfiança por membros da cúpula militar do governo Jair Bolsonaro. Eles temem a continuidade da crise que paralisou a pasta.

A remoção de Vélez do MEC era, para os fardados, uma oportunidade de se afirmar ante o chamado grupo ideológico do governo, aderente das ideias propagadas pelo escritor Olavo de Carvalho.

As duas alas colecionam divergências, notadamente em política externa e na educação, e Olavo já trocou críticas públicas com o vice-presidente, general Hamilton Mourão, e com general Carlos Alberto dos Santos Cruz, ministro de Governo.

Weintraub, ainda que tenha trabalhado sob a organização do general Augusto Heleno quando o hoje ministro coordenava o pré-programa de governo de Bolsonaro e não seja um aluno declarado de Olavo, vibra mais na faixa de frequência do ideólogo do que na da ala verde-oliva.

Oficiais generais da ativa e da reserva próximos de Bolsonaro defenderam para o presidente a escolha de um nome técnico, gestor respeitado no mercado e na academia. Weintraub é economista e tem experiência como professor universitário, mas é virtualmente desconhecido no meio.

O fato de sua indicação ter sido avalizada publicamente pelo filho de Bolsonaro mais próximo de Olavo, o deputado federal Eduardo (PSL-SP), está sendo visto por setores militares como uma provocação do grupo ideológico —que é integrado também pelo chanceler Ernesto Araújo e pelo assessor de assuntos internacionais do Planalto, Filipe Martins. Como revelou o Painel, o próprio escritor, ídolo de Vélez, foi consultado sobre a troca.

Os militares e empresas do setor trabalhavam a indicação do ex-secretário da área em Santa Catarina, Eduardo Deschamps, que presidiu o Conselho Nacional de Educação na gestão de Mendonça Filho (DEM) na pasta. O nome do ex-secretário pernambucano Mozart Neves Ramos também voltou a circular, com um discreto mas poderoso lobby do governador de São Paulo, João Doria (PSDB).

Também esteve na mesa a hipótese de nomear o senador Izalci Lucas (DF), mas a recusa do presidente do partido, Geraldo Alckmin, em ceder quadros da sigla para não configurar adesão ao governo Bolsonaro emperrou a negociação.

Não se sabe como ficará o MEC agora, já que a secretaria-executiva da pasta havia sido ocupada pelos militares na semana passada, com a indicação do brigadeiro da reserva Ricardo Machado. A provável remoção do militar e a escolha dos secretários do ministério serão centrais para entender se a crise continuará ou não.

Weintraub é considerado por conhecidos uma figura introvertida, com a carreira próxima da do irmão, Arthur. Ambos raramente dão entrevistas. Durante a campanha e a transição de governo, eles tentaram fazer avançar sua versão da reforma previdenciária, mas acabaram abatidos pelo hoje ministro Paulo Guedes (Economia).

Os irmãos estão entre os primeiros economistas a se juntarem ao time da pré-campanha de Bolsonaro, já no segundo semestre de 2017. Arthur é hoje assessor na Presidência, enquanto Abraham era o número dois da Casa Civil do amigo Onyx Lorenzoni (DEM).

topo ↕

AGÊNCIA FOLHA - TEMPO REAL

Olavo de Carvalho chancelou indicação de novo ministro e cobrou realocação de seus alunos no MEC

Ao escolher Abraham Weintraub para assumir o Ministério da Educação, Jair Bolsonaro contemplou uma indicação de Olavo de Carvalho. O nome do economista foi levado ao presidente em uma lista com outros dois discípulos do escritor, informa Julia Chaib.

Para fazer a indicação, pessoas próximas ao guru ideológico de ala do bolsonarismo afirmam que ele estipulou como condição que o ministro deverá nomear como secretário-executivo Eduardo de Melo, que já foi secretário-adjunto do MEC e hoje está na TV Escola.

O escritor também quer que Weintraub leve de volta à cúpula do MEC olavistas que foram exonerados ou escanteados do ministério por Ricardo Vélez, demitido nesta segunda (8). A expectativa de pessoas próximas a Olavo que estão no governo é a de que Weintraub cumpra os pedidos e anuncie as mudanças a partir desta terça (9).

O nome de Weintraub foi levado a Bolsonaro junto com o de Carlos Nadalim, secretário de Alfabetização do MEC, e o de Eduardo de Melo.

Olavistas consideram o economista o mais combativo dos três e com mais disposição de propagar no MEC a luta contra o que eles avaliam como hegemonia da esquerda nas universidades e nas escolas.

Pessoas próximas a militares esperam forte reação de integrantes das Forças Armadas à indicação de Weintraub. Generais integrantes do governo tentaram tutelar Ricardo Vélez, demitido do posto, ao indicar para a secretaria-executiva da pasta o tenente-brigadeiro Ricardo Machado.

topo ↕

AGÊNCIA FOLHA - TEMPO REAL

Novo ministro da Educação, Weintraub defende expurgo do marxismo cultural

Em evento promovido por Eduardo Bolsonaro, ele propôs xingar comunistas

Jair Bolsonaro ainda não havia sido empossado quando Abraham Weintraub e seu irmão Arthur foram à Cúpula Conservadora, evento idealizado por Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) em dezembro, e lá defenderam um expurgo do "marxismo cultural" nas universidades. Quem viam como um aliado natural nessa batalha: Olavo de Carvalho.

Os irmãos, à época, integravam a equipe de transição do presidente eleito e, voltados ao direito previdenciário, ajudaram a formular programas do futuro governo nessa área.

Abraham defendeu, no resort em Foz do Iguaçu (PR) que abrigou o encontro direitista, que dava "pra ganhar deles [da esquerda]" se os conservadores adaptassem as ideias de Olavo. Ah, e não podiam ser chatos.

“A gente tem que ser mais engraçado que os comunistas" para “ganhar a juventude”, disse, cumprindo o que prometeu já no início do painel: fazer uma apresentação “mais rock ‘n’ roll que MPB”.

Ali os irmãos Weintraub fizeram quase que um jogral para criticar o que enxergavam como um monopólio de ideias de esquerda nas universidades.

“Um pouco da contribuição que podemos dar é como vencer marxismo cultural nas universidades”, disse aquele que, exatos quatro meses depois, seria anunciado como substituto de Ricardo Vélez Rodríguez no MEC.

Abraham aconselhou a plateia: se um comunista chega com o "papo nhoim nhoim, xinga". Exatamente como o escritor Olavo de Carvalho sugere fazer. "Nesse tipo de diálogo", continuou, não dá para ter "premissas racionais".

Arthur também criticou a suposta dominação esquerdista no ensino superior do país. Contou que, quando estudou na USP, tinha “coleguinhas que diziam que não aprendiam inglês ou francês” por serem línguas imperialistas. Concluía de cara: “Esse cara tá fora do jogo”. Mas logo esses “foram para Brasília e ficaram ricos”, lamentou.

Os irmãos também alvejaram o comunismo —um vírus, segundo Arthur— e Fidel Castro. Para Abraham, o ditador não passa de um “playboy” fã de roupas de marca que atolou Cuba na pobreza.

PROXIMIDADE COM OLAVO

Weintraub foi apresentado a Bolsonaro por Onyx, mas o novo ministro da Educação tem proximidade com Olavo de Carvalho. O presidente escolheu um nome afinado ideologicamente com Olavo, mas sem vinculação direta com os grupos que disputam espaço.

A lógica, segundo auxiliares do governo, foi evitar mais briga entre olavistas e militares.

Apesar de ter sido anunciado pelo presidente como doutor, a plataforma Lattes indica que o economista tem apenas mestrado, finalizado em 2013 na FGV.

O site da Unifesp, onde o novo ministro leciona, também informa que Abraham possui

apenas mestrado.

Após o anúncio, Bolsonaro se retratou e corrigiu a informação.

Na carreira profissional, segundo o currículo oficial, foi diretor estatutário do Banco Votorantim, CEO da Votorantim Corretora no Brasil e da Votorantim Securities nos Estados Unidos e na Inglaterra.

PERÍODO VÉLEZ

A saída de Vélez era ensaiada havia algumas semanas por causa da crise permanente na pasta, expondo uma disputa entre militares e seguidores do escritor Olavo de Carvalho. Na sexta (5), Bolsonaro indicou a jornalistas que resolveria a questão nesta segunda.

Anunciado no dia 22 de novembro, Vélez Rodriguez foi uma das últimas definições para a Esplanada dos Ministérios.

A publicação no Twitter do então presidente eleito tirou o professor colombiano radicado no Brasil desde a década de 1970 de um considerável anonimato. Até dias antes, o próprio Vélez Rodríguez jamais havia pensado que um dia seria ministro da Educação.

Vélez chegou à equipe de Bolsonaro por indicação do escritor Olavo, guru e ideólogo direitista, patrocinada pelos filhos do presidente.

Professor de filosofia, identificado com o conservadorismo, antipetismo e a luta contra o marxismo cultural, Vélez fez carreira discreta na própria instituição onde atuou por quase 30 anos, a Universidade Federal de Juiz de Fora.

Sem ter se dedicado aos debates sobre políticas públicas e educação, montou uma equipe a partir da indicação de vários grupos, o que depois resultou em um mosaico de interesses e disputas.

Passaram a compor a pasta profissionais ligados aos militares, ex-alunos de Vélez, técnicos do Centro Paula Souza, de São Paulo, e discípulos de Olavo. Ironicamente, atritos com ex-alunos de Olavo provocariam o desgaste mais prolongado de Vélez.

A disputa também atrasou definição de políticas importantes para as redes de ensino, como a continuidade do apoio à implementação da Base Nacional Comum Curricular —programa retomado somente no dia 4 de abril.

Nesses três meses, dúvidas com relação às avaliações federais e sobre a definição do programa de livros didáticos, por exemplo, causaram incômodo com os secretários de educação de estados e municípios.

Recentes problemas que alunos enfrentaram para a renovação do Fies (Financiamento Estudantil) ainda atingiram estudantes. A única meta para os 100 dias do MEC foi a apresentação de uma nova política de Alfabetização. Minuta do decreto indica a predominância de apenas um método de ensino, o fônico, e condiciona o recebimento de assistência técnica e financeira à adoção dessa política.

Quando veio à tona, foi criticada. O MEC promete publicar versão final, que já está na Casa Civil, nesta semana.

topo ↕

AGÊNCIA GLOBO - TEMPO REAL

Universidades travam guerra de preços com descontos de até 70% no ensino a distância

Em casos de bacharelado, o percentual de abatimento pode chegar a 52%

RIO - Um levantamento exclusivo realizado pelo Quero Bolsa a pedido do GLOBO constatou que é possível cursar uma graduação a distância com até 70% de desconto, se for um tecnólogo, ou 52%, em casos de bacharelado. Os altos descontos aplicados a essa modalidade de ensino não são motivados por uma baixa demanda, de acordo com o diretor de Inteligência Educacional da Quero Educação, Pedro Balerine. O que acontece é um descasamento de oferta e procura, por causa de um surto de novos cursos.

- Em maio de 2017, um decreto de regulamentação do ensino a distância no país (EAD) flexibilizou alguns parâmetros e tornou mais fácil abrir novos polos de apoio presencial. Mesmo que a demanda tenha subido, a concorrência subiu bem mais, o que afeta a precificação. Há descontos mais agressivos e turmas reduzidas - explicou o diretor.

Exceção. Laura é doutoranda em Engenharia de Sistemas da Computação e sócia de uma empresa de inteligência artificial: mulheres são minoria em cursos que serão cada vez mais necessários à indústria 4.0

Foto: Pedro Teixeira / Agência O Globo

Millennials: geração é mais empreendedora e busca propósito no trabalho

A medida do governo federal diminuiu os trâmites burocráticos: antes, o polo precisava ser avaliado in loco pelo ministério para obter a liberação, o que atrasava o processo. Depois do decreto, a abertura de polos ficou vinculada apenas a indicadores de qualidade estabelecidos pelo Ministério da Educação. As instituições de ensino com conceito três, podem abrir 50 polos por ano; as com quatro, podem abrir 150, e as que tem conceito 5, 250 polos.

A Estácio, por exemplo, abriu 421 polos desde julho de 2017. Atualmente, a instituição conta com mais de 600 polos, presentes em mais de 400 municípios pelo Brasil. Desde então, a faculdade ampliou de 40 para 150 os cursos oferecidos de graduação e pós-graduação (latu sensu) a distância (EaD).

Embora o modelo de remuneração seja diferente, Balerine explica que os polos funcionam como franquias de uma empresa, pertencendo a terceiros. Uma estrutura 100% online pode custar para o investidor apenas R\$ 30 mil, enquanto uma de EAD semi-presencial custa em média R\$ 200 mil — preços mais baratos do que uma estrutura presencial. Além disso, as instituições podem solicitar credenciamento no MEC para ofertar EAD mesmo sem ter, antes, o ensino presencial, fatores que impulsionaram o surgimento de novos empreendimentos nesse segmento.

— No Rio de Janeiro, um curso de administração pode custar R\$ 200. Existe uma tendência do ser humano de associar o baixo preço à baixa qualidade, mas o preconceito está desaparecendo. Este ano, as estatísticas mostraram que 40% das matrículas foram de EAD. Creio que, em 2020, a modalidade já consiga equiparação à procura pelos cursos presenciais — apostou o diretor de inteligência educacional.

Descontos válidos durante todo o curso

Na Unicarioca, há descontos de 50% que valem durante todo o curso de EAD, para administração, ciências contábeis, pedagogia, marketing e gestão de recursos humanos. Nos semipresenciais — com carga horária 70% online e 30% presencial — o abatimento é de 40%, válido também durante toda a graduação.

- Na graduação semipresencial o aluno conta com a flexibilidade de estudar a distância a qualquer hora e lugar, junto com encontros presenciais que potencializam a aprendizagem por meio de estratégias pedagógicas dinâmicas, e ainda com um preço super acessível — defendeu o pró-reitor acadêmico da UniCarioca, Max Damas.

A Unisuum tem 17 cursos completamente a distância nas áreas de Educação e Tecnologia. Os alunos que ingressarem no segundo semestre garantem preço fixo para todas as mensalidades. E, quanto antes a matrícula for feita, menor a mensalidade. No primeiro lote, por exemplo, que começa na quarta-feira, os cursos em EAD estão sendo ofertados por R\$ 205 mensais.

Na Unigranrio, os candidatos que ingressarem até esta segunda-feira terão 50% de desconto na matrícula, 20% no primeiro ano, 10% no segundo e 5% no terceiro. Os interessados em cursar a segunda graduação podem conseguir um preço até 30% menor, assim como os alunos que fizerem transferência de outras universidades. Já a faculdade Presbiteriana Mackenzie adota a política de desconto flexível de até 20% no valor nominal da mensalidade.

— Cada polo de apoio presencial tem a autonomia de estabelecer seu percentual de desconto por curso, por turmas de alunos interessados, por convênios — dentro dos 20% estabelecidos. O nosso ticket médio nominal, sem o desconto, é de R\$ 438,00 — informou a coordenadora de EAD, Esmeralda Rizzo.

topo 

AGÊNCIA GLOBO - TEMPO REAL

Todos pela Educação - Novo ministro tem características de Vélez que tornaram MEC inoperante

Priscila Cruz, presidente da entidade, afirma que, como antecessor, Abraham Weintraub não tem experiência em gestão pública e possui viés ideológico

RIO- A educadora Priscila Cruz, presidente-executiva do Todos pela Educação, uma das entidades mais relevantes da área no Brasil, afirmou que o perfil do novo ministro da pasta, Abraham Weintraub, é muito semelhante ao de Ricardo Vélez Rodríguez, demitido nesta segunda-feira. Segundo ela, caso Weintraub não adote uma postura diferente à frente do órgão, priorizando questões educacionais urgentes, o Ministério da Educação (MEC) continuará inerte. Entre as características em comum, Cruz cita a falta de experiência em gestão e o forte perfil ideológico.

— Nós da área da educação realmente não conhecemos esse ministro. Mas o que dá para dizer é que ele tem características que o ex-ministro Vélez também tem e que fizeram com que o MEC ficasse inoperante — analisou. — Tivemos um ministério que não funcionou por 100 dias, porque o ministro não tinha experiência em gestão pública. Outras características em comum entre eles é que são pessoas que não têm formulações de políticas para a educação voltadas para a ampliação da oferta de escolas de tempo integral, formação de professores e avanço no desenvolvimento do sistema nacional de

educação. E também traz uma carga ideológica.

O ministro compareceu a uma reunião do Todos pela Educação com o ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, no final do ano passado. Mas, segundo Priscilla Cruz, não se posicionou sobre temas relativos à área em nenhum momento.

Ela defende que o novo gestor do MEC precisa estar atento às formulações de políticas públicas que já existem e ouvir especialistas na área para traçar os rumos do ministério e atender prioridades para o sistema educacional.

— Ele se apresenta como alguém que vai melhorar a gestão da pasta, mas é preciso que esteja aberto ao diálogo para entender que há caminhos já consagrados no Brasil. Temos evidências dos caminhos que devem ser tomados para melhorar os indicadores na Educação. Se esse ministro quiser trabalhar para que ao final da gestão o Brasil apresente resultados, não vai poder tomar o caminho diversionista que Vélez tomou — afirmou.

A fase mais aguda da crise no MEC começou no início de março por conta de uma disputa interna entre seguidores de Olavo de Carvalho e membros ligados à ala militar do ministério. Pelo menos 17 pessoas em postos-chave foram demitidas da pasta desde então. Em meio à confusão, o ministério ficou paralisado, afetando principalmente a educação básica.

Professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Weintraub é mestre em finanças pela FGV e executivo do mercado financeiro. Em seu currículo Lattes, na plataforma CNPq, o novo ministro da Educação informa que já atuou como CEO da Votorantim Corretora no Brasil.

topo ↕

AGÊNCIA GLOBO - TEMPO REAL

É a crônica de uma morte anunciada, diz Mourão sobre demissão de ministro da Educação

Em agenda oficial nos EUA, vice-presidente reforçou que ele e Bolsonaro são complementares

WASHINGTON — Em agenda oficial em Washington, nos Estados Unidos, o vice-presidente Hamilton Mourão comentou, no começo da tarde desta segunda-feira, a demissão do ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez.

— É a crônica de uma morte anunciada — disse o vice-presidente, em referência ao livro homônimo do escritor colombiano Gabriel García Márquez. Ainda para Mourão, apesar de protagonizar mais uma baixa no governo, Vélez tem “capacidade intelectual muito grande” e é bem intencionado.

Após meses de crise e desgaste político à frente MEC, Vélez foi demitido na manhã desta segunda-feira por Bolsonaro. Para o seu lugar, o presidente anunciou, pelo Twitter, o economista e professor Abraham Weintraub .

— O presidente (Bolsonaro) deu tempo para ele (Vélez) tentar se ajustar, mas ele não conseguiu. Então teve que trocar o ministro — concluiu Mourão, na saída da embaixada do Brasil, na capital americana, antes de seguir para almoço com influenciadores, entre eles o ambientalista Thomas Lovejoy, o escritor e jornalista venezuelano Moises Naím e

o ex-embaixador no Brasil Thomas Shannon.

Ainda sobre críticas por ter pontos de vista divergentes de Bolsonaro, Mourão voltou a declarar estar "lado a lado" com o presidente:

— Nós somos complementares nas nossas visões. Obviamente nosso objetivo é um só: ao longo do nosso mandato estabelecer uma nova base dentro do país de modo que a economia se recupere, a segurança pública volte a níveis aceitáveis e que o país tenha uma nova rota para prosseguir na direção do desenvolvimento sustentável.

Depois de passar o fim de semana em Cambridge, Boston, onde fez o discurso de encerramento da Brazil Conference, evento organizado por estudantes brasileiros das universidades de Harvard e do MIT, Mourão cumpre agenda oficial com diplomatas brasileiros.

Ainda nesta segunda estão previstos um encontro com o vice-presidente dos EUA, Mike Pence, na Casa Branca, e um jantar na Câmara de Comércio dos Estados Unidos. Nesta terça, ele se reúne com senadores membros da Comissão de Relações Exteriores do Senado.

topo ↕

AGÊNCIA GLOBO - TEMPO REAL

Nome de novo ministro da Educação é motivo de apreensão nas universidades federais

Economista Abraham Weintraub foi anunciado nesta segunda como substituto de Ricardo Vélez Rodríguez

BRASÍLIA – O anúncio do economista Abraham Weintraub como novo ministro da Educação foi recebido com apreensão pelas universidades federais, ligadas à pasta. A preocupação é que o perfil do titular anunciado pelo presidente Jair Bolsonaro nesta segunda-feira, crítico de um suposto marxismo cultural nessas instituições, resulte em cerceamento e perseguições.

Profissionais das instituições federais de ensino apontam um desgaste pré-existente entre Weintraub e o setor. Ele denunciou ser perseguido na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde dava aulas, por apoiar o então deputado Jair Bolsonaro, em 2017, que já se preparava para disputar as eleições. O ministro Onyx Lorenzoni, da Casa Civil, chegou a pedir uma audiência pública sobre o tema na Comissão de Educação da Câmara no ano passado, quando exercia o mandato de deputado federal.

De forma reservada, dirigentes de universidades federais avaliam que a relação conflituosa do setor com o Ministério da Educação (MEC) poderá se agravar em virtude do perfil de Weintraub. A análise é de que, assim como Vélez, ele carrega forte viés ideológico e não tem experiência em gestão.

Uma das principais preocupações das universidades federais, além de perda de autonomia na prática, é a elaboração do orçamento de 2020. Para este ano, os dirigentes já não esperavam muito do MEC, tendo em vista a falta de interlocução com a gestão Vélez. O respeito à lista tríplice para nomear reitores, uma tradição mantida há pelo menos 15 anos, é outra preocupação das instituições.

topo ↕

AGÊNCIA GLOBO - TEMPO REAL

Onyx Lorenzoni pediu audiência pública na Câmara para analisar perseguição na Unifesp a novo ministro da Educação

Em requerimento protocolado em maio, atual ministro da Casa Civil usou relatos de Abraham Weintraub e do irmão dele, Arthur Weintraub, como justificativa; Onyx também sugeriu debate sobre limites da autonomia universitária

RIO- Em maio do ano passado, o ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, protocolou, quando exercia o mandato de deputado federal um requerimento na comissão de Educação da Câmara dos Deputados solicitando a realização de uma audiência pública para analisar denúncias de perseguição política na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Ele pediu ainda que fosse feito um debate sobre os "limites da denominada autonomia universitária". No documento, Onyx cita como justificativa o relato dos professores Abraham Weintraub, escolhido pelo presidente Jair Bolsonaro como Ministro da Educação (MEC), e de seu irmão Arthur Weintraub. O pedido foi aprovado, mas a audiência não foi realizada e o requerimento acabou arquivado com o fim da legislatura.

Segundo Onyx, os professores estariam sendo alvo de perseguição política na Unifesp por terem participado de um seminário na Câmara sobre a reforma da Previdência e também por colaborarem com o então candidato à Presidência, Jair Bolsonaro.

O texto afirma que a atuação de Abraham e Arthur acabou "causando um indiferece mal-estar entre colegas professores e na própria reitoria da Unifesp, uma vez que a abordagem do tema, as propostas apresentadas e as demandas técnicas surgidas após o evento partiram de um campo político diverso daquele que, majoritariamente, domina o meio universitário, particularmente nas instituições federais de ensino."

Onyx cita ainda que o atual ministro da Educação e seu irmão foram disciplinados na instituição e que a defesa não conseguiu ter acesso às acusações. O deputado diz ainda que os docentes foram alvo de xingamentos e ameaças graves.

No requerimento, Onyx diz que as instituições de ensino federais estão "tomadas pelas ideologias de esquerda" e que foram transformadas de "espaço plural de educação, formação, ciência, estudo, pesquisa e integração social em verdadeiros guetos ideológicos, dominados por arautos de verdades únicas, obscurantismo e negação de processos históricos que, valendo-se de um desvirtuado conceito de autonomia universitária, pretendem impor suas ideias e concepções e mundo sem o cotejo do contraditório".

O GLOBO entrou em contato com a Unifesp para apurar o conteúdo dos procedimentos instituídos contra o ministro. A universidade afirmou apenas que "não há nenhum procedimento aberto".

[topo](#)

AGÊNCIA GLOBO - TEMPO REAL

Minha prioridade é assumir, diz novo ministro da Educação sobre primeiros atos à frente da pasta

Abraham Weintraub foi indicado por Bolsonaro para substituir Ricardo Vélez Rodríguez

RIO — O GLOBO entrou em contato com o novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, por telefone nesta segunda-feira que afirmou que sua prioridade é "assumir a pasta", mas não deu detalhes do que pretende fazer em seus primeiros dias no MEC. O

nome foi anunciado, no Twitter, junto com a demissão de Ricardo Vélez Rodríguez do MEC.

Questionado pela reportagem sobre quais serão seus primeiros atos à frente pasta, o novo ministro foi econômico:

— Não me leva a mal, mas você pode imaginar (como estou) . Nos primeiros dias, minha prioridade é assumir. Ainda não assumi.

VÉLEZ RODRÍGUEZ E SUA COLEÇÃO DE POLÊMICAS EM TRÊS MESES NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Dia do fico ou não fico

Bolsonaro demite Ricardo Vélez Rodríguez do cargo de ministro nesta segunda-feira, que ficou conhecida como "o dia do fico ou não fico" após o presidente ter admitido que Vélez não estava "dando certo". Da onda de demissões à determinação para que diretores filmassem alunos, os três meses de gestão foram repletos de polêmicas. Relembre.

Hino nacional na escolas

Carta endereçada pela assessoria de comunicação do Ministério da Educação aos diretores de escolas públicas

Vélez pediu que diretores de escolas lessem para alunos uma carta que terminava com o slogan da campanha de Bolsonaro nas eleições. O texto orientava os diretores a filmarem alunos durante a execução do hino nacional e da leitura da carta e a enviarem para o MEC os vídeos. Após uma onda de críticas, o ministro admitiu o equívoco.

Brasileiro viajando é canibal

Trecho da entrevista à Veja

Em fevereiro, Vélez disse à revista Veja que "O brasileiro viajando é um canibal". O ministro foi notificado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) para que esclarecesse o teor das declarações. Parlamentares chegaram a cogitar convidá-lo para fazer o mesmo no Congresso. Ele afirmou ainda que os turistas brasileiros roubam hotéis.

Declaração de Olavo de Carvalho

O ideólogo Olavo de Carvalho no filme O Jardim das Aflições Foto: ReproduçãoFoto: Reprodução

O escritor Olavo de Carvalho disse, em publicação numa rede social, que "Recomendei o ministro Vélez, mas se ele cometer erro ponham-no para fora". A postagem foi feita após a exoneração de seis servidores do Ministério. Leia mais

Avaliação suspensa

O MEC suspendeu a avaliação do nível de alfabetização dos alunos de 7 anos da rede pública, mas voltou atrás

Em março, o MEC determinou a suspensão dos testes de alfabetização para crianças de 7 anos, com a promessa de retomá-los apenas em 2021. A portaria foi assinada pelo Inep, órgão responsável pelos exames, mas acabou revogada no dia seguinte após a repercussão negativa. Internamente, Vélz alegou ter sido surpreendido com a medida.

Queda de braço

Pelo menos 14 pessoas do alto escalão foram demitidas por Vélz em menos de três meses de gestão. E essa crise emperrou programas importantes da pasta, prejudicando o sistema educacional brasileiro. Ganham destaque o vai e vem no cargo de secretário-executivo e a demissão do responsável pelo Inep. Entenda a crise

O ministro é gerencialmente incompetente

Após ser demitido da presidência do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) por Vélz, Marcus Vinicius Rodrigues afirmou que o ex-chefe é "gerencialmente incompetente" e "não tem controle emocional" para comandar a educação brasileira. Leia mais

Bombardeado por deputada

A deputada federal Tabata Amaral (PDT-SP) fez diversos questionamentos e críticas ao ministro da Educação durante audiência pública na Câmara. A parlamentar disse a Vélz que "A sua incapacidade de apresentar uma proposta é um desrespeito" e também pediu que ele "Mude de atitude ou saia do cargo".

Revisão dos livros didáticos de História

Ao anunciar que os livros didáticos de História iam passar por uma revisão para que as crianças "possam ter a ideia verídica, real, do que foi a sua história", Vélz classificou o golpe de 1964 como constitucional e disse que a ditadura foi "um regime democrático de força". Leia mais

Em seguida, o ministro se despediu, dizendo que estava com a agenda cheia devido ao novo cargo que ocupará no governo.

Abraham participa do governo desde a transição quando integrou o grupo para discutir sobre a Previdência Social. Professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Weintraub é mestre em finanças pela FGV e executivo do mercado financeiro. Em seu currículo Lattes, na plataforma CNPq, o novo ministro da educação informa que já atuou como CEO da Votorantim Corretora no Brasil e que atua há 20 anos no mercado financeiro.

topo ↕

G1 - TEMPO REAL

Vélz teve a terceira gestão mais curta no MEC desde 1985; veja lista com todos os ministros

Ele ficou no cargo durante 3 meses e 1 semana. Cid Gomes foi o ministro que ocupou o cargo por menos tempo: nomeado em janeiro de 2015, foi demitido em março.

O ex-ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, demitido nesta segunda-feira (08) ficou no cargo durante 3 meses e 1 semana. Apenas dois outros dois ministros tiveram gestões curtas desde a época da redemocratização do Brasil: Cid Gomes em 2015, que permaneceu 1 mês e 17 dias e Eraldo Tinoco em 1992, com 1 mês e 28 dias de gestão.

Para levantar os dados, o G1 analisou o tempo de gestão com base nos dados divulgados no Ministério da Educação (MEC). A pesquisa não contabilizou os ministros interinos, aqueles que ocupavam provisoriamente a função, na ausência do titular.

Entenda a crise no Ministério da Educação em 4 pontos
Veja todos os ministros da Educação nomeados desde 1985:

Marco Maciel

De 15 de março de 1985 até 14 de fevereiro de 1986 – 11 meses

Jorge Bornhausen

De 14 de fevereiro de 1986 até 5 de outubro de 1987 – 1 ano e 8 meses

Hugo Napoleão do Rego Neto

De 3 de novembro de 1987 até 16 de janeiro de 1989 – 2 anos e 2 meses

Carlos Corrêa de Menezes Santanna

De 16 de janeiro de 1989 até 14 de março de 1990 – 1 ano e 2 meses

Carlos Chiarelli

De 15 de março de 1990 até 21 de agosto de 1991 – 1 ano e 5 meses

José Goldemberg

De 22 de agosto de 1991 até 4 de agosto de 1992 – 1 ano

Eraldo Tinoco

De 4 de agosto de 1992 até 1 de outubro de 1992 – 1 mês e 28 dias

Murílio de Avellar Hingel

De 1 de outubro de 1992 até 1 de janeiro de 1995 – 2 anos e 3 meses

Paulo Renato Souza

De 1 de janeiro de 1995 até 1 de janeiro de 2003 – 8 anos

Cristovam Buarque

De 1 de janeiro de 2003 até 27 de janeiro de 2004 – 1 ano

Tarso Genro

De 27 de janeiro de 2004 até 29 de julho de 2005 – 1 ano e 6 meses

Fernando Haddad

De 29 de julho de 2005 até 23 de janeiro de 2012 – 7 anos

Aloizio Mercadante

De 24 de janeiro de 2012 até 2 de fevereiro de 2014 – 2 anos

José Henrique Paim

De 3 de fevereiro de 2014 até 1º de janeiro de 2015 – 11 meses

Cid Gomes

De 1º de janeiro de 2015 até 18 de março de 2015 – 1 mês e 17 dias

Renato Janine Ribeiro

De 6 de abril de 2015 até 1 de outubro de 2015 – 5 meses

Aloizio Mercadante

De 2 de outubro de 2015 até 12 de Maio de 2016 – 7 meses

Mendonça Filho

De 12 de maio de 2016 até 6 de abril de 2018 – 2 anos

Rossieli Soares

De 6 de abril de 2018 até 31 de dezembro de 2018 – 8 meses

Ricardo Vélez Rodríguez

De 1 de janeiro de 2019 até 8 de abril de 2019 – 3 meses e 1 semana

Gestão Vélez

A administração de Vélez, até aqui, foi marcada por declarações polêmicas. Ele já afirmou que o brasileiro age como um "canibal" quando viajava para o exterior. Depois disse que a declaração foi infeliz. Vélez também afirmou que pretende mudar os livros didáticos para revisar a maneira como tratam a ditadura militar e o golpe de 1964.

Durante a sua gestão houve ao menos 14 trocas em cargos importantes na pasta, editais publicados com incongruências, e que depois foram anulados, além de frases polêmicas de Vélez, que levaram a críticas.

Para o lugar de Vélez, Abraham Weintraub, foi anunciado nesta segunda (8) como ministro da Educação. Ele era secretário-executivo da Casa Civil, cargo considerado o "número 2" da pasta de Onyx Lorenzoni.

topo ↕

G1 - TEMPO REAL

Especialista receia falta de plano para o MEC; colegas apontam correção do novo ministro

A presidente-executiva da ONG Todos pela Educação, Priscilla Cruz, afirmou que o maior receio entre aqueles que trabalham no setor é o de que a nova gestão no ministério da Educação repita a anterior – “sem um plano concreto baseado em evidências para melhorar a educação básica no Brasil”.

Já integrantes do mercado financeiro e colegas do novo ministro, Abraham Weintraub, afirmam que ele tem um trato heterodoxo, sempre com declarações políticas polêmicas e controversas, mas eticamente correto.

Weintraub foi anunciado como novo ministro da Educação nesta segunda (8) pelo presidente Jair Bolsonaro, após a demissão de Ricardo Vélez Rodríguez. O novo ministro era secretário-executivo da Casa Civil, "número 2" da pasta liderada por Onyx Lorenzoni.

“Nós tivemos 100 dias de um ministério da Educação inoperante por causa de uma agenda ideológica forte, falta de experiência em gestão pública ou na questão das políticas públicas para educação básica. Pelo que olhamos no histórico de pronunciamentos, Weintraub também não tem experiência em gestão pública ou em política pública para educação básica, além de trazer também uma carga ideológica forte”, afirmou Priscilla Cruz ao blog.

Segundo a presidente-executiva da ONG Todos pela Educação, uma das mais respeitadas do país, “fica esse receio de a gente repetir o que vimos com o Vélez, com um ministério sem um plano concreto, baseado em evidências, para fazer com que a gente melhore a educação básica no Brasil”.

Priscilla Cruz diz que os sinais dos próximos dias são importantíssimos e há a expectativa de que ele surpreenda e monte uma boa equipe.

Mercado financeiro

De acordo com integrantes do mercado financeiro ouvidos pelo blog e que trabalharam diretamente com Weintraub afirmam que ele é um economista com experiência em mercado financeiro, com passagem como gestor de uma importante corretora de valores. Depois, seguiu a carreira acadêmica como professor e consultor na área de Previdência.

A indicação é avaliada por esses agentes do mercado como a de um nome técnico, sem conhecimento de educação, totalmente alinhado com o governo.

Descrito como “ultraconservador e financeiramente controlado”, Weintraub conseguiu organizar, no início de 2018, ou seja, antes do início oficial da campanha, um almoço de importantes agentes financeiros com Bolsonaro.

Iniciou a reunião dizendo, segundo pessoas presentes, que eleição do líder de direita “era a última chance de evitar a tomada do Brasil pelo comunismo”.

topo ↕

G1 - TEMPO REAL

Pesquisa da Ufopa revela potencial de castanheiras para reflorestamento de áreas degradadas

Desde 2007, Ricardo Scoles, professor da Ufopa, pesquisa o plantio, a ecologia e o manejo de castanhais nas unidades de conservação da região.

Castanheira de 10 anos de idade com moradores de Tapagem que auxiliaram no manejo do plantio experimental — Foto: Ricardo Scoles/Arquivo pessoal
Castanheira de 10 anos de idade com moradores de Tapagem que auxiliaram no manejo do plantio experimental — Foto: Ricardo Scoles/Arquivo pessoal

Castanheira de 10 anos de idade com moradores de Tapagem que auxiliaram no manejo do plantio experimental — Foto: Ricardo Scoles/Arquivo pessoal

Pesquisas desenvolvidas pela Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) em unidades de conservação da região, revelaram que castanheira é uma planta que pode ser usada para a restauração de áreas degradadas, porque responde bem a uma situação de alta luminosidade, apresentando bom desempenho.

As pesquisas começaram em 2017, com Ricardo Scoles, professor do Centro de Formação Interdisciplinar (CFI) da Ufopa, que pesquisa o plantio, a ecologia e o manejo de castanhais. O trabalho envolve tanto o estudo e o monitoramento de plantios experimentais de castanheira em diferentes condições ambientais na FLONAST, quanto a investigação da dinâmica populacional e da regeneração da castanheira nativa nos castanhais da REBIO e seu entorno.

Segundo a Ufopa, a pesquisa começou durante o doutorado de Scoles no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em Manaus, que teve como objetivo avaliar o impacto do extrativismo na regeneração da castanheira. “Durante o doutorado, planejamos uma plantação experimental para ver o desempenho da castanheira jovem em três ambientes diferentes: roçado, capoeira e floresta”, lembra.

Com o consentimento da comunidade, foram plantadas 48 mudas de castanheiras, com mais de 80 centímetros de altura, em cada ambiente. “Plantamos em roçados abandonados, em uma área de capoeira e em um castanhal próximo, de acesso por igarapé. Com a ajuda da comunidade, também acompanhamos, ano após ano, a

plantação nesses três ambientes”, explicou Scoles.

No plantio, foram utilizadas 144 mudas doadas pelo projeto do Banco de Germoplasma (INPA/MRN), coordenado pelo pesquisador Rogério Gríbel, do INPA, e financiado pela Mineração Rio do Norte (MRN). Situada em Porto Trombetas, a empresa possui um viveiro próprio, com matrizes oriundas de diferentes regiões da Amazônia. As mudas são utilizadas para o reflorestamento de áreas desmatadas pela extração da bauxita. “Utilizamos mudas selecionadas, que vieram de Trombetas, Amapá e Rondônia. As de Trombetas foram as que tiveram um desempenho melhor, seguramente porque estavam mais adaptadas ao clima local”.

A experiência foi realizada na Floresta Nacional de Saracá-Taquera (FLONAST) que possui 441.152 hectares de área. Localizada entre os municípios de Terra Santa, Oriximiná e Faro, na fronteira com o estado do Amazonas, a FLONAST é adjacente à Reserva Biológica do Rio Trombetas. O acesso principal é feito pelo distrito de Porto Trombetas, na margem esquerda do rio Trombetas, e pelos municípios de Faro e Terra Santa, pelo rio Nhamundá.

Resultados

Após uma década de monitoramento das mudas plantadas, o pesquisador observou que a mortalidade foi maior nos ambientes de floresta e de capoeira, respectivamente. Segundo Scoles, na floresta apenas oito mudas sobreviveram em dez anos. “Por ser mais sombreada, é onde tivemos a maior taxa de mortalidade e baixíssimo desempenho. As árvores são muito baixas e ainda não chegaram na parte alta da floresta”, explica.

Na capoeira, o desempenho das mudas vem aumentando nos últimos anos, devido ao manejo e limpeza das plantas, reduzindo assim a concorrência com outras espécies.

Já no ambiente de roçado, em virtude da alta luminosidade da área, as mudas apresentaram baixa taxa de mortalidade e um excelente desempenho, com crescimento de 1,50 metros de altura por ano. “A castanheira é uma espécie que, quando jovem, apresenta comportamento heliófito, ou seja, que responde bem à luz do sol, com alto desempenho. Por isso, após dez anos, já observamos, nas áreas de roçado, florações em algumas mudas, que já são árvores, e frutificação”, comemora Scoles.

“Esse plantio experimental dá algumas leituras interessantes. Primeiramente, que as mudas apresentam um desempenho maior quando tem luz. Por isso, a castanheira é uma planta que pode ser usada para a restauração de áreas degradadas, porque responde bem a uma situação de alta luminosidade, apresentando bom desempenho”, explicou o pesquisador.

Segundo Scoles, outras pesquisas também apontam que a castanheira é uma espécie com estreita relação com humanos, porque é uma planta que se beneficia de pequenas perturbações, como clareiras e aberturas, que os humanos, historicamente, sempre fizeram para plantar ou manejar a floresta. “O ser humano também pode dispersar as sementes que coleta. São dispersores involuntários, que podem promover a proliferação de castanheiras em áreas abertas e longe da planta-mãe”, explica.

Esses fatores, aliados ao caráter heliófito da castanheira, pode ajudar a entender por que, em áreas próximas das comunidades tradicionais, os castanhais são mais jovens ou mais

adensados do que em áreas mais afastadas, pois haveria uma influência humana na distribuição e na ocorrência das castanheiras. “Isso poderia explicar o surgimento de florestas com predomínio de castanheiras em áreas com histórico de uso por parte de comunidades tradicionais ou povos da floresta. Em alguns casos, pode haver uma correlação espacial entre áreas com histórico de uso por parte de comunidades tradicionais e indígenas em castanhais”.

Atualmente a pesquisa em Oriximiná conta com a participação dos cientistas Rogério Gríbel Neto, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), e Susan Aragón, pós-doutora do Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais da Amazônia (PPGRNA) da Ufopa, que está estudando a relação de espaçamento e plantio de castanheiras em áreas de terra-preta.

O projeto tem a parceria do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e financiamento do Programa de Áreas Protegidas (ARPA) da Fundação Brasileira da Biodiversidade (FUNBIO), da Fundação Amazônica Defesa da Biosfera (FDB) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Plantio

Segundo o pesquisador, nas áreas abertas de roçado, cerca de 90% das mudas sobreviveram. “Dos quatro roçados onde realizamos o plantio experimental, dois já produziram frutos. Os outros ainda não apresentaram frutos porque foram queimados, mais de uma vez, por imprudência de um morador que tinha um roçado próximo. Mesmo assim, essas plantas tiveram um bom desempenho, melhor do que as plantadas em áreas da capoeira e da floresta”, afirma.

Ainda de acordo com Scoles, as mudas que queimaram rebrotaram com força e sobreviveram. Estariam com um desempenho muito alto se não tivessem sido queimadas. Mesmo assim, estão altas, com mais de dez metros de altura, mas como foram queimadas várias vezes ainda não produziram frutos.

Scoles disse que, quando a castanheira é cortada ou queimada, ela rebrota com diferentes caules, formando uma touceira. “Há um rebrotamento, mas não com um único caule, e nós associamos isso ao fogo”, explica. “Quando a gente vê castanhais próximos a comunidades, com três ou quatro caules, ou bifurcações, supomos que provavelmente são castanheiras que sofreram algum episódio de fogo”.

Outro resultado apontado pelo estudo indica que a sobrevivência das mudas é maior quando elas são plantadas com mais de 80 centímetros de altura, quando ainda não possuem altura maior do que essa, a semente é atrativa aos roedores e outros mamíferos.

topo ↕

METRÓPOLES - TEMPO REAL

Novo ministro da Educação foi investigado pela Unifesp

Abraham Weintraub era suspeito de usar indevidamente o logotipo da instituição em consultorias. Ele assume comando do MEC no lugar de Vélez

O novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, foi investigado pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde dá aulas, por suspeita de usar indevidamente o logotipo da instituição em consultorias. A sindicância foi arquivada por falta de provas no ano passado.

Weintraub é professor licenciado de ciências atuariais do campus de Osasco da Unifesp, em que estão os cursos de administração, economia e relações internacionais. A unidade foi inaugurada em 2011, como projeto do MEC no governo Lula. O ex-presidente, hoje preso, anunciou a ampliação da universidade em 2008.

O professor havia feito graduação na Universidade de São Paulo (USP) e trabalhado na iniciativa privada. Sua experiência é na área de previdência e nunca teve cargos como gestor educacional.

topo ↕

METRÓPOLES - TEMPO REAL

Olavo a novo ministro - Se aparecer Croquetti, se esconda no banheiro Após a troca de comando no MEC, o influenciador de Bolsonaro desejou sorte ao novo chefe da Educação

O escritor de extrema-direita Olavo de Carvalho, influenciador do presidente Jair Bolsonaro (PSL), comemorou a troca de comando no Ministério da Educação. Com a saída de Ricardo Vélez Rodríguez e a chegada de Abraham Weintraub, Carvalho desejou sorte a novo ministro.

Ele usou o Facebook para comentar a nomeação. “Desejo toda a sorte do mundo ao ministro Weintraub e só advirto: se aparecer algum Croquetti dando palpite, esconda-se no banheiro”, escreveu.

Na última sexta-feira (5/4), Vélez Rodríguez, foi alvo de críticas de Olavo. Na iminência de ser exonerado do cargo, o escritor incentivou a dispensa. “Não vou fazer nada contra ele, mas garanto que não vou lamentar se o botarem para fora do ministério”, disparou.

Vélez chegou ao cargo por influência do escritor, assim como o atual chanceler brasileiro, Ernesto Araújo. Segundo Olavo, ele segue a trajetória de Vélez há, pelo menos, duas décadas.

“Conheci o prof. Vélez por seus livros sobre a história do pensamento brasileiro, publicados mais de vinte anos atrás. Nunca tomei conhecimento das suas obscenas tucanadas e clintonadas, que teriam me prevenido contra o seu comportamento traiçoeiro”, publicou na semana passada.

Nesta segunda-feira (8), Bolsonaro pôs fim à participação de Vélez na Esplanda dos Ministérios. O agora ex-ministro se envolveu em uma série de crises e levou o governo a um desgaste de imagem, colocando em dúvida a capacidade de gestão.

O compasso na pasta desandou por uma disputa de poder entre quatro alas distintas: militares, evangélicos, técnicos e aqueles que apoiam o escritor Olavo de Carvalho.

O novo ministro da Educação é economista, formado pela Universidade de São Paulo (USP) em 1994, e mestre em finanças pela Fundação Getúlio Vargas. Atualmente, ele trabalha como professor da Unifesp.

topo ↕

PORTAL ÉPOCA - TEMPO REAL

CURRÍCULO DO NOVO MINISTRO DA EDUCAÇÃO NÃO INCLUI DOUTORADO, COMO DISSE BOLSONARO

Presidente disse no Twitter que Abraham Weintraub era doutor

Ao anunciar publicamente o nome do novo ministro da Educação, o presidente Jair Bolsonaro descreveu Abraham Weintraub como professor universitário, com ampla experiência em gestão, o conhecimento necessário para a pasta, e como doutor. Há um detalhe: não há qualquer indicação pública de que Weintraub seja doutor. No currículo do acadêmico na plataforma Lattes, portal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e em que os próprios pesquisadores atualizam suas formações e publicações, o novo ministro não descreve doutorado.

No perfil, atualizado em março de 2017, Weintraub descreve um mestrado em administração, cursado entre 2012 e 2013 na Fundação Getulio Vargas, e uma graduação em ciências econômicas na Universidade de São Paulo, entre 1989 e 1994. Por fim, também mostra um MBA em administração financeira, também pela FGV, entre 2002 e 2004.

Ele é professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e atuou no mercado financeiro por cerca de 20 anos. Na iniciativa privada, trabalhou no Banco Votorantim por 18 anos, onde foi economista-chefe e diretor, e foi sócio na Quest Investimentos.

Weintraub já trabalhava no governo Bolsonaro. Era secretário-executivo da Casa Civil, e antes integrou a equipe de transição do governo. Na época, nenhum documento apontava Weintraub como doutor.

Seu irmão, Arthur Weintraub, foi responsável pela área de Previdência no período. Ambos foram indicados a Bolsonaro por Onyx Lorenzoni, que os conheceu num seminário sobre Previdência em 2017, no Congresso Nacional.

Atualização: Às 12h58, o presidente Jair Bolsonaro se corrigiu no Twitter. Ele disse que "Abraham possui mestrado em administração na área de finanças pela FGV e MBA Executivo Internacional pelo OneMBA, com título reconhecido pelas escolas: FGV/Brasil, RSM/Holanda, UNC/Estados Unidos, CUHK/China e EGADE-ITESM/México."

topo ↕

PORTAL ISTOÉ - TEMPO REAL

Novo ministro da Educação, Abraham Weintraub apoiou Marina Silva em 2014

Escolhido para comandar o Ministério da Educação, o economista Abraham Weintraub trabalha com o presidente Jair Bolsonaro desde a campanha presidencial do ano passado. Em 2014, entretanto, ele e seu irmão, o também professor universitário Arthur Weintraub, aderiram à candidatura da ex-senadora Marina Silva (Rede).

Juntos, os dois fundaram o Centro de Estudos em Seguridade, voltado para a Previdência. "Em 2014, acreditávamos que Marina era a melhor alternativa. Hoje, evidentemente, Jair Bolsonaro representa o Brasil do futuro pelo qual estamos dispostos a lutar", disseram os irmãos em uma entrevista por e-mail ao jornal O Estado de S. Paulo, durante a campanha do ano passado.

Em 2018, Abraham integrou o grupo de transição para o governo Bolsonaro e tornou-se o número dois da Casa Civil, sendo próximo do ministro Onyx Lorenzoni. Em seu currículo acadêmico na plataforma Lattes, ele se define como "executivo do mercado financeiro com mais de vinte anos de experiência", citando suas passagens pelo Banco

Votorantim e pela corretora Quest Investimentos.

Chamado por Bolsonaro de “doutor”, Abraham, segundo consta de seu currículo, atualizado pela última vez em março de 2017, é mestre em administração pela Fundação Getulio Vargas (FGV). O currículo indica ainda sua formação em Economia pela USP e sua atuação como professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Abraham teve seu nome anunciado para o comando do MEC na manhã desta segunda-feira, 8, em um tweet postado por Bolsonaro. Ele substitui Ricardo Vélez Rodríguez, demitido também nesta manhã. “Comunico a todos a indicação do Professor Abraham Weintraub ao cargo de Ministro da Educação. Abraham é doutor, professor universitário e possui ampla experiência em gestão e o conhecimento necessário para a pasta”, escreveu o presidente no Twitter.

topo ↕

PORTAL VEJA - TEMPO REAL

Demissões e projetos emperrados - o caos na gestão do MEC sob Vélez Professor colombiano foi exonerado após pandemônio na administração, agravado por intrigas com o filósofo Olavo de Carvalho e seus aliados

Ricardo Vélez Rodríguez foi exonerado nesta segunda-feira, 8, do cargo de ministro da Educação após diversos problemas envolvendo o sua gestão na pasta do governo de Jair Bolsonaro (PSL). A demissão do colombiano, que será substituído pelo economista Abraham Weintraub, é a segunda baixa na composição ministerial em pouco mais de três meses de mandato do presidente. Até a exoneração de Vélez, o MEC era o epicentro de um pandemônio no governo federal.

Reportagem de capa publicada por VEJA mostrou que, sob o comando do agora ex-ministro, projetos estavam emperrados, demissões ocorriam em série e a educação, um dos temas mais importantes da agenda nacional, estava à deriva. Após três meses de governo, nenhum projeto relevante voltado para tal tema tinha sido anunciado. Entre as 35 metas planejadas para a simbólica data dos 100 dias de governo, na próxima quinta-feira, 11, a única que diz respeito à educação é um programa de alfabetização.

Desde o início da passagem de Ricardo Vélez Rodríguez, o MEC registrou dezessete baixas em cargos de alto escalão. Funcionários do ministério de médio e baixo escalões identificados como “petistas” também foram afastados.

Enfraquecido, bombardeado por evangélicos, militares e partidos e enredado com os “olavetes”, cujo mestre é o guru bolsonarista Olavo de Carvalho, o ex-ministro só não deixou a pasta antes porque Bolsonaro não queria demiti-lo durante a crise do governo com o Congresso e, com isso, contribuir para aumentar o clima de incerteza.

Após pressões, no entanto, o presidente sinalizou na sexta-feira 5 que poderia demiti-lo nesta segunda. “Está bem claro que não está dando certo o ministro Vélez, falta gestão. Vamos tirar a aliança da mão esquerda e pôr na direita ou na gaveta”, afirmou o presidente. Durante participação em um evento em Campos do Jordão (SP), pouco depois, o colombiano disse que não entregaria o cargo. Caiu hoje.

Problemas em série:

2 de janeiro – Um edital que alterava as regras para compras de livros didáticos foi

publicado. O documento previa que as obras não precisariam mais de referências bibliográficas e permitia erros de revisão no material. Também foram revogados itens que falavam sobre a diversidade cultural brasileira e a violência contra mulheres. O edital foi anulado no mesmo dia em que foi divulgado pela imprensa (9 de janeiro) e Véléz Rodríguez culpou o governo anterior, de Michel Temer (MDB). Após a polêmica, Véléz exonerou o chefe de gabinete do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Rogério Fernando Lot, e outras nove pessoas que ocupavam cargos comissionados no órgão.

17 de janeiro – O economista Murilo Resende Ferreira foi indicado para o cargo de coordenador do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) no dia 16 de janeiro e foi demitido um dia depois, após uma acusação de plágio ter sido revelada.

2 de fevereiro – Em entrevista a VEJA, o colombiano comentou sobre a faxina ideológica em curso no ministério. Em uma das respostas, quando perguntado sobre a educação moral e cívica voltar ao currículo, o ex-ministro afirmou que “o brasileiro viajando é um canibal. Rouba coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião; ele acha que sai de casa e pode carregar tudo. Esse é o tipo de coisa que tem de ser revertido na escola”. Ele recebeu uma notificação do STF e precisou dar explicações sobre a declaração. Depois, disse que as declarações a VEJA haviam sido colocadas “fora de contexto”. Para efeito de clareza ou motivos de espaço, a revista edita a fala de seus entrevistados, mas não altera seu sentido nem seu espírito – como se pode constatar na gravação abaixo:

5 de fevereiro – Mais de 10,6 milhões de livros literários escolhidos por professores de escolas públicas para serem usados pelos alunos ao longo de 2019 ainda não tinham sido comprados, enquanto já aconteciam as aulas na maioria das redes de ensino.

25 de fevereiro – Véléz enviou cartas a diretores de escolas pedindo para que eles filmassem alunos cantando o Hino Nacional e determinando a leitura de mensagem com o slogan de campanha de Bolsonaro: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Após críticas e sob risco de ter que responder por improbidade administrativa, voltou atrás.

28 de fevereiro – O ministro recebeu queixas públicas sobre o seu comportamento na relação com parlamentares. O líder do Podemos, deputado José Nelto (GO), afirmou que tentava desde o início do mês uma audiência com Véléz Rodríguez. “Queremos apresentar proposta do Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa. Faz três semanas e não tem nem resposta”, disse. As reclamações foram encaminhadas a Jair Bolsonaro.

8 de março – Olavo de Carvalho, guru intelectual de Bolsonaro e responsável pela indicação de Véléz ao cargo, orientou aos seus alunos a deixarem o governo. Ele afirmou que a equipe do governo estava cheia de “inimigos do próprio presidente e do povo”. A partir disso, aliados do ex-ministro e os de Olavo passaram a travarem uma disputa nos bastidores do MEC. Um dos “olavetes” mais fervorosos da pasta, Silvio Grimaldo, foi exonerado da pasta pelo então ministro. Dois dias depois, foi a vez de um diretor da pasta, o coronel Ricardo Roquetti, ser dispensado, após uma reunião fora da agenda entre o ministro e o presidente Jair Bolsonaro.

12 de março – Mais seis nomes do primeiro escalão foram exonerados, incluindo os

olavistas Tiago Tondinelli (ex-chefe de gabinete do ministro), Eduardo Miranda Freire de Melo (ex-secretário executivo adjunto da secretaria-executiva do ministério) e Silvio Grimaldo de Camargo (assessor especial do ministro). Sob a mira do grupo alinhado a Olavo de Carvalho, Luiz Tozi, então secretário-executivo da pasta, e Ricardo Wagner Roquetti, diretor de programa da Secretaria Executiva do Ministério da Educação, dois dos assessores mais próximos de Vélez, também foram demitidos.

14 de março – A pedagoga Iolene Lima foi nomeada como secretária-executiva da pasta pelo ex-ministro. Ela é ligada à Primeira Igreja Batista de São José dos Campos, em São Paulo. Oito dias após o anúncio, Iolene informou sua saída do cargo – considerado como o “número 2” na hierarquia da pasta – antes mesmo de assumir.

20 de março – Foi criada uma comissão composta por três pessoas para avaliar as questões do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). O grupo teve acesso ao ambiente de segurança máxima onde ficam as perguntas da prova para “verificar sua pertinência com a realidade social, de modo a assegurar um perfil consensual do exame”, segundo o ministério.

25 de março – O MEC anunciou o adiamento para 2021 da avaliação da alfabetização de alunos de 7 anos de idade. No mesmo dia, a secretária de Educação Básica Tânia Leme de Almeida pediu demissão do cargo, responsável por educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. A decisão de adiar a avaliação foi revogada um dia depois pelo ex-ministro.

26 de março – Responsável pela assinatura do ofício que determinou o adiamento da avaliação do processo de alfabetização, o então presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), Marcus Vinícius Rodrigues, foi demitido por Ricardo Vélez Rodríguez. No dia seguinte, em depoimento à Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, Vélez disse que a portaria, já revogada, ainda estava em debate e que o ato de Rodrigues foi “uma puxada de tapete.”

4 de abril – A chefe de gabinete do MEC Josie de Jesus e Bruno Garschagen, assessor especial do ministro, foram exonerados. As quedas enfraqueceram os grupos “técnicos” e “olavista” do Ministério da Educação, que desde o início do governo disputam o controle da pasta.

topo 

PORTAL VEJA - TEMPO REAL

**No Vale do Silício - executivos (e milionários) aplaudem saída de Vélez
Em painel composto por executiva de educação e ex-ministro do governo inglês,
ainda se falou da falta de confiança nos professores – e até do Brexit**

Durante um painel sobre tecnologias voltadas para Educação na conferência Brazil at Silicon Valley – que ocorre entre hoje e amanhã em Palo Alto, na Califórnia – a plateia, composta por executivos e empreendedores milionários (alguns, bilionários, a exemplo de Jorge Paulo Lemann), aplaudiu a saída de Ricardo Vélez Rodríguez do MEC. A notícia foi dada por Iona Szkurnik, vice-presidente de operações da Lumiar, integrante da Fundação Lemann e do conselho da Stanford University School of Education, iniciativa que busca democratizar a educação para crianças, com projetos no Brasil, Estados Unidos, Holanda e Inglaterra. Ela estava encarregada de entrevistar Jim Knight, da TES Global – empresa dedicada a treinar professores na Inglaterra –, da XRRapid – desenvolvedora de uma tecnologia que detecta malária com iPhones – e ex-ministro do

governo inglês.

Iona deu a notícia com entusiasmo. Imediatamente, a plateia aplaudiu, em uníssono (alguns ficaram de pé). Ouviu-se comentários de empresários e executivos, dizendo “finalmente” e “foi tarde”, além de piadas acerca de Vélez.

Durante o painel, discutiu-se quais seriam as soluções para os gargalos da Educação no Brasil. Como diante do fato de que 80% das crianças não têm habilidade mínimas em matemática. “Muitos professores estão falhando em se adaptar a um novo cenário, no qual crianças e pais estão inseridos em um mundo tecnológico, de iPhones”, pontuou Jim Knight. “É preciso se aproximar de pais e da realidade deles”.

Knight destacou: “Hoje, ficamos dias sem tocar uma caneta. Mas é um desastre sair de casa sem o smartphone”. Para ele, a educação em escolas tinham de se adaptar a esse contexto. “Ao mesmo tempo, o celular prejudica o sono de crianças. Em minha casa, proíbo aparelhos nos quartos”, acrescentou, indicando que a temática deveria ser abordada nos colégios.

“O Brasil acertou ao criar diretrizes para a educação, em um currículo único. Mas, ao mesmo tempo, precisar treinar e confiar em seus professores para transmitir o conhecimento. Há dificuldade em confiar na educação fornecida pelos professores”. Continuou Knight, logo antes de começaram as críticas, na plateia, a Ricardo Vélez Rodríguez. Houve comentários que associaram a gestão de Vélez à falta de credibilidade dada aos critérios dos educadores nas salas de aula.

Knight ainda criticou a forma como o sistema universitário particular se estabelece hoje, levando alunos a se endividar para pagar as mensalidades. Por fim, como inglês e ex-ministro, comentou o Brexit: “É coisa de lunático querer o Brexit em um mundo no qual devemos promover cada vez mais a mobilidade de pessoas entre fronteiras, para promover negócios”.

topo 

R7 - TEMPO REAL

MEC - sai a ideologia, entra a gestão

Bolsonaro escolheu nome ligado à gestão para a Educação: Abraham Weintraub era o número dois da Casa Civil, vindo do setor privado

O perfil do novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, diz muito sobre o que o presidente Jair Bolsonaro espera da condução da pasta a partir de agora. Havia três perfis possíveis à mesa para a escolha: político, ideológico e técnico. O presidente afastou o ministro ideológico, Vélez, e não quis seguir pelo mesmo caminho. Estudou a possibilidade de nomear um político, o senador Izalci Lucas (PSDB-DF) e o ex-deputado Mendonça Filho (DEM), ambos ligados à Educação, mas acabou optando por um perfil técnico, mais ligado à gestão do que à área da Educação propriamente dita.

Weintraub, apesar de ter sido professor universitário, concentra a sua experiência profissional em empresas privadas, do mercado financeiro. Suas áreas de estudo são finanças e previdência. Ele poderia, portanto, ser ministro em outras pastas. Já era o número dois na Casa Civil de Onyx Lorezoni. Apesar do perfil mais técnico, Weintraub já manifestou posições políticas de direita, alinhadas ao atual presidente.

O economista é conhecido pela capacidade de liderar, além de ter amplo conhecimento

técnico em finanças corporativas, fundos de investimento e finanças internacionais. Em sua página do LinkedIn, a rede social profissional, ele é descrito como um líder ético que consegue o equilíbrio perfeito entre delegar, discutir estratégias, acompanhar e reconhecer as conquistas do seu time.

Na semana passada, Bolsonaro disse a interlocutores que a gestão era o ponto fraco da passagem de Vézé pelo MEC. Nos 100 dias, o ministério sofreu uma série de demissões. O instituto responsável pelo Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) ficou sem chefia e pasta mostrava falta de planejamento e de projetos.

topo ↕

R7 - TEMPO REAL

Quem é Abraham Weintraub, o novo ministro da Educação do governo Bolsonaro
Jair Bolsonaro (PSL) anunciou nesta segunda-feira a troca do comando do
Ministério da Educação (MEC). No lugar de Ricardo Vézé Rodriguez assume o
economista Abraham Weintraub

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) anunciou nesta segunda-feira a troca do comando do Ministério da Educação (MEC). No lugar de Ricardo Vézé Rodriguez, demitido nesta manhã, assume o economista Abraham Weintraub.

Weintraub foi um dos integrantes da equipe do governo de transição comandada pelo atual ministro Onyx Lorenzoni (DEM-RS). Ele e seu irmão, o advogado Arthur Weintraub — que também integra o governo, como assessor-chefe adjunto da Assessoria Especial do Presidente da República —, participaram da formulação do programa de governo de Bolsonaro na área de Previdência, na equipe do ministro da Economia, Paulo Guedes.

Após a eleição, ele assumiu como secretário executivo da Casa Civil, o segundo posto mais importante do ministério comandado por Lorenzoni, cargo que deixa agora para assumir o MEC.

Weintraub formou-se em Ciências Econômicas pela Universidade de São Paulo e é mestre em Administração Financeira pela Fundação Getúlio Vargas. No entanto, diferentemente do informado inicialmente por Bolsonaro no Twitter, o economista não declara na plataforma Lattes nem na rede social LinkedIn que tenha cursado um doutorado. O presidente corrigiu a informação pouco depois.

Atualmente, é diretor executivo do Centro de Estudos em Seguridade da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Ele também é professor de direito previdenciário da mesma instituição. Ele informa em seu currículo na plataforma Lattes que coordenou em 2016 a apresentação de uma proposta alternativa da Reforma da Previdência formulada por professores da universidade.

Weintraub também atuou como executivo do mercado financeiro por mais de 20 anos. Foi sócio da Quest Investimentos, diretor do Banco Votorantim, membro do comitê de trading da Bovespa, conselheiro da Associação Nacional das Corretoras e Distribuidoras de Títulos e Valores Mobiliários, Câmbio e Mercadorias (Ancord). Weintraub foi demitido do Votorantim em agosto de 2012, conforme ata de reunião publicada na época. O comunicado não dá detalhes dos motivos da saída do executivo.

Aproximação com Bolsonaro

Os irmãos Weintraub se aproximaram de Bolsonaro por meio de Lorenzoni, como relatou Arthur em uma reunião do departamento do Curso de Ciências Atuariais da Unifesp, do qual ele é professor, em março de 2018.

De acordo com a ata do encontro, Arthur contou aos presentes que, após a apresentação de sua proposta de reforma da Previdência no Congresso Nacional, foi procurado por Lorenzoni, que o informou que deputados estavam interessados em seu trabalho - entre eles, o então pré-candidato Bolsonaro.

A princípio, Arthur teria considerado que Bolsonaro tinha um "pensamento radical", mas que Lorenzoni pediu que ele e seu irmão se informassem melhor sobre o atual presidente, porque "a mídia brasileira distorce as informações".

"Dessa maneira, ao melhor se informar, seu irmão Abraham e ele se deram conta que essa conduta radical seria mentira. Assim, foram conversar com Jair Bolsonaro, que teria formação em engenharia pelas Agulhas Negras, que seria uma escola militar, que tinha conhecimentos em estatística e em matemática. Assim, começaram a dar apoio científico e não político a esse candidato, da mesma maneira que vários professores da UNICAMP e da USP fizeram a outros candidatos", diz o documento.

Goebbels, Galileu e Bíblia

Em novembro de 2017, Bolsonaro publicou nas redes sociais um texto assinado por sua equipe e pelos irmãos Weintraub em que defendiam a independência do Banco Central, faziam críticas ao Partido dos Trabalhadores e tratavam do tripé macroeconômico.

O texto diz que, "com sua independência, tendo mandatos atrelados a metas/métricas claras e bem definidas pelo Legislativo, profissionais terão autonomia para garantir à sociedade que nunca mais presidentes populistas ou demagogos colocarão a estabilidade do país em risco para perseguir um resultado político de curto prazo".

Ainda foram feitas críticas à ex-presidente Dilma Rousseff por "desastrosa condução da inflação" e ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva por ter deixado o país "com seus ungidos Dilma/Temer". Além disso, foram citados o ministro de propaganda do regime nazista alemão, Joseph Goebbels, o cientista Galileu Galilei e um versículo bíblico.

Publicidade

"Enquanto a esquerda prefere gurus do Nacional Socialismo como Joseph Goebbels: Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade; nós ficamos com Galileu Galilei: eppur si muove [no entanto, ela se move, em tradução livre]! Todavia, a convicção que venceremos vem de João 8:32 E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará."

Este texto gerou uma nota de repúdio de parte dos centros acadêmicos da Unifesp, em que criticavam o apoio dos irmãos Weintraub a Bolsonaro por "normalizar o candidato como legítimo e que supostamente merece nosso diálogo".

Os irmãos responderam em tom irônico afirmando, entre outras coisas, que os alunos "puxam a média do campus para baixo" e que "esperam ansiosamente pela ditadura do proletariado".

Segundo Arthur, conforme a ata da reunião do departamento do Curso de Ciências Atuariais da Unifesp, ele e seu irmão foram alvo de quatro processos administrativos abertos pelas repostas publicadas por eles ao responder às "ofensas dos alunos publicadas no Facebook".

"Ficamos muito indignados com a invasão de nossa vida pessoal. Foi patrulhamento ideológico puro, uma nota de repúdio à nossa liberdade. Fora do trabalho, nossa vida pessoal não diz respeito a ninguém. Não fizemos nada de ilegal, não utilizamos estrutura, dinheiro, e-mail, nada, absolutamente nada da Unifesp", disse Abraham Weintraub ao jornal O Estado de S. Paulo.

"Acreditamos que o humor é redentor. Não pode tratar com seriedade argumentação ridícula. Aproveitamos e desopilamos o fígado."

Vencer o marxismo cultural nas universidades

Ao lado do irmão, Abraham participou da Cúpula Conservadora das Américas, em dezembro de 2018. A dupla apresentou uma palestra na qual listava estratégias para "vencer o marxismo cultural nas universidades", inspiradas em teorias do escritor Olavo de Carvalho.

"Como ganhamos essa batalha? Não sendo chatos. Temos de ser mais engraçados que os comunistas. Como você ganha a juventude? Com humor e inteligência", afirmou Weintraub.

O economista afirmou que o combate permitia ao país ampliar consideravelmente sua renda per capita. "Na América Latina, se vencermos o desafio do comunismo e não deixarmos entrar outras pressões, como o terrorismo islâmico, temos tudo pra ser uma das regiões mais estáveis do mundo."

Ele contestou a tese de que o comunismo se enfraqueceu com o fim da União Soviética. "Quando caiu o muro de Berlim, teve um monte de goiaba que falou o comunismo acabou, podemos ficar tranquilos", disse Weintraub.

"Não podemos, essa turma vai voltar para casa, eles são inteligentes. Nossos inimigos foram para casa e se reinventaram."

[topo](#)

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Novo ministro do MEC quer Olavo adaptado para vencer marxismo cultural Economista, Abraham Weintraub é o novo ministro da Educação

O novo ministro da Educação, Abraham Weintraub, defendeu adaptar a teoria do escritor Olavo de Carvalho para vencer o que classificou como "marxismo cultural". A defesa foi feita durante a Cúpula Conservadora das Américas, em dezembro de 2018.

"A gente tem técnica para vencer eles. A gente adaptou a teoria de Olavo de Carvalho para enfrentar eles no debate intelectual", disse Weintraub, referindo-se à comunidade acadêmica. Segundo informações do jornal Folha de S. Paulo, Olavo chancelou a escolha de Weintraub para o ministério após a demissão de Ricardo Vélez Rodríguez do cargo feita pelo presidente Jair Bolsonaro.

Na palestra, Abraham disse que ele e seu irmão, o advogado Arthur Weintraub, desenvolveram uma técnica para vencer o marxismo cultural nas universidades. O

ministro relatou ter sido perseguido pela comunidade acadêmica há aproximadamente dois anos quando começaram a apoiar Bolsonaro, então pré-candidato à Presidência.

"Um pouco da contribuição que a gente pode dar também é como vencer o marxismo cultural nas universidades. Para quem não conhece, o nosso caso está relativamente bem documentado. Eu e ele (Arthur), há uns anos, começamos a ajudar o Jair (Bolsonaro) [...] quando a gente saiu do armário [...] a gente começou a ser caçado", disse Abraham Weintraub.

Ao longo da palestra, ele detalhou sua tática para enfrentar o marxismo cultural. "A gente tem técnica para vencer eles (comunistas). A gente adaptou a teoria do Olavo de Carvalho e como enfrentar eles no debate intelectual. Não precisa mandar pastar. Quando eles falam: A ciência é burguesa, então você fala: Vai embora daqui porque aqui é o templo da ciência. Seu religioso", comentou. Abraham Weintraub afirmou que uma das linhas de ação dos acadêmicos conservadores deveria ser conquistar o público mais jovem. "A gente tem que ser mais engraçado que os comunistas. A gente tem que ganhar a juventude. Como é que você ganha a juventude? Com humor e inteligência", afirmou.

Após o anúncio de Bolsonaro, Olavo de Carvalho desejou sorte ao novo ministro da Educação.

Os irmãos Abraham e Arthur Weintraub são aliados de primeira hora de Bolsonaro. Os dois começaram a assessorar o então deputado federal ainda em 2017, quando a candidatura à Presidência sequer havia sido lançada.

Eles participaram da equipe de transição de Bolsonaro. Até sua nomeação como ministro, Abraham era o secretário-executivo da Casa Civil, o segundo posto mais alto na pasta, abaixo apenas do ministro Onyx Lorenzoni (DEM-RS), de quem é bastante próximo.

Nos bastidores, a nomeação de Weintraub é vista como uma vitória do ministro. Os elogios ao filósofo Olavo de Carvalho indicam, no entanto, que o alinhamento ideológico do ministério sob Weintraub pode não ser tão diferente daquele que foi dado por Vêlez. O agora ex-ministro também era um defensor do combate ao chamado "marxismo cultural" e foi indicado por Olavo para assumir o ministério.

Mas o que é o "marxismo cultural"?

Na avaliação dos conservadores, o termo "marxismo cultural" refere-se a uma linha de pensamento presente nas escolas e nas universidades fortemente influenciada pela teoria produzida por Karl Marx e associada ao campo político da esquerda. Na opinião do ex-ministro da Educação, por exemplo, o marxismo cultural "secciona o ser humano, o torna massa, o torna coisa". "Antes de mais nada, somos pessoas individualizadas. O marxismo cultural passa a borracha em cima disso e nos considera massa", disse Vêlez em janeiro deste ano.

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Novo ministro da Educação, Abraham Weintraub apoiou Marina Silva em 2014

Escolhido para comandar o Ministério da Educação, o economista Abraham Weintraub trabalha com o presidente Jair Bolsonaro desde a campanha presidencial do ano

passado. Em 2014, entretanto, ele e seu irmão, o também professor universitário Arthur Weintraub, aderiram à candidatura da ex-senadora Marina Silva (Rede).

Juntos, os dois fundaram o Centro de Estudos em Seguridade, voltado para a Previdência. "Em 2014, acreditávamos que Marina era a melhor alternativa. Hoje, evidentemente, Jair Bolsonaro representa o Brasil do futuro pelo qual estamos dispostos a lutar", disseram os irmãos em uma entrevista por e-mail ao jornal O Estado de S. Paulo, durante a campanha do ano passado.

Em 2018, Abraham integrou o grupo de transição para o governo Bolsonaro e tornou-se o número dois da Casa Civil, sendo próximo do ministro Onyx Lorenzoni. Em seu currículo acadêmico na plataforma Lattes, ele se define como "executivo do mercado financeiro com mais de vinte anos de experiência", citando suas passagens pelo Banco Votorantim e pela corretora Quest Investimentos.

Chamado por Bolsonaro de "doutor", Abraham, segundo consta de seu currículo, atualizado pela última vez em março de 2017, é mestre em administração pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). O currículo indica ainda sua formação em Economia pela USP e sua atuação como professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Abraham teve seu nome anunciado para o comando do MEC na manhã desta segunda-feira, 8, em um tweet postado por Bolsonaro. Ele substitui Ricardo Vélez Rodriguez, demitido também nesta manhã. "Comunico a todos a indicação do Professor Abraham Weintraub ao cargo de Ministro da Educação. Abraham é doutor, professor universitário e possui ampla experiência em gestão e o conhecimento necessário para a pasta", escreveu o presidente no Twitter.

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Quem é Abraham Weintraub, o novo ministro da Educação do governo Bolsonaro Ao lado do irmão, Abraham Weintraub defendeu estratégias para vencer o marxismo cultural nas universidades

O economista e professor da Unesp fez parte da equipe de transição do governo e ocupava a secretaria-executiva da Casa Civil, cargo que deixa agora para assumir o MEC após a exoneração de Ricardo Vélez Rodriguez.

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) anunciou nesta segunda-feira a troca do comando do Ministério da Educação (MEC). No lugar de Ricardo Vélez Rodriguez, demitido nesta manhã, assume o economista Abraham Weintraub.

Weintraub foi um dos integrantes da equipe do governo de transição comandada pelo atual ministro Onyx Lorenzoni (DEM-RS). Ele e seu irmão, o advogado Arthur Weintraub - que também integra o governo, como assessor-chefe adjunto da Assessoria Especial do Presidente da República -, participaram da formulação do programa de governo de Bolsonaro na área de Previdência, na equipe do ministro da Economia, Paulo Guedes.

Após a eleição, ele assumiu como secretário executivo da Casa Civil, o segundo posto mais importante do ministério comandado por Lorenzoni, cargo que deixa agora para assumir o MEC.

Weintraub formou-se em Ciências Econômicas pela Universidade de São Paulo e é mestre em Administração Financeira pela Fundação Getúlio Vargas. No entanto, diferentemente do informado inicialmente por Bolsonaro no Twitter, o economista não declara na plataforma Lattes nem na rede social LinkedIn que tenha cursado um doutorado. O presidente corrigiu a informação pouco depois.

Atualmente, é diretor executivo do Centro de Estudos em Seguridade da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Ele também é professor de direito previdenciário da mesma instituição. Ele informa em seu currículo na plataforma Lattes que coordenou em 2016 a apresentação de uma proposta alternativa da Reforma da Previdência formulada por professores da universidade.

Weintraub também atuou como executivo do mercado financeiro por mais de 20 anos. Foi sócio da Quest Investimentos, diretor do Banco Votorantim, membro do comitê de trading da Bovespa, conselheiro da Associação Nacional das Corretoras e Distribuidoras de Títulos e Valores Mobiliários, Câmbio e Mercadorias (Ancord).

Weintraub foi demitido do Votorantim em agosto de 2012, conforme ata de reunião publicada na época. O comunicado não dá detalhes dos motivos da saída do executivo.

Aproximação com Bolsonaro

Os irmãos Weintraub se aproximaram de Bolsonaro por meio de Lorenzoni, como relatou Arthur em uma reunião do departamento do Curso de Ciências Atuariais da Unifesp, do qual ele é professor, em março de 2018.

De acordo com a ata do encontro, Arthur contou aos presentes que, após a apresentação de sua proposta de reforma da Previdência no Congresso Nacional, foi procurado por Lorenzoni, que o informou que deputados estavam interessados em seu trabalho - entre eles, o então pré-candidato Bolsonaro.

A princípio, Arthur teria considerado que Bolsonaro tinha um "pensamento radical", mas que Lorenzoni pediu que ele e seu irmão se informassem melhor sobre o atual presidente, porque "a mídia brasileira distorce as informações".

"Dessa maneira, ao melhor se informar, seu irmão Abraham e ele se deram conta que essa conduta radical seria mentira. Assim, foram conversar com Jair Bolsonaro, que teria formação em engenharia pelas Agulhas Negras, que seria uma escola militar, que tinha conhecimentos em estatística e em matemática. Assim, começaram a dar apoio científico e não político a esse candidato, da mesma maneira que vários professores da UNICAMP e da USP fizeram a outros candidatos", diz o documento.

Goebbels, Galileu e Bíblia

Em novembro de 2017, Bolsonaro publicou nas redes sociais um texto assinado por sua equipe e pelos irmãos Weintraub em que defendiam a independência do Banco Central, faziam críticas ao Partido dos Trabalhadores e tratavam do tripé macroeconômico.

O texto diz que, "com sua independência, tendo mandatos atrelados a metas/métricas claras e bem definidas pelo Legislativo, profissionais terão autonomia para garantir à sociedade que nunca mais presidentes populistas ou demagogos colocarão a estabilidade do país em risco para perseguir um resultado político de curto prazo".

Ainda foram feitas críticas à ex-presidente Dilma Rousseff por "desastrosa condução da inflação" e ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva por ter deixado o país "com seus ungidos Dilma/Temer". Além disso, foram citados o ministro de propaganda do regime nazista alemão, Joseph Goebbels, o cientista Galileu Galilei e um versículo bíblico.

"Enquanto a esquerda prefere gurus do Nacional Socialismo como Joseph Goebbels: Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade; nós ficamos com Galileu Galilei: eppur si muove [no entanto, ela se move, em tradução livre]! Todavia, a convicção que venceremos vem de João 8:32 E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará."

Este texto gerou uma nota de repúdio de parte dos centros acadêmicos da Unifesp, em que criticavam o apoio dos irmãos Weintraub a Bolsonaro por "normalizar o candidato como legítimo e que supostamente merece nosso diálogo".

Os irmãos responderam em tom irônico afirmando, entre outras coisas, que os alunos "puxam a média do campus para baixo" e que "esperam ansiosamente pela ditadura do proletariado".

Segundo Arthur, conforme a ata da reunião do departamento do Curso de Ciências Atuariais da Unifesp, ele e seu irmão foram alvo de quatro processos administrativos abertos pelas repostas publicadas por eles ao responder às "ofensas dos alunos publicadas no Facebook".

"Ficamos muito indignados com a invasão de nossa vida pessoal. Foi patrulhamento ideológico puro, uma nota de repúdio à nossa liberdade. Fora do trabalho, nossa vida pessoal não diz respeito a ninguém. Não fizemos nada de ilegal, não utilizamos estrutura, dinheiro, e-mail, nada, absolutamente nada da Unifesp", disse Abraham Weintraub ao jornal O Estado de S. Paulo.

"Acreditamos que o humor é redentor. Não pode tratar com seriedade argumentação ridícula. Aproveitamos e desopilamos o fígado."

Vencer o marxismo cultural nas universidades

Ao lado do irmão, Abraham participou da Cúpula Conservadora das Américas, em dezembro de 2018. A dupla apresentou uma palestra na qual listava estratégias para "vencer o marxismo cultural nas universidades", inspiradas em teorias do escritor Olavo de Carvalho.

"Como ganhamos essa batalha? Não sendo chatos. Temos de ser mais engraçados que os comunistas. Como você ganha a juventude? Com humor e inteligência", afirmou Weintraub.

O economista afirmou que o combate permitia ao país ampliar consideravelmente sua renda per capita. "Na América Latina, se vencermos o desafio do comunismo e não deixarmos entrar outras pressões, como o terrorismo islâmico, temos tudo pra ser uma das regiões mais estáveis do mundo."

Ele contestou a tese de que o comunismo se enfraqueceu com o fim da União Soviética. "Quando caiu o muro de Berlim, teve um monte de goiaba que falou o comunismo acabou, podemos ficar tranquilos", disse Weintraub.

"Não podemos, essa turma vai voltar para casa, eles são inteligentes. Nossos inimigos foram para casa e se reinventaram."

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

No Twitter, governistas elogiam Weintraub no MEC; oposição critica Vélez Abraham Weintraub em encontro no gabinete de transição de Jair Bolsonaro, em dezembro de 2018

A demissão de Vélez Rodriguez do Ministério da Educação (MEC) e a indicação do economista Abraham Weintraub para ocupar o comando da pasta rapidamente repercutiram entre os parlamentares. Pelo Twitter, oposição e situação se pronunciaram sobre a troca anunciada pelo presidente Jair Bolsonaro.

"Conheço Abraham Weintraub desde o período de transição. Grande homem, excepcional profissional e ser humano", escreveu a líder do governo no Congresso Joice Hasselmann (PSL-SP), que afirmou que Abraham está "absolutamente alinhado com as ideias do governo Jair Bolsonaro".

Joice Hasselmann

@joicehasselmann

Conheço Abraham Weintraub desde o período de transição. Grande homem, excepcional profissional e ser humano. Absolutamente alinhado com as ideias do governo @jaibolsonaro #BrasilAcimaDeTudo

Bia Kicis (PSL-DF) desejou "boa sorte ao novo ministro e à educação no Brasil". Paula Belmonte (PPS-DF), cujo partido se declara independente do governo e da oposição, desejou "sucesso ao novo ministro" e disse que "o futuro das nossas crianças é mais importante do que qualquer questão ideológica".

Bia Kicis

@Biakicis

Desejamos boa sorte ao novo Ministro e à educação no Brasil.

@jaibolsonaro

Comunico a todos a indicação do Professor Abraham Weintraub ao cargo de Ministro da Educação. Abraham é doutor, professor universitário e possui ampla experiência em gestão e o conhecimento necessário para a pasta. Aproveito para agradecer ao Prof. Velez pelos serviços prestados.

Já Vinicius Poit (Novo-SP), que se aproximou do governo por defender a reforma da Previdência, aproveitou a ocasião para criticar Vélez Rodriguez, dizendo que o ex-ministro "foi escalado para entregar resultados e não os entregou", argumentando que "política pública não pode se comprometer com o erro". "Não deu certo, muda...", escreveu o deputado.

@ViniciusPoit

O comprometimento com o erro não pode ser tolerado. Se o então ministro Vélez foi escalado para entregar resultados e não os entregou, que seja substituído! Política pública não pode se comprometer com o erro: não deu certo, muda...

O deputado Bohn Gass (PT-RS) relembrou o histórico de polêmicas acumulado pelo ex-ministro durante os três meses em que liderou o MEC. "Bolsonaro botou no Ministério da Educação um sujeito que esculhambou o Enem, mandou gravar crianças nas escolas e ofendeu os brasileiros chamando-os de canibais e ladrões. Só hoje, depois de três meses de estragos - o MEC está um caos! - Vélez foi demitido", tuitou.

@BohnGass

Bolsonaro botou no Ministério da Educação um sujeito que esculhambou o Enem, mandou gravar crianças nas escolas (cantando o hino) e ofendeu os brasileiros chamando-os de "canibais" e ladrões". Só hoje, depois de três meses de estragos - o MEC está um caos! - Vélez foi demitido.

Outros parlamentares escreveram que Vélez não deveria nem ter sido nomeado ministro. "Mais um ministro de Bolsonaro cai. Ricardo Vélez, da Educação, nunca nem deveria ter assumido", escreveu Talíria Petrone (PSOL-RJ), que criticou também a nomeação de Weintraub, que é economista e trabalhou no mercado financeiro, para ministro do MEC, dizendo que o governo está "entregando a Educação aos banqueiros".

@taliriapetrone

Mais um ministro de Bolsonaro cai. Ricardo Velez, da Educação, nunca nem deveria ter assumido. Esse é o ministro que disse que ia acabar com o "marxismo cultural", retirou exigência de referência bibliográfica nos livros, falou que a universidade não é para todos.

O LIBERAL - PA - POLÍTICA

Bolsonaro define hoje se Vélez fica no MEC

NOMES - Indefinição sobre quem deve ocupar o cargo permanece, mas o senador Izalci Lucas, do PSDB, está bem cotado e tem o apoio do PSL, o partido do presidente Bolsonaro

O presidente Jair Bolsonaro reafirmou que vai decidir hoje o destino do ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, alvo de críticas desde a sua posse. Entre os cotados para o cargo, estão o senador Izalci Lucas (PSDB-DF) e o presidente da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível**

Superior (Capes), Anderson Ribeiro Correia. Mas, segundo a reportagem apurou, ainda não houve o convite.

Bolsonaro também quer que cada um dos seus ministros faça um balanço da sua área nesta semana para marcar os 100 dias do seu governo. "Não é tanta notícia ruim como a imprensa vem publicando", afirmou ele, após participar de um churrasco na casa de um amigo em Brasília, ontem. O compromisso não estava na agenda oficial. O fim de semana foi intenso, com conversas e articulações para o substituto de Vélez. O ministro enfrenta uma crise que vem desde sua posse, com disputa interna entre grupos adversários, medidas criticadas, recuos e quase 20 exonerações.

O nome mais forte é o do senador Izalci Lucas, que tem recebido apoio da bancada do PSL e também de entidades não governamentais ligadas à educação. Izalci foi contador de escolas particulares no Distrito Federal e atuante na Comissão de Educação quando era deputado. Apesar de ter sido um dos autores de um projeto sobre o Escola sem Partido, fontes ligadas a ele dizem que o senador não toca mais no assunto e não levaria essa bandeira para o MEC. Há também resistência de lideranças do PSDB a entrar no

governo.

Um nome que aparece associado a ele é o do ex-reitor da Universidade de Brasília (UNB) Ivan Camargo, engenheiro elétrico e filho de militar, que poderia compor a equipe em uma eventual gestão. Camargo também já foi cotado para assumir o próprio cargo de ministro.

Já **Anderson Correia** tem o apoio da bancada evangélica no Congresso. Ele foi reitor do Instituto de Tecnologia Aeronáutica (ITA), é evangélico e tem bom relacionamento com pastores de São Paulo. Além disso, é ligado ao grupo militar que ajuda o governo desde a transição. Outro nome que chegou a ser mencionado foi o do ex-diretor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Stavros Xanthopoulos. Ele se reuniu com o vice-presidente Hamilton Mourão em Cambridge, nos Estados Unidos, neste fim de semana.

Há movimentações ainda para tentar emplacar o diretor do Instituto Ayrton Senna Mozart Neves, que chegou a ser chamado antes de Véliz e depois foi desconvidado pela pressão dos evangélicos. E o último cotado seria Álvaro Moreira Domingues, presidente do sindicato das escolas particulares do Distrito Federal.

topo ↕

O POPULAR - GO - POLÍTICA

Bolsonaro define hoje se Véliz vai ficar

Presidente reforça que decisão sobre destino do ministro da pasta sairá nesta segunda; senador tucano está entre cotados para possível vaga

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) reafirmou que vai decidir hoje o destino do ministro da Educação, Ricardo Véliz Rodríguez, alvo de críticas desde a sua posse. Entre os cotados para o cargo, estão o senador Izalci Lucas (PSDB-DF) e o presidente da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, **Anderson Ribeiro Correia**. Mas, segundo a reportagem apurou, ainda não houve o convite.

Bolsonaro também quer que cada um dos seus ministros faça um balanço da sua área nesta semana para marcar os cem dias do seu governo. “Não é tanta notícia ruim como a imprensa vem publicando”, afirmou ele, após participar de um churrasco na casa de um amigo em Brasília, ontem. O compromisso não estava na agenda oficial.

O fim de semana foi intenso, com conversas e articulações para o substituto de Véliz. O ministro enfrenta uma crise que vem desde sua posse, com disputa interna entre grupos adversários, medidas criticadas, recuos e quase 20 exonerações.

O nome mais forte é o do senador Izalci Lucas, que tem recebido apoio da bancada do PSL e também de entidades não governamentais ligadas à educação. Izalci foi contador de escolas particulares no Distrito Federal e atuante na Comissão de Educação quando era deputado. Apesar de ter sido um dos autores de um projeto sobre o Escola sem Partido, fontes ligadas a ele dizem que o senador não toca mais no assunto e não levaria essa bandeira para o MEC. Há também resistência de lideranças do PSDB a entrar no governo.

Já **Anderson Correia** tem o apoio da bancada evangélica no Congresso. Ele foi reitor do Instituto de Tecnologia Aeronáutica (ITA), é evangélico e tem bom relacionamento com pastores de São Paulo. Além disso, é ligado ao grupo militar que ajuda o governo desde a transição.

Outro nome que chegou a ser mencionado foi o do ex-diretor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Stavros Xanthopoulos. Ele se reuniu como vice-presidente Hamilton Mourão em Cambridge, nos EUA, no fim de semana.

topo ↕

AMAZONAS+ - TEMPO REAL

Pesquisa que analisou modelo de fábricas chinesas instaladas em Manaus recebe menção honrosa em Prêmio Capes

Investigar o estilo gerencial das fábricas chinesas instaladas em Manaus foi objetivo da pesquisa desenvolvida, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), pelo amazonense Cleiton Ferreira Maciel Brito. O estudo realizado durante seu curso de doutorado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), em São Paulo, recebeu Menção Honrosa no Prêmio **Capes** de Tese 2018, na área de Sociologia, pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**.

Publicada em revistas acadêmicas, a tese intitulada “Made in China/produzido no Polo Industrial da Zona Franca de Manaus: o trabalho nas fábricas chinesas” buscou compreender a forma da organização do trabalho e o tipo de gestão implantado em quatro fábricas chinesas instaladas na Zona Franca de Manaus (ZFM).

Segundo o pesquisador, o estudo mostrou como as fábricas chinesas vêm operando na região e a mudança da ZFM com a chegada da China.

“Tentei investigar como a ZFM se comporta nesse contexto de ascensão da China. Pode-se compreender que ela não é mais a Zona Franca de anos atrás. Um exemplo bem nítido é que boa parte dos celulares, que antes tinha produção local. Hoje, com o barateamento dos componentes da China, as empresas começaram a importar. Ou seja, atualmente, 90% são importados, as máquinas vão montando os celulares com todas as peças importadas”, explicou.

O estudo também constatou que os chineses trabalham com formas organizacionais peculiares.

“As empresas chinesas têm organização de trabalho baseada em uma gestão mais técnica e menos participativa. Os chineses chamam essa política de no feelings. Nesse sentido, no lugar de uma política de produção de ‘colaboradores’, que vinha sendo realizado nas fábricas sob influência da gestão japonesa, os chineses introduziram a produção de ‘operadores’. Eles não incentivam conversas, diálogos. O famoso ‘almoço’ com o chefe, funcionários do mês, premiações, somente são realizadas sob iniciativa dos brasileiros, porque os chineses não adotam esse tipo de política na empresa”, detalhou.

Conforme Brito, outro ponto observado é que existe interesse do país na própria Amazônia e no que ela pode oferecer como incentivo à expansão asiática na região.

“As conversas com gestores chineses e com diretores da ZFM revelaram que as fábricas se instalam na região, mas desembarca também toda uma burocracia chinesa que vem prospectar oportunidades de investimentos na área mineral, madeireira, na piscicultura, na esfera naval e até mesmo no agronegócio no Sul da região amazônica. O que quero dizer é que as fábricas são uma forma também de se adentrar na Amazônia e colocá-la

como objeto útil na rota econômica e geopolítica da China,” relata.

Competitividade – Brito ressalta que a influência que a China tem pode impactar nas outras fábricas. Devido à concorrência, de algum modo as outras fábricas podem adotar o modelo chinês, assim como adotaram, em outros tempos, o modelo japonês.

“O peso que os chineses começam a ter no mundo pode fazer com que sua política de salários e benefícios se torne nova régua para o mercado de trabalho local. Não que eles estejam distantes do que fazem outras empresas, mas um player do tamanho da China, em processo de competição, faz com que outras empresas tenham de seguir certas padronizações de preço, de salários para poderem competir,” afirma.

Apoio – O estudo contou com apoio da Fapeam, por meio do programa RH-Doutorado-Fluxo Contínuo, edital N°005/2012. A tese foi defendida sob a orientação do professor doutor, Jacob Carlos Lima, do Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFSCAR.

“Foi uma alegria e ao mesmo tempo uma recompensa. O reconhecimento por meio da **Capes** nos encheu de orgulho. Eu falo ‘nos encheu’ porque a pesquisa é um trabalho coletivo. A transformação do pensamento em análise somente tem sucesso em função de instituições, ambiente e pessoas que concorrem para isso”, disse.

Criado em 2005, o Prêmio **CAPES** de Tese é oferecido anualmente às melhores teses de doutorado de cada uma das 49 áreas do conhecimento. Os critérios de premiação devem considerar a originalidade do trabalho, sua relevância para o desenvolvimento científico, tecnológico, cultural, social e de inovação, o valor agregado pelo sistema educacional ao candidato.

Oportunidades – O programa RH-Doutorado foi substituído pelo Programa de Bolsas de Pós-Graduação em Instituições fora do Estado do Amazonas (PROPG-**Capes**/Fapeam), que concede bolsas de doutorado a profissionais interessados em realizar curso de pós-graduação stricto sensu, em cursos recomendados pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)** em outros Estados da Federação.

O PROPG/**Capes**/Fapeam está com edital aberto e recebe propostas até o dia 13 de maio. Outras informações sobre o programa podem ser obtidas no portal Fapeam (www.fapeam.am.gov.br).

topo ↕

JORNAL DO COMÉRCIO - RS - ÚLTIMAS

Bolsonaro define nesta segunda-feira se Vélez vai ficar no MEC

O presidente Jair Bolsonaro reafirmou que vai decidir nesta segunda-feira (8) o destino do ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, alvo de críticas desde a sua posse. Entre os cotados para o cargo, estão o senador Izalci Lucas (PSDB-DF) e o presidente da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, **Anderson Ribeiro Correia**. Mas, segundo a reportagem apurou, ainda não houve o convite.

Bolsonaro também quer que cada um dos seus ministros faça um balanço da sua área nesta semana para marcar os 100 dias do seu governo. "Não é tanta notícia ruim como a imprensa vem publicando", afirmou ele, após participar de um churrasco na casa de um

amigo em Brasília, neste domingo. O compromisso não estava na agenda oficial.

O dono da casa, Ricardo Zelenovsky, foi companheiro de Bolsonaro do Exército. Ao deixar o local, ele disse que estava com amigos da turma de 1974. "O mais novo sou eu, todo mundo é general, e eu sou capitão."

O fim de semana foi intenso, com conversas e articulações para o substituto de Vézé. O ministro enfrenta uma crise que vem desde sua posse, com disputa interna entre grupos adversários, medidas criticadas, recuos e quase 20 exonerações. Na semana passada, um de seus principais assessores foi exonerado pela Casa Civil, o que indicou mais ainda seu enfraquecimento.

O nome mais forte é o do senador Izalci Lucas, que tem recebido apoio da bancada do PSL e também de entidades não governamentais ligadas à educação. Izalci foi contador de escolas particulares no Distrito Federal e atuante na Comissão de Educação quando era deputado. Apesar de ter sido um dos autores de um projeto sobre o Escola sem Partido, fontes ligadas a ele dizem que o senador não toca mais no assunto e não levaria essa bandeira para o MEC. Há também resistência de lideranças do PSDB a entrar no governo.

Um nome que aparece associado a ele é o do ex-reitor da Universidade de Brasília (UNB) Ivan Camargo, engenheiro elétrico e filho de militar, que poderia compor a equipe em uma eventual gestão. Camargo também já foi cotado para assumir o próprio cargo de ministro.

Já **Anderson Correia** tem o apoio da bancada evangélica no Congresso. Ele foi reitor do Instituto de Tecnologia Aeronáutica (ITA), é evangélico e tem bom relacionamento com pastores de São Paulo. Além disso, é ligado ao grupo militar que ajuda o governo desde a transição.

Outro nome que chegou a ser mencionado foi o do ex-diretor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Stavros Xanthopoulos. Ele se reuniu como vice-presidente Hamilton Mourão em Cambridge, nos Estados Unidos, neste fim de semana.

Há movimentações ainda para tentar emplacar o diretor do Instituto Ayrton Senna Mozart Neves, que chegou a ser chamado antes de Vézé e depois foi desconvidado pela pressão dos evangélicos. E o último cotado seria Álvaro Moreira Domingues, presidente do sindicato das escolas particulares do Distrito Federal.

Bolsonaro também quer resolver nesta segunda a disputa na Agência Brasileira de Exportações e Investimentos (Apex). O presidente Mário Vilalva tem apoio dos militares e está em crise com diretores próximos do ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo.

topo ↕

PORTAL DO HOLANDA - TEMPO REAL

Pesquisa que analisou modelo de fábricas chinesas instaladas em Manaus recebe menção honrosa em Prêmio Capes

Investigar o estilo gerencial das fábricas chinesas instaladas em Manaus foi objetivo da pesquisa desenvolvida, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), pelo amazonense Cleiton Ferreira Maciel Brito. O estudo realizado durante seu curso de doutorado na Universidade Federal de São Carlos

(UFSCAR), em São Paulo, recebeu Menção Honrosa no Prêmio **Capes** de Tese 2018, na área de Sociologia, pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**.

Publicada em revistas acadêmicas, a tese intitulada “Made in China/produzido no Polo Industrial da Zona Franca de Manaus: o trabalho nas fábricas chinesas” buscou compreender a forma da organização do trabalho e o tipo de gestão implantado em quatro fábricas chinesas instaladas na Zona Franca de Manaus (ZFM).

Segundo o pesquisador, o estudo mostrou como as fábricas chinesas vêm operando na região e a mudança da ZFM com a chegada da China.

“Tentei investigar como a ZFM se comporta nesse contexto de ascensão da China. Pode-se compreender que ela não é mais a Zona Franca de anos atrás. Um exemplo bem nítido é que boa parte dos celulares, que antes tinha produção local. Hoje, com o barateamento dos componentes da China, as empresas começaram a importar. Ou seja, atualmente, 90% são importados, as máquinas vão montando os celulares com todas as peças importadas”, explicou.

O estudo também constatou que os chineses trabalham com formas organizacionais peculiares.

“As empresas chinesas têm organização de trabalho baseada em uma gestão mais técnica e menos participativa. Os chineses chamam essa política de no feelings. Nesse sentido, no lugar de uma política de produção de ‘colaboradores’, que vinha sendo realizado nas fábricas sob influência da gestão japonesa, os chineses introduziram a produção de ‘operadores’. Eles não incentivam conversas, diálogos. O famoso ‘almoço’ com o chefe, funcionário do mês, premiações, somente são realizadas sob iniciativa dos brasileiros, porque os chineses não adotam esse tipo de política na empresa”, detalhou.

Conforme Brito, outro ponto observado é que existe interesse do país na própria Amazônia e no que ela pode oferecer como incentivo à expansão asiática na região.

“As conversas com gestores chineses e com diretores da ZFM revelaram que as fábricas se instalam na região, mas desembarca também toda uma burocracia chinesa que vem prospectar oportunidades de investimentos na área mineral, madeireira, na piscicultura, na esfera naval e até mesmo no agronegócio no Sul da região amazônica. O que quero dizer é que as fábricas são uma forma também de se adentrar na Amazônia e colocá-la como objeto útil na rota econômica e geopolítica da China,” relata.

Competitividade – Brito ressalta que a influência que a China tem pode impactar nas outras fábricas. Devido à concorrência, de algum modo as outras fábricas podem adotar o modelo chinês, assim como adotaram, em outros tempos, o modelo japonês.

“O peso que os chineses começam a ter no mundo pode fazer com que sua política de salários e benefícios se torne nova régua para o mercado de trabalho local. Não que eles estejam distantes do que fazem outras empresas, mas um player do tamanho da China, em processo de competição, faz com que outras empresas tenham de seguir certas padronizações de preço, de salários para poderem competir,” afirma.

Apoio – O estudo contou com apoio da Fapeam, por meio do programa RH-Doutorado-Fluxo Contínuo, edital N°005/2012. A tese foi defendida sob a orientação do professor doutor, Jacob Carlos Lima, do Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFSCAR.

“Foi uma alegria e ao mesmo tempo uma recompensa. O reconhecimento por meio da **Capes** nos encheu de orgulho. Eu falo ‘nos encheu’ porque a pesquisa é um trabalho coletivo. A transformação do pensamento em análise somente tem sucesso em função de instituições, ambiente e pessoas que concorrem para isso”, disse.

Criado em 2005, o Prêmio **CAPES** de Tese é oferecido anualmente às melhores teses de doutorado de cada uma das 49 áreas do conhecimento. Os critérios de premiação devem considerar a originalidade do trabalho, sua relevância para o desenvolvimento científico, tecnológico, cultural, social e de inovação, o valor agregado pelo sistema educacional ao candidato.

Oportunidades – O programa RH-Doutorado foi substituído pelo Programa de Bolsas de Pós-Graduação em Instituições fora do Estado do Amazonas (PROPG-**Capes**/Fapeam), que concede bolsas de doutorado a profissionais interessados em realizar curso de pós-graduação stricto sensu, em cursos recomendados pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)** em outros Estados da Federação.

O PROPG/**Capes**/Fapeam está com edital aberto e recebe propostas até o dia 13 de maio. Outras informações sobre o programa podem ser obtidas no portal Fapeam (www.fapeam.am.gov.br).

topo ↕

TERRA - TEMPO REAL

Por que o ministro da Educação está na berlinda?

Ricardo Vélez Rodríguez tem seu trabalho questionado desde o início do mandato; quase 20 pessoas já foram exoneradas da Pasta

O presidente Jair Bolsonaro reafirmou no fim de semana que vai decidir nesta segunda-feira, 8, sobre o futuro do ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, alvo de críticas dentro e fora do governo e pressões diversas. O ministro enfrenta uma crise que vem desde sua posse, com disputa interna entre grupos adversários, medidas contestadas, recuos e quase 20 exonerações. A Presidência da República informou que Vélez foi ao Palácio do Planalto encontrar o presidente na manhã desta segunda.

Na sexta-feira, num explícito processo de fritura pública do auxiliar, Bolsonaro afirmou que o ministério "não estava dando certo". "É uma pessoa bacana, honesta, mas está faltando gestão, que é uma coisa importantíssima. Vamos tirar a aliança da mão esquerda e pôr na mão direita ou na gaveta".

Na ocasião, disse que ele poderia ser aproveitado em outro ministério. "Quem decide sou eu. Segunda é o dia do fico ou não fico. A situação da educação será resolvida", afirmou. Vélez respondeu, em evento em São José dos Campos, que não iria entregar o cargo.

Neste três meses de governo, Vélez perdeu até o apoio de seu "padrinho", o escritor Olavo de Carvalho, influenciador do bolsonarismo. Olavo afirmou que não iria fazer

nada contra Vélez, a quem chamou de "traíçoeiro". "Mas garanto que não vou lamentar se o botarem para fora do ministério".

A crise no MEC afeta, inclusive, programas do ministério. O Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio está paralisado. O cronograma do Sistema nacional de Avaliação Básica (Saeb) e do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) estão comprometidos.

O ministro também coleciona declarações polêmicas. Logo que assumiu o Ministério da Educação, um edital dos livros didáticos de 2020 dizia que não seriam mais necessárias referências bibliográficas. Também foi retirado o item que impedia publicidade e coibia erros de revisão e impressão. Após questionamentos, o MEC retirou o texto e abriu sindicância, alegando erro da gestão anterior.

Vélez também já disse que haverá mudanças em livros didáticos para revisar a maneira como são retratados nas escolas o golpe de Estado de 1964 que retirou o presidente João Goulart do poder. Ele rejeita a palavra golpe. "Foi uma mudança de tipo institucional", disse ao jornal Valor Econômico.

No início de fevereiro, deu uma declaração à revista Veja dizendo que o brasileiro viajando é um "canibal", pois "rouba coisas dos hotéis" e isso precisa ser revertido na escola. Questionado no Supremo Tribunal Federal (STF), ele informou à ministra Rosa Weber que foi "infeliz" na declaração.

Outra ação questionada foi o envio de uma carta oficial do Ministério da Educação a diretores de escola sugerindo a leitura de um texto com slogan da campanha de Bolsonaro, seguida do Hino Nacional. Os alunos deveriam ser filmados e a gravação, enviada ao MEC. O caso fez com que a Procuradoria-Geral da República abrisse uma investigação para apurar possível improbidade administrativa por parte do ministro. Quem substitui?

Entre os cotados para o cargo estão o senador Izalci Lucas (PSDB-DF) e o presidente da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, **Anderson Ribeiro Correia**. Ainda não há convites.

Izalci Lucas tem recebido apoio da bancada do PSL e também de entidades não governamentais ligadas à educação. Ele foi contador de escolas particulares no Distrito Federal e atuante na Comissão de Educação quando era deputado.

Stavros Xanthopoulos, consultor de educação de Bolsonaro no período da campanha, também voltou a ser aventado como uma possibilidade para substituir Vélez. Outro nome cotado é o ex-reitor da Universidade de Brasília (UnB) Ivan Camargo.

topo ↕

TERRA - TEMPO REAL

A crise que derrubou o ministro Vélez em 9 tuítes

À frente do Ministério da Educação, o colombiano Ricardo Vélez ficou sob fogo cruzado de polêmicas e disputas internas na pasta.

O ministro da Educação, Ricardo Vélez, foi demitido do posto na manhã desta segunda-feira, depois de uma série de polêmicas e desgastes que marcaram seus 97 dias na gestão do MEC.

A polêmica mais recente foi uma entrevista ao jornal Valor Econômico, no início de abril, em que Véléz afirmou que pretendia mudar a forma como o golpe de 1964 e a ditadura militar são retratados nos livros didáticos, "para dar uma visão mais ampla da história".

Na sexta-feira, em café da manhã com jornalistas em Brasília, o presidente Jair Bolsonaro afirmou que Véléz é "uma boa pessoa", mas que "está bastante claro que não está dando (sua gestão do MEC)" e indicou que o removeria do ministério hoje. Nesta segunda-feira, Bolsonaro confirmou por meio do Twitter que o colombiano naturalizado brasileiro não ocupa mais o cargo.

Como este desfecho, boa parte dos principais episódios que agora culminaram na demissão de Véléz passaram pelas redes sociais.

E alguns dos personagens mais importantes dessa trama também recorreram primeiro às redes para escancarar ou botar panos quentes nas crises que marcaram a gestão do colombiano.

A própria nomeação de Véléz foi anunciada por Bolsonaro no Twitter em novembro, ainda durante o período de transição.

Como pano de fundo da demissão, há no ministério uma disputa entre técnicos, um grupo relacionado aos quadros do Centro Paula Souza - autarquia do governo estadual de SP que administra escolas técnicas no Estado -, nomes ligados ao escritor Olavo de Carvalho e militares. Vale lembrar que, em especial, os dois últimos grupos são das bases mais importantes da gestão de Bolsonaro.

Relatos de que havia um quadro implosivo dentro do ministério irritaram Véléz, que no dia 15 escreveu no Twitter atacando a imprensa: "A mídia cumpriria seu papel com os cidadãos deste país se sua real preocupação fosse informar. Qual o interesse de vocês em fomentar uma atmosfera apocalíptica? Torcer pelo sucesso do Governo é uma opção, mas vocês querem manchetes escandalosas".

Com a concretização, na vida real, de uma crise que exibia rugas nas redes, a BBC News Brasil listou os tuítes que ajudam a entender os principais marcos desta crise.

Em 279 caracteres, Véléz incluiu em um tuíte uma declaração de amor e um pedido de desculpas.

"Amo o Brasil e o nosso povo, de forma incondicional, desde a minha chegada aqui, em 1979 e, especialmente, desde a minha naturalização como brasileiro, em 1997", escreveu.

Era um posicionamento em relação a uma polêmica fala sua publicada 17 dias antes, no primeiro dia de fevereiro, pela revista Veja. O ministro disse que "o brasileiro, viajando, é um canibal": "Rouba coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião; ele acha que sai de casa e pode carregar tudo. Esse é o tipo de coisa que tem de ser revertido na escola".

Publicada a entrevista, Vélez disse no Twitter que a Veja colocou palavras suas "fora de contexto" e pediu perdão "a quem tiver se sentido ofendido". A revista negou ter descontextualizado a fala de Vélez e publicou a gravação da entrevista.

Episódios como este, ao longo dos meses, criaram em parte do governo a percepção de que Vélez era uma pessoa de temperamento explosivo, segundo disse um interlocutor à BBC News Brasil.

26 de fevereiro: o hino e a carta

"Brasileiros! Vamos saudar o Brasil dos novos tempos e celebrar a educação responsável e de qualidade a ser desenvolvida na nossa escola pelos professores, em benefício de vocês, alunos, que constituem a nova geração. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!".

A mensagem escrita por Vélez Rodríguez, deveria, segundo carta por ele assinada e enviada a diretores de escolas em 25 de fevereiro, ser replicada em colégios de todo o país.

O ministro orientava que "no primeiro dia da volta às aulas, seja lida a carta que segue em anexo nesta mensagem" - com a presença de "professores, alunos e demais funcionários da escola, com todos perfilados diante da bandeira nacional (se houver)".

"Que seja executado o hino nacional" e "que um representante da escola filme trechos curtos" da leitura e da reprodução do hino, acrescentava o documento.

Já a parte final da mensagem é o bordão usado por Bolsonaro nas eleições de 2018 - por isso, ele foi acusado de levar uma mensagem eleitoral para dentro das escolas e de pedir filmagens de crianças sem que houvesse autorização dos pais para tal.

A reação foi ruim: no dia seguinte, o vice-presidente Hamilton Mourão criticou a inclusão do slogan de campanha na mensagem. "Foi o único problema que o ministro teve quando redigiu isso aí. É contra a legislação", disse.

Naquele dia 26, Vélez reconheceu o erro. No Twitter, o MEC anunciou o envio de uma nova carta do ministro, "atualizada", em que agora os diretores eram convidados a fazer filmagens "voluntariamente": "A atividade faz parte da política de incentivo à valorização dos símbolos nacionais e a participação é voluntária".

No começo de março, o feriado de Carnaval ajudou a abaixar a temperatura das tensões no Ministério da Educação. Foi só na volta do recesso que o episódio da carta produziu seus primeiros efeitos na estrutura do ministério.

Parte do corpo do MEC, de origem técnica ou vinculada aos militares, responsabilizou os alunos e seguidores de Olavo de Carvalho - grupo conhecido como os "olavetes" - pela ideia da carta.

No Facebook, o então assessor especial da pasta Silvio Grimaldo anunciou ele próprio que deixaria o governo, como parte de um "expurgo de alunos do Olavo de Carvalho" - "a maior traição dentro do governo Bolsonaro que se viu até agora", escreveu.

Ainda na rede social, Grimaldo afirmou que ficou sabendo durante o Carnaval que perderia suas funções no gabinete e seria transferido para a **Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)** - em suas palavras, "apenas um prêmio de consolação pelos serviços prestados, uma política comum com os que se tornam indesejados no MEC". Insatisfeito com a oferta, o aluno de Olavo afirmou que havia pedido sua exoneração.

De fato, sua exoneração e a de mais cinco pessoas - incluindo Tiago Tondinelli, chefe de gabinete - seria consolidada nos dias seguintes.

Nessa leva saiu também o coronel Ricardo Roquetti, então assessor. Ele ganhou a antipatia dos "olavetes", que propagaram nas redes sociais a hashtag #ForaRoquetti.

No dia 8, o próprio Olavo também colocou a boca no trombone - do Twitter. Apesar de depois dizer que não havia rompido com o governo, o escritor disse que todos os seus alunos que ocupavam cargos vinculados ao Planalto deveriam "abandoná-los o mais cedo possível e voltar à sua vida de estudos": "O presente governo está repleto de inimigos do presidente e inimigos do povo".

"Jamais gostei da ideia de meus alunos ocuparem cargos no governo, mas, como eles se entusiasmaram com a ascensão do Bolsonaro e imaginaram que em determinados postos poderiam fazer algo de bom pelo país, achei cruel destruir essa ilusão num primeiro momento", escreveu.

Por sua vez rechaçado pelos "olavetes", Luiz Antonio Tozi, então secretário-executivo da pasta, teve sua demissão anunciada no Twitter por Vélez: "Dando sequência às mudanças necessárias, agradecemos a Luís Antônio Tozi pelo empenho de suas funções no MEC (...)".

O cargo é considerado o "número dois" do MEC. Tozi fazia parte de outro grupo influente na pasta, com origens no Centro Paula Souza.

No mesmo tuíte, Vélez anunciou que assumiria a vaga o então secretário adjunto, Rubens Barreto da Silva. Mas isso duraria pouco.

"Olavetes" não gostaram da indicação de Barreto, que acabou não concretizada.

Em 14 de março, Vélez anunciou no Twitter um novo nome: "De volta a Brasília, confirmo que Iolene Lima (@iolenemlima), da Secretaria de Educação Básica, assumirá a Secretaria Executiva do Ministério da Educação".

O bastão também ficaria nas mãos de sua nova dona, uma educadora ligada a uma igreja batista e que já ocupava outro cargo no MEC, por pouco tempo.

22 de março: um quadro bastante confuso

Mal havia criado uma conta no Twitter, Iolene teve de usar a rede para anunciar que também deixaria o ministério - ela teve dificuldades em ser aceita pelo governo Bolsonaro e seus principais apoiadores.

"Diante de um quadro bastante confuso na pasta, mesmo sem convite prévio, aceitei a nova função dentro do ministério. Novamente me coloquei à disposição para trabalhar

em prol de melhorias para o setor. No entanto, hoje, após uma semana de espera, recebi a informação que não faço mais parte do grupo do MEC", escreveu, em uma mensagem que não está mais no ar.

No início da semana, uma portaria do MEC anunciou que uma prova que avaliaria a alfabetização de crianças, parte do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), não seria mais realizada em 2019 - apenas em 2021.

O episódio levou a mais atritos, demissões e recuos no ministério - que voltou atrás e, depois, revogou a portaria.

A crise foi vista como a gota d'água para a sobrevivência de Vélez à frente da pasta, e o canal GloboNews chegou a anunciar que Bolsonaro havia decidido demitir o ministro.

Poucas horas depois, no dia 27, Bolsonaro foi ao Twitter negar e acusar a imprensa: "Sofro fake news diárias como esse caso da demissão do Ministro Velez. A mídia cria narrativas".

Vélez retuitou a mensagem do presidente.

Após dar sinais claros em entrevistas de a posição de Vélez no ministério estava em risco, o presidente Bolsonaro confirmou nesta segunda-feira a demissão.

"Comunico a todos a indicação do Professor Abraham Weintraub ao cargo de Ministro da Educação. Abraham é doutor, professor universitário e possui ampla experiência em gestão e o conhecimento necessário para a pasta. Aproveito para agradecer ao Prof. Velez pelos serviços prestados", escreveu o presidente.

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

A crise que derrubou o ministro Vélez em 9 tuítes

À frente do Ministério da Educação, o colombiano Ricardo Vélez ficou sob fogo cruzado de polêmicas e disputas internas na pasta.

O ministro da Educação, Ricardo Vélez, foi demitido do posto na manhã desta segunda-feira, depois de uma série de polêmicas e desgastes que marcaram seus 97 dias na gestão do MEC.

A polêmica mais recente foi uma entrevista ao jornal Valor Econômico, no início de abril, em que Vélez afirmou que pretendia mudar a forma como o golpe de 1964 e a ditadura militar são retratados nos livros didáticos, "para dar uma visão mais ampla da história".

Na sexta-feira, em café da manhã com jornalistas em Brasília, o presidente Jair Bolsonaro afirmou que Vélez é "uma boa pessoa", mas que "está bastante claro que não está dando (sua gestão do MEC)" e indicou que o removeria do ministério hoje. Nesta segunda-feira, Bolsonaro confirmou por meio do Twitter que o colombiano naturalizado brasileiro não ocupa mais o cargo.

Como este desfecho, boa parte dos principais episódios que agora culminaram na demissão de Vélez passaram pelas redes sociais.

E alguns dos personagens mais importantes dessa trama também recorreram primeiro às

redes para escancarar ou botar panos quentes nas crises que marcaram a gestão do colombiano.

A própria nomeação de Vélez foi anunciada por Bolsonaro no Twitter em novembro, ainda durante o período de transição.

Como pano de fundo da demissão, há no ministério uma disputa entre técnicos, um grupo relacionado aos quadros do Centro Paula Souza - autarquia do governo estadual de SP que administra escolas técnicas no Estado -, nomes ligados ao escritor Olavo de Carvalho e militares. Vale lembrar que, em especial, os dois últimos grupos são das bases mais importantes da gestão de Bolsonaro.

Relatos de que havia um quadro implosivo dentro do ministério irritaram Vélez, que no dia 15 escreveu no Twitter atacando a imprensa: "A mídia cumpriria seu papel com os cidadãos deste país se sua real preocupação fosse informar. Qual o interesse de vocês em fomentar uma atmosfera apocalíptica? Torcer pelo sucesso do Governo é uma opção, mas vocês querem manchetes escandalosas".

Com a concretização, na vida real, de uma crise que exibiu rugas nas redes, a BBC News Brasil listou os tuítes que ajudam a entender os principais marcos desta crise. 18 de fevereiro: Pedido de desculpas e declaração de amor

Em 279 caracteres, Vélez incluiu em um tuíte uma declaração de amor e um pedido de desculpas.

"Amo o Brasil e o nosso povo, de forma incondicional, desde a minha chegada aqui, em 1979 e, especialmente, desde a minha naturalização como brasileiro, em 1997", escreveu.

Era um posicionamento em relação a uma polêmica fala sua publicada 17 dias antes, no primeiro dia de fevereiro, pela revista Veja. O ministro disse que "o brasileiro, viajando, é um canibal": "Rouba coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião; ele acha que sai de casa e pode carregar tudo. Esse é o tipo de coisa que tem de ser revertido na escola".

Publicada a entrevista, Vélez disse no Twitter que a Veja colocou palavras suas "fora de contexto" e pediu perdão "a quem tiver se sentido ofendido". A revista negou ter descontextualizado a fala de Vélez e publicou a gravação da entrevista.

Episódios como este, ao longo dos meses, criaram em parte do governo a percepção de que Vélez era uma pessoa de temperamento explosivo, segundo disse um interlocutor à BBC News Brasil.

26 de fevereiro: o hino e a carta

"Brasileiros! Vamos saudar o Brasil dos novos tempos e celebrar a educação responsável e de qualidade a ser desenvolvida na nossa escola pelos professores, em benefício de vocês, alunos, que constituem a nova geração. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!".

A mensagem escrita por Vélez Rodríguez, deveria, segundo carta por ele assinada e

enviada a diretores de escolas em 25 de fevereiro, ser replicada em colégios de todo o país.

O ministro orientava que "no primeiro dia da volta às aulas, seja lida a carta que segue em anexo nesta mensagem" - com a presença de "professores, alunos e demais funcionários da escola, com todos perfilados diante da bandeira nacional (se houver)".

"Que seja executado o hino nacional" e "que um representante da escola filme trechos curtos" da leitura e da reprodução do hino, acrescentava o documento.

Já a parte final da mensagem é o bordão usado por Bolsonaro nas eleições de 2018 - por isso, ele foi acusado de levar uma mensagem eleitoral para dentro das escolas e de pedir filmagens de crianças sem que houvesse autorização dos pais para tal.

A reação foi ruim: no dia seguinte, o vice-presidente Hamilton Mourão criticou a inclusão do slogan de campanha na mensagem. "Foi o único problema que o ministro teve quando redigiu isso aí. É contra a legislação", disse.

Naquele dia 26, Vélaz reconheceu o erro. No Twitter, o MEC anunciou o envio de uma nova carta do ministro, "atualizada", em que agora os diretores eram convidados a fazer filmagens "voluntariamente": "A atividade faz parte da política de incentivo à valorização dos símbolos nacionais e a participação é voluntária".

8 de março: a degola dos olavetes

No começo de março, o feriado de Carnaval ajudou a abaixar a temperatura das tensões no Ministério da Educação. Foi só na volta do recesso que o episódio da carta produziu seus primeiros efeitos na estrutura do ministério.

Parte do corpo do MEC, de origem técnica ou vinculada aos militares, responsabilizou os alunos e seguidores de Olavo de Carvalho - grupo conhecido como os "olavetes" - pela ideia da carta.

No Facebook, o então assessor especial da pasta Silvio Grimaldo anunciou ele próprio que deixaria o governo, como parte de um "expurgo de alunos do Olavo de Carvalho" - "a maior traição dentro do governo Bolsonaro que se viu até agora", escreveu.

Ainda na rede social, Grimaldo afirmou que ficou sabendo durante o Carnaval que perderia suas funções no gabinete e seria transferido para a **Capex (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)** - em suas palavras, "apenas um prêmio de consolação pelos serviços prestados, uma política comum com os que se tornam indesejados no MEC". Insatisfeito com a oferta, o aluno de Olavo afirmou que havia pedido sua exoneração.

De fato, sua exoneração e a de mais cinco pessoas - incluindo Tiago Tondinelli, chefe de gabinete - seria consolidada nos dias seguintes.

Nessa leva saiu também o coronel Ricardo Roquetti, então assessor. Ele ganhou a antipatia dos "olavetes", que propagaram nas redes sociais a hashtag #ForaRoquetti.

No dia 8, o próprio Olavo também colocou a boca no trombone - do Twitter. Apesar de

depois dizer que não havia rompido com o governo, o escritor disse que todos os seus alunos que ocupavam cargos vinculados ao Planalto deveriam "abandoná-los o mais cedo possível e voltar à sua vida de estudos": "O presente governo está repleto de inimigos do presidente e inimigos do povo".

"Jamais gostei da ideia de meus alunos ocuparem cargos no governo, mas, como eles se entusiasmaram com a ascensão do Bolsonaro e imaginaram que em determinados postos poderiam fazer algo de bom pelo país, achei cruel destruir essa ilusão num primeiro momento", escreveu.

12 de março: cai o primeiro número dois

Por sua vez rechaçado pelos "olavetes", Luiz Antonio Tozi, então secretário-executivo da pasta, teve sua demissão anunciada no Twitter por Vélez: "Dando sequência às mudanças necessárias, agradecemos a Luís Antônio Tozi pelo empenho de suas funções no MEC (...)".

O cargo é considerado o "número dois" do MEC. Tozi fazia parte de outro grupo influente na pasta, com origens no Centro Paula Souza.

No mesmo tuíte, Vélez anunciou que assumiria a vaga o então secretário adjunto, Rubens Barreto da Silva. Mas isso duraria pouco.

14 de março: a terceira número dois

"Olavetes" não gostaram da indicação de Barreto, que acabou não concretizada.

Em 14 de março, Vélez anunciou no Twitter um novo nome: "De volta a Brasília, confirmo que Iolene Lima (@iolenemlima), da Secretaria de Educação Básica, assumirá a Secretaria Executiva do Ministério da Educação".

O bastão também ficaria nas mãos de sua nova dona, uma educadora ligada a uma igreja batista e que já ocupava outro cargo no MEC, por pouco tempo.

22 de março: um quadro bastante confuso

Mal havia criado uma conta no Twitter, Iolene teve de usar a rede para anunciar que também deixaria o ministério - ela teve dificuldades em ser aceita pelo governo Bolsonaro e seus principais apoiadores.

"Diante de um quadro bastante confuso na pasta, mesmo sem convite prévio, aceitei a nova função dentro do ministério. Novamente me coloquei à disposição para trabalhar em prol de melhorias para o setor. No entanto, hoje, após uma semana de espera, recebi a informação que não faço mais parte do grupo do MEC", escreveu, em uma mensagem que não está mais no ar.

27 de março: prenúncios da demissão

No início da semana, uma portaria do MEC anunciou que uma prova que avaliaria a alfabetização de crianças, parte do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), não seria mais realizada em 2019 - apenas em 2021.

O episódio levou a mais atritos, demissões e recuos no ministério - que voltou atrás e, depois, revogou a portaria.

A crise foi vista como a gota d'água para a sobrevivência de Vélez à frente da pasta, e o canal GloboNews chegou a anunciar que Bolsonaro havia decidido demitir o ministro.

Poucas horas depois, no dia 27, Bolsonaro foi ao Twitter negar e acusar a imprensa: "Sofro fake news diárias como esse caso da demissão do Ministro Velez. A mídia cria narrativas".

Vélez retuitou a mensagem do presidente.
8 de abril: confirmação da queda

Após dar sinais claros em entrevistas de a posição de Vélez no ministério estava em risco, o presidente Bolsonaro confirmou nesta segunda-feira a demissão.

"Comunico a todos a indicação do Professor Abraham Weintraub ao cargo de Ministro da Educação. Abraham é doutor, professor universitário e possui ampla experiência em gestão e o conhecimento necessário para a pasta. Aproveito para agradecer ao Prof. Velez pelos serviços prestados", escreveu o presidente.

topo ↕

AGÊNCIA ESTADO - TEMPO REAL

Por que o ministro da Educação está na berlinda?

Ricardo Vélez Rodríguez tem seu trabalho questionado desde o início do mandato; quase 20 pessoas já foram exoneradas da Pasta

O presidente Jair Bolsonaro reafirmou no fim de semana que vai decidir nesta segunda-feira, 8, sobre o futuro do ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, alvo de críticas dentro e fora do governo e pressões diversas. O ministro enfrenta uma crise que vem desde sua posse, com disputa interna entre grupos adversários, medidas contestadas, recuos e quase 20 exonerações. A Presidência da República informou que Vélez foi ao Palácio do Planalto encontrar o presidente na manhã desta segunda.

Na sexta-feira, num explícito processo de fritura pública do auxiliar, Bolsonaro afirmou que o ministério "não estava dando certo". "É uma pessoa bacana, honesta, mas está faltando gestão, que é uma coisa importantíssima. Vamos tirar a aliança da mão esquerda e pôr na mão direita ou na gaveta".

Na ocasião, disse que ele poderia ser aproveitado em outro ministério. "Quem decide sou eu. Segunda é o dia do fico ou não fico. A situação da educação será resolvida", afirmou. Vélez respondeu, em evento em São José dos Campos, que não iria entregar o cargo.

Neste três meses de governo, Vélez perdeu até o apoio de seu "padrinho", o escritor Olavo de Carvalho, influenciador do bolsonarismo. Olavo afirmou que não iria fazer nada contra Vélez, a quem chamou de "traíçoeiro". "Mas garanto que não vou lamentar se o botarem para fora do ministério".

A crise no MEC afeta, inclusive, programas do ministério. O Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio está paralisado. O cronograma do Sistema nacional de Avaliação Básica (Saeb) e do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) estão comprometidos.

O ministro também coleciona declarações polêmicas. Logo que assumiu o Ministério da Educação, um edital dos livros didáticos de 2020 dizia que não seriam mais necessárias referências bibliográficas. Também foi retirado o item que impedia publicidade e coibia erros de revisão e impressão. Após questionamentos, o MEC retirou o texto e abriu sindicância, alegando erro da gestão anterior.

Vélez também já disse que haverá mudanças em livros didáticos para revisar a maneira como são retratados nas escolas o golpe de Estado de 1964 que retirou o presidente João Goulart do poder. Ele rejeita a palavra golpe. "Foi uma mudança de tipo institucional", disse ao jornal Valor Econômico.

No início de fevereiro, deu uma declaração à revista Veja dizendo que o brasileiro viajando é um "canibal", pois "rouba coisas dos hotéis" e isso precisa ser revertido na escola. Questionado no Supremo Tribunal Federal (STF), ele informou à ministra Rosa Weber que foi "infeliz" na declaração.

Outra ação questionada foi o envio de uma carta oficial do Ministério da Educação a diretores de escola sugerindo a leitura de um texto com slogan da campanha de Bolsonaro, seguida do Hino Nacional. Os alunos deveriam ser filmados e a gravação, enviada ao MEC. O caso fez com que a Procuradoria-Geral da República abrisse uma investigação para apurar possível improbidade administrativa por parte do ministro. Quem substitui?

Entre os cotados para o cargo estão o senador Izalci Lucas (PSDB-DF) e o presidente da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, **Anderson Ribeiro Correia**. Ainda não há convites.

Izalci Lucas tem recebido apoio da bancada do PSL e também de entidades não governamentais ligadas à educação. Ele foi contador de escolas particulares no Distrito Federal e atuante na Comissão de Educação quando era deputado.

Stavros Xanthopoulos, consultor de educação de Bolsonaro no período da campanha, também voltou a ser aventado como uma possibilidade para substituir Vélez. Outro nome cotado é o ex-reitor da Universidade de Brasília (UnB) Ivan Camargo.

topo ↕

AGÊNCIA GLOBO - TEMPO REAL

Fora da agenda, Bolsonaro recebe ministro da Educação em meio a suspense sobre demissão

Encontro com Ricardo Vélez Rodríguez foi no Palácio do Planalto, na manhã desta segunda-feira; Presidência não anunciou a decisão

BRASÍLIA - Como havia anunciado na última sexta-feira, quando sinalizou que poderia demitir o ministro da Educação nesta segunda-feira, o presidente Jair Bolsonaro se encontrou pela manhã com Ricardo Vélez Rodríguez, no Palácio do Planalto. Até o momento, no entanto, não se sabe se Vélez continua no comando do MEC.

A reunião não constava na agenda oficial dos dois até as 11h, quando o ministro já havia deixado o local, mas foi confirmada por telefone pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República.

Na programação pública do presidente Bolsonaro pela manhã, constam apenas encontros com Douglas Tavolaro, da CNN Brasil, às 9h, e com Marco Aurélio Vieira, Secretário Especial do Esporte do Ministério da Cidadania, às 10h, ambos no Planalto.

Já a de Vélez aponta apenas que ele teria reuniões e despachos internos das 9h às 12h e das 14h às 18h.

Durante café da manhã com jornalistas na sexta, Bolsonaro criticou a atuação do ministro à frente da pasta e deixou em aberto a possibilidade de demiti-lo nesta segunda.

— Está bastante claro que não está dando certo o ministro Vélez. É uma pessoa honrada, mas está faltando gestão. Na segunda-feira, vamos tirar a aliança da mão direita, ou vai para a esquerda ou vai para a gaveta — disse o presidente, acrescentando que a decisão já estava tomada.

Avisado das declarações de Bolsonaro por jornalistas, o ministro disse que não entregaria o cargo, na sexta.

topo ↕

CONGRESSO EM FOCO - TEMPO REAL

Vélez vive dia D com Bolsonaro após ser chamado de “traíçoeiro” pelo “padrinho” Olavo de Carvalho

O ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, começa a semana que marca os 100 primeiros dias do governo sem saber se seguirá à frente da pasta. Assim que foi convidado para o cargo, o professor colombiano naturalizado brasileiro atribuiu sua escolha ao escritor e polemista Olavo de Carvalho. Vélez chega a esta segunda-feira (8) emparedado pela crise administrativa no ministério, pela disputa entre militares e apoiadores de Olavo e pela desconfiança do presidente da República e, agora, do próprio padrinho político. Além disso, como mostrou o Painel do Poder, do Congresso em Foco, o ministro é o pior avaliado pelos parlamentares mais influentes da Câmara e do Senado.

O presidente reconheceu, em café da manhã com jornalistas na última sexta-feira, que a gestão no Ministério da Educação não está funcionando e adiantou que terá hoje uma conversa decisiva com o auxiliar. No fim de semana, Olavo chamou o “afilhado” político de “traíçoeiro” e sinalizou apoio à sua eventual demissão.

“Conheci o professor Vélez por seus livros sobre a história do pensamento brasileiro, publicados mais de vinte anos atrás. Nunca tomei conhecimento das suas obscenas tucanadas e clintonadas, que teriam me prevenido contra o seu comportamento traíçoeiro. Não vou fazer nada contra ele, mas garanto que não vou lamentar se o botarem para fora do ministério”, postou Olavo nas redes sociais. O escritor exerce grande influência sobre os filhos do presidente, sobretudo, Carlos e Eduardo.

Vélez afirmou na sexta-feira que não vai entregar o cargo e só sairá se for demitido. Caso seja essa a opção do presidente, será o segundo ministro a cair. O primeiro foi Gustavo Bebianno (Secretaria-Geral da Presidência), que deixou o governo após entrar em confronto com Carlos Bolsonaro e, em seguida, com o próprio presidente. Discute-se no governo a possibilidade de se remanejar Vélez para cargo de menor escalão em outro órgão federal.

Ele ainda tem esperança de receber nova chance de Bolsonaro e ser mantido à frente do ministério. Mas as palavras do presidente sobre a relação entre os dois não são das mais animadoras para ele. “Está bastante claro que não está dando certo o ministro Vélez. É uma pessoa honrada, mas está faltando gestão. Na segunda-feira, vamos tirar a aliança

da mão direita, ou vai para a esquerda ou vai para a gaveta”, disse o presidente na sexta.

A gestão do ministro tem sido marcada por confusões. Há duas semanas ele foi enquadrado pela deputada Tabata Amaral (PDT-SP), de 25 anos, ao ir à Câmara, para uma audiência pública, sem apresentar qualquer projeto de sua pasta. Foi chamado de incompetente e ouviu da jovem deputada que deveria pedir demissão.

Esse, porém, está longe de ser o maior dos problemas de Vélz. Uma disputa entre apoiadores de Olavo de Carvalho e militares dentro do ministério fez do Ministério da Educação o ambiente mais instável da Esplanada dos Ministérios, com trocas quase diárias em cargos importantes. A saída dos chamados "olavetes" irritou o escritor.

Vélz também se envolveu em outras polêmicas. Na semana passada criou atrito entre os próprios militares ao dizer que determinaria mudanças no conteúdo de livros de História para negar que o Brasil tenha sido alvo de golpe de Estado em 1964, mas salvo por um “contragolpe” para impedir a instalação do comunismo no país.

Em março, o ministério determinou a suspensão dos testes de alfabetização para crianças de sete anos, com a promessa de retomá-los em 2021. A portaria foi assinada pelo Inep, que é o órgão responsável pelos exames. Mas foi revogada no dia seguinte após a repercussão negativa. O ministro alegou, internamente, ter sido surpreendido com a medida.

Antes, ele pediu a diretores de escolas que lessem para alunos uma carta que terminava com o slogan da campanha de Bolsonaro nas eleições. O texto também orientava os diretores a filmarem alunos durante a execução do hino nacional e da leitura da carta e a enviarem para o MEC os vídeos. Ele desistiu da ideia e admitiu ter se equivocado após forte repercussão do caso e abertura de investigação contra ele por improbidade administrativa.

Em entrevista à revista Veja, o ministro também polemizou ao dizer que o brasileiro, quando viaja, parece um “canibal”. O ministro foi notificado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) para que esclarecesse o teor das declarações. Ele afirmou ainda que os turistas brasileiros roubam hotéis.

[topo](#)

CORREIO WEB - TEMPO REAL

Bolsonaro anuncia a saída de Ricardo Vélz do Ministério da Educação

O chefe do Palácio do Planalto aproveitou e já anunciou o substituto: o professor Abraham Weintraub, secretário-executivo de Onyx Lorenzoni, na Casa Civil

O presidente Jair Bolsonaro informou, pelo Twitter, na manhã desta segunda-feira (8/4), a saída de Ricardo Vélz Rodriguez do Ministério da Educação (MEC). O chefe do Palácio do Planalto aproveitou e já anunciou quem ficará à frente da pasta: o professor Abraham Weintraub.

“Comunico a todos a indicação do professor Abraham Weintraub ao cargo de Ministro da Educação. Abraham é doutor, professor universitário e possui ampla experiência em gestão e o conhecimento necessário para a pasta. Aproveito para agradecer ao Prof. Vélz pelos serviços prestados”, escreveu Bolsonaro na rede social.

O economista Abraham Weintraub e o irmão Arthur foram responsáveis pelo tema da

Previdência durante o governo de transição. Ele era atualmente secretário executivo da Casa Civil, tendo sido apresentado a Bolsonaro pelo chefe desta pasta, o ministro Onyx Lorenzoni.

Formado em economia pela USP, Abraham trabalhou no Banco Votorantim, onde exerceu os cargos de economista-chefe e diretor, entre outros. Depois, passou pela Quest Corretora. Nos últimos anos, lecionou pela Universidade Federal do Estado de São Paulo (Unifesp), como professor de Ciências Contábeis.

Coleção de polêmicas

Vélez Rodriguez sai depois de, em apenas três meses de governo, colocar o MEC em diversas polêmicas, incluindo atritos constantes com a equipe, o que levou ao total de 18 exonerações nesse período.

Além disso, Vélez afirmou que a universidade não é para todos; a uma revista disse que o “brasileiro viajando é um canibal”; e, em outro episódio, mandou filmar estudantes cantando o Hino Nacional.

Diante da crise, Vélez teve o mesmo comportamento do primeiro ministro a deixar o governo, Gustavo Bebianno, que ficou apenas 48 dias no cargo: quando ouviu que estava demissionário, disse que não sairia.

Para o novo ministro fica a tarefa de colocar o MEC nos eixos. Levantamento do Tribunal de Contas da União (TCU) aponta que o ensino básico do país continua sem critérios mínimos para avaliação de qualidade e que ainda não foram implementados pelo MEC o Sistema Nacional de Avaliação Básica (Sinaeb) e o Custo Aluno-Qualidade Inicial (CAQi), determinações do Plano Nacional da Educação (PNE) 2014-2024. O MEC tem 90 dias para apresentar um plano de ação para sanear os problemas.

topo ↕

G1 - TEMPO REAL

Governo gostaria que Vélez se antecipasse e pedisse demissão

De forma reservada, integrantes do governo manifestaram desejo de que o ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, se antecipe ao problema e peça demissão. Mas o próprio Vélez já deixou claro que não fará isso, o que deve dificultar uma solução para o Palácio do Planalto.

Na última sexta-feira (5), o próprio presidente Jair Bolsonaro demonstrou descontentamento com o desempenho de Vélez, disse que está claro que "não está dando certo" e que nesta segunda-feira (8) haveria uma definição: "seria o dia do fico ou não fico".

Ao Blog, um auxiliar próximo do presidente reconheceu na manhã desta segunda que ainda não há uma definição sobre o tema. A avaliação é de que é preciso corrigir o rumo na gestão do Ministério da Educação, considerada sofrível no núcleo palaciano.

Até o início da manhã desta segunda, ainda faltava um nome de consenso para uma eventual substituição. "O nome de um possível substituto continua em estudo", disse ao Blog um auxiliar de Bolsonaro.

topo ↕

G1 - TEMPO REAL

Faculdade Ipanema passa a oferecer cursos de graduação EAD em Sorocaba
Instituição é o novo polo da UniDomBosco, também integrante do grupo SEB.
Alunos do ensino a distância também utilizarão a estrutura da faculdade na Zona Norte da cidade.

A Faculdade Ipanema é o mais novo polo de Ensino a Distância (EAD) da UniDomBosco na zona norte de Sorocaba (SP). A estrutura da faculdade, localizada na Avenida Itavuvu, agora receberá alunos dos cursos de graduação EAD da UniDomBosco para realização de atividades como provas, por exemplo.

No Brasil e no mundo, o Ensino a Distância tem se tornado cada vez mais comum entre os estudantes e é visto de forma positiva pelo mercado. Uma das vantagens são os horários flexíveis, adaptáveis ao estilo de vida de todas as pessoas. Além disso, as aulas são dinâmicas e interativas.

Para atender aos alunos dos cursos EAD, a Faculdade Ipanema disponibiliza laboratório com 50 computadores, uma sala para as aulas, sala da coordenação e a biblioteca. O espaço de estudos e mentoria será compartilhado junto com as estruturas da instituição.

No polo da UniDomBosco na Faculdade Ipanema são oferecidos os seguintes cursos de graduação:

Administração EAD;
Ciência de Dados e Inteligência Artificial EAD;
Ciências Contábeis EAD;
CST em Logística EAD;
CST em Sistemas para Internet (ênfase em Internet das Coisas) EAD;
Curso Superior de Tecnologia em Marketing Digital EAD;
Curso Superior de Tecnologia em Marketing EAD;
Educação Física EAD;
Engenharia de Produção EAD;
Gestão da Tecnologia da Informação EAD;
Gestão de Recursos Humanos EAD;
Gestão Financeira EAD;
E Pedagogia EAD.

Assim como a Faculdade Ipanema, o UniDomBosco faz parte do Sistema Educacional Brasileiro S.A. (SEB). O centro universitário conta com 125 polos de apoio de ensino a distância credenciados pelo MEC em 22 estados brasileiros. São mais de 4 mil estudantes matriculados nas modalidades presencial e a distância, em cursos de graduação e pós-graduação.

Os interessados em estudar no polo da Faculdade Ipanema podem obter mais informações pelo telefone (15) 3357-7093 ou enviar um e-mail para camila.ruty@faculdadeipanema.edu.br.

topo ↕

G1 - TEMPO REAL

Presidência diz que Vélaz se reuniu com Bolsonaro nesta segunda, mas não informa se ele continua ministro

Na semana passada, presidente havia dito que esta segunda seria o dia do fico ou não fico de Vélez no Ministério da Educação. Pasta vive crise interna desde o início do governo.

A Secretaria de Comunicação da Presidência da República informou que o ministro da Educação, Ricardo Vélez, se reuniu com o presidente Jair Bolsonaro na manhã desta segunda-feira (8). Questionada pelo G1, a Presidência não disse, até a última atualização desta reportagem, se na reunião foi acertada a demissão ou permanência de Vélez no ministério.

Também não foi informado o assunto do encontro entre Bolsonaro e o ministro.

Na sexta-feira (5), Bolsonaro disse num café da manhã com jornalistas que esta segunda seria o dia do "fico ou não fico" de Vélez.

Colombiano naturalizado brasileiro, Vélez tomou posse no cargo em 1º de janeiro e enfrentava uma "guerra interna" no MEC provocada por desentendimentos entre militares e seguidores do escritor Olavo de Carvalho.

Em pouco mais de três meses de Vélez à frente do ministério, a pasta teve pelo menos 14 demissões em cargos importantes na estrutura interna, entre eles o de secretário-executivo.

A gestão dele, até aqui, também é marcada por declarações polêmicas. Ele já afirmou que o brasileiro age como um "canibal" quando viajava para o exterior. Depois disse que a declaração foi infeliz. Vélez também afirmou que pretende mudar os livros didáticos para revisar a maneira como tratam a ditadura militar e o golpe de 1964.

topo ↕

G1 - TEMPO REAL

Bolsonaro anuncia demissão de Vélez e diz que Abraham Weintraub será o novo ministro da Educação

Vélez enfrentava guerra no MEC provocada por desentendimentos entre assessores. No período na pasta, ele protagonizou uma série de polêmicas; relembre.

O presidente Jair Bolsonaro anunciou em uma rede social nesta segunda-feira (8) a demissão do ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez. Bolsonaro informou também que o novo ministro será Abraham Weintraub.

Colombiano naturalizado brasileiro, Vélez Rodríguez tomou posse no cargo em 1º de janeiro e enfrentava uma "guerra interna" no MEC provocada por desentendimentos entre militares e seguidores do escritor Olavo de Carvalho.

Na sexta-feira (5), em um café da manhã com jornalistas, o presidente Jair Bolsonaro disse que o ministro poderia deixar o cargo nesta segunda-feira (8). "Segunda-feira vai ser o dia do fico ou não fico", disse o presidente na ocasião.

Pouco depois da declaração do presidente, Velez, que participava de um evento em Campos do Jordão (SP) declarou que não entregaria o cargo.

No café, Bolsonaro também afirmou que não existe rivalidade entre a ala ideológica do governo – influenciada pelo escritor Olavo de Carvalho – e a corrente militar, composta

por gerais que integram altos cargos no Executivo federal.

Nos dois meses e meio à frente do Ministério da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez colecionou uma série de polêmicas, entre as quais:

Disse que quer mudar os livros didáticos para revisar a maneira como tratam a ditadura militar e o golpe de 1964.

Anunciou a demissão do secretário-executivo da pasta diante da "guerra" no ministério.

Depois trocou os substitutos e também demitiu o presidente do Inep;

Pediu a escolas que filmassem alunos cantando Hino Nacional e enviassem o vídeo ao MEC. Depois, voltou atrás;

Disse em entrevista que o brasileiro parece um "canibal" quando viaja ao exterior.

Depois, disse ter sido "infeliz" na declaração;

Afirmou que a universidade não é para todos.

Além disso, desde o início da sua gestão, em janeiro, houve pelo menos 14 trocas em cargos importantes no Ministério da Educação.

A demissão de Vélez Rodríguez é a segunda baixa no ministério do governo Jair Bolsonaro.

Há cerca de um mês, o advogado Gustavo Bebianno deixou a Secretaria-Geral após se envolver em uma crise com o vereador Carlos Bolsonaro (PSC-RJ), filho do presidente Bolsonaro.

Ricardo Vélez Rodríguez

Nascido em Bogotá (Colômbia) e naturalizado brasileiro em 1997, o agora ex-ministro é autor de mais de 30 obras e professor emérito da Escola de Comando do Estado Maior do Exército.

Vélez Rodríguez é mestre em pensamento brasileiro pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ); doutor em pensamento luso-brasileiro pela Universidade Gama Filho; e pós-doutor pelo Centro de Pesquisas Políticas Raymond Aron.

Em 7 de novembro, disse que havia sido indicado para o Ministério da Educação pelo escritor Olavo de Carvalho.

"Aceitei a indicação movido unicamente por um motivo: tornar realidade, no terreno do MEC, a proposta de governo externada pelo candidato Jair Bolsonaro, de Mais Brasil, menos Brasília", publicou à época.

Ainda no blog, Vélez chegou a escrever um texto intitulado "Um roteiro para o MEC" em que afirmava que o Ministério da Educação tem como "tarefa essencial" recolocar os ensinos básico e fundamental "a serviço das pessoas".

Na época em que o presidente Jair Bolsonaro estava fazendo as indicações aos ministérios, chegaram a circular os nomes de Guilherme Schelb (procurador da

República) e de Mozart Ramos (diretor do Instituto Ayrton Senna) para o Ministério da Educação.

topo ↕

G1 - TEMPO REAL

Ministro da Educação é demitido após gestão marcada por controvérsias e recuos. Intensa troca de cargos também marcou os mais de três meses do ministro no posto. Nesse período, quatro nomes chegaram a ser anunciados para a secretaria-executiva da pasta.

Por G1

A demissão do ministro da Educação Ricardo Vélez Rodríguez na semana em que o governo Jair Bolsonaro completa seus 100 dias marca uma gestão que, entre crises, controvérsias e recuos, gerou insegurança nos servidores, nos gestores estaduais e municipais e nos especialistas sobre os riscos para a execução de metas e ações prioritárias.

Dono de um dos maiores orçamentos do governo federal, o Ministério da Educação (MEC) se arrasta desde a metade de janeiro em uma disputa interna que opõe dois grupos com visões distintas de como a pasta deve operar. Houve ao menos 14 demissões no alto escalão, inclusive para o cargo de secretário-executivo (o "número 2" da gestão), além da publicação de documentos oficiais com incongruências, que depois foram anulados, além de frases polêmicas de Vélez, que levaram a críticas.

Entenda a crise no Ministério da Educação em 4 pontos

Na sexta (5), o presidente Jair Bolsonaro disse que estava "bastante claro que não está dando certo" o trabalho de Vélez no Ministério da Educação. Segundo Bolsonaro, "está faltando gestão" na pasta.

A declaração do presidente ocorreu dois dias após o então ministro dizer que pretendia revisar livros didáticos sobre o golpe de 1964 e a ditadura militar. Depois, Vélez disse que as mudanças não seriam uma doutrinação. "Mudanças poderiam ser realizadas progressivamente, trazendo uma versão mais ampla da História, e só após passar por uma banca de cientistas da área. Doutrinação como foi feito pela esquerda, jamais".

Confira abaixo os principais pontos polêmicos da gestão Vélez:

Livros didáticos: Em janeiro, o edital para compra de livros escolares foi publicado sem que houvesse trechos importantes que norteariam a aquisição das obras. Entre eles, foram excluídos itens que evitariam a compra de obras com erros e propagandas. O edital também não trazia mais a exigência de que as obras retratassem a diversidade étnica e o compromisso com ações de combate à violência contra a mulher. No dia seguinte, o edital foi anulado.

Presidência do Inep vaga: Ainda em janeiro, a presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) Maria Inês Fini, no cargo há 3 anos, foi exonerada. O ex-professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Marcus Vinicius Rodrigues foi nomeado para o cargo. Dois meses depois, também foi demitido. Ele saiu da pasta dizendo que não há comunicação dentro do MEC. Até a noite de sexta-feira (5), ninguém havia sido nomeado para o cargo.

Alfabetização: Após a extinção da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), a expectativa era que as crianças fossem avaliadas no Sistema de Avaliação da Educação

Básica (Saeb). No entanto, a portaria do Saeb foi publicada sem essa previsão. Um dia depois, foi anulada.

Trocas no cargo número 2 do MEC: Quatro nomes foram anunciados para o cargo de secretário-executivo do MEC em três meses de gestão.

Frases polêmicas: Vélez disse que o brasileiro seria "canibal" ao viajar: "Rouba coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião; ele acha que sai de casa e pode carregar tudo. Esse é o tipo de coisa que tem de ser revertido na escola", declarou. O Congresso pediu que ele fosse se explicar. Em documento ao Supremo Tribunal Federal (STF), o Vélez disse que foi "infeliz" ao fazer a declaração. Em outra ocasião, Vélez afirmou que a universidade não seria para todos.

Educação moral e cívica e retomada do Projeto Rondon: Vélez publicou um vídeo anunciando que a "educação moral e cívica" voltaria às escolas e que retomaria o Projeto Rondon, mas não disse como.

Slogan de campanha e filmagem ilegal de crianças: Vélez enviou uma carta a todas as escolas do país pedindo para que fosse lido o slogan de campanha de Bolsonaro e que as crianças fossem filmadas cantando o Hino Nacional. A leitura do slogan pode ferir a Constituição, e a gravação de crianças sem autorização dos responsáveis vai contra o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Enem: o Inep, vinculado ao MEC, criou uma comissão para fiscalizar o conteúdo do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). O grupo deveria fazer uma "leitura transversal" das questões que compõem o Banco Nacional de Itens para "verificar a sua pertinência com a realidade social". A Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC), do Ministério Público Federal (MPF) pediu esclarecimentos.

Golpe militar e ditadura nos livros didáticos: Vélez disse que pretende fazer uma revisão nos livros didáticos que contam a história do golpe de 1964 e da ditadura militar no Brasil. Educadores e historiadores afirmaram que a revisão seria um retrocesso.

(Abaixo, veja mais detalhes sobre cada um dos temas.)

Militares x seguidores de Olavo de Carvalho

A crise na gestão de Vélez foi marcada por uma disputa interna entre dois grupos. O primeiro é formado por militares e por ao menos um coronel que tinha afinidade com o então ministro. Esses integrantes defendem um plano de governo mais pragmático: projetos como educação a distância, criação de colégios militares em capitais e modernização da gestão.

O segundo grupo é constituído por seguidores do escritor de direita Olavo de Carvalho e por ex-alunos de Vélez. A chegada dessa equipe ao governo do presidente Jair Bolsonaro causou atritos com quem que já participava das discussões sobre educação desde a campanha eleitoral. O principal ponto para esse grupo "ideológico" é expulsar do MEC qualquer resquício de "marxismo cultural" ou de "pensamentos esquerdistas".

Na sexta (5), o presidente Jair Bolsonaro negou que houvesse disputas internas no governo. "Não existe [disputa de] olavetes contra militares", afirmou o presidente, referindo-se à disputa entre as alas "ideológica" e "pragmática" do governo.

Declarações de Bolsonaro

Antes de oficializar a demissão de Vélez, Bolsonaro havia negado mais de uma vez que

afastaria o ministro do cargo:

12 de março

Bolsonaro afirmou, no dia 12 de março, que Vélez não seria demitido.

"Continua. Ele teve um problema com o primeiro homem dele. Mas está resolvido", respondeu o presidente da República aos jornalistas, referindo-se à demissão do secretário-executivo do MEC, Luís Antônio Tozi.

"Eu tenho seis filhos e tenho problemas de vez em quando. Imagina com 22 ministros", complementou Bolsonaro, que depois teve que se corrigir, esclarecendo que, na verdade, tem cinco filhos.

Mais tarde, o próprio Vélez usou as redes sociais para dizer que estava "100%" alinhado com o Palácio do Planalto.

27 de março

No dia 27 de março, Bolsonaro publicou nas redes sociais que os rumores de que teria decidido demitir Vélez eram falsos.

"Sofro fake news diárias como esse caso da demissão do Ministro Vélez. A mídia cria narrativas de que NÃO GOVERNO, SOU ATRAPALHADO, etc. Você sabe quem quer nos desgastar para se criar uma ação definitiva contra meu mandato no futuro. Nosso compromisso é com você, com o Brasil", postou.

Vélez reproduziu o post em sua página nas redes sociais.

28 de março

Bolsonaro foi duas vezes questionado sobre a permanência de Vélez no MEC. Em ambas, não respondeu.

As perguntas foram feitas por jornalistas na saída de uma churrascaria em Brasília. Na primeira, o presidente ficou calado. Na segunda, começou a falar sobre a reforma da Previdência, mas, ao ser indagado sobre o ministro, deixou o local e entrou no carro para ir embora.

Um dos filhos de Bolsonaro, o senador Flávio Bolsonaro (PSL-RJ), que foi ao mesmo jantar, também foi alvo de questionamentos sobre uma possível demissão do ministro Vélez. Ele respondeu: "O presidente é quem fala".

5 de abril

Em um café da manhã com jornalistas no Palácio do Planalto, Bolsonaro sinalizou que poderia demitir Vélez. "Está bastante claro que não está dando certo" o trabalho de Vélez no Ministério da Educação. Segundo ele, "está faltando na gestão" na pasta.

Troca de cargos

Mais de uma dezena de pessoas já deixaram cargos importantes no Ministério da Educação (MEC) desde janeiro. As baixas mais recentes ocorreram na quinta-feira (4) e foram as do assessor especial do ministro para a comunicação e da chefe de gabinete do ministro, que havia assumido o cargo em março – antes, ela estava na Secretaria-Executiva.

Edital para compra de livros com erros

No dia 2 de janeiro de 2019, o edital do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) foi publicado com alterações polêmicas: livros escolares poderiam ser comprados e adotados pelas instituições de ensino mesmo que apresentassem erros e propagandas. Também não precisariam retratar a diversidade étnica e o compromisso com ações de combate à violência contra a mulher.

No dia seguinte, após repercussão negativa, o edital foi anulado. Segundo a assessoria do MEC, as alterações do PNLD haviam sido feitas no governo Temer. O ex-ministro Rossieli Soares negou ter feito as mudanças.

Cerca de uma semana depois, em 11 de janeiro, Vélz exonerou dez pessoas que ocupavam cargos comissionados no Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), incluindo o chefe de gabinete do órgão, Rogério Fernando Lot. Foi ele quem assinou o edital com as mudanças polêmicas sobre os livros escolares.

Presidência do Inep

No cargo desde 2016, Maria Inês Fini havia sido nomeada presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) por Michel Temer e foi exonerada em 14 de janeiro após polêmicas sobre o Enem. A prova trouxe uma questão de linguagens que tratava do dialeto pajubá, conjunto de expressões associadas aos gays e aos travestis.

Uma semana depois, em 22 de janeiro, o ex-professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Marcus Vinicius Rodrigues foi nomeado presidente do órgão. Ele passou pouco mais de dois meses no cargo, e foi exonerado em 26 de março.

Em entrevista à TV Globo após ser demitido, o ex-presidente do Inep disse que não há comunicação dentro do ministério. Na segunda-feira (25), Rodrigues havia assinado uma portaria sobre as novas regras do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb).

Segundo o documento, a avaliação da alfabetização de crianças não seria feita na edição de 2019. Horas depois da publicação no Diário Oficial da União, o Inep afirmou que esse teste só seria aplicado em 2021. A portaria provocou o pedido de demissão de Tania Leme de Almeida, secretária de Educação Básica, e foi anulada no dia seguinte pelo ministro da Educação.

"A gente respira educação, a gente dorme educação, acorda educação, come educação. O quanto custa a gente poder permitir que os projetos tenham andamento? Se isso custa, de repente, eu estar no ministério, que isso possa realmente ser um preço que eu pago. E que a educação possa ser de qualidade no nosso país", afirmou Tania, em sua despedida

no Conselho Nacional de Educação.

Fontes ouvidas pelo G1 afirmam que a falta de comunicação e articulação internas fizeram com que ela não fosse informada da decisão. O ex-presidente do Inep diz que assinou a portaria com respaldo do secretário de Alfabetização do MEC, Carlos Nadalim. Um documento mostra que, de fato, Nadalim havia feito a recomendação para que a alfabetização não fosse avaliada em 2019.

Marcus Vinicius Rodrigues disse que "foi um processo muito ruim, que mostrou a incompetência gerencial muito grande." Ele também declarou que, em três meses de governo, não houve nenhuma reunião de trabalho com o ministro da Educação.

Em audiência pública na Câmara dos Deputados, Vélez disse que Rodrigues deixou o cargo porque "puxou o tapete".

"A última demissão no MEC [ocorreu] porque o diretor-presidente do Inep puxou o tapete. Ele mudou de forma abrupta o entendimento que já tinha sido feito para a preservação da Base Nacional Curricular e fazer as avaliações de comum acordo com as secretarias de educação estaduais e municipais", afirmou o então ministro.

Para Vélez, embora Rodrigues tenha se baseado em pareceres técnicos, a questão não havia sido debatida.

A então secretária de Educação Básica Tania Leme de Almeida em foto de 22 de janeiro, durante a cerimônia de posse dos novos conselheiros do Conselho Nacional de Educação (CNE) — Foto: Andre Sousa/MEC
A então secretária de Educação Básica Tania Leme de Almeida em foto de 22 de janeiro, durante a cerimônia de posse dos novos conselheiros do Conselho Nacional de Educação (CNE) — Foto: Andre Sousa/MEC

A então secretária de Educação Básica Tania Leme de Almeida em foto de 22 de janeiro, durante a cerimônia de posse dos novos conselheiros do Conselho Nacional de Educação (CNE) — Foto: Andre Sousa/MEC

Avaliação da alfabetização

O edital com as diretrizes para o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) foi publicado em 25 de março sem fazer menção aos alunos em fase de alfabetização. A expectativa era de que os alunos estivessem incluídos neste teste. Isso porque, até o ano passado, a alfabetização era mensurada pela Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), mas em junho de 2018, o então ministro da Educação, Rossieli Soares, disse que a ANA seria extinta e incorporada ao Saeb – alunos do 2º ano do ensino fundamental passariam a ser avaliados ao lado dos estudantes do 5º e 9º ano do fundamental e do 3º ano do ensino médio.

Quando questionado sobre a ausência dos alunos da alfabetização no edital, o Inep informou que eles passariam a ser avaliados no Saeb somente em 2021. O órgão não informou se em 2019 e 2020 haveria algum outro tipo de avaliação da alfabetização no Brasil.

Mais de dez dias depois da revogação da portaria, o Inep não havia informado quando

haverá a publicação das novas regras do exame.

Diretoria do Inep

Em 16 de janeiro, o Diário Oficial da União trouxe a nomeação de Murilo Resende Ferreira para o cargo de diretor de Avaliação da Educação Básica do Inep, diretoria que coordena o processo de elaboração de provas como o Enem.

Dois dias depois, em 18 de janeiro, o ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, decidiu "tornar sem efeito" a nomeação de Resende.

Na mesma portaria, foram nomeadas outras quatro pessoas para ocupar cargos vinculados ao Ministério da Educação, entre eles **Anderson Ribeiro Correia**, o novo presidente da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**.

Vélez diz que brasileiro é canibal

Em entrevista à revista "Veja", Ricardo Vélez afirmou que, viajando, o brasileiro é um "canibal". "Rouba coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião; ele acha que sai de casa e pode carregar tudo. Esse é o tipo de coisa que tem de ser revertido na escola", disse o então ministro.

O Congresso pediu que ele fosse se explicar. Em documento ao Supremo Tribunal Federal (STF), o Vélez disse que foi "infeliz" ao fazer a declaração.

Projeto Rondon e educação moral e cívica

O ex-ministro publicou um vídeo no site do MEC afirmando que pretendia impulsionar o Projeto Rondon na sua gestão. O projeto foi criado em 1968 com o objetivo de levar estudantes do ensino superior em viagens de prestação de serviços em comunidades de todo o território brasileiro. Ele havia sido extinto em 1989, mas foi reativado a partir de 2005 pelo Ministério da Defesa (MD). O MEC é um dos parceiros na iniciativa.

Vélez, no entanto, não apresentou as medidas concretas para impulsioná-lo.

No mesmo vídeo publicado no site do MEC, o então ministro afirma que quer retomar o ensino de conteúdos de "educação cívica" nas escolas brasileiras. Mas ele não explicou como isso seria aplicado.

"Então, eu vou dar muita ênfase a isso, à retomada desse processo de ensino de valores fundamentais, fundantes da nossa vida. Tanto no ensino infantil, quanto no ensino fundamental, ao longo de todo o ensino fundamental e, por que não, continuando no nível universitário", disse.

Universidades não são para todos

Em fevereiro, Vélez afirmou que a universidade não é para todos. Em entrevista à revista Veja, o então ministro afirmou que essas instituições de ensino representam uma elite intelectual, "para a qual nem todo mundo está preparado ou para a qual nem todo

... mundo tem disposição ou capacidade".

Formação de professores

O Ministério da Educação anunciou que vai rever a proposta de mudanças na formação dos professores da educação básica feita na gestão do ex-presidente Michel Temer.

O documento, chamado de Base Nacional Comum de Formação de Professores da Educação Básica (BNC Formação de Professores), havia sido entregue em dezembro ao Conselho Nacional de Educação (CNE), e a expectativa era que ele fosse avaliado e aprovado ainda em 2019.

Procurado pelo G1, o MEC afirmou, em nota, que não está definido se o documento apresentado pela gestão anterior será alterado ou mantido.

Carta às escolas

Vélez enviou uma carta às escolas de todo o país pedindo que os diretores lessem para as crianças um texto que continha o slogan de campanha do então candidato Jair Bolsonaro e que filmassem os alunos cantando o Hino Nacional. As imagens deveriam ser enviadas ao MEC.

O Estatuto da Criança e do Adolescente veta a divulgação de imagens de menores de idade sem autorização dos pais. Já a reprodução do slogan de campanha de Jair Bolsonaro pode ferir a Constituição de acordo com o artigo 37, que diz que a administração pública de qualquer um dos poderes deve seguir os princípios da "legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência". O Ministério Público Federal em Brasília informou que vai apurar se o ex-ministro cometeu improbidade administrativa.

Em 26 de fevereiro, Vélez reconheceu que errou ao pedir que as escolas filmassem as crianças sem a autorização dos pais. Dois dias depois, ele desistiu de pedir o vídeo às escolas, por questões técnicas de armazenamento e de segurança.

Em 5 de abril, o Ministério Público Federal (MPF) divulgou recomendações ao ministro depois de instaurar procedimento para apurar de Vélez havia cometido improbidade administrativa com o pedido. O resultado da apuração mostrou que a carta foi enviada antes de que órgãos consultivos do MEC, como especialistas jurídicos, fossem consultados, e que ela foi recebida por cerca de 24 mil escolas públicas e privadas.

O MPF recomendou que o ministro, além de se abster de violar a laicidade do Estado e de priorizar as metas do Plano Nacional de Educação, também evite "praticar atos ou adotar medidas sem prévia análise jurídica e técnica da área responsável".

Comissão para fiscalizar o Enem

Em março, o Inep anunciou a criação uma comissão para fazer uma "leitura transversal" das questões que compõem o Banco Nacional de itens do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Segundo o instituto, os coordenadores apresentariam o resultado em 10 dias.

Na quarta-feira (3), a comissão concluiu os trabalhos, mas não divulgou o resultado devido "ao caráter sigiloso" do banco de dados. No mesmo dia, a Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC) do Ministério Público Federal (MPF) pediu ao Inep mais informações sobre a comissão.

Início das demissões

Após a polêmica da carta às escolas, o presidente Jair Bolsonaro determinou que Véléz demitisse não só assessores, mas também militares do ministério. A ação era uma tentativa de aplacar a guerra interna da pasta.

No dia 11 de março, em edição extra do Diário Oficial, o governo Bolsonaro exonerou seis nomes que ocupavam cargos do alto escalão do Ministério da Educação:

Tiago Tondinelli, chefe de gabinete do ministro da Educação;
Eduardo Miranda Freire de Melo, secretário-executivo adjunto da Secretaria-Executiva do Ministério da Educação;
Ricardo Wagner Roquetti, coronel que atuava como diretor de programa da Secretaria-Executiva do Ministério da Educação;
Claudio Titericz, diretor de programa da Secretaria-Executiva do Ministério da Educação;
Silvio Grimaldo de Camargo, assessor especial do ministro da Educação;
Tiago Levi Diniz Lima, diretor de Formação Profissional e Inovação da Fundação Joaquim Nabuco.

Nessa mesma edição, foram nomeados os novos ocupantes de três dos seis cargos que haviam ficado vagos:

Josie Priscila Pereira de Jesus, nova chefe de gabinete do ministro Ricardo Véléz Rodríguez;
Robson Santos da Silva, diretor de Formação Profissional e Inovação da Fundação Joaquim Nabuco;
Rubens Barreto da Silva, novo secretário-executivo adjunto da Secretaria-Executiva do Ministério da Educação.

Em 4 de abril, Bruno Meirelles Garschagen, assessor especial, e a chefe de gabinete Josie Priscila Pereira de Jesus, foram exonerados.

Para o cargo de Josie, Marcos Araújo foi nomeado. Ele foi coronel da reserva da Polícia Militar do Distrito Federal e subcomandante geral da Polícia Militar do Distrito Federal em 2016.

Troca-troca do cargo número 2 do MEC

Desocupado durante 17 dias, o cargo de secretário-executivo do Ministério da Educação (MEC) foi preenchido por Ricardo Machado Vieira. A nomeação foi publicada na edição de 29 de março do "Diário Oficial da União" (DOU).

Ricardo era assessor especial da presidência do Fundo Nacional de Desenvolvimento da

Educação (FNDE) desde fevereiro de 2019. Ele é militar — segundo seu currículo, é tenente-brigadeiro e já ocupou o posto de chefe do Estado-Maior da Aeronáutica (FAB).

Em três meses de gestão, é a quarta vez em que o governo anuncia um nome para o cargo de "número dois" do MEC. Luiz Antônio Tozi permaneceu no posto até o dia 12 de março, quando foi demitido em um ato de "reestruturação" promovido por Vélaz.

Com a saída dele, o nome de Rubens Barreto da Silva, que até então era secretário-executivo adjunto, foi anunciado por rede social. A nomeação para o novo cargo, no entanto, não chegou a ser publicada no Diário Oficial.

Em seguida, Iolene Lima foi colocada no posto, também sem publicação no DOU. Ela foi demitida oito dias depois.

topo ↕

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS - TEMPO REAL

Pesquisa que analisou modelo de fábricas chinesas instaladas em Manaus recebe menção honrosa em Prêmio Capes

Investigar o estilo gerencial das fábricas chinesas instaladas em Manaus foi objetivo da pesquisa desenvolvida, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), pelo amazonense Cleiton Ferreira Maciel Brito. O estudo realizado durante seu curso de doutorado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), em São Paulo, recebeu Menção Honrosa no Prêmio **Capes** de Tese 2018, na área de Sociologia, pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**.

Publicada em revistas acadêmicas, a tese intitulada “Made in China/produzido no Polo Industrial da Zona Franca de Manaus: o trabalho nas fábricas chinesas” buscou compreender a forma da organização do trabalho e o tipo de gestão implantado em quatro fábricas chinesas instaladas na Zona Franca de Manaus (ZFM).

Segundo o pesquisador, o estudo mostrou como as fábricas chinesas vêm operando na região e a mudança da ZFM com a chegada da China.

“Tentei investigar como a ZFM se comporta nesse contexto de ascensão da China. Pode-se compreender que ela não é mais a Zona Franca de anos atrás. Um exemplo bem nítido é que boa parte dos celulares, que antes tinha produção local. Hoje, com o barateamento dos componentes da China, as empresas começaram a importar. Ou seja, atualmente, 90% são importados, as máquinas vão montando os celulares com todas as peças importadas”, explicou.

O estudo também constatou que os chineses trabalham com formas organizacionais peculiares.

“As empresas chinesas têm organização de trabalho baseada em uma gestão mais técnica e menos participativa. Os chineses chamam essa política de no feelings. Nesse sentido, no lugar de uma política de produção de ‘colaboradores’, que vinha sendo realizado nas fábricas sob influência da gestão japonesa, os chineses introduziram a produção de ‘operadores’. Eles não incentivam conversas, diálogos. O famoso ‘almoço’ com o chefe, funcionário do mês, premiações, somente são realizadas sob iniciativa dos brasileiros, porque os chineses não adotam esse tipo de política na empresa”, detalhou.

Conforme Brito, outro ponto observado é que existe interesse do país na própria Amazônia e no que ela pode oferecer como incentivo à expansão asiática na região.

“As conversas com gestores chineses e com diretores da ZFM revelaram que as fábricas se instalam na região, mas desembarca também toda uma burocracia chinesa que vem prospectar oportunidades de investimentos na área mineral, madeireira, na piscicultura, na esfera naval e até mesmo no agronegócio no Sul da região amazônica. O que quero dizer é que as fábricas são uma forma também de se adentrar na Amazônia e colocá-la como objeto útil na rota econômica e geopolítica da China,” relata.

Competitividade – Brito ressalta que a influência que a China tem pode impactar nas outras fábricas. Devido à concorrência, de algum modo as outras fábricas podem adotar o modelo chinês, assim como adotaram, em outros tempos, o modelo japonês.

“O peso que os chineses começam a ter no mundo pode fazer com que sua política de salários e benefícios se torne nova régua para o mercado de trabalho local. Não que eles estejam distantes do que fazem outras empresas, mas um player do tamanho da China, em processo de competição, faz com que outras empresas tenham de seguir certas padronizações de preço, de salários para poderem competir,” afirma.

Apoio – O estudo contou com apoio da Fapeam, por meio do programa RH-Doutorado-Fluxo Contínuo, edital N°005/2012. A tese foi defendida sob a orientação do professor doutor, Jacob Carlos Lima, do Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFSCAR.

“Foi uma alegria e ao mesmo tempo uma recompensa. O reconhecimento por meio da **Capes** nos encheu de orgulho. Eu falo ‘nos encheu’ porque a pesquisa é um trabalho coletivo. A transformação do pensamento em análise somente tem sucesso em função de instituições, ambiente e pessoas que concorrem para isso”, disse.

Criado em 2005, o Prêmio **CAPES** de Tese é oferecido anualmente às melhores teses de doutorado de cada uma das 49 áreas do conhecimento. Os critérios de premiação devem considerar a originalidade do trabalho, sua relevância para o desenvolvimento científico, tecnológico, cultural, social e de inovação, o valor agregado pelo sistema educacional ao candidato.

Oportunidades – O programa RH-Doutorado foi substituído pelo Programa de Bolsas de Pós-Graduação em Instituições fora do Estado do Amazonas (PROPG-**Capes**/Fapeam), que concede bolsas de doutorado a profissionais interessados em realizar curso de pós-graduação stricto sensu, em cursos recomendados pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)** em outros Estados da Federação.

O PROPG/**Capes**/Fapeam está com edital aberto e recebe propostas até o dia 13 de maio. Outras informações sobre o programa podem ser obtidas no portal Fapeam (www.fapeam.am.gov.br).

topo ↕

PORTAL CARTA CAPITAL - TEMPO REAL

Governo Bolsonaro acelera a falência da ciência no Brasil

Redução drástica no orçamento coloca em risco o financiamento de pelo menos 11 mil projetos e 80 mil bolsas

A ciência brasileira se encontra num momento crítico. O último corte de recursos anunciado pelo governo de Jair Bolsonaro agravou drasticamente uma situação que, há anos, já era tida como crítica.

A medida mais recente atingiu em cheio o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), subordinado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). O contingenciamento de 42,27% das despesas do MCTIC coloca em risco o financiamento de cerca de 11 mil projetos e 80 mil bolsas financiadas pela principal agência de fomento à pesquisa do país.

“Nunca vi cortes da magnitude dos que foram decretados recentemente. São cortes extremamente pesados e, se não forem revertidos, destruirão a ciência brasileira. Esses cortes representam um ataque sério ao desenvolvimento e à própria soberania nacional”, afirma Luiz Davidovich, presidente da Academia Brasileira de Ciências.

A avaliação de especialistas do setor é de que pesquisas em todas as áreas, inclusive de humanas, estão em risco. As primeiras afetadas são as pesquisas dependentes de laboratórios, que já estão ficando sem manutenção, sem materiais e com uma infraestrutura defasada.

Os cortes também prejudicam cooperações internacionais e são observados com atenção na Europa. Segundo a diretora do escritório regional do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) no Brasil, Martina Schulze, no ano passado, em programas conjuntos da agência alemã com instituições brasileiras, não foi possível conceder bolsas de doutorado na Alemanha pelo CNPq, pois não havia garantias de que elas seriam pagas.

“A incerteza quanto às possibilidades de financiamento para as instituições de ensino superior brasileiras e a pesquisa no país provocou um comedimento das universidades alemãs, que ainda persiste. O DAAD pode notar isso devido ao menor fluxo de recursos para o trabalho conjunto no ensino superior e na pesquisa com o Brasil”, diz Schulze.

De acordo com a diretora da agência alemã, em 2016, o DAAD destinou cerca de 11 milhões de euros para bolsas e projetos com parceiros brasileiros. Em 2018, esse valor foi de apenas 8,7 milhões de euros.

Esse cenário, descrito por pessoas da área como trágico, não surgiu de uma hora para outra, mas é fruto de uma série de cortes que está em curso há algum tempo.
Processo contínuo de cortes

Há cerca de 20 anos, as ciências no Brasil viviam tempos áureos. A partir dos anos 2000, mais recursos já começavam a ser investidos no setor, conta Ildeu de Castro Moreira, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Mas foi durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, a partir de 2006, que o MCTIC viveu um período de real prosperidade, com o aumento progressivo nas verbas destinadas à pasta.

Em 2010, os investimentos no ministério atingiram o ápice, chegando a aproximadamente 8,6 bilhões de reais (em valores atualizados, quase 10 bilhões de reais).

Marca semelhante foi alcançada em 2013. Na época, a cultura de investimentos em ciência parecia estar se consolidando. Porém, a partir de 2014, teve início a crise que se estende até os dias de hoje. O orçamento da pasta passou a sofrer cortes constantes durante os anos seguintes do último governo Dilma Rousseff.

Sob Michel Temer, o Ministério da Ciência e Tecnologia incorporou o das Comunicações e sofreu um contingenciamento de 44% das despesas previstas para 2017. Naquele ano, foram investidos apenas 3,77 bilhões de reais, o menor orçamento dos últimos 12 anos.

O impacto foi tanto que levou entidades de pesquisa a se articularem no movimento “Conhecimento sem cortes”, que denunciou a morte lenta da ciência no país devido à redução constante dos investimentos.

No início de 2018, a situação parecia um pouco melhor com o anúncio de um investimento de 4,7 bilhões na pasta, porém, houve novamente cortes, o que chegou a atrasar o pagamento de bolsas em dezembro do ano passado. Esse atraso levou o CNPq a entrar em 2019 com um rombo de 300 milhões de reais no orçamento.

Para este ano, o Congresso havia aprovado um orçamento de 5,1 bilhões de reais para o MCTIC, porém, há cerca de uma semana, o governo decretou o contingenciamento de 42% das despesas da pasta, reduzindo para cerca de 2,9 bilhões de reais os recursos disponíveis para o ministério.

O presidente do CNPq, João Luiz Filgueiras, afirmou ao portal G1 que a agência deve ter verbas para pagar bolsistas apenas até setembro deste ano. A previsão, porém, ainda não incluía o novo corte. Especialistas estimam que esse valor cubra os pagamentos somente até julho.

Desde 2016, os repasses para o pagamento de bolsas concedidas pelo CNPq vem caindo, passando de pouco mais de 1,1 bilhão para 784,7 mil reais neste ano. Metade dos 80 mil bolsistas da agência fazem iniciação científica e recebem apenas entre 100 e 400 reais por mês.

Além de correrem o risco de ficar sem receber, os mestrandos e doutorandos possuem ainda bolsas com valores muito baixos, defasados pela inflação. Os valores de 1,5 mil reais mensais para mestrado e 2,2 mil reais mensais para doutorado não são reajustados desde 2013.

Pesquisas de saúde em risco

Entidades ligadas à ciência também afirmam que os cortes anunciados pelo governo Bolsonaro atingem o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, que financia a infraestrutura de instituições científicas. O fundo teve 80% de seus recursos contingenciados.

“Está ocorrendo um desmonte do sistema nacional de ciência e tecnologia, colocando

em risco grupos de pesquisa constituídos nos últimos anos. O atual corte pode afetar grandes projetos como o Sirius e o Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, que o Brasil construiu a duras penas, ou o Laboratório de Ciência e Computação (LCC), que podem não ter condições de operar sem manutenção”, afirma Moreira, da SBPC.

O físico diz que, no futuro, o país pode ter dificuldades também para desenvolver pesquisas essenciais na área de saúde. Segundo ele, o Brasil só foi pioneiro nos estudos sobre o zika porque na época havia condições para a realização de pesquisas.

Cientistas brasileiros foram os primeiros a descobrir a conexão entre o vírus e os casos de microcefalia. Com a falta de manutenção de laboratórios, que se deterioram com o tempo, a redução dos investimentos também representa uma perda dos recursos já aplicados no setor.

Além disso, impulsiona a fuga de cérebros, com pesquisadores deixando o Brasil para realizar seus trabalhos em países que ofereçam melhores condições. “Atualmente, o protagonismo das nações está baseado muito mais no poder do conhecimento do que no das armas. A pergunta é o que vai acontecer no Brasil num mundo que valoriza cada vez mais o conhecimento. A resposta é óbvia: o país vai se atrasar cada vez mais em relação a outros países”, afirma Davidovich.

O Brasil investe menos de 1% do Produto Interno Bruto (PIB) na área de ciência, tecnologia e inovação. Em alguns países europeus, o percentual gira em torno de 3%, e nos Estados Unidos, é de cerca de 2%.

topo ↕

PORTAL EXAME - TEMPO REAL

Empreendedorismo e investigação científica farão parte do ensino médio

Modelo deverá ser implementado nas escolas públicas e privadas do país até 2021

O novo ensino médio terá formação mais voltada para o empreendedorismo, a investigação científica, os processos criativos e a mediação e intervenção sociocultural. Estes são os eixos que vão orientar os chamados itinerários formativos, ou seja, as atividades que os estudantes poderão escolher. O modelo deverá ser implementado nas escolas públicas e privadas do país até 2021.

Isso significa que, ainda no ensino médio, os estudantes poderão, por exemplo, aprofundar os conhecimentos referentes ao mundo do trabalho e à gestão de empreendimentos. Além disso, os estudantes deixarão a escola sabendo mediar conflitos e propor soluções para questões e problemas socioculturais e ambientais identificados em suas comunidades.

Os eixos que servirão de referência para a estruturação dos itinerários formativos estão em portaria publicada nesta sexta-feira (5) pelo Ministério da Educação (MEC). Os referenciais foram definidos pela gestão passada da pasta e já estavam disponíveis na internet desde o fim do ano passado. Agora, foi feita a publicação oficial.

Formação pela BNCC

No novo ensino médio, os estudantes de todo o país terão formação semelhante, orientada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Em um ensino médio com 5 horas diárias de aulas, essa parte ocupará 60% dos três anos de formação, o equivalente a pouco mais que um ano e meio. No tempo restante, os estudantes poderão aprofundar

os estudos em itinerários nas áreas de linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas ou ensino técnico.

Os referenciais publicados na semana passada servirão para orientar a elaboração dos itinerários formativos. Pelo texto, cada um dos itinerários deverá abordar pelo menos um dos eixos estruturantes, podendo abarcar inclusive os quatro. Ou seja, um estudante que optar por fazer, ainda no ensino médio, um curso técnico em informática, poderá aprender questões ligadas a processos criativos dentro da própria área, como fazer uma investigação científica relacionada à informática e assuntos afins e como empreender com o que aprendeu.

“A intenção é que a partir de 2021, as novas turmas do ensino médio entrem nas redes, sejam públicas ou particulares, em um novo ensino médio, mais antenado como a garotada, com esses jovens que hoje estão na escola. Isso é muito importante”, disse a ex-secretária de Educação Básica do MEC Kátia Smole, que coordenou a elaboração dos referenciais.

Implementação

A publicação dos referenciais era a etapa que faltava para que as redes de ensino elaborassem os currículos do ensino médio. Na rede pública, isso caberá aos estados, responsáveis pela maior parte da oferta da etapa de ensino no país.

“A parte comum [que deverá ser baseada na BNCC] é mais fácil para nós. Estamos nos organizando. Os itinerários são coisas que nunca fizemos. Os eixos estruturantes vão dar um norte para que possamos escrevê-los”, ressaltou a presidente do Conselho Estadual de Secretários de Educação (Consed), Cecília da Motta.

Cada município deverá oferecer pelo menos dois itinerários formativos aos estudantes. No ensino médio regular, até 20% das aulas poderão ser a distância e, no noturno, até 30% poderão ser ofertadas nessa modalidade.

Segundo Cecília, os estados vão dialogar com os municípios para verificar as possibilidades de oferta em cada local. A escolha dos itinerários levará em conta, entre outros fatores, as áreas com maior empregabilidade em cada cidade. “Haverá município que poderá ofertar dois itinerários e outros que poderão ofertar mais. Vamos construindo devagar”, acrescentou.

A previsão é que todos os estados concluam até o fim do ano a elaboração dos currículos. No ano que vem, os professores serão formados para atuar no novo modelo, que chegará nas salas de aula em 2021.

Apoio do MEC

A construção e implementação dos currículos cabem prioritariamente aos estados, mas cabe ao MEC auxiliar os entes federativos para que o novo ensino médio saia do papel. O Conselho Nacional de Educação (CNE), que foi responsável pela aprovação tanto da BNCC quanto das diretrizes curriculares do ensino médio, também acompanha o processo.

“Faremos o acompanhamento, o apoio, para que essa implementação possa ser bem-sucedida em relação àquilo que está normatizado”, disse o conselheiro do CNE Eduardo

Deschamps, que presidiu a comissão da BNCC no conselho.

“A expectativa é que, com a implementação do novo modelo, o ensino médio passe a fazer mais sentido e ser mais útil e adequado para os jovens, independentemente do caminho que eles queiram seguir. Se querem seguir para a universidade ou para o mundo do trabalho, que seja uma formação mais vinculada ao projeto de vida que eles têm”, acrescentou Deschamps.

Na semana passada, o MEC lançou o Programa de Apoio à Implementação da Base Nacional Comum Curricular, que prevê ações como produção de materiais, cursos e impressão de documentos para discussão e formação dos currículos.

Além disso, a pasta vai ofertar bolsas de estudos e pesquisas, considerando a disponibilidade orçamentário-financeira, para o acompanhamento da elaboração dos currículos e formação de professores.

topo ↕

PORTAL EXAME - TEMPO REAL

Crises, revezes e demissões: a linha do tempo da passagem de Vélez no MEC
A passagem de Ricardo Vélez Rodrigues pela liderança do Ministério da Educação foi marcada por crises internas, revezes e dezenas de baixas à pasta.

São Paulo – A passagem de Ricardo Vélez Rodrigues pela liderança do Ministério da Educação (MEC) foi marcada por crises internas, revezes e dezenas de baixas à pasta.

No cargo desde o início do governo Bolsonaro por indicação de Olavo de Carvalho, o colombiano naturalizado brasileiro disse adeus sem nem contar com o apoio do guru dos bolsonaristas, a quem acabou desagradando. Passou todo o tempo de sua gestão sendo criticado pela falta de articulação para conter o conflito entre alas militaristas, técnicas e olavistas dentro do Ministério. Nesse clima de instabilidade, 17 pessoas foram demitidas nas últimas semanas, entre elas, o presidente do Inep – órgão responsável pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e pelo Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja).

A seguir, veja a linha do tempo com as polêmicas vividas pelo Ministério da Educação de janeiro para cá:

Livro didático sem fonte

A primeira polêmica envolvendo o primeiro ministro da Educação de Jair Bolsonaro foram alterações em regras para compra de livros didáticos a jovens do 6º ao 9º anos do ensino fundamental. O novo edital deixava de exigir temas sobre diversidade étnica e cultural no Brasil e sobre violência contra a mulher. Também passava a permitir propagandas nos livros escolares. Mas a mudança mais comentada foi a eliminação do item que impedia erros de revisão e impressão no conteúdo, e que obrigava que os materiais tivessem referências bibliográficas.

Após repercussão negativa, o governo decidiu tornar “sem efeito” algumas mudanças nas diretrizes. A alegação foi que as alterações haviam sido feitas pela gestão anterior, apesar de publicadas no Diário Oficial no dia 02 de janeiro, já sob a gestão do novo governo.

“Brasileiros viajando são canibais”

No início de fevereiro, Vélz Rodrigues afirmou, em entrevista às páginas amarelas da revista Veja, que “brasileiro viajando é um canibal”. “Rouba coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião; ele acha que sai de casa e pode carregar tudo. Esse é o tipo de coisa que tem de ser revertido na escola”, disse. Essa foi a resposta que o ministro deu ao ser questionado sobre o motivo de defender a volta da disciplina educação moral e cívica ao currículo escolar.

Após a publicação da entrevista, Vélz foi interpelado criminalmente por um advogado, o que levou a ministra do Supremo Tribunal Federal (STF) Rosa Weber a pedir um esclarecimento sobre sua fala. Sua resposta era facultativa, mas o ministro preferiu se explicar com um pedido de desculpas.

Hino nas escolas e Deus acima de todos

Em fevereiro, o MEC mandou um e-mail para as instituições de ensino de todo o país, no qual solicitava que professores e alunos fossem filmados cantando o hino nacional na frente da bandeira do Brasil diariamente. O pedido também incluía a leitura de uma carta às crianças, que terminava com o slogan de campanha do governo: “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”.

O pedido irritou instituições de ensino e foi criticado pela maioria dos estados, que ressaltaram a autonomia das escolas no país. Além disso, gerou polêmica o fato de o ministério ter cogitado fazer as filmagens sem a devida autorização dos pais.

No dia seguinte à publicação de matéria do Estadão revelando o envio do e-mail, o MEC enviou nova carta às escolas reiterando o pedido de filmagem durante o hino, mas sem a exigência da leitura do slogan do governo. A nova mensagem também dizia que a filmagem dos alunos só poderia ser feita “voluntariamente” e com autorização do responsável legal dos estudantes.

Poucos dias depois, o MEC anunciou a desistência do pedido. Segundo a pasta, a decisão foi tomada pelo ministro Vélz devido a “questões técnicas de armazenamento e de segurança”.

Avaliação do ensino básico

O MEC chegou a suspender a avaliação do nível de alfabetização das crianças brasileiras por dois anos, segundo publicação no Diário Oficial da União. Mas, após polêmica, revogou a portaria. Vélz disse que não havia sido consultado sobre a mudança e demitiu o presidente do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (Inep), Marcos Vinicius Rodrigues. “Ele puxou o tapete. Mudou um acordo e não me consultou”, disse o ministro.

Na noite do dia em que foi exonerado, o então presidente do Inep criticou Vélz em entrevista ao Estadão. “O Brasil precisa de um ministro da Educação que tenha responsabilidade de gestão, competência e experiência”. Ao jornal, ele disse que havia sido convencido pelo secretário de Alfabetização, Carlos Nadalim, a cancelar a avaliação, mas que, por ser um assunto do qual não tem domínio, pediu um ofício justificando o pedido.

Uma Tabata no meio do caminho

A imagem de Vélz ficou ainda mais desgastada na quarta-feira, 27, quando participou

da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, para falar sobre seus planos à frente da Educação. Pressionado pela deputada federal Tabata Amaral (PDT) por propostas concretas, o ministro deu respostas vagas durante as mais de quatro horas de reunião, deixando no ar quais são seus projetos para o MEC. Vélez demitido. Não, pera...

Nesse mesmo dia, a jornalista Eliane Catanhêde informou no programa “Em Pauta”, da Globo News, que o presidente Bolsonaro havia decidido demiti-lo. O presidente, no entanto, rebateu a jornalista pelo Twitter, dizendo que o furo de reportagem tratava-se de “fakenews”.

Bolsonaro seguiu sinalizando que iria demitir o ministro, no entanto. O último sinal foi dado em um café da manhã que teve com jornalistas no fim da semana passada. Na ocasião, Bolsonaro disse que “na segunda, vamos resolver a situação do MEC”, disse. “Está bem claro que não está dando certo, falta gestão. Vamos tirar a aliança da mão esquerda e pôr na direita”, afirmou o presidente.

Após a sinalização, Olavo de Carvalho disse em seu perfil no Facebook que não irá lamentar a suposta demissão do ministro.

Demissões irritam guru

As baixas no MEC começaram em março após a repercussão negativa da determinação às secretarias de Educação do país para que os alunos fossem filmados cantando o hino nacional diariamente. Os servidores cortados eram indicações de Olavo de Carvalho e chatearam o filósofo. Segundo informações de bastidores reveladas pelo Estadão, Vélez deixou os “olavistas” de lado e passou a se aconselhar com um grupo que defende o abandono do discurso ideológico. “Olavistas”, por sua vez, dizem que o grupo é “tucano” e não segue as ideias de Bolsonaro. Os técnicos rivalizam com outros dois segmentos dentro do MEC, o de seguidores de Olavo e o de alguns militares.

Bastante ativo no Twitter, Olavo de Carvalho negou na rede social que estivesse participando de alguma forma dos conflitos internos no MEC e disse não ter a intenção de “derrubar ministros”: “O ministério é do Velez. Que o enfie no c*.”

Na última quinta-feira, 4, o Ministério – que já acumulava 15 baixas nas últimas 3 semanas – perdeu mais dois nomes. Foram demitidos um dos principais assessores de Vélez, Bruno Meirelles Garschagen, e a chefe de gabinete, Josie de Jesus, substituída pelo tenente brigadeiro Ricardo Machado Vieira. No cargo desde 30 de janeiro, Garschagen foi indicado por Olavo de Carvalho para cuidar da área de comunicação do MEC. O assessor também teria participado da decisão sobre o hino nas escolas.

topo ↕

PORTAL VEJA - TEMPO REAL

Vélez Rodriguez é demitido e Bolsonaro anuncia novo ministro da Educação A pasta da Educação que era comandada pelo colombiano estava em crise desde a primeira semana de janeiro

O colombiano Ricardo Vélez Rodriguez foi exonerado nesta segunda-feira, 8, do cargo de ministro da Educação. A decisão foi anunciada pelo presidente Jair Bolsonaro (PSL) pela sua conta oficial no Twitter. O presidente também anunciou seu substituto: Abraham Weintraub.

Na última sexta-feira, 5, Bolsonaro já havia sinalizado que poderia demiti-lo. A saída de Vélez é a segunda baixa no ministério em pouco mais de três meses de governo. Em fevereiro, Gustavo Bebianno (Secretaria-Geral da Presidência) foi demitido após entrar em rota de colisão com o vereador carioca Carlos Bolsonaro, filho do presidente.

Neste mesmo período, o MEC já registrou nada menos que dezessete baixas em cargos de alto escalão. Reportagem publicada por VEJA mostrou que, sob o comando de Vélez, o ministério tornou-se o epicentro de um pandemônio no governo federal, com brigas ideológicas e projetos emperrados. Enfraquecido, Vélez passou a ser bombardeado por evangélicos, militares e partidos.

No segundo dia de governo, o primeiro “mal-entendido” acontecia no ministério: um edital que alterava as regras para compras de livros didáticos foi publicado. O documento previa que as obras não precisassem mais de referências bibliográficas e que erros eram permitidos. Também foram revogados itens que falava sobre a diversidade cultural brasileira e a violência contra mulheres. O edital foi anulado no mesmo dia que foi divulgado pela imprensa (9 de janeiro) e o ex-ministro culpou o governo anterior de Michel Temer (MDB). Após a polêmica, Vélez exonerou o chefe de gabinete do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Rogério Fernando Lot, e outras nove pessoas que ocupavam cargos comissionados no órgão. Após a polêmica, a série de exonerações começaram a acontecer. O economista Murilo Resende Ferreira foi indicado para o cargo de coordenador do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) no dia 16 de janeiro e foi demitido um dia depois. Em cem dias do novo governo, o MEC já havia registrado dezessete baixas em cargos de alto escalão. Funcionários do ministério de médio e baixo escalões identificados como “petistas” também foram afastados.

E, então, Vélez deu uma entrevista para a VEJA comentando sobre a faxina ideológica no ministério. Em uma das respostas, quando perguntado sobre a educação moral e cívica voltar ao currículo, o ex-ministro afirmou que “O brasileiro viajando é um canibal. Rouba coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião; ele acha que sai de casa e pode carregar tudo. Esse é o tipo de coisa que tem de ser revertido na escola”. Ele recebeu uma notificação do STF e precisou dar explicações sobre a declaração.

O ex-ministro que se posicionava contra às ideologias marxistas nas escolas, assim como Bolsonaro, anunciou que iria criar uma comissão para analisar as questões do Enem. Esse grupo foi instaurado em março pelo Inep com o objetivo de “verificar a sua pertinência [do Enem] com a realidade social, de modo a assegurar um perfil consensual do Exame”.

Também para combater tais ideologias, Vélez enviou cartas a diretores de escolas pedindo para que eles filmassem alunos cantando o Hino Nacional e determinando a leitura de mensagem com o slogan de campanha de Bolsonaro “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

topo ↕

PORTAL VEJA - TEMPO REAL

**Abraham Weintraub elogiou Olavo de Carvalho em encontro conservador
Em cúpula de conservadores, ele defendeu teorias de Olavo para derrotar a esquerda**

Indicado para o comando do Ministério da Educação, Abraham Weintraub já fez vários elogios autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho.

Durante a Cúpula Conservadora das Américas (a qual nem os próprios conservadores ouviram falar), em dezembro, Weintraub disse que era preciso adaptar as teorias de Olavo para “derrotar a esquerda”.

Weintraub também disse que “é preciso vencer o marxismo cultural nas universidades e trabalhar para que o país pare de fazer bobagem”.

topo ↕

R7 - TEMPO REAL

Sou chamada de delinquente e débil mental no Congresso, diz deputada que confrontou ministro da Educação

Em entrevista exclusiva à BBC News Brasil, Tabata Amaral falou sobre rotina no Congresso, que classifica como "um ambiente que tenta te expulsar rapidamente". E conta que sofre recorrentemente assédio e preconceito

"Parece que não há sequer um ministério", diz Tabata Amaral (PDT-SP), que em outubro se tornou a sexta deputada federal mais votada em São Paulo, com 264.450 votos.

A visibilidade nacional, no entanto, chegou só na semana passada, quando Amaral protagonizou um debate duro com o ministro da Educação, Ricardo Vélez. "Em um trimestre não é possível que o senhor apresente um Power Point com dois, três desejos para cada área da educação. Cadê os projetos? Cadê as metas? Quem são os responsáveis?", diz a parlamentar estreante de 25 anos em um vídeo compartilhado milhares de vezes.

Em entrevista exclusiva à BBC News Brasil na Universidade de Harvard, onde participa de roda de palestras, Amaral falou sobre a rotina no Congresso, que classifica como "um ambiente que tenta te expulsar rapidamente". E conta que sofre recorrentemente assédio e preconceito.

"Já perdi a conta do número de vezes em que alguém insinuou que eu era burra ou não tinha nenhum conhecimento", diz. "Sou chamada de burra, delinquente, débil mental e outras coisas que já me chamaram em plenário."

"As pessoas chegam e perguntam se sou casada no meio de uma votação, vêm me tocar de uma maneira que não é adequada para uma parlamentar. É um ambiente muito arisco para as mulheres."

Também falou sobre a possível mudança do ministro, ventilada pelo presidente Jair Bolsonaro na última sexta-feira.

"A gente não vai aceitar qualquer tipo de ministro", diz.

"O maior exemplo que eu dou: o ministro da economia, se não tivesse a menor experiência de gestão ou com economia, não teria sobrevivido uma semana no cargo. Por que a gente demora tanto para se incomodar com o ministro da Educação?"

Criada na Vila Missionária, bairro pobre paulistano, e novata no Congresso, Amaral já

trabalhou como pesquisadora, professora, funcionária de secretarias de educação e estudou na universidade de Harvard, graças a bolsas de estudos. Filha de um cobrador de ônibus e de uma diarista, ela ganhou pelo menos 30 medalhas em concursos de matemática, astronomia, física e robótica.

"O nosso vestibular é muito burro, para falar português claro. Ele olha quem chegou mais longe, e não quem correu mais", diz. "Não passei na Unicamp e no ITA, mas passei nas seis melhores faculdades dos EUA com bolsa completa. Porque no vestibular daqui (EUA) eu falei que trabalhava desde os meus 7 anos. E isso contou."

A deputada, que se classifica como "progressista", de "centro-esquerda" e defende cotas sociais e raciais, diz acreditar que a universidade pública é um ambiente elitista, frequentado por ricos.

"Se uma pessoa tem condições de pagar por uma faculdade, acho que ela deveria. E quem não tem condições, não tem que fazer financiamento, não tem que fazer nada, tem que ter a faculdade pública."

Leia os principais trechos da entrevista:

Amaral protagonizou um debate duro com o ministro da Educação, Ricardo Vélez
Amaral protagonizou um debate duro com o ministro da Educação, Ricardo Vélez
Reprodução/ TV Câmara/ BBC News Brasil

BBC News Brasil — Como viu a repercussão do seu debate com o ministro da Educação?

Tabata Amaral — Aquela não foi a primeira tentativa de conversar com o ministro. A praxe é que ele participe da primeira reunião da Comissão de Educação e ele não foi. Para mim, as pessoas se identificaram com o vídeo porque esta é a pasta mais importante do país, num dos países mais desiguais do mundo, e não víamos nada acontecendo, só fumaça, desmandos e polêmicas.

A repercussão do vídeo deixa um sentimento de que esse é o trabalho do parlamentar. Não é só legislar, é fiscalizar o governo também. E não deveria ser estranho que a gente pedisse como parlamentares quais são os planos e ideias.

Depois só ficou a certeza de que de fato não há um planejamento dentro do ministério. Parece que não há sequer um ministério. O MEC (Ministério da Educação) não se posiciona com os cortes de pessoas e verbas, não se posiciona quando é o ministério da Economia, que chama uma discussão sobre o Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação). O MEC foi como convidado a uma reunião sobre isso. Soma tudo isso com a falta de qualquer plano e para a gente dá uma revolta muito grande.

BBC News Brasil — Como avalia a reação do ministro às suas colocações?

Amaral — Não sei nem o que dizer. O ministro não tem a menor experiência com a educação pública brasileira, a menor experiência com gestão, e o que mais incomoda é que não há a menor disposição de aprender ou ouvir as pessoas que estão interessadas.

Já que o ministro não tem um plano, não sabe quantos alunos há na rede, qual é a verba, qual a diretriz para o ensino técnico, isso tem que vir da sociedade e do Congresso. Dali eu não espero que venha mais nada.

BBC News Brasil — O presidente Bolsonaro acenou uma perspectiva mais clara de substituição do ministro. Isso traz algum tipo de esperança à senhora?

Amaral — Dado o cenário de total paralisia e ausência do MEC nos principais debates, sim, eu fico pelo menos muito atenta para entender se dessa vez vem alguém com um pouco de experiência e conhecimento.

Algumas pessoas não entenderam que neste momento eu não estou muito preocupada com o posicionamento ideológico de quem vai ocupar essa pasta. Porque está tudo paralisado, corremos o risco de não ter Enem. O Brasil corre o risco de não fazer as principais avaliações. Só quero alguém que conheça a educação pública e tenha experiência em gestão. A gente só vai descobrir na segunda-feira. Mas há espaço para o Parlamento e para a população dizer: A gente não vai aceitar qualquer tipo de ministro

O maior exemplo que eu dou: o ministro da economia, se não tivesse a menor experiência de gestão ou com economia, não teria sobrevivido uma semana no cargo. Por que a gente demora tanto para se incomodar com o ministro da Educação?

BBC News Brasil — A senhora destacou com ênfase que ele tinha uma mera carta de intenções, mas não um projeto concreto. Que projeto a senhora propõe?

Amaral — O MEC tem que apresentar sua visão para o Fundeb. Ele vence no próximo ano e não é possível que o principal motor da educação pública não receba a menor atenção do ministério. Que modelo eles estão propondo? Apoiam que o Fundeb vá para a Constituição? Como fazer que ele seja mais redistributivo? Como olhar para as práticas de gestão e resultados? O ministério não pode se ausentar dessa discussão, temos basicamente um ano para fazer isso. Quando vai apresentar?

Outra coisa paralisada é a questão da formação dos professores. A gente tinha começado a avançar nessa discussão e não tem mais nada. O Brasil é um dos poucos países que se dizem comprometidos com a educação pública e não tem uma política nacional de formação. O que a gente espera de um professor depois de quatro anos? Que queremos avaliar depois da formação? Qualquer tipo de formação vale? Educação a distância faz sentido para todos os anos?

Além das políticas que já estavam em andamento e estão paralisadas. Implementação da base comum curricular, municípios precisam de apoio nessa área, implementação da reforma do ensino médio, uma política de ensino técnico. Tudo isso não são coisas muito muito complexas, já estavam encaminhadas no MEC e foram engavetadas e foram deixadas de lado hoje.

BBC News Brasil — A senhora é uma estreante no Congresso, como quase metade dos congressistas hoje em dia. Como é aquele ambiente? O que pode contar para quem nunca pisou no Salão Verde?

Amaral — Trabalho com educação há quase 10 anos. Já trabalhei como pesquisadora,

professora, em secretarias de educação. As figuras de educação da política nacional eu conhecia. Ou porque fiz pressão sobre elas, com abaixo-assinados, protestos, etc, ou porque elas estavam abertas para o diálogo com a juventude. Para mim, essa é a porta de entrada e eu quero realmente dedicar meu mandato a essa área.

Sobre o dia a dia no Congresso, é um aprendizado rápido e muito difícil. É um lugar que não está acostumado com pessoas como eu e diariamente sou questionada sobre como fui parar ali. Eu não sou filha de político, não sou herdeira e estou muito longe de ser um fenômeno da internet. As pessoas não entendem. Elas perguntam mesmo: você é filha de alguém?, você é dona de alguma empresa?, você é casada ou solteira?, você não é deputada estadual?. Eu sei a ordem em que as perguntas chegam.

É um ambiente que tenta te expulsar rapidamente. Mas sempre que vejo as pessoas da minha comunidade, principalmente a juventude e as mulheres que olham para mim e sentem que a educação é para a gente também, você enfrenta o preconceito, o assédio, as piadas, e continua trabalhando e aprendendo.

BBC News Brasil — Assédio, preconceito e machismo são problemas reais ali dentro?

Amaral — Com certeza. Já perdi a conta do número de vezes em que alguém insinuou que eu era burra ou não tinha nenhum conhecimento. Eu estudei astrofísica, fui bolsista pelas Olimpíadas de Matemática. Eu só andava com os meninos que gostavam de ciência e sempre tive muito contato com o machismo porque as pessoas não entendiam como uma menina gostava de ciências. E toda vez tentavam dizer que eu não era tão boa por ser uma menina.

Então, quando eu entro no Congresso e sou chamada de burra, delinquente, débil mental e outras coisas que já me chamaram em plenário... É um risco muito fácil você acreditar porque está todo mundo dizendo que você não é boa o suficiente.

Tem assédio, as pessoas chegam e perguntam se sou casada no meio de uma votação, vêm me tocar de uma maneira que não é adequada para uma parlamentar. É um ambiente muito arisco para as mulheres. As pessoas não te encaixam ali e querem te expulsar e convencer que você não deveria estar ali.

BBC News Brasil — Na repercussão do vídeo, houve setores mais radicais que desconsideraram a conversa e criticaram a senhora por não ser de esquerda, por exemplo. Como viu isso?

Amaral — As pessoas tem uma necessidade muito grande de rotular os outros porque o nosso cérebro funciona assim. Eu tenho uma vida muito diferente. Conhecer a periferia e conhecer Harvard me definem mais que qualquer um dos dois extremos. Não sou mais só alguém da periferia, porque tive oportunidades que ninguém teve, mas também não sou só uma ex-aluna de Harvard, porque não fui aos mesmos museus, aos mesmos parques, e não tenho a mesma rede de contato.

As duas coisas fazem de mim quem eu sou. Da mesma forma que as pessoas no Congresso ficam perplexas e incomodadas porque não faz sentido eu estar ali, as outras pessoas também ficam muito agoniadas porque não conseguem me encaixar em caixinhas.

Eu me considero progressista, essa para mim é uma excelente apresentação. Para mim o maior problema do Brasil é a desigualdade, minha maior missão é com educação pública de qualidade para todos, mas acho que faz sentido falarmos de gestão eficiente, desenvolvimento econômico sustentável, e se as pessoas se incomodam porque isso não caracteriza alguém típico de extrema esquerda ou direita, sinto muito, eu vou continuar trabalhando.

BBC News Brasil — A senhora falou em dois lados. É errado enxergá-la no centro?

Amaral — Acho que direita e esquerda são termos muito antigos que não explicam o mundo de hoje. Foram cunhados há 200 anos, quando não se entendia o que é feminismo ou desenvolvimento sustentável.

Se tivesse que me colocar no espectro, eu me colocaria na centro-esquerda. Mas sinceramente que no futuro progressista diga mais sobre quem eu sou.

BBC News Brasil — Como foi sua trajetória até Harvard e depois ao Congresso nacional?

Amaral — Minhas oportunidades na educação começaram com olimpíadas de matemática nas escolas públicas, uma política do governo federal em 2005. Com essa oportunidade e uma professora da escola estadual que me ajudou a me preparar para a competição, eu ganhei uma bolsa de estudos para escola particular e uma para estudar inglês.

Eu trabalho desde pequena, bordava e fazia artesanato para ajudar em casa, e não pensava no que faria depois do Ensino Médio. Ninguém nunca nem tinha me posto essa possibilidade. Essa foi a grande diferença. Eu passei a estar em lugares em que as pessoas acreditavam que se podia fazer faculdade. Foi assim que vim parar em Harvard. Com uma bolsa da faculdade, quase sem falar inglês, mas com professores que acreditaram em mim. Vim em agosto de 2012 e terminei em maio de 2016.

Eu cresci na periferia. Já perdi a conta do número de amigos e vizinhos que perdi com 14 ou 15 anos para as drogas, crime, violência. Perdi meu pai com 39 anos para as drogas. Eu não saí de um lugar para o outro, passei a viver em dois mundos completamente diferentes e vivo neles ainda. Me identifico com a periferia, aprendi muito em Harvard, mas não vivo 100% em nenhum dos dois mundos. Isso que me levou para a educação e para a política.

BBC News Brasil — Como vê políticas afirmativas, cotas por cor ou situação econômica?

Amaral — É importante olhar para as evidências e a realidade das pessoas e esses dois elementos mostram que alunos de escola pública saem muito atrás na corrida. E que alunos negros da escola pública saem ainda mais atrás.

O nosso vestibular é muito burro, para falar português claro. Ele olha quem chegou mais longe, e não quem correu mais. Eu não passei na Unicamp e no ITA, mas passei nas seis melhores faculdades dos EUA com bolsa completa. Porque no vestibular daqui

(EUA) eu falei que trabalhava desde os meus 7 anos. E isso contou. Eu contei a minha história.

Quando o nosso vestibular é tão ignorante e quando o ponto de partida é tão desigual, as cotas são as maneiras que temos hoje de igualar um pouco esse ponto de partida. Mas acho que temos que mudar o vestibular como um todo. Tem que olhar para a trajetória da pessoa, para a renda. Não é só uma prova. Hoje sou a favor das duas cotas porque dentro da escola pública há uma desigualdade racial.

BBC News Brasil — E sobre o fim do ensino público superior gratuito?

Amaral — Nesse momento não acho que há ambiente para se falar em cobrança dentro do ensino superior. Defendo ampliar as formas que as universidades podem se financiar. Para mim, uma faculdade pode fazer uma parceria com empresas, como vi aqui em Harvard, para construir conhecimento. Para mim, uma universidade pode receber doações, inclusive de ex-alunos.

Agora, em um futuro, acho que vale sim uma discussão nesse sentido. Se uma pessoa tem condições de pagar por uma faculdade, acho que ela deveria. E quem não tem condições, não tem que fazer financiamento, não tem que fazer nada, tem que ter a faculdade pública.

Se você vê os carrões que estão na faculdade de física da USP, vê que a faculdade pública é para a elite hoje. Ou a gente muda o vestibular para dar chances iguais para todo mundo e para de financiar apenas um grupo da sociedade, ou a gente no futuro começa a cobrar de quem pode pagar e deixa a faculdade gratuita para quem precisa. Mas esse momento não chegou ainda.

BBC News Brasil — Há alguma perspectiva de tempo para que essa discussão esteja mais madura?

Amaral — Não, não é uma coisa de tempo, mas de mudar como vemos o Ensino Superior. Ele é extremamente elitizado, quem vai para a faculdade pública é quem teve muito acesso e oportunidade. Isso tem que mudar antes de falarmos de mudança de mentalidade.

BBC Brasil - Todos os direitos reservados - É proibido todo tipo de reprodução sem autorização por escrito da BBC

topo ↕

R7 - TEMPO REAL

As polêmicas de Ricardo Vélez Rodríguez à frente do MEC

Em 100 dias de governo, ex-ministro se envolveu em uma série de debates e ainda demitiu 15 profissionais do alto escalão do ministério

Antes mesmo de ser escolhido para ocupar o cargo de Ministro da Educação, o nome de Ricardo Vélez Rodríguez já estava envolvido em polêmica e assim permaneceu durante o período que esteve à frente do MEC (Ministério da Educação).

O primeiro nome sugerido para ocupar o posto foi o de Mozart Neves Ramos, diretor do Instituto Ayrton Senna e com sólido currículo na área da educação. No entanto, sua indicação gerou polêmica nos grupos que apoiaram o presidente Jair Bolsonaro durante

a campanha e prevaleceu a indicação do filósofo Olavo de Carvalho.

O colombiano Ricardo Vélez Rodríguez é formado em filosofia pela Universidade Pontifícia Javeriana e em teologia pelo Seminário Conciliar de Bogotá. O colombiano também é mestre em Pensamento Brasileiro pela PUC-RJ (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), doutor em Pensamento Luso-Brasileiro pela Universidade Gama Filho e pós-Doutor pelo Centro de Pesquisas Políticas Raymond Aron (Paris). É professor emérito da Escola de Comando e estado Maior do Exército.

Currículo que não lhe conferiu habilidade para lidar com as pressões dentro do MEC. Logo nos três primeiros meses do ano foram anunciadas mais de 15 demissões no alto escalão do ministério. As últimas demissões anunciadas pela Casa Civil foram do assessor especial Bruno Meirelles Garschagen e da chefe de gabinete Josie Priscila Pereira de Jesus.

Entre os demitidos, o presidente do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) Marcus Vinicius Rodrigues. A demissão foi motivada pela polêmica decisão de não realizar avaliação do nível de alfabetização das crianças.

Após a demissão do presidente do Inep, Vélez Rodríguez foi chamado para prestar esclarecimentos na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) da Câmara. Durante a sabatina, o ministro da Educação disse que Rodrigues foi demitido porque “puxou o tapete” com a assinatura da portaria sobre avaliação do Saeb (Sistema de avaliação do ensino básico).

A portaria foi revogada e a participação do ministro considerada um desastre pelo alto escalão do governo. Líderes de diferentes partidos pediram a saída de Vélez Rodríguez da pasta.

Polêmicas

Muitas foram as idas e vindas das decisões no MEC nesses meses em que Vélez Rodríguez esteve à frente do Ministério. O ministro, em uma entrevista à revista Veja, declarou que o brasileiro no exterior se comporta como um “canibal” e “rouba coisas dos hotéis”. Questionado no STF (Supremo Tribunal Federal) pela ministra Rosa Weber, afirmou que foi “infeliz” em sua declaração.

Em outra entrevista, desta vez ao jornal Valor Econômico, afirmou que “não existe universidade para todos”. O ministro precisou se justificar nas redes sociais.

Em fevereiro, o MEC enviou uma carta oficial para diretores de escolas sugerindo que as crianças deveriam ler o slogan de campanha do presidente Jair Bolsonaro, o que é ilegal, e cantar o Hino Nacional. Os alunos também deveriam ser gravados e as filmagens enviadas ao MEC.

Diante da repercussão negativa e da necessidade de ter autorização para o uso de imagem, o ministério voltou atrás. A deputada Janaína Paschoal sugeriu à Procuradoria Geral da República abrir uma investigação para apurar improbidade administrativa.

Uma comissão foi criada para avaliar as questões do Enem (Exame Nacional do Ensino

Médio). Três nomes foram escolhidos para dizer “qual a pertinência das questões com a realidade nacional”. Fato que gerou mal-estar entre especialistas.

Por fim, Vélez Rodríguez afirmou que não houve golpe militar em 1964. "A história brasileira mostra que o 31 de março de 1964 foi uma decisão soberana da sociedade brasileira. Quem colocou o presidente Castelo Branco no poder não foram os quartéis", declarou em entrevista. Também afirmou que deverá revisar os livros didáticos, para que tenham uma “visão mais ampla da história”.

Problemas no MEC

Milhares de estudantes correm o risco de perder o semestre porque não conseguem efetuar matrícula em universidades devido a uma falha no Fies (Fundo de Financiamento Estudantil). O MEC prorrogou o prazo para os estudantes se inscreverem, mas muitos relatam que o problema ocorre no momento de fechar o contrato com a Caixa Econômica Federal.

Outro problema grave que a pasta enfrenta se refere ao Enem. A gráfica que imprimia o exame faliu. O Inep informou que o calendário segue inalterado e que toma providências para resolver o assunto, mas não disse quais.

[topo](#)

TERRA - TEMPO REAL

Brasileiro abre série de palestras do ano Humboldt em Berlim

Pesquisador da USP fala sobre Amazônia e aumento da temperatura da Terra em conferência dedicada a 250 anos de Humboldt.

Pesquisador Paulo Artaxo relaciona desmatamento amazônico a aumento da temperatura média da Terra na abertura de ciclo de conferências que Universidade Humboldt dedica aos 250 anos do nascimento do naturalista alemão.

A Amazônia é um dos componentes-chave do sistema terrestre e alterações na floresta podem influenciar o clima de todo o planeta. A informação foi apresentada pelo pesquisador brasileiro e professor da Universidade de São Paulo (USP) Paulo Artaxo, no sábado (07/04), na abertura da série de palestras Kosmos-Lesungen, em Berlim, que marcam os 250 anos do nascimento do naturalista alemão Alexander von Humboldt.

A taxa atual de desmatamento da Amazônia está em 18%. "Se subir para 40%, a floresta tropical corre risco de colapsar e virar savana", alertou o pesquisador.

A palestra, reservada a autoridades científicas e políticas da Alemanha e que contou com discurso do presidente da Alemanha, Frank-Walter Steinmeier, lotou o auditório do Teatro Maxim Gorki, localizado logo ao lado do complexo de prédios da Universidade Humboldt.

Artaxo é referência internacional no estudo do meio ambiente amazônico e mudanças climáticas globais, além de membro da equipe do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), agraciada com o Prêmio Nobel da Paz de 2007.

Os dados trazidos por ele mostram que a estação seca na Amazônia está se prolongando, o que resulta em um período de queimadas mais longo. Isso também eleva a temperatura da água dos rios que cruzam a floresta e desembocam no oceano. Além

disso, a floresta sempre foi parte importante do ciclo do carbono, o que já não ocorre. "Hoje a absorção de carbono pela floresta amazônica é igual a zero", frisou.

Além de advertir sobre fatos e riscos, Artaxo também disse que a floresta pode fazer parte da solução. "Só há um processo que pode resolver o problema e remover o CO₂ da atmosfera. Ele se chama fotossíntese". O professor citou ainda outros pontos críticos do sistema climático da Terra, como o Sahel, na África, e a Grande Barreira de Corais, na Austrália. A importância brasileira, no entanto, foi destacada. "O Brasil tem a maior superfície de floresta tropical do mundo. É preciso mantê-la em pé", afirmou.

O aumento da intensidade e a maior frequência de eventos climáticos extremos já acontecem desde os anos 1980. Para ilustrar os efeitos dessas alterações provocadas pela elevação da temperatura média do planeta, Artaxo citou o ciclone Idai, que matou mais 700 pessoas em Moçambique, no Zimbábue e no Malawi, no início de março.

Outra consequência do aquecimento global é a extinção de espécies. "A América do Sul é a parte da Terra que mais corre risco de perder biodiversidade, seguida pela Austrália e Nova Zelândia", avisou. A produção de alimentos também será prejudicada e haverá mudanças no ciclo da água. "Já está acontecendo, mas não sabemos o quanto".

Na palestra, foram apresentados mapas que simularam uma nova geografia, caso as emissões de CO₂ não cessem. Cidades podem sumir devido à elevação do nível dos oceanos, um processo que também afeta a Europa, África e Estados Unidos. "Nós sabemos que estamos fazendo isso há mais de cem anos e está acontecendo em todos os lugares do planeta. Aquecimento global não é o futuro, é o presente", sublinhou.

Segundo Artaxo, há duas fontes para o aquecimento global: A queima de combustíveis fósseis (91%) e o desmatamento (9%). A segunda já apresentou redução. Na década passada, o desmatamento era responsável por 18% do CO₂ lançado à atmosfera, absorvido pelos oceanos e florestas. Para zerar as emissões, entretanto, ainda há um longo caminho a percorrer, disse o especialista.

De acordo com o último relatório do IPCC, é preciso reduzir as emissões de gases de efeito estufa em pelo menos 5% ao ano começando em 2020, e zerar essas emissões até 2040. "Isso é possível, mas precisamos de um esforço global conjunto, envolvendo a ciência, os tomadores de decisão e o setor empresarial", apontou o pesquisador, que completa: "É uma decisão política que tem que ser tomada agora e a ciência aponta os caminhos. Para a ciência, a solução é simples, mas talvez não o seja para a política", apontou Artaxo.

Foto: Climatempo

Pesquisador Paulo Artaxo na abertura das palestras Kosmos promovida pela Universidade Humboldt em Berlim

Ele mencionou o Acordo de Paris como um movimento para frear as emissões, mas alertou: "Mesmo que seja totalmente cumprido, ainda teremos um aumento entre 2,7°C e 3°C na temperatura média global até 2050". Artaxo se mostrou cético ao falar sobre o compromisso brasileiro em reduzir 37% das emissões de CO₂ até 2025 e 43% até 2030. O país também pretende até 2030 zerar o desflorestamento ilegal e compensar as emissões provenientes do desmatamento legal. "O Brasil até é capaz de cumprir, mas essas metas são bem difíceis", opinou.

Ao encerrar a palestra, Artaxo apontou que, se ainda estivesse vivo, Alexander von Humboldt, geógrafo, naturalista e explorador alemão, certamente faria recomendações similares a dos atuais cientistas ambientais. "Se queremos evitar um aquecimento de 4°C ou 5°C no nosso planeta ainda neste século, não há outra forma a não ser usar os recursos naturais do nosso planeta de forma mais eficaz e inteligente".

Após a palestra, Paulo Artaxo falou à DW Brasil sobre a situação da ciência brasileira. Apesar de ter relevância mundial, os cientistas brasileiros carecem de apoio e suporte financeiro dentro de seu próprio país. "A pesquisa não pode depender de orçamento de 1 ano, 2 anos ou 4 anos, pois tem papel fundamental no processo de evolução da economia e da sociedade", afirmou. "Sem ciência, não há desenvolvimento. Assim, o Brasil será para sempre exportador de minério de ferro ou de soja", completou.

O pesquisador criticou os recentes cortes de verba e congelamento de repasses para o setor. O orçamento do Ministério das Ciências e Tecnologia foi cortado em 32% de 2018 para 2019. No final de março, o presidente Jair Bolsonaro anunciou um congelamento adicional de repasses de 42%. "Isso basicamente estrangula todo o desenvolvimento científico e tecnológico do país. Faz muitos anos que é difícil para o CNPq implementar grandes projetos de pesquisa e isso está fazendo com que o Brasil perca terreno na ciência internacional", informou o professor, que é pesquisador Emérito do CNPq.

Os cortes de orçamento atingem toda a cadeia de produção de conhecimento científica no Brasil. Desde o bolsista de iniciação científica que recebe 300 reais por mês até o estudante de pós-doutorado e também os projetos de pesquisa em andamento. "É importante frisar que não é só uma questão de recursos, é uma questão de modelo de desenvolvimento, do que se quer para o país daqui a 10, 15 ou 50 anos", apontou.

"A função do governo é pensar essa estratégia e implementar medidas de longo prazo, visando para que caminho o país quer ir. E isso não está sendo feito", finalizou.

[topo](#)

TERRA - TEMPO REAL

Bolsonaro demite ministro da Educação

Depois de meses de polêmicas, recuos e quase uma dezena de exonerações, o governo decidiu mudar o comando de uma das áreas mais importantes do País.

O presidente Jair Bolsonaro confirmou na manhã desta segunda-feira, 8, a demissão do ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, alvo de críticas dentro e fora do governo e pressões diversas. O ministro enfrentava uma crise que vem desde sua posse, com disputa interna entre grupos adversários, medidas contestadas, recuos e quase 20 exonerações.

Bolsonaro informou em seu Twitter que Abraham Weintraub será o novo chefe da Pasta. "Abraham é doutor, professor universitário e possui ampla experiência em gestão e o conhecimento necessário para a pasta. Aproveito para agradecer ao Prof. Velez pelos serviços prestados", escreveu.

Na sexta-feira, num explícito processo de "fritura pública" do auxiliar, Bolsonaro afirmou que o ministério "não estava dando certo". "É uma pessoa bacana, honesta, mas está faltando gestão, que é uma coisa importantíssima. Vamos tirar a aliança da mão

esquerda e pôr na mão direita ou na gaveta".

Março foi especialmente tumultuado para Vélez, com notícias diárias de confusões e medidas criticadas do Ministério da Educação (MEC). Foi quando surgiram as primeiras informações de uma disputa interna entre o grupo militar, os de perfil técnico (vindos de São Paulo) e os chamados "olavistas", seguidores do escritor Olavo de Carvalho, considerado guru dos bolsonaristas.

Vélez demitiu alguns integrantes desse grupo mais ideológico, mas demonstrou sua fraqueza ao ser forçado a mandar embora seus aliados, o então secretário-executivo Luiz Antonio Tozi e o militar Ricardo Roquetti.

As disputas se intensificaram depois que o Estado revelou um email do ministro em que ele pedia para todas as escolas do País leram o slogan da campanha de Bolsonaro e filmarem as crianças cantando o Hino Nacional. Ministério Público Federal pediu explicações e juristas consideraram a medida uma improbidade administrativa. O ministro admitiu o erro e recuou primeiro do slogan e, só depois, da filmagem. Alguns integrantes do MEC chegaram a conclusão de que era preciso um "choque de gestão".

Mas nem todos deixaram a pasta e as confusões continuaram. Vélez anunciou dois novos secretários executivos que não foram aceitos pelo governo. Uma delas, a educadora evangélica Iolene Lima foi demitida sem nem ter assumido. Em seguida, quem pediu para deixar o MEC foi a secretária da Educação Básica, Tânia Leme de Almeida, depois de descobrir por meio de reportagem do Estado que o nível de alfabetização das crianças não seria mais avaliado.

Vélez acabou revelando que também não sabia da mudança, pedida pelo seu secretário de Alfabetização ao presidente do Instituto Nacional de Pesquisas e Estudos Educacionais (Inep), Marcus Vinícios Rodrigues. Os dois se desentenderam, Rodrigues foi demitido e chamou o ministro de incompetente. Vélez voltou atrás, mantendo a avaliação.

No meio disso tudo, o Inep criou uma polêmica comissão para vigiar o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e identificar "questões com teor ofensivo a tradições". O exame é o maior vestibular do País, com 6 milhões de inscritos no último ano. A medida foi vista como censura e uma ameaça à segurança da prova.

E o Estado ainda revelou que uma minuta de decreto elaborado pelo MEC estimulava o método de alfabetização fônico, considerado por alguns especialistas como tecnicista e ultrapassado. Depois da repercussão negativa, o ministério ainda não revelou a versão final do decreto.

Vélez, um professor de filosofia desconhecido na academia e sem experiência em gestão, enfrentou sua primeira dificuldade logo após a posse. No dia 9 de janeiro, o Estado revelou que mudanças no edital dos livros didáticos tiravam a exigência de que os materiais tivessem referências bibliográficas e ainda permitia erros de revisão e impressão. Após uma enxurrada de críticas, o ministro culpou a gestão Temer e anulou as mudanças.

No fim do mês passado, numa tentativa do governo em "arrumar a casa", o brigadeiro

Ricardo Machado Vieira foi nomeado secretário-executivo pela Casa Civil, depois de 16 dias sem ninguém no cargo de número 2 do MEC. Na semana passada, um dos principais assessores de Vélz foi demitido, em mais uma demonstração de que o ministro não ficaria mais muito tempo no cargo.

Quem é o novo ministro

Abraham Weintraub é economista pela USP e trabalhou 18 de seus 47 anos no Banco Votorantim, onde foi de office-boy a economista-chefe e diretor. Demitido, seguiu para a Quest Corretora e, logo depois, deixou a iniciativa privada. Abraham atua na equipe de Jair Bolsonaro desde a campanha eleitoral, passando pelo período de transição. Antes, estava na Casa Civil, ministro chefiado por Onyx Lorenzoni.

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Alvo de críticas, Vélz se reúne com Bolsonaro e muda agenda

Alvo de críticas quanto à condução à frente do Ministério da Educação, Ricardo Vélz Rodriguez reuniu-se com o presidente Jair Bolsonaro (PSL) na manhã de hoje, segundo informações dadas pelo Palácio do Planalto. O teor do encontro não foi divulgado.

A reunião não estava programada na agenda dos dois. Bolsonaro teve reunião com o jornalista Douglas Tavolaro, da CNN Brasil, e encontrou Vélz mudou a agenda programada para a manhã de hoje no gabinete na sede da pasta e participou de um compromisso "privado".

De acordo com a agenda oficial divulgada pela assessoria do MEC na noite anterior, o ministro começaria o dia às 9h com "despachos internos". O mesmo seguiria ao longo de toda a manhã e tarde.

No entanto, questionada pelo UOL, a assessoria informou às 10h07 que Vélz ainda não havia chegado à pasta e estava em "agenda privada", sem detalhar o que seria.

Na última sexta-feira, o presidente Jair Bolsonaro (PSL) sinalizou que poderia exonerar Vélz hoje. Ele falou estar "bastante claro que não está dando certo".

"Ele é bacana e honesto, mas está faltando gestão, que é coisa importantíssima", disse em café com jornalistas. A possibilidade de exoneração foi reforçada ontem pelo vice-presidente, general Antônio Hamilton Mourão (PRTB), que participou de um evento na Universidade Harvard, nos EUA.

Por sua vez, o ministro já disse não pretender entregar o cargo. Questionado se considerava sua situação no MEC como insustentável, Vélz respondeu que "a única coisa insustentável é a morte."

Normalmente, um presidente da República convoca o ministro em questão para uma conversa no Palácio do Planalto e, então, exonerá-lo.

Bolsonaro chegou ao Planalto às 8h15 embora o primeiro compromisso oficial fosse às 9h. Questionada pela reportagem, a assessoria da Presidência disse não saber se Vélz havia ido ao encontro do presidente e que este seguia a agenda já divulgada.

Entenda a crise no MEC

Além da instabilidade provocada pelas disputas internas, Vélez protagonizou polêmicas junto à opinião pública. Recentemente, defendeu uma revisão dos livros didáticos sobre o golpe militar de 1964 e da ditadura que veio em seguida.

No fim de fevereiro, o MEC enviou a escolas um pedido para que alunos fossem gravados cantando o hino nacional, e que os vídeos fossem enviados ao governo. O pedido também incluía a leitura de uma mensagem com o slogan eleitoral de Bolsonaro, "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos". O ministro depois recuou da medida.

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Bolsonaro anuncia demissão de Vélez do ministério da Educação

Ricardo Vélez Rodriguez foi exonerado do cargo de ministro da Educação após se reunir com o presidente Jair Bolsonaro (PSL) pela manhã. A informação foi confirmada no Twitter do presidente.

O colombiano, naturalizado brasileiro, vinha sofrendo críticas pela maneira como vinha conduzindo a pasta, em meio a disputas políticas internas, e por protagonizar medidas polêmicas junto à opinião pública, como a gravação de crianças cantando o hino nacional em escolas com o posterior envio dos filmes ao governo federal.

Segundo o Planalto, Vélez foi ao encontro de Bolsonaro no Palácio do Planalto por volta das 10h. Vindo da direção da garagem privativa, seu carro foi estacionado na frente da sede do MEC às 11h e já sem a placa oficial designada aos titulares de pastas na Esplanada dos Ministérios.

Desde a semana passada, Bolsonaro afirmava que conversaria com Vélez hoje com a possibilidade de exonerá-lo. "Está bastante claro que não está dando certo. Ele é bacana e honesto, mas está faltando gestão, que é coisa importantíssima", chegou a declarar.

Inicialmente, Vélez teria como agenda "despachos internos" ao longo do dia, mas não chegou a ir ao MEC às 9h, horário previsto para começar a trabalhar. A assessoria informou ao UOL que o ex-ministro estava em "agenda privada".

Segundo ministro a ser exonerado antes dos 100 dias de governo

Vélez é o segundo ministro a ser exonerado antes dos 100 primeiros dias do governo Bolsonaro, a sere, completados na próxima quarta-feira (10). O primeiro foi o ex-chefe da Secretaria-Geral da Presidência e um dos principais articuladores da campanha eleitoral do atual presidente, Gustavo Bebbianno (PSL).

Bebbianno foi exonerado em 19 de fevereiro após divergências políticas com Jair Bolsonaro e sofrer ataques nas redes sociais de um dos filhos do presidente, o vereador do Rio de Janeiro Carlos Bolsonaro (PSC).

Comunico a todos a indicação do Professor Abraham Weintraub ao cargo de Ministro da Educação. Abraham é doutor, professor universitário e possui ampla experiência em gestão e o conhecimento necessário para a pasta. Aproveito para agradecer ao Prof. Velez pelos serviços prestados.

topo ↕

VEJA - SP - TEMPO REAL

O novo ministro da Educação

Tudo indica que teremos um novo ministro da Educação. Mas o tempo perdido nesses primeiros 100 dias de governo pode ter sido fatal para uma mudança de vetor

Não se sabe se teremos um novo ministro, mas tudo indica que sim. Não se sabe – ou pelo menos não sei quem será. Mas o tempo perdido nesses primeiros 100 dias poderá ter sido fatal para a implementação de uma necessária mudança de vetor. O governo deixou-se influenciar por diferentes grupos, e agora enfrenta um verdadeiro dilema – algo do qual não se consegue sair ileso.

Uma hipótese é, no processo de escolha, agradar algum dos grupos – deixando descontentes os demais. Os grupos internos incluem os favoráveis a saídas evangélicas, militares, ideológicas (em baixa). Os grupos externos mais fortes encontram-se no Congresso Nacional e propõem uma saída parlamentar. Os grupos externos mais fortes, bastante coesos e fortes, propõem a continuidade com o governo anterior – como se tudo estivesse perfeito e bastariam levar adiante as medidas já decididas. E sempre há a possibilidade de uma escolha de político – e aí pode acontecer de tudo, inclusive a volta do passado recente. Ou alguma surpresa inesperada.

A outra dificuldade é a governabilidade – só se governa uma máquina como a do MEC se o Ministro tiver experiência, controle e mando sobre sua equipe. A responsabilidade é enorme. Uma casa dividida não subsistirá.

A terceira dificuldade é a falta de um plano. O governo não teve plano para educação na campanha. Nos 100 dias em que está no MEC, não produziu qualquer plano nem demonstrou capacidade e vontade para dialogar. Já o Ministério da Economia está avançando com planos para consertar o país – e esses planos requerem profundas mudanças na forma de conceber o papel do governo federal na educação e no seu financiamento.

A quarta dificuldade é a estrutura do MEC, que não corresponde ao que se espera do Ministério no presente, muito menos em um país com menos Brasília e mais Brasil. A mudança feita no início deste governo complicou mais ainda a situação. Se for para mudar, e para melhor, o novo ministro precisará entrar com a perspectiva de uma nova estrutura, compatível com as poucas boas ideias que surgiram na campanha.

Não será difícil sair dessa enrascada. É pouco provável que o Presidente consiga dar a volta por cima. Em breve veremos.